

F Ó R U M

L I N G U Í S T I C O

FLORIANÓPOLIS - VOLUME 14 - NÚMERO ESPECIAL-NOV. 2017.



REVISTA DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA DA UFSC

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

REITORA | Alacoque Lorenzini Erdmann

CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO

DIRETOR | Arnaldo Debatin Neto
VICE-DIRETORA | Silvana de Gaspari

DEPARTAMENTO DE LÍNGUA E LITERATURA VERNÁCULAS

CHEFE | Marcos Antonio Rocha Baltar
SUB-CHEFE | Marco Antônio Esteves da Rocha

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGÜÍSTICA

COORDENADOR | Marco Antonio Martins
VICE-COORDENADORA | Cristine Görski Severo

ENDEREÇO PARA CORRESPONDÊNCIA / DIRECCIÓN POSTAL / MAILING ADDRESS

Universidade Federal de Santa Catarina
Programa de Pós-Graduação em Lingüística
CCE - Bloco B, Sala 315, 88040970, Campus Universitário Reitor João David Ferreira Lima, Trindade, Florianópolis, SC, Brasil. E-mail:
forumlinguistico.cce@contato.ufsc.br/ Tel. (48) 3721-9581/ Fax (48) 3721-6604

(CATALOGAÇÃO NA FONTE PELA DECTI DA BIBLIOTECA DA UFSC)

Fórum lingüístico/ Programa de Pós-graduação em Lingüística.
Universidade Federal de Santa Catarina. v. 14, Número Especial (2017)
Florianópolis : Universidade Federal de Santa Catarina, Pós-graduação
em Lingüística, 2017 –Trimestral
Irregular 1998-2007;
Resumo em português, espanhol e inglês
A partir de maio de 2008, disponível no portal de periódicos da UFSC em:
<http://www.periodicos.ufsc.br>
pISSN 1516-8698
eISSN 1984-84121. Lingüística. 2. Linguagem. 3. Língua Portuguesa I. Universidade
Federal de Santa Catarina. Pós-graduação em Lingüística. Curso de
Letras

INDEXADORES / INDEXACIÓN / INDEXATION

CAPES - Portal de Periódicos - <http://www.periodicos.capes.gov.br>
DRJI - Directory of Research Journal Indexing - <http://www.drji.org>
Diadorim - <http://diadorim.ibict.br>
Dialnet - <https://dialnet.unirioja.es>
DOAJ - <https://doaj.org>
EBSCO - <http://www.ebsco.com>
Genamics JournalSeek - <http://journalseek.net>
Latindex - <http://www.latindex.org>
Sumários.org - <http://www.sumarios.org>

F Ó R U M L I N G U Í S T I C O

VOLUME 14 | *NÚMERO ESPECIAL* | 2017

FALTA, EXCESSO E ESTRANHAMENTO

Estudos em homenagem à Aracy Ernst

ORGANIZAÇÃO:

RENATA SILVEIRA DA SILVA E LUCIANA IOST VINHAS

eISSN 1984-8412

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA | UFSC

EDITOR-CHEFE / EDITOR JEFE / EDITOR-IN-CHIEF

Atilio Butturi Junior - UFSC, Florianópolis, BR

EDITORES EXECUTIVOS / EDITORES EJECUTIVOS / EXECUTIVE EDITORS

Edair Maria Görski . UFSC, Florianópolis, BR | Izabel Christine Seara . UFSC, Florianópolis, BR | Leandra Cristina de Oliveira . UFSC, Florianópolis, BR | Maria Inez Probst Lucena . UFSC, Florianópolis, BR | Núbia Ferreira Rech . UFSC, Florianópolis, BR | Rodrigo Acosta Pereira . UFSC, Florianópolis, BR | Rosângela Pedralli . UFSC, Florianópolis, BR | Sandro Braga . UFSC, Florianópolis, BR

EDITORES ASSISTENTES / EDITORES ADJUNTOS / ASSISTANT EDITORS

Amanda Machado Chraim . UFSC, Florianópolis, BR | João Paulo Zarelli Rocha . UFSC, Florianópolis, BR | Josa Coelho da Silva Irigoite . UFSC, Florianópolis, BR | Lygia Barbachan Schmitz. UFSC, Florianópolis, BR | Marina Degani. UFSC, Florianópolis, BR | Suziane da Silva Mossmann- UFSC, Florianópolis, BR

CONSELHO EDITORIAL / CONSEJO EDITORIAL / EDITORIAL BOARD

Adail Ubirajara Sobral . UCPEL, Pelotas, BR | **Adelaide Hercília Pescatori Silva** . UFPR, Curitiba, BR | Adja Balbino de Amorim Barbieri Durão . UFSC, Florianópolis, BR | **Aleksandra Piasecka-Till** . UFPR, Curitiba, BR | Angela Bustos Kleiman . UNICAMP, Campinas, BR | **Ani Carla Marchesan** . UFFS, Chapecó, BR | Benedito Gomes Bezerra . UFP, Recife, BR | **Benjamin Meisnitzer, Johannes Gutenberg Universität Mainz**, GER | Bento Carlos Dias da Silva . UNESP, Araraquara, BR | **Christina Abreu Gomes** . UFRJ, Rio de Janeiro, BR | Cláudia Regina Brescancini . PUCRS, Porto Alegre, BR | **Dóris de Arruda C. da Cunha** . UFPE, Recife, BR | Dulce do Carmo Franceschini . UFU, Uberlândia, BR | **Edwiges Maria Morato** . UNICAMP, Campinas, BR | Eleonora Albano . UNICAMP, Campinas, BR | **Eliana Rosa Sturza** . UFSM, Santa Maria, BR | Elisa Battisti . UFRGS, Porto Alegre, BR | **Fábio José Rauen** . UNISUL, Tubarão, BR | Fernanda Coelho Liberali . PUC-SP, São Paulo, BR | **Francisco Alves Filho** . UFPI, Terezina, BR | Gabriel de Ávila Othero . UFRGS, Porto Alegre, BR | **Georg A Kaiser, Universität Konstanz**, GER | Heloísa Pedroso de Moraes Feltes . UCS, Caxias do Sul, BR | **Heronides M. de Melo Moura** . UFSC, Florianópolis, BR | Jane Quintiliano Silva . PUCMINAS, Belo Horizonte, BR | **João Carlos Cattelan** . UNIOESTE, Cascavel, BR | João Wanderley Geraldi . UNICAMP, Campinas, BR | **José Luís da Câmara Leme** . Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, PT | Leonor Scliar Cabral . UFSC, Florianópolis, BR | **Letícia Fraga** . UEPG, Ponta Grossa, BR | Lilian Cristine Hübner . PUCRS, Porto Alegre, BR | **Lucília Maria Sousa Romão** . USP, Ribeirão Preto, BR | Luiz Francisco Dias . UFMG, Belo Horizonte, BR | **Lurdes Castro Moutinho** . Univ. de Aveiro, Aveiro, PT | Marci Fileti Martins . UNIR, Campus Guajara-Mirim, BR | **Maria Cristina da Cunha Pereira Yoshioka** – PUCSP, São Paulo, BR | Maria Cristina Lobo Name . UFJF, Juiz de Fora, BR | **Maria de Lourdes Dionísio, Centro de Investigação em Educação, Universidade do Minho**, PT | Maria Izabel Santos Magalhães . UNB, UFC, Fortaleza, BR | **Maria Margarida M. Salomão** . UFJF, Juiz de Fora, BR | María Ángeles Sastre Ruano, Universidad de Valladolid, ESP | **Mariangela Rios de Oliveira** – UFF, Niterói, BR | **Marília Ana de Moura Aguiar** . UNICAP, Recife, BR | Marta Cristina Silva – UFJF, Juiz de Fora, BR | **Mary Elizabeth Cerutti-Rizzatti** . UFSC, Florianópolis, BR | Morgana Fabíola Cambrussi . UFFS, Chapecó, BR | **Nicanor Nicanor Rebolledo Recendiz** . Universidad Pedagógica Nacional, Cidade do México, MX | Nívea Rohling da Silva . UFTPR, Curitiba, BR | **Rainer Enrique Hamel** . Univ. Autónoma Metropolitana, Cidade do México, MX | Rosângela Hammes Rodrigues . UFSC, Florianópolis, BR | **Sinfree Makoni, Universidade Estadual da Pennsylvania**, EUA | Solange Coelho Vereza . UFF, Niterói, BR | **Telisa Furlanetto Graeff** . UPF, Passo Fundo, BR | Tony Berber Sardinha . PUC-SP, São Paulo, BR | **Vânia Cristina Casseb Galvão** . UFG, Goiânia, BR | Wander Emediato de Souza . UFMG, Belo Horizonte, BR

IMAGEM DA CAPA / IMAGEN DE LA PORTADA / COVER IMAGE

Guy Yanai, *Europe*, 2014, oil on linen, 74x60 cm
 Courtesy of the artist / Cortesia do Artista
 Guy Yanay – Israel – www.guy-yanay.com

DESIGN GRÁFICO / TAPA Y DISEÑO GRÁFICO / COVER AND GRAPHIC DESIGN

Pedro P. Venzon – Florianópolis, Brasil

SUMÁRIO / TABLA DE CONTENIDOS / TABLE OF CONTENTS

APRESENTAÇÃO / *Presentación* / Presentation

2406

RENATA SILVEIRA DA SILVA E LUCIANA IOST VINHAS

ARTIGO / *ARTÍCULO* / ARTICLE

CAMINHOS PARA UMA ANÁLISE DISCURSIVA DA VOZ NA DEFESA DO
 TRIBUNAL DO JÚRI: O EXCESSO, A FALTA, O ESTRANHAMENTO | *Caminos hacia
 un análisis discursivo de la voz en defensa del jurado: el exceso, la falta, el extrañamiento*
 | Paths to a discursive analysis of the voice in the defense of the jury: the excess, the
 lack, the strangeness

2410

CLÓRIS MARIA FREIRE DOROW

AQUILO QUE NOMEIA A LEI: A MADRE TIERRA | *Lo que nombra la ley: la Madre
 Tierra* | That which names the law: *Madre Tierra* (Mother Earth)

2419

CRISTINA ZANELLA RODRIGUES

O QUE ESTRANHA O OLHAR DO ANALISTA DE DISCURSO? UM EXERCÍCIO DE RECONHECIMENTO DO FATO DISCURSIVO | ¿Qué extraña a la mirada del analista del discurso? Un ejercicio de reconocimiento del hecho discursivo | What does the discourse analyst's look finds it strange? An exercise of recognizing the discursive fact

2428

DIEGO VIEIRA BRAGA

GLADIADORES DO ALTAR? DISCUTINDO A NOÇÃO DE ESTRANHAMENTO NO DISCURSO RELIGIOSO DA IGREJA UNIVERSAL DO REINO DE DEUS | ¿Gladiadores del altar? Discutiendo la noción de extrañamiento en el discurso religioso de la Iglesia Universal del Reino de Dios| Altar gladiators? Discussing the strangeness notion in the religious discourse of the Universal Church of the Kingdom of God

2440

ELISANE PINTO DA SILVA MACHADO DE LIMA

O EXCESSO E A FALTA EM EU SOU SARTORI E O MEU PARTIDO É O RIO GRANDE| El exceso y la falta en Eu sou Sartori e o meu partido é o Rio Grande | The excess and the lack in *Eu sou Sartori e o meu partido é o Rio Grande*

2448

ERCÍLIA ANA CAZARIN E MARIA INÊS GONÇALVES MEDEIROS CORDEIRO

O ESTRANHAMENTO, O EXCESSO E A FALTA NA CONSTRUÇÃO DE UM DISPOSITIVO METODOLÓGICO PARA A ANÁLISE DISCURSIVA DA VOZ | El extrañamiento, el exceso y la falta en la construcción de un dispositivo metodológico para el análisis discursivo de la voz | The strangeness, excess and lack in the construction of a methodological framework for voice discursive analysis

2460

JAEI SÂNERA SIGALES GONÇALVES

PRODUÇÃO DE SENTIDOS EM TORNO DE UMA IMAGEM AUSENTE: A PROPÓSITO DA CONDUÇÃO COERCITIVA DE LULA NO ÂMBITO DA OPERAÇÃO LAVA-JATO | *Producción de sentidos alrededor de una imagen ausente: respecto a la conducción coercitiva de Lula en el ámbito de la operación Lava-Jato* | Meaning production about an absent image: towards Lula's coercive conduction in the scope of operation Lava-Jato 2471

JANAINA CARDOSO BRUM

PRECISAMOS FALAR SOBRE TEMER: O ESTRANHAMENTO NA VOZ | *Necesitamos hablar sobre Temer: el extrañamiento en la voz* | We need to talk about Temer: the strangeness in the voice 2482

LUCIANA IOST VINHAS

O CORPO QUE (NÃO) VEMOS NOS VÊ | *El cuerpo que (no) vemos nos ve* | The body that we (do not) see sees us 2492

MARIA THEREZA VELOSO

E AGORA, JOSÉ? A PONTUAÇÃO PELO VIÉS DAS NOÇÕES DE FALTA E EXCESSO | *¿Y ahora, José? La puntuación por bias de los conceptos de falta y exceso* | And now Jose? The punctuation by the vies of the notions of lack and excess 2501

MARILEI RESMINI GRANTHAM

O EXCESO NO DISCURSO DE ÓDIO DOS HATERS | *El exceso en el discurso de odio de los haters* | The excess in the hate discourse of the haters 2512

REBECA RECUERO REBS

**O EXCESSO, A FALTA E O ESTRANHAMENTO NO DISCURSO DE
AUTORREGULAMENTAÇÃO DO CONAR** | *Exceso, falta y extrañamiento en el discurso
de autorregulación de CONAR* | Excess, lack and strangeness in the self-regulation
discourse by CONAR 2524

RENATA SILVEIRA DA SILVA

**OS EFEITOS DA FALTA, DO EXCESSO E DO ESTRANHAMENTO NOS DISCURSOS
SOBRE A LÍNGUA PORTUGUESA** | *Los efectos de la falta, del exceso y del extrañamiento
en los discursos sobre la Lengua Portuguesa* | The effects of the lack, excess and
strangeness in the discourses about the Portuguese language 2537

ROSELY DINIZ DA SILVA MACHADO

ENSAIO / ENSAYO/ ESSAY

**AS CONDIÇÕES DO PENSAMENTO DIANTE DA ACELERAÇÃO E DA DILUIÇÃO
DOS LIMITES NO MUNDO CONTEMPORÂNEO** | *Las condiciones del pensamiento
frente a la aceleración y la dilución de los límites en el mundo contemporáneo* | Conditions
of thought facing the acceleration and dilution of the limits in the contemporary world 2545

CLAUDINE HAROCHE

ENTREVISTA / ENTREVISTA / INTERVIEW

NAS TRILHAS DO DISCURSO COM ARACY ERNST| *En las pistas del discurso con Aracy Ernst* | On the paths of discourse with Aracy Ernst

2552

LUCIANE BOTELHO MARTINS E ANA PAULA VIEIRA DE ANDRADE ASSUMPÇÃO

F Ó R U M L I N G U Í S T I C O

APRESENTAÇÃO
VOLUME 14, NÚMERO ESPECIAL, 2017

FALTA, EXCESSO E ESTRANHAMENTO:
ESTUDOS EM HOMENAGEM À ARACY ERNST

Esta **Edição Especial da *Fórum Linguístico***, periódico do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina, caracteriza-se por revisitar as reflexões de Aracy Graça Ernst concernentes aos conceitos de **falta**, **excesso** e **estranhamento**, os quais são basilares à constituição de um arcabouço teórico-analítico que opera no pêndulo entre interdiscurso e intradiscurso. A Edição Especial traz 13 artigos inéditos de pesquisadores de várias instituições brasileiras, um ensaio da socióloga Claudine Haroche e uma entrevista com a professora homenageada.

Tentamos reproduzir nesta edição a preocupação da Professora Aracy com a consistência da análise no âmbito da Análise de Discurso. Com isso em mente é que a autora trouxe a proposta de três noções que caracterizam o percurso teórico-analítico do estudioso do discurso: a falta, o excesso e o estranhamento constituem o início do processo investigativo do analista. A partir dessas noções será possível compreender o funcionamento do discurso com base naquilo que falta, excede ou se estranha na materialidade em observação. As noções de Ernst são, portanto, operacionalizadas nos treze textos que apresentamos nesta edição, a partir da análise de diferentes materialidades – filme, romance, voz, poesia, lei, postagens de Facebook, propagandas, reportagem, slogan de campanha eleitoral, relatos. As noções propostas pela autora se mostram, então, extremamente produtivas para os estudos do discurso, oferecendo a possibilidade de serem desenvolvidas análises consistentes e aprofundadas no processo dialético de descrição e interpretação do *corpus*.

Com base nessas considerações iniciais, apresentamos, de forma breve, os textos que compõem este número da revista *Fórum Linguístico* dedicada ao trabalho intelectual desenvolvido pela Professora Aracy Graça Ernst:

Caminhos para uma análise discursiva da voz na defesa do tribunal do júri: O excesso, a falta, o estranhamento é o título do trabalho desenvolvido por Clóris Maria Freire Dorow. Considerando as noções de falta, excesso e estranhamento como pistas para dar início ao procedimento analítico, a autora analisa o discurso de defesa em um tribunal do júri atentando, especialmente, para o funcionamento das formações imaginárias e dos esquecimentos número 1 e número 2. É aberto espaço para uma teorização sobre como as diferentes marcas vocais – entonações de voz, alongamentos de vogais, utilizações de silêncios – podem fazer circular sentidos vinculados a uma manifestação oral persuasiva por parte do advogado de defesa.

O texto *Aquilo que nomeia a lei: a Madre Tierra*, de Cristina Zanella Rodrigues, reflete sobre a nomeação *Madre Tierra* em duas leis bolivianas: a *Ley de Derechos de La Madre Tierra (Ley nº 71/2010)* e a *Ley Marco de La Madre Tierra y Desarrollo Integral para Vivir Bien (Ley nº 300/2012)*. A autora articula a análise linguístico-discursiva da designação às noções de falta, excesso e estranhamento. Por esse viés, busca compreender, em estudo discursivo de lei, a irrupção da memória de luta dos povos indígenas contra o silenciamento da colonização, as posições-sujeito em conflito e modos de constituição do sujeito jurídico.

Diego Vieira Braga propõe a reflexão intitulada *O que estranha o olhar do analista de discurso? Um exercício de reconhecimento do fato discursivo*, trabalhando sobre a forma como o objeto de estudo é abordada pelo analista de discurso: do *corpus* empírico ao *corpus* discursivo, atentando para os movimentos analíticos preliminares do analista. O autor pensa teoricamente sobre o gesto de leitura do analista, e, a partir disso, compreende que as noções de falta, excesso e estranhamento podem auxiliar no reconhecimento dos fatos discursivos, tratando, especialmente, do estranhamento. A fim de colocar em prática sua teorização, o autor realiza uma análise com base em comentários de postagens em uma página de Facebook intitulada “Atrasados do ENEM”.

Em *Gladiadores do Altar? Discutindo a noção de estranhamento no discurso religioso da Igreja Universal do Reino de Deus*, Elisane Pinto da Silva Machado de Lima analisa o aparecimento do termo “gladiador” no discurso religioso. Com esse intuito, seleciona como *corpus* uma reportagem publicada pela Folha Universal e convoca a noção de estranhamento, de Ernst. Tal noção permite à Lima atentar à emergência de saberes alheios, diferentes, imprevisíveis a uma determinada formação discursiva, que, ao abrigar novos sentidos, se mostra heterogênea em sua constituição.

No texto *O excesso e a falta em EU SOU SARTORI E O MEU PARTIDO É O RIO GRANDE*, as autoras Ercília Cazarin e Maria Inês Gonçalves Medeiros Cordeiro têm como objeto de estudo o *slogan* da campanha eleitoral de José Ivo Sartori, quando concorreu ao cargo de governador do Estado do Rio Grande do Sul, em 2014. Os conceitos de excesso e falta são mobilizados na reflexão sobre as coerções a que estava submetido o discurso de Sartori. O excesso é identificado na repetição excessiva do enunciado e permite às autoras perceber como se constroem efeitos de verdade e a legitimação do sujeito no discurso político. A falta mostra-se no processo de omissão, de silenciamento na nomeação do partido do candidato e é analisada em articulação com os conceitos de denegação discursiva e política de esquecimento.

Ao ter o discurso do Ministro-relator do Supremo Tribunal Federal brasileiro durante o julgamento do “Mensalão” como *corpus* de análise, Jael Sânera Sigales Gonçalves, no texto *O estranhamento, o excesso e a falta na construção de um dispositivo metodológico para a análise discursiva da voz*, trabalha com as noções de falta, excesso e estranhamento na construção de um dispositivo metodológico que toma a materialidade prosódica como significante. A autora articula as três noções de Ernst à forma como o dispositivo teórico-analítico da Análise de Discurso se constitui a partir do processo de análise da fala do Ministro. Três são os aspectos analíticos colocados em discussão na sua proposta: a transcrição das falas do Ministro; o estatuto atribuído ao “discurso relatado” na sua pesquisa; e a articulação entre exaustividade horizontal e exaustividade vertical.

O artigo *Produção de sentidos em torno de uma imagem ausente: a propósito da condução coercitiva de Lula no âmbito da operação Lava-Jato*, de Janaina Cardoso Brum, dedica-se à análise discursiva da cobertura jornalística da condução coercitiva do ex-presidente Lula, pela Polícia Federal, para depor sobre seu envolvimento na Lava-Jato. Mediante a proibição de quaisquer registros da prisão do ex-presidente, outras materialidades, verbais, imagéticas e audiovisuais, trabalharam a evidência do acontecimento. A autora resgata tais representações materiais e as observa sob a ótica dos conceitos de falta, excesso e estranhamento. Tais noções são basilares à compreensão do processo de produção de sentidos do acontecimento e à elucidação do modo como o espaço midiático, quando coadunado ao político, produz univocidades semânticas.

Luciana Iost Vinhas propõe um debate em torno da voz de Michel Temer, vice-presidente do Brasil eleito em 2014, com o texto *Precisamos falar sobre Temer: O estranhamento na voz*. A análise se dá em torno do primeiro pronunciamento de Temer enquanto Interino, após a decisão do Senado Federal pelo afastamento da Presidenta eleita Dilma Rousseff pelo processo de impeachment. A autora identifica, na voz do Interino, a materialização de uma falha no ritual de interpelação ideológica, a qual é analisada pelo viés da noção de estranhamento proposta por Ernst. Com isso, traça uma discussão sobre a relação entre ideologia e inconsciente, apontando para o funcionamento do cinismo no seio do discurso político.

O corpo que (não) vemos nos vê é o texto proposto por Maria Thereza Veloso. A autora busca estabelecer um diálogo entre a expressão fílmica e a expressão literária através da análise do romance *Lavoura Arcaica*, de Raduan Nassar, e, também, da análise do filme homônimo baseado no romance, de Luis Fernando Carvalho. Veloso compreende, em sua discussão, o trabalho sobre a concepção de linguagem como fundamental para a sua proposta: a linguagem entendida como estágio pré-discursivo – entre Real, Simbólico e Imaginário – e como portadora de um caráter limítrofe entre o somático e o psíquico ao considerar as pulsões invocante e escópica.

O trabalho intitulado *E agora, José? A pontuação pelo viés das noções de falta e excesso*, de Marilei Resmini Grantham, examina discursivamente o poema “José?”, de Carlos Drummond de Andrade, com ênfase à sequência “E agora, José?”. A pesquisa dá continuidade aos estudos de Grantham sobre o funcionamento discursivo da pontuação e procura revisitar articulações teóricas à luz dos conceitos de falta e excesso. Os sinais de pontuação, enquanto existência material do ideológico, são abordados por intermédio de uma poesia, texto literário propício à observação da língua, não-transparente e constituída pela historicidade, e à compreensão das formas materiais de resistência.

Considerando a noção de excesso como reguladora do discurso de ódio dos haters, no texto *O excesso no discurso de ódio dos Haters* Rebeca Recuero Rebs analisa como esse grupo, considerado marginal, se organiza discursivamente com o objetivo de atacar algo ou alguém através das redes sociais online. A autora tem como objeto de análise uma postagem da atriz Taís Araújo no Facebook, na qual foram observados os comentários publicados pelos haters. Nesses comentários, são percebidos excessos no que diz respeito a demonstrações de autoridade, repetição de ideais e palavras pejorativas, fazendo legitimar e recircular uma ideologia de ódio.

Em *O excesso, a falta e o estranhamento no discurso de autorregulamentação do CONAR*, Renata Silveira da Silva se propõe a analisar sequências de propagandas audiovisuais divulgadoras das ações do Conselho Nacional de Autorregulamentação Publicitária (CONAR) e discursos condenatórios à campanha publicitária. Esta foi acusada de insultar lutas de grupos sociais e de outorgar ao órgão um excessivo poder no julgamento ético da propaganda brasileira. A autora, para compreender como a exterioridade interfere na linearidade, se valeu dos conceitos de memória saturada e lacunar de Courtine e os articulou às noções de excesso, falta e estranhamento.

Rosely Diniz da Silva Machado, em sua reflexão intitulada *Os efeitos da falta, do excesso e do estranhamento nos discursos sobre a língua portuguesa*, realiza a análise de relatos de alunos recém matriculados no Curso de Licenciatura em Letras da Universidade Federal do Rio Grande. Ela busca compreender como esses alunos significam a Língua Portuguesa ao falarem sobre o motivo de terem escolhido o Curso de Letras. A autora observa os processos de significação a partir das noções propostas por Ernst, analisando os modos de dizer e não-dizer sobre/na língua.

Claudine Haroche concedeu para tradução (adaptado do original) o ensaio *As condições do pensamento diante da aceleração e da diluição dos limites no mundo contemporâneo*, no qual reflete sobre a integridade científica em condições sociais marcadas pela velocidade, fluidez e relação automática com o saber. Pensar o plágio significa repensar as noções de sujeito e sua relação com o outro, autoria e autoridade.

Na entrevista *Nas trilhas do discurso com Aracy Ernst: o funcionamento de três conceitos-chave*, nossa homenageada revela às profas. Ana Paula Vieira de Andrade Assumpção e Luciane Botelho Martins como foi seu processo de identificação com a Análise de Discurso, seus interesses de pesquisa, projetos futuros e percepção sobre desdobramentos dos conceitos de excesso, falta e estranhamento.

Por fim, gostaríamos de agradecer a algumas pessoas que se fizeram fundamentais para a realização do presente volume da revista **Fórum Linguístico** em homenagem à Professora Aracy Graça Ernst: ao Prof. Atilio Butturi Junior, editor-chefe da revista, por acolher a nossa proposta de publicação com respeito e entusiasmo; à Profa. Claudine Haroche, por gentilmente atender ao nosso pedido e encaminhar um texto para ser publicado; à Profa. Ana Zandwais, pela atenção no estabelecimento do contato com a Profa. Claudine Haroche; à Profa. Isabella Mozzillo, pela tradução do texto da Profa. Claudine para a língua portuguesa; à Profa. Leci Borges Barbisan e à Profa. Vanessa Barbosa, pelas trocas de informações e de sugestões acerca da publicação; à Profa. Luísa Zanini Vargas, pelas versões de dois textos em língua francesa; à Profa. Letícia Stander, pelo auxílio em questões de tradução para a língua inglesa; a Santiago Bretanha Freitas, pela versão em espanhol do resumo do ensaio de Claudine Haroche, às pesquisadoras e ao pesquisador que encaminharam seus textos para esta publicação, contribuindo com reflexões criteriosas e coerentes com a nossa proposta; à Profa. Ana Paula Vieira de Andrade Assumpção e à Profa. Luciane Botelho Martins, pelo aceite de nosso convite para a realização da entrevista com a Profa. Aracy; aos analistas de discurso que realizaram as avaliações *ad hoc* dos textos submetidos a esta publicação; e, finalmente, à Profa. Aracy Graça Ernst, por nos inspirar no trabalho em Análise de Discurso de forma ética e comprometida, contribuindo para a nossa constituição enquanto pesquisadores preocupados com a relação entre inconsciente e ideologia.

Renata Silveira da Silva

Luciana Iost Vinhas

Organizadoras do Número Especial

CAMINHOS PARA UMA ANÁLISE DISCURSIVA DA VOZ NA DEFESA DO TRIBUNAL DO JÚRI: O EXCESSO, A FALTA, O ESTRANHAMENTO

CAMINOS HACIA UN ANÁLISIS DISCURSIVO DE LA VOZ EN DEFENSA DEL JURADO:
EL EXCESO, LA FALTA, EL EXTRAÑAMIENTO

PATHS TO A DISCURSIVE ANALYSIS OF THE VOICE IN THE DEFENSE OF THE JURY:
THE EXCESS, THE LACK, THE STRANGENESS

Clóris Maria Freire Dorow*

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-Rio-Grandense

RESUMO: O referido artigo discute a questão da falta, do excesso e do estranhamento, tendo como materialidade discursiva o discurso jurídico da defesa em um tribunal do júri. A vertente teórica, que embasa esta discussão, é a Análise de Discurso francesa. No discurso jurídico escolhido, observou-se uma argumentação bastante articulada, na tentativa de tornar o discurso transparente e objetivo. Também puderam-se observar dois aspectos que sobressaem na argumentação: as formações imaginárias que tentam prever quem é o interlocutor e os esquecimentos número um e número dois que propiciam a ilusão de que o sujeito articula seu discurso de forma criativa e única, sendo que a grande meta do sujeito discursivo da defesa é destruir a argumentação de seu opositor. A partir dessas constatações, procurou-se então partir para a análise, e na escolha do *corpus*, foi essencial o aporte teórico trazido pelos aspectos abordados por Ernst, que constituem percursos eivados de perspectivas para o analista de discurso.

PALAVRAS-CHAVE: Falta. Excesso. Estranhamento. Voz.

RESUMEN: El artículo aborda el problema de la falta, del exceso y del extrañamiento, con la materialidad discursiva del discurso jurídico de defensa en un juicio con jurado. El modelo teórico que subyace en esta discusión es el análisis del discurso francés. En el discurso jurídico elegido, había un argumento muy articulado en un intento de hacer el discurso transparente y objetivo. También se podrían notar dos cosas que se interponen en el argumento: las formaciones imaginarias que tratan de predecir quién es la persona que llama y los olvidos número uno y el número dos que proporcionan la ilusión de que el sujeto articula su discurso de forma creativa y única, y el gran objetivo del sujeto discursivo de defensa es destruir los argumentos de su oponente. A partir de

* Doutora em Letras pela UCPel. Coordenadora do Curso de Pós-Graduação em Linguagens Verbo/Visuais e Tecnologias do Instituto Federal Sul-Rio-Grandense. Professora do Mestrado em Educação do Instituto Federal Sul-Rio-Grandense. E-mail: clorisdorow@hotmail.com.

estos resultados, partimos para el análisis, y los temas abordados por Ernst, que son caminos de trabajo para el analista, fueron esenciales considerando la elección del *corpus*.

PALABRAS CLAVE: Falta. Exceso. Extrañamiento. Voz.

ABSTRACT: The article discusses the issue of lack, excess and strangeness, with the discursive materiality of the legal discourse of the defense in a jury trial. The theoretical model that underlies this discussion is the French Discourse Analysis. In the chosen legal discourse there was a very articulate argument in an attempt to make the discourse transparent and objective. We also noticed two things that stand in the argument: the imaginary formations that try to predict who the caller is and the forgetfulness number one and number two, which provide the illusion that the subject articulates its creative and unique way of speech, and the great goal of the discursive subject of defense is to destroy the arguments of his opponent. From these findings we started our analysis, and Ernst's theoretical contribution, which presents possible paths for the discourse analyst, was essential considering the choice of the *corpus*.

KEYWORDS: Lack. Excess. Strangeness. Voice.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo¹ tem como *corpus* o discurso jurídico da defesa em um tribunal do júri², caracterizando uma argumentação que busca, enfaticamente, destruir o discurso da acusação, na tentativa de obter a absolvição da ré (crime acontecido na cidade de Pelotas, tendo como objetivo mostrar a inocência ou a culpa da acusada, que supostamente participou da trama para assassinar o próprio pai). Mesmo que os depoimentos e procedimentos apontem para a suposta participação da mesma em um crime, que acabou com a vida de seu progenitor, o advogado de defesa tem de apresentar uma argumentação convincente que possa redundar na absolvição da acusada.

2 FALTA, EXCESSO E ESTRANHAMENTO NA ÓTICA DISCURSIVA

O termo “argumentação” vem do latim *argumentatio* e é definido como o ato de apresentar ideias ou formular conceitos em prol de um objetivo. Argumenta-se para persuadir e, ao argumentar, o indivíduo pretende transmitir uma verdade aos ouvintes, buscando a concordância do outro. No tribunal do júri, a argumentação é a peça principal para a obtenção de um discurso vitorioso ou não. A fim de conseguir a atenção para o seu discurso e de aprimorar ainda mais a sua apresentação, a defesa busca fazer uma manifestação oral persuasiva, utilizando apelo emocional e recursos da retórica. Também é comum valerem-se de interpretações cênicas, com apelos teatrais e gestos eloquentes usados com diferentes entonações de voz, alongando as vogais de determinados vocábulos, questionando argumentos com ênfase e, ainda, usando o silêncio em momentos adequados.

Na argumentação, segundo Orlandi (2004, p. 61), “[...] todo o sujeito (orador) experimenta o lugar do ouvinte a partir de seu próprio lugar de orador, composto pelo jogo das formações imaginárias (a imagem que faz de x, de si mesmo, do outro)”. Essa concepção de antecipação, mais a de esquecimento, ligada ao interdiscurso, assim como de “formações imaginárias”, tem uma importância capital, na medida em que os argumentos opostos, no discurso do tribunal de júri, são previstos normalmente antes da situação de enunciação, aí consideradas as posições de sujeito, a historicidade e as formações discursivas. Tal previsão, sobre como o outro vai reagir diante de determinadas argumentações, deve ser um dos fatores a ser considerado na elaboração de um discurso que pretende constituir-se em vencedor. Esse é um fator fundamental para a estratégia de preparação de um dizer, por vezes de teor duvidoso, que necessita ser entendido e aprovado por uma plateia heterogênea de jurados e que precisa destruir as argumentações do adversário, tornando-as sem efeito.

¹ Este artigo constitui-se em um recorte da minha tese de Doutorado intitulada “Mentira ou verdade? Marcas prosódicas assinalando sentidos no Discurso do tribunal do Júri”.

² Este júri aconteceu na cidade de Pelotas, em 2008, sendo a gravação feita pelo Promotor e emprestada à pesquisadora. O discurso analisado foi o da defesa. Maiores informações sobre o referido acontecimento não podem ser dadas por motivos éticos e legais, por isso os nomes utilizados são todos fictícios.

Existe, segundo a autora, uma suposição do comportamento do ouvinte diante da argumentação, ou seja, como ele irá reagir diante dessa ou daquela palavra. É dessa forma que o sujeito locutor pensa como irá organizar os estratagemas que irão fundamentar o seu discurso. É pelo uso desse estratagma, de prever a reação e as argumentações contrárias que poderão ser suscitadas pelo opositor, que se encontra o funcionamento discursivo da argumentação. Para a autora, “Argumentar é prever, tomado pelo jogo de imagens. Quer se trate de transformar o ouvinte ou de identificar-se a ele, a antecipação joga a partir das diferentes instâncias dos processos discursivos” (ORLANDI, 2004, p. 76-77).

No discurso jurídico da defesa, tudo o que foi dito no júri ou em outros júris, além dos dizeres do senso comum e dos dizeres de outros discursos, está ali, significando, advindo do interdiscurso. Todos os sentidos já ditos, em inúmeros lugares e em momentos diversificados, mesmo longínquos, têm efeito sobre os dizeres. Por isso, para Pêcheux (1997), aquilo que se fala não constitui uma criação pessoal do falante, mas algo que já foi dito por alguém em algum lugar e em algum tempo, significando pela história e pela língua. Ao falar, o sujeito crê que tem plena ascendência sobre o seu dizer, mas, certamente, escapa-lhe a maneira como os sentidos funcionam no seu discurso:

Se uma mesma palavra, uma mesma expressão e uma mesma proposição podem receber sentidos diferentes [...] conforme se refiram a esta ou aquela formação discursiva, é porque [...] não têm um sentido que lhe seria “próprio” vinculado à sua literalidade. Ao contrário, seu sentido se constitui em cada formação discursiva, nas relações que tais palavras, expressões ou proposições mantêm com outras palavras, expressões e proposições da mesma formação discursiva (PÊCHEUX, 1997, p. 161, grifo do autor).

Há, assim, um elo entre o já-dito e aquilo que se fala, o mesmo que há entre o interdiscurso e o intradiscurso, isto é, entre a elaboração do significado e sua formulação. Orlandi (1999, p. 33) menciona que “todo dizer, na realidade, se encontra na confluência dos dois eixos: o da memória (constituição) e o da atualidade (formulação)”. Segundo a autora, o interdiscurso é toda a gama de formulações elaboradas e já esquecidas que influenciam o que se fala. Desse modo, o interdiscurso tem por efeito fazer com que uma formulação dita anteriormente seja esquecida por completo, como se nunca antes fosse ouvida, passando, então, a tecer sentidos nas palavras pertencentes ao discurso.

De qualquer modo, o sujeito necessita, consciente ou inconscientemente, ignorar seu assujeitamento e, então, para ter a ilusão de ser o dono do seu discurso, conforme Pêcheux (1997), cria dois tipos de realidades discursivas ilusórias. Pêcheux (2001) explica essa questão por aquilo que ele chama de ilusões ou esquecimentos do sujeito. Para o autor, o sujeito é afetado por duas ilusões: o esquecimento nº 1, que é um ocultamento ideológico, um esquecimento através do qual uma sequência discursiva concreta é efetuada ou constatada como possuindo sentido - o que faz o sujeito conceber-se como a origem do seu dizer e o sentido como consequência desse seu dizer. O sujeito não percebe o pertencimento daquilo que diz a uma determinada formação discursiva e não a outra, uma vez que é interpelado pela ideologia; logo, a ilusão nº 1 é inconsciente. Já o esquecimento nº 2 direciona a crença do sujeito no sentido de presumir que aquilo que ele fala equivale ao que deduz sobre algo (transparência do pensamento), como se houvesse uma completa analogia entre a palavra e o mundo. É um ocultamento linguístico (pré-consciente/consciente), interligando-se à opção por uma determinada palavra e não por outra ao modo como inseri-la no discurso (paráfrase), isto é, selecionar uma forma, dentre as inúmeras concebíveis, de expressar a mesma coisa. Porém, o que não foi enunciado continua lá, pronto para ser transformado em dizer, acessível ao sujeito, que fez a escolha por determinado enunciado, a fim de compelir o interlocutor a entender de um modo e não de outro o discurso produzido, razão pela qual a ilusão nº 2 é pré-consciente/consciente.

Contudo, tal esquecimento serve de sustentáculo aos sujeitos e aos sentidos, pois é através dele que o sujeito se ilude de ser o criador do seu dizer e de ser o produtor dos sentidos, ilusão essa que faz parte da constituição do sujeito. É desse modo que os vocábulos adquirem significados e os sujeitos significam, angariando dizeres já existentes como se fossem formulados no momento do seu discurso. As palavras são sempre as mesmas, porém seus significados estão sempre em mutação devido à história, à ideologia e ao contexto. E a argumentação é perpassada por todos esses fatores.

Nessa contenda argumentativa, que se constitui em um verdadeiro embate, analisa-se alguns pontos de maior incidência no *corpus*. Dentre eles, destaca-se a questão da falta, do excesso e do estranhamento, que se constituem em sinais de alerta para o analista. Estes três aspectos, apontados por Ernst (2009), dentro de um determinado *corpus*, são, indubitavelmente, marcas indicativas para as quais o analista deve ficar atento.

Para Ernst (2009), uma das dificuldades do analista, diante do discurso a ser analisado, é como deve se feita a escolha do *corpus* discursivo, a fim de executar uma interpretação sob a ótica da Análise de Discurso. Assim, a opção por uma característica linguística ou enunciativa vai estar interligada ao modo de funcionamento do discurso sob a ótica do analista, “[...] aí implicados o sujeito submetido à ordem da ideologia e do inconsciente, a memória estruturante do dizer e o sentido opacificante” (ERNST, 2009, p. 01). A autora desenvolve o seu trabalho tomando como parâmetros três concepções, a saber, a falta, o excesso e o estranhamento. O analista, frente a um determinado discurso, vai observar se os enunciados possuem tais propriedades. Diz a autora (ibidem, p. 02) que, “numa dada conjuntura histórica frente a um dado acontecimento, aquilo que é dito demais, aquilo que é dito de menos e aquilo que parece não caber ser dito num dado discurso” pode constituir-se em pistas para dar início ao processo analítico.

No discurso que constitui o *corpus* deste artigo, pôde observar-se atentamente a concretização desses três aspectos nos recortes feitos. O excesso acontece quando determinados elementos se repetem de forma reiterada. Isso pode ser percebido, sobretudo, nos enunciados em que o advogado inocentava explicitamente a ré, usando expressões negativas, como “em nenhum lugar existe a prova”, “eu não vi a prova ou indício sequer de culpa”, “ninguém disse que Dona Lara se apossou da empresa” e “não há nenhuma prova”. Considerando o que diz Indursky (1990), a saber, que o “não” significa o “sim”, essa incidência de expressões negativas parece denotar uma forma de convencimento não só dos jurados, mas da própria defesa em relação à culpabilidade da acusada.

O segundo aspecto mencionado por Ernst, a falta, pode acontecer no intradiscurso, quando determinados elementos ligados ao aspecto gramatical não acontecem, como a elipse e as reticências, sendo vistos dentro da AD como resultantes das determinações históricas do sujeito falante. Também a falta pode efetivar-se no interdiscurso de certa formação discursiva, “que só poderá ser resgatado a partir do apelo aos exteriores da linguística, provocando um contingenciamento discursivo. Isso se estabelece em função de determinadas condições de produção históricas e/ou enunciativas” (ERNST, 2009, p. 04).

A fim de explicitar o terceiro aspecto mencionado pela autora, o estranhamento, recorre-se aqui a um exemplo extraído do *corpus*, quando a defesa fala: “A jaqueta... Não sei como ela entrou no libelo acusatório... Usar a jaqueta do marido é uma prova? Esperavam que ela viesse pressionada pelo peso desses volumes... Então ela estaria flutuando... pois aqui não há pesos... não há...”. Esses são enunciados que se reportam a colocações da acusação e que são ditos em um contexto posterior, o que denota um estranhamento. Aquele que não prestou atenção no que a acusação argumentou, no dia anterior, em relação a esses aspectos, acaba não entendendo tais ideias. Nesse caso, seria a pressão da culpa, argumentada pela acusação, dizendo que a ré deveria estar vergada pelo peso de sua culpa, e não fria, sem expressar nenhuma emoção.

Também esse terceiro aspecto pode efetivar-se quando há uma estratégia discursiva que expõe o conflito entre formações discursivas que se tornam presentes no intradiscurso e que se mostram através do pré-construído. Para Ernst (2009, p.5), o estranhamento “[...] possui como características a imprevisibilidade, a inadequação e o distanciamento daquilo que é esperado”. Outro exemplo de estranhamento no *corpus* é observado em “Em nenhum lugar existe a prova de que Dona Lara planejou e participou do crime, a não ser nos pensamentos dispersos pelo tempo”. Nesse exemplo, o estranhamento acontece porque, num discurso de defesa de não participação da ré no planejamento do crime, surge uma formação discursiva poética, pouco provável de aparecer em um discurso do tribunal do júri que tenta expressar-se através de uma linguagem objetiva.

Percebe-se, então, o quanto é importante, no recorte do *corpus*, o analista atentar para esses três aspectos mencionados por Ernst (2009), os quais se tornam um parâmetro bastante seguro na escolha dos enunciados que serão submetidos à análise. Logo, através dos critérios de escolha do *corpus* discursivo mostrados pela autora, torna-se bem mais fácil ter alternativas fundamentadas nas opções de recorte do discurso da defesa. Nas sequências discursivas analisadas consideram-se as maneiras como os sentidos são linearizados, as formações discursivas de onde provêm e as diferentes posições discursivas que emergem no discurso da defesa.

3 ANÁLISES

SD1 - Jurados de minha terra, dessa terra que marcou a história brasileira porque aqui se aboliu a escravidão, aqui se deu início à luta pela liberdade... Aqui nunca se permitiu que a liberdade, de quem quer que seja, fosse traída, fosse massacrada, e vós, a sociedade de Pelotas, que aqui está, com o supremo direito de julgar, direito de decidir sobre a liberdade de uma pessoa, não ireis permitir que isso aconteça.

No caso do discurso jurídico analisado, o sujeito necessita combater os argumentos de seu opositor, precisa colocar-se no lugar do outro através da antecipação, e necessita, também, estar na posição enunciativa que lhe cabe. O sujeito que aí se pronuncia é a defesa, manifestando, em seu discurso, o que constitui dever de seu lugar social empírico: tentar evidenciar a inocência ou a menor gravidade do ato cometido por sua cliente. Nos momentos em que se manifesta dentro do processo, há, igualmente, a voz e o desejo da cliente que está representando. Assim, a defesa fala na posição de porta voz da acusada, expressando palavras que buscam convencer os jurados de que a imagem delineada pela Promotoria é equivocada: a ré não é a figura malévola que foi apresentada, ela é aquela que está sendo julgada injustamente, ela é o Bem e não o Mal.

No dizer de Krüger (1997), verifica-se que jamais alguém mente sem ter a noção de que está escondendo a “verdade”, pois mentir não é asseverar algo falso, mas, sim, afirmar algo que se admite ser falso. Isso porque não há mentira desprovida de intenção; há sempre motivos, causas, razões e intenções. Nesse sentido, “[...] a mentira, como substituto da compensação, atenua a insatisfação humana e compensa nossa condição trágica de sempre desejar e sonhar com mais do que podemos ter” (KRÜGER, 1997, p. 24). Nesse caso específico da defesa, existe a intenção clara de defender a ré e de, principalmente, tornar o seu discurso o vencedor, afinal o júri é uma contenda. A defesa assim “construiu” sua argumentação, embasada no preceito de provar a inocência da ré.

Ao argumentar, segundo Orlandi (1998), as filiações ideológicas encontram-se já articuladas, e as alternativas da argumentação apenas lhe propiciam sentido. O sujeito já possui uma posição pronta, ainda que a argumentação seja articulada pelas intenções do mesmo, gerando seus argumentos à mercê de sua ilusão subjetiva “[...] afetada pela vontade da verdade, pelas evidências do sentido. Os próprios argumentos são produtos dos discursos vigentes, historicamente determinado” (ORLANDI, 1998, p. 06).

Na primeira parte do discurso, aqui em foco, a defesa faz um chamamento através do vocativo “Jurados da minha terra”, trabalhando com a ideia de que nesta terra, Pelotas, historicamente se lutou pela liberdade desde a abolição da escravidão. Coloca ênfase na palavra “aqui”, destacando o fato de ser Pelotas uma cidade com ideais de liberdade, postos em prática no decorrer do tempo, como o atestam os acontecimentos. Sendo o lugar onde acontece o julgamento da ré, tal como em outros momentos da história, o seu ideal de liberdade não pode ser comprometido, tampouco destruído. A defesa dirige-se, então, diretamente aos jurados, convocando-os a partilhar os ideais de liberdade, pois a eles foi dada a responsabilidade de sentenciar o destino de alguém que está sendo injustiçado e que merece obter uma sentença justa: a absolvição.

A história narrada serve para reavivar um fato que está na memória do sujeito como um fato histórico; é um já-dito que precisa ser lembrado e repetido, como confirma o uso dos tempos e dos modos verbais. O tempo pretérito perfeito é usado como forma de mostrar um fato que realmente aconteceu, “marcou”, “aboliu”, “deu início”, “nunca se permitiu” e que precisa acontecer de novo. O passado, pois, necessita ser seguido no presente para fazer jus a uma tradição. A sequência “vós, a sociedade de Pelotas, que aqui está” é uma forma de lembrar aos jurados o que eles representam no júri, o povo da cidade, precisando honrar essa representação. Ao dizer “não irão permitir que isso aconteça”, o advogado complementa seu discurso, usando o verbo no futuro do presente do indicativo, no mesmo modo dos demais, o modo que, como se sabe, representa a certeza.

Utilizando-se dos enunciados com formações discursivas históricas como argumentos para o seu discurso, a defesa imprime sentidos cristalizados, a fim de direcionar significações, buscando evitar contradições e colocando em prática a ideologia jurídica, que possui cerceamentos e leis definidas. Formações discursivas que se opõem mostram-se no discurso do porta-voz.

É importante fundamentar o sentido trazido pela rememoração de um fato histórico. Para Pesavento (2007), história e memória comungam semelhante modo de existir, sendo as duas narrativas formas de exprimir o mundo, de mirar o real. São enunciados que expressam, narram, descrevem, explicitam e legam sentidos a um fato, a uma realidade.

Fica evidenciado que a repetição da palavra “aqui” emerge no discurso da defesa como uma forma de mostrar que neste lugar, nesta cidade, a justiça é sempre feita e esse fato não pode ser ignorado no caso da ré que, na argumentação da defesa deve ser inocentada. Assim como as narrativas sobre alguma coisa, elas são reproduções de algo, ou seja, “são discursos que se colocam no lugar da coisa acontecida” (Pesavento, 2007, p.27) Mais do que isto, história e memória são discursos portadores de imagens, que dão a ver aquilo que dizem através da escrita ou da fala; são ambos “presentificação de uma ausência” (idem, p. 37). Nesse caso, é a presentificação de uma ausência que precisa ser lembrada para ser seguida pelos sujeitos jurados.

SD2 - O casaco, que importância teria? Foi apenas uma troca... é motivo para acusação tão forte? Por quê? É por falta de motivos? Talvez... o que o Promotor procura? Culpas...? Que culpas...? Têm culpas...?

Nesta sequência discursiva percebe-se dois fatores apontados por Ernst (2009): a falta e a repetição. A falta acontece porque o sujeito discursivo da defesa não retoma o fato explicitado pela promotoria, resgatando apenas algumas palavras que aparecem de maneira desconectada, com reticências e interrogações. Anteriormente, o sujeito discursivo da promotoria já havia abordado, no início do seu dizer, a questão de um casaco que a ré havia trocado com o marido, também acusado de participação no crime. Essa jaqueta o identificava, em mais de uma ocasião, nos momentos em que se encontrou com o executor do assassinato, assim como confirmava sua presença no local onde o corpo havia sido enterrado. Essa troca, realizada pela acusada, foi enfatizada várias vezes pelo sujeito discursivo da promotoria como uma forma de mostrar que a acusada era coautora do crime, pois estaria protegendo seu consorte.

Em contrapartida, na metade de seu discurso, como uma forma de destruir argumentos da acusação, a defesa aborda o assunto sem retomar o discurso do adversário, ficando um dizer desconectado, onde falta uma ligação com os fatos já abordados no discurso da Promotoria. Analisando este dizer, percebe-se que parecem faltar argumentos para o advogado e ele faz essa digressão meio solta, repetindo as palavras como “motivo” e “culpa” que foram as duas palavras mais utilizadas pelo sujeito discursivo da promotoria. Nas pausas de seu dizer, mostradas pelas reticências, percebe-se que faltam argumentos ou que argumentos estão deixando de ser ditos, pois piorariam a situação da ré. Para Orlandi (2001, p.121), o silêncio contém o mais importante, o que se deixou de dizer e que não pode ou não deve emergir no discurso. Complementa dizendo que “[...] as reticências são signos de silêncio, presença de uma ausência anunciada. Um acréscimo radical que abre para tudo, para qualquer coisa. Não é o vazio: elas marcam o lugar de um acréscimo possível”. Portanto, o uso de tal tipo de pontuação significa um dizer que não se presentifica através da palavra, mas da simbolização dos três pontos que se revelam detentores de muitos dizeres.

Retomando a questão da repetição, sob a ótica da Psicanálise, pode-se constatar que, para Lacan (1998), a repetição é vista, inicialmente, como obstáculo, e num segundo momento, como acontecimento. É assim que o autor representa a segmentação entre a repetição imaginária (ligada à fantasia), simbólica (automatismo da cadeia significante) e real. Se as duas primeiras podem ser concebidas como retorno, a última será visualizada de outra forma, ao ser associada a lacunas que se mostrariam na significação, pontos irredutíveis de resistência à simbolização. Nesse sentido, a repetição real, para além da reaparição de conteúdos recalçados ou de efeitos da cadeia significante, traz à tona a insistência daquilo que não pode ser absorvido enquanto sentido. Entre essa visão de Lacan sobre a repetição e o que foi dito sobre a falta nessa sequência discursiva do *corpus*, pode-se fazer um paralelo com a ideia de lacunas que assomariam nos sentidos, por uma falta de dizer que se recusa a ser simbolizado ou um dizer que não pode ser simbolizado porque acarretaria danos à defesa da ré.

Também, pode-se observar que, além das reticências já comentadas, há uma outra forma de pontuação que se repete: as interrogações, emergindo em uma sequência discursiva relativamente pequena, indicando que são questionamentos os quais o próprio sujeito discursivo não pode responder e surgem ali, de forma reiterada, direcionadas para os sujeitos ouvintes para suscitar dúvidas em relação aos fatos, assim como indagações cujas respostas não foram dadas pela defesa e, sim, pela promotoria, que precisava ser desacreditada. Dessa forma, o silêncio e as interrogações são usados, vindos do interdiscurso, como forma de

proteção para um dizer que não deve ser simbolizado, sob pena de destruir argumentos de um discurso aparentemente planejado pelo sujeito discursivo da defesa, que poderá ser destruído por argumentos contraditórios. Para o jurídico, o silêncio não significa, a palavra não dita não é registrada nos autos, mas os sentidos não deixam de significar, apesar da tentativa de torná-los transparentes.

SD3 - Nada tem a ver com o planejamento que era o motivo do libelo acusatório. Nada tem a ver com a contratação de cadáver, isto é, a contratação para enterrar o cadáver. Quem diz o que quer, ouve o que não quer. Mas a justiça está sempre atenta em relação à verdade, ela pune os que não a cumprem...

Além do excesso de expressões negativas, essa sequência apresenta estranhamentos. Um deles está relacionado à ligação entre os enunciados que parecem estar desconectados, embora seja possível, ao ouvinte, estabelecer os nexos a partir de ligações com outros eventos do júri, como as colocações feitas pelo discurso da promotoria, a qual fez acusações veementes relativas à participação da acusada no crime. Além disso, nesse enunciado, aparecem atos falhos que expressam estranhamentos, advindos do inconsciente, e indicam verdades submersas que se entremostam. Foi a partir da psicanálise que houve a descoberta dos atos falhos. Assim, para aqueles que desconhecem a psicanálise e querem ocultar o real sentido dos supostos erros, os atos falhos são considerados simples erros/trocadilhos, um ocorrido “sem querer”, que não têm a maior importância, que não possuem nenhuma causa e que recebem a denominação de “equivoco”. Freud (2006) explicitou esses supostos erros/tropeços como tendo um sentido oculto que necessita ser desvelado. Assim, os atos falhos consistem em pequenos lapsos – esquecimentos de nomes, horários, datas, coisas a fazer, ou algo dito – que emergem de forma inesperada, ou seja, todo processo em que ocorre alguma interferência no que foi planejado, na atitude “normal” esperada, causando estranhamento. Para Lacan (1986, p. 302), “nossos atos falhos são atos que são bem sucedidos, nossas palavras que tropeçam são palavras que confessam. Eles revelam uma verdade por detrás. [...] Se a descoberta de Freud tem um sentido é este – a verdade pega o erro pelo cangote, na equivocação”.

Para Pêcheux (1997), é através da palavra que o sujeito desvela sua ideologia. Assim, no discurso da defensoria, ocorrem dois atos falhos: um, ao dizer “contratação do cadáver”, em vez de “contratação do pistoleiro”; e outro, na correção do enunciado “contratação para enterrar o cadáver”, em vez de “contratação para o assassinato”. O mais estranho é que, à época do júri, o assassino já havia sido executado, após ameaçar contar toda a verdade. Então, foi a contratação de alguém que seria executado que se transformou em um cadáver. A palavra volta a aparecer, mesmo o advogado corrigindo o ato falho. O combinado era que o assassino enterrasse a vítima em um lugar inusitado e bem fundo, para que o cadáver não fosse descoberto, e não foi isso que aconteceu, pois o corpo da vítima acabou sendo encontrado. Assim, o sujeito fala e, ilusoriamente, tem a certeza de que tem conhecimento sobre o que expressou em palavras, porém ele não tem como dominar a maneira pela qual os sentidos se estabelecem.

Nesse enunciado com tantas negativas, é importante trazer o pensamento de Indursky (1990). A autora caracteriza o sentido de negação como a denegação da psicanálise, trazendo-a para o âmbito da Análise de Discurso e denominando-a ‘denegação discursiva’. Indursky a define como aquela negação que, por recair em um vocábulo, exprime um saber próprio à FD, trazendo consequências para o sujeito do discurso. Isto é, a denegação discursiva estabelece elos com o domínio da FD e com o sujeito que interage com ela. Logo, seu resultado não é controverso, não é polêmico.

Existe um fator que é repudiado pelo sujeito do discurso, mas que, ao mesmo tempo, pode ser enunciado por este mesmo sujeito. Tal fator, portanto, encontra-se recalcado na FD, aparecendo no discurso somente através de uma negação (INDURSKY, 1990, p. 120). Na denegação discursiva, o “não” encobre um “sim”. É o que parece ocorrer no discurso da defesa que usa, em vários momentos, expressões negativas, de maneira que esse uso repetido faz com que o analista do discurso perceba um outro sentido, aflorado pela negativa: “Ela não tem culpa” metamorfoseia-se em “Ela tem culpa”. Assim, o que está significando no dizer da defesa, mesmo negando, é: “Tudo tem a ver com o planejamento. Tudo tem a ver com a contratação do cadáver...”, pois, em todo o discurso no qual a negação se faz presente, existe uma afirmação no interdiscurso que aflora.

Mesclam-se, nesse discurso, a negação da culpa da ré, opondo-se com veemência ao argumento da acusação, uma formação discursiva de um dito do senso comum “Quem diz o que quer, ouve o que não quer” e um dizer advindo da formação discursiva jurídica, propalando uma defesa acirrada do quanto a justiça é verdadeira e atenta. Com isso, a defesa pretende mostrar aos jurados que é no seu discurso que se encontra a “verdade”, e não no discurso do adversário.

4 CONCLUSÃO

Dentre as inúmeras opções propiciadas pelo *corpus* selecionado, teria sido bastante difícil fazer uma escolha dos recortes, diante de um discurso rico em caminhos para análises profícuas e com aspectos discursivos instigantes, dentre eles, as formações discursivas que desvelam a ideologia propagada pelo sujeito discursivo da defesa. Mas, indubitavelmente, foi o uso dos três fatores a falta, o excesso e o estranhamento, apontados por Ernst (2009), os indicadores de opções que concretizaram análises deveras interessantes, embasando a fundamentação teórica explicitada anteriormente e objetivando uma boa análise.

No discurso que constitui o *corpus* deste artigo, pôde-se observar a concretização desses três aspectos mencionados. O excesso se efetiva quando certas palavras ou expressões e elementos da memória são reincidentes no discurso. Já o segundo aspecto, relativo à falta, efetua-se no intradiscurso, quando elementos gramaticais ou interdiscursivos são esperados, mas não acontecem. Como exemplo de falta de elementos gramaticais, têm-se a elipse e as reticências, elementos esses considerados na AD como resultantes das determinações históricas do sujeito falante. O terceiro aspecto, o estranhamento, pode ser explicado como uma estratégia discursiva que expõe o conflito entre formações discursivas presentes no intradiscurso e que se evidenciam por meio do pré-construído.

Logo, no percurso empreendido, o que se pôde perceber, principalmente, é que o excesso de negativas demonstra que, por detrás do dito, existe um não dito significando. Provavelmente, isso encaminhe para a conclusão de que alguma FD foi dissimuladamente mobilizada pelo sujeito discursivo da defesa como parte de outra FD constitutiva do seu dizer, a fim de convencer e de mostrar uma “verdade”. Além disso, a falta e o estranhamento concretizaram-se em alguns enunciados do *corpus*, funcionando como balizadores de novos sentidos que propiciaram análises muito bem fundamentadas. Sobre esses artifícios discursivos, presentes no tribunal de júri, o presente trabalho se dedicou a refletir, na tentativa de chegar aos efeitos de sentido daí decorrentes.

REFERÊNCIAS

ERNST, A. G. A falta, o excesso e o estranhamento na constituição/interpretação do *corpus* discursivo. In: SEMINÁRIO DE ESTUDOS EM ANÁLISE DO DISCURSO, 4., 2009, Porto Alegre, RS. *Anais...* Porto Alegre: UFRGS, 2009. Disponível em: <<http://anaisdosead.com.br/4SEAD/SIMPOSIOS/AracyErnstPereira.pdf>>. Acesso em: 15 dez. 2015.

FREUD, S. *A mentira*. Obras completas. v.3. São Paulo: Imago, 2006.

_____. *A Negativa*. Obras completas. São Paulo: Imago, 1996.

INDURSKY, F. Polêmica e denegação: dois funcionamentos discursivos da negação. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, v.19, p.117-122, 1990.

JÚRI popular. [Pelotas, 2008].

LACAN, J. *O seminário, livro 11*, Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

_____. *O Seminário livro I, Os escritos técnicos de Freud*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1986.

KRÜGER, I. *Da impossibilidade de viver sem mentir*. São Paulo: Pensamento, 1997.

ORLANDI, E. *Análise de discurso*. Campinas, SP: Pontes, 1999.

_____. Discurso e Argumentação: um observatório do político. *Fórum Linguístico*, Florianópolis, n. 1, p.73-81, jul./-dez. 1998.

_____. *Interpretação - autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. Campinas, SP: Pontes, 2004.

_____. *Discurso e texto: formulação e circulação dos sentidos*. Campinas, SP: Pontes, 2001.

PÊCHEUX, M. *Semântica e discurso*. Campinas: Pontes: 1997.

_____. Análise automática do discurso (AAD-69). In: GADET, F.; HAK, T. *Por uma análise automática do discurso*. Uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Campinas: Ed. UNICAMP, 2001. p.59-158.

PESAVENTO, S. Palavras para crer: imaginários de sentido que falam do passado. In: INDURSKI, F.; FERREIRA, M.C. *Análise do discurso no Brasil*. São Carlos: Clara Luz, 2007.p.37-46.

Recebido em 29/10/2016. Aceito em 13/12/2016.

PATHS TO A DISCURSIVE ANALYSIS OF THE VOICE IN THE DEFENSE OF THE JURY: THE EXCESS, THE LACK, THE STRANGENESS

CAMINHOS PARA UMA ANÁLISE DISCURSIVA DA VOZ NA DEFESA DO TRIBUNAL DO
JÚRI: O EXCESSO, A FALTA, O ESTRANHAMENTO

CAMINOS HACIA UN ANÁLISIS DISCURSIVO DE LA VOZ EN DEFENSA DEL JURADO:
EL EXCESO, LA FALTA, EL EXTRAÑAMIENTO

Clóris Maria Freire Dorow*

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-Rio-Grandense

ABSTRACT: The article discusses the issue of lack, excess and strangeness, with the discursive materiality of the legal discourse of the defense in a jury trial. The theoretical model that underlies this discussion is the French Discourse Analysis. In the chosen legal discourse there was a very articulate argument in an attempt to make the discourse transparent and objective. We also noticed two things that stand in the argument: the imaginary formations that try to predict who the caller is and the forgetfulness number one and number two, which provide the illusion that the subject articulates its creative and unique way of speech, and the great goal of the discursive subject of defense is to destroy the arguments of his opponent. From these findings we started our analysis, and Ernst's theoretical contribution, which presents possible paths for the discourse analyst, was essential considering the choice of the *corpus*.

KEYWORDS: Lack. Excess. Strangeness. Voice.

RESUMO: O referido artigo discute a questão da falta, do excesso e do estranhamento, tendo como materialidade discursiva o discurso jurídico da defesa em um tribunal do júri. A vertente teórica, que embasa esta discussão, é a Análise de Discurso francesa. No discurso jurídico escolhido, observou-se uma argumentação bastante articulada, na tentativa de tornar o discurso transparente e objetivo. Também puderam-se observar dois aspectos que sobressaem na argumentação: as formações imaginárias que tentam prever quem é o interlocutor e os esquecimentos número um e número dois que propiciam a ilusão de que o sujeito articula seu discurso de forma criativa e única, sendo que a grande meta do sujeito discursivo da defesa é destruir a argumentação de seu opositor. A partir dessas constatações, procurou-se então partir para a análise, e na escolha do *corpus*, foi essencial o aporte teórico trazido pelos aspectos abordados por Ernst, que constituem percursos eivados de perspectivas para o analista de discurso.

* Doutora em Letras pela UCPel. Coordenadora do Curso de Pós-Graduação em Linguagens Verbo/Visuais e Tecnologias do Instituto Federal Sul-Rio-Grandense. Professora do Mestrado em Educação do Instituto Federal Sul-Rio-Grandense. E-mail: clorisdorow@hotmail.com.

PALAVRAS-CHAVE: Falta. Excesso. Estranhamento. Voz.

RESUMEN: El artículo aborda el problema de la falta, del exceso y del extrañamiento, con la materialidad discursiva del discurso jurídico de defensa en un juicio con jurado. El modelo teórico que subyace en esta discusión es el análisis del discurso francés. En el discurso jurídico elegido, había un argumento muy articulado en un intento de hacer el discurso transparente y objetivo. También se podrían notar dos cosas que se interponen en el argumento: las formaciones imaginarias que tratan de predecir quién es la persona que llama y los olvidos número uno y el número dos que proporcionan la ilusión de que el sujeto articula su discurso de forma creativa y única, y el gran objetivo del sujeto discursivo de defensa es destruir los argumentos de su oponente. A partir de estos resultados, partimos para el análisis, y los temas abordados por Ernst, que son caminos de trabajo para el analista, fueron esenciales considerando la elección del *corpus*.

PALABRAS CLAVE: Falta. Exceso. Extrañamiento. Voz.

1 INTRODUCTION

This article¹ has as a *corpus* the legal discourse of the defense in a jury² trial, characterizing an argument which emphatically seeks to destroy the discourse of the prosecution, as an attempt to obtain an acquittal of the defendant (a crime that happened in the city of Pelotas, aiming to show an innocence of guilt of the accused, who allegedly participated in the plot to murder her own father). Even if the statements and procedures point to her alleged involvement in a crime that has killed her father, the defense lawyer must present a convincing argument that could lead to her acquittal.

2 LACK, EXCESS AND STRANGENESS IN THE DISCURSIVE POINT OF VIEW

The term “argumentation” comes from the Latin *argumentatio* and it is defined as the act of presenting ideas or formulating concepts for the sake of a goal. It is argued to persuade and, when arguing, the individual intends to convey a truth to the listeners, seeking the agreement of the other. In a trial, argumentation is the main key to the obtaining of a victorious speech or not. In order to get the attention for his speech and further enhance his presentation, the defense seeks to make a persuasive oral manifestation by using emotional appeal and rhetorical resources. It is also common to rely on scenic interpretations, with theatrical appeals and eloquent gestures used with different voice intonations, lengthening the vowels of certain words, questioning the arguments emphatically, and even using silence at appropriate times.

According to Orlandi (2004, p. 61), in argumentation, “[...] every subject (orator) experiences the place of the listener from his own orator’s place, formed by the play of imaginary formations (the image that he makes of X, of himself, of the other)”. This conception of anticipation, plus the forgetfulness one, linked to the interdiscourse, as well as to the opposing arguments in the discourse of a jury trial, are usually predicted before the enunciation situation, considering the subject positions, historicity and discursive formations. Such a prediction, about how the other will react to certain arguments, should be one of the factors to be considered when making a discourse that intends to be a winner. This is a fundamental factor for the strategy of preparing a saying, sometimes of doubtful content, which needs to be understood and approved by a heterogeneous audience of jurors and that needs to destroy the arguments of the opponent, rendering them ineffective. This conception of anticipation, plus the forgetfulness one, linked to the interdiscourse, as well as of “imaginary formations”, is extremely important, since the opposing arguments in the jury trial discourse are usually anticipated before the enunciation situation, when it is considered the subject positions, historicity and discursive formations. Such a prediction, about how the other will react to certain arguments, should be one of the factors to be considered in the elaboration of a discourse that intends to constitute itself as a winner. This is a fundamental factor for the strategy of preparing a saying, sometimes of doubtful content, which needs to be understood and approved by a heterogeneous audience of jurors and that needs to destroy the arguments of the opponent, rendering them ineffective.

¹ This article constitutes itself as part of my Doctoral thesis entitled “Mentira ou verdade? Marcas prosódicas assinalando sentidos no Discurso do tribunal do Júri”.

² This jury took place in the city of Pelotas, in 2008, being the recording made by the Prosecution and lent to the researcher. The discourse analyzed was the defense one. More information on the given episode cannot be provided due to ethical and legal reasons, therefore, all the names used are fictitious ones.

There is, according to the author, an assumption of the behavior of the listener before the argumentation, that is, how he will react to this or that word. It is like this that the speaking subject thinks how he will organize the ploys that will underpin his speech. It is by the use of this stratagem, of predicting the reactions and the opposing argumentations that may be raised by the opponent that is the discursive functioning of the argumentation. For the author, “to argue is to predict, taken by the game of images. Whether it is to transform the listener or to identify yourself to him, the anticipation plays from the different instances of the discursive” (ORLANDI, 2004, p. 76-77).

In the legal discourse of the defense, all that has been said in the jury or in other juries, beyond the common sense and the saying of other discourses, is there, meaning, coming from the interdiscourse. All the senses already spoken, in countless places, and even in diverse moments, even distant ones, have effect on the sayings. Therefore, for Pêcheux (1997), what is said is not a personal creation of the speaker, but something that has already been said by someone somewhere and at some time, meaning by history and language. In speaking, the subject believes that he has full ascendancy over his saying, but, certainly, it escapes from him the way the senses work in his speech:

If the same word, the same expression, and the same proposition can receive different meanings, [...] as they refer to this or that discursive formation, it is because [...] they do not have a meaning that would be “of their own” linked to its literalness. On the contrary, their meaning is constituted in every discursive formation, in the relations that such words, expressions, or propositions maintain with other words, expressions, and propositions of the same discursive formation (PÊCHEUX, 1997, p. 161 [author’s note]).

There is, therefore, a link between the already said and what is spoken, the same thing that exists between the interdiscourse and the intradiscourse, that is, between the elaboration of meaning and its formulation. Orlandi (1999, p. 33) mentions that “all saying is actually at the confluence of the two axes: the one of memory (constitution) and the one of up-to-datedness (formulation)”. According to the author, the interdiscourse is the whole range of formulations mentioned and already forgotten that influence what is spoken. In this way, the interdiscourse has the effect of causing a previously mentioned formulation to be completely forgotten, as if it had never been heard before, and then producing senses in the words belonging to the discourse.

In any case, the subject needs, consciously or unconsciously, to ignore his subjection, and, then, to have the illusion of being the owner of his discourse, according to Pêcheux (1997), creates two types of illusory discursive realities. Pêcheux (2001) explains this issue by what he calls the subject’s illusions of forgetfulness. For the author, the subject is affected by two illusions: forgetfulness #1, which is ideological occultation, a forgetfulness through which a concrete discursive sequence is made or verified as having meaning – what causes the subject to conceive itself as origin of his saying, and the meaning because of it. The subject does not perceive the belonging of what he says to a certain discursive formation and not to another, since he is questioned by the ideology; therefore, illusion #1 is unconscious. Forgetfulness #2 directs the subject’s belief in the sense that what he speaks is equivalent to what he deduces about something (transparency of thought), as if there were a complete analogy between the word and the world. It is a (pre-conscious/conscious) linguistic concealment, interlinking itself to the choice by a specific word and not to another as to how to insert it in the discourse (paraphrase), that is, to select a form, among the conceivable countless ones, of expressing the same thing. However, what has not been said is still there, ready to be transformed into saying, accessible to the subject who made the choice by a certain statement to compel the interlocutor to understand the discourse produced in a certain way and not another one, reason why illusion #2 is pre-conscious/conscious.

However, such oblivion serves as a support to the subjects and the senses, because it is through it that the subject deceives himself of being the creator of his saying and of being the producer of the senses, an illusion that is part of the constitution of the subject. It is in this way that the words acquire meaning and the subjects mean, collecting existing words as if they had been formulated at the time of their discourse. The words are always the same, but their meanings are always changing due to history, ideology, and context. And the argument is permeated by all these factors.

In this argumentative struggle, which constitutes itself as a real clash, some points of greater incidence in the *corpus* are analyzed. Among them, the issue of the lack, the excess, and the strangeness, which stand out as warning signs for the analyst. These three aspects, pointed out by Ernst (2009), within a given *corpus*, are, undoubtedly, indicative marks the analyst must be attentive to.

For Ernst (2009), one of the difficulties of the analyst, before the discourse to be analyzed, is how the choice of the discursive *corpus* should be made in order to make an interpretation under the perspective of the Discourse Analysis. Thus, the choice for an enunciative or linguistic characteristic will be linked to the functioning mode of the discourse under the perspective of the analyst, involving the subject that was subjected to the order of the ideology and of the unconscious, the structuring memory of speech and the opacifying meaning” (ERNST, 2009, p. 01). The author develops her study taking as parameters three conceptions, namely, the lack, the excess, and the strangeness. The analyst, faced with a given discourse, will observe whether the statements have such properties. According to the author (Ibid., p. 02), “in a given historical context, in relation to a given event, what is said too much, what is said less, and what does not seem to fit to be said into a given discourse” can constitute itself in clues to begin the analytical process.

In the discourse that constitutes the *corpus* of this article, it was possible to closely observe the materialization of these three aspects in the approaches made. The excess occurs when certain elements repeat themselves many times. This can be perceived, above all, in statements in which the lawyer explicitly acquitted the accused by using negative expressions such as “there is no proof anywhere”, “I have not seen a proof or even a guilt indication”, “no one said that Dona Lara got hold of the company” and “there is no proof”. According to Indursky (1990), namely, that “no” means “yes”, this incidence of negative expressions seems to be a form of convincing not only of the jurors, but also of the defense itself in relation to the guilt of the acquitted.

The second aspect mentioned by Ernst, the lack, can happen in the intradiscourse, when certain elements connected to the grammatical aspect do not happen, such as the ellipsis and the suspension points, being seen within the AD as resulting from the historical determinations of the speaking subject. Besides, the lack can happen in the interdiscourse of a given discursive formation, “which can only be rescued from the appeal to the exteriors of linguistics, provoking a discursive contingency. This is determined by certain historical and/or enunciative conditions of production” (ERNST, 2009, p. 04).

In order to explicit the third aspect mentioned by the author, the strangeness, and an example is drawn from the *corpus*, when the defense says: “The jacket... I do not know how it entered the accusatory libel... Is wearing the husband’s jacket a proof? Did you expect that she would be pressed by the weight of these objects...? Then she would be floating... as there are no weights here... there are not...”. These are statements that refer to the statements of the accusation and that are said in a later context, which denotes strangeness. The one who did not pay attention to what the prosecution said, in the previous day, in relation to these aspects, ends up having not understood such ideas.

In this case, it would be the pressure of guilt, argued by the prosecution, saying that the defendant should be weighed down by the weight of her guilt, and not cold, without expressing any emotion.

This third aspect can also take place when there is a discursive strategy that exposes the conflict between discursive formations that become present in the intradiscourse and that are shown through the pre-constructed. According to Ernst (2009, p.5), the strangeness “[...] has as characteristics the unpredictability, inadequacy, and distancing from what is expected”. Another example of strangeness in the *corpus* is observed in “Nowhere is there proof that Dona Lara planned and participated in the crime, except in the thoughts dispersed by time”. In this example, the strangeness happens because, in a defense discourse of non-participation of the accused in the planning of the crime, arises a poetic discursive formation, unlikely to appear in a jury trial discourse that tries to express itself through objective language.

Therefore, it can be seen how important it is to analyze the three aspects mentioned by Ernst (2009) in part of the *corpus*, which become a very reliable parameter in the choice of the statements that will be submitted to the analysis. Therefore, through the criteria of choice of the discursive *corpus* shown by the author, it becomes much easier to have alternatives based on the approach options

of the defense discourse. In the analyzed discursive sequences, it is considered the ways in which the senses are linearized, the discursive formations from which they come and the different discursive positions that emerge in the discourse of the defense.

3 ANALYSES

SD1 – Jurors of my land, of this land that marked the Brazilian history because here we abolished the slavery, here the fight for freedom started... Here it was never allowed that the freedom, of whoever may be, were betrayed, were massacred, and you, the society of Pelotas that is here, with the supreme right to judge, the right to decide on a person's freedom, you are not going to allow it to happen.

In the case of the analyzed legal discourse, the subject needs to fight the arguments of his opponent; he must put himself in the other person's shoes through anticipation, and needs to be in the enunciative position that belongs to him as well. The pronouncing subject is the defense, manifesting in his speech what constitutes the duty of his empirical social place: attempting to evidence the innocence or the lesser severity of the act committed by his client. In the moments in which he manifests himself in the trial, there is also the voice and the desire of the client he is representing. Thus, the defense speaks in the position of spokesman of the defendant, expressing words that seek to convince the jurors that the image outlined by the prosecutor is wrong: the defendant is not the malevolent person that was presented, she is the one who is being judged unfairly, she is the Good and not the Evil.

In the words of Krüger (1997), it is found that one never lies without having the notion that he is hiding the "truth", for lying is not asserting something false, but rather affirming something that is admitted to be false. This is because there is no lie devoid of intention; there are always motives, causes, reasons and intentions; In this sense, "lie, as a substitute for compensation, attenuates the human dissatisfaction and compensates our tragic condition of always wanting and dreaming of more than we can have." (KRÜGER, 1997, p. 24). In this specific case of the defense, there is the clear intention to defend the defendant and above all, to make his speech the winner, after all, the jury is a dispute. The defense thus "built" its argument, based on the precept of proving the innocence of the defendant.

In arguing, according to Orlandi (1998), the ideological affiliations are already articulated, and the alternatives of argumentation only provide meaning. The subject already has a ready-made position, although the argumentation is articulated by his intentions, generating his arguments at the mercy of his subjective illusion "affected by the will of the truth, by the evidences of the sense. The arguments themselves are products of the discourses in force, historically determined" (ORLANDI, 1998, p. 06).

In the first part of the speech, here in focus, the defense makes a call through the vocative "Jurors of my land" working with the idea that in this land, Pelotas, it was historically fought for freedom since the abolition of slavery. An emphasis is made on the word "here", highlighting the fact that Pelotas is a city with ideals of freedom, put into practice as time went by, as the events attest. Being the place where the defendant's trial happens, as at other times in history, her ideal of freedom cannot be compromised, nor shattered. The defense then goes directly to the jurors, summoning them to share the ideals of freedom because they were given the responsibility to sentence the face of someone who is being wronged and deserves to get a fair sentence: the acquittal.

The narrated story serves to revive a fact that is the subject's memory as a historical fact; it is an already said that needs to be remembered and repeated, as confirmed in the use of the verb tenses and modes. The past tense is used as way of showing a fact that, in fact, "happened", "marked", "abolished", "started", "never allowed" and that needs to happen again. The past, then, needs to be followed in the present to live up to a tradition. The sequence "you, the society of Pelotas that is here" is a way of reminding the jurors what they represent in the jury, the people of the city, needing to honor this representation. In the saying "you are not going to allow this to happen", the lawyer complements his speech, using a verb in the future, in the same way of the others, a tense that as we all know, represents certainty.

Making use of statements with historical discursive formations as arguments for her discourse, the defense prints crystallized meanings, in order to avoid direct meanings, seeking to avoid contradictions and putting into practice the legal ideology, which has specific constraints and laws. Discursive formations that oppose each other are shown in the spokesperson's speech.

It is important to substantiate the remembrance of a historical fact. For Pesavento (2007), history and memory share a similar mode of existence, with the two narratives being ways of expressing the world, of looking at the real. They are statements that express, narrate, describe, explain, and convey meanings to a fact, to a reality.

It is evidenced that the repetition of the word "here" emerges in the discourse of the defense as a way of showing that in this place, in this city, justice is always done and this fact cannot be ignored in the case of the defendant who, in the argumentation of the defense must be acquitted. Like the narratives about something, they are reproductions of something, that is, "they are discourses that put themselves in the shoes of the thing that happened" (Pesavento, 2007, p.27). Moreover, history and memory are discourses bearing images that show that what they say through writing or speaking; they are both "presentiment of an absence that needs to be remembered to be followed by juror-subjects.

SD2 – The coat, what importance would it have? It was just an exchange... is that a reason for such a strong accusation? Why? Is it for the lack of reasons? Maybe... What does the Public Prosecutor look for? Faults...? Which faults...? Are there faults...?

In this discursive sequence, it is observed two factors pointed out by Ernst (2009): the lack and the repetition. The lack happens because the discursive subject of the defense does not take up the fact expressed by the prosecution, reviving only a few words that appear in a disconnected way with suspension points and questions. Earlier, the prosecutor's discursive subject had already addressed, at the beginning of his saying, the issue of a coat that the defendant had exchanged with her husband, also accused of taking part in the crime. This jacket identified him, in more than one occasion, in the moments when he met the murderer, just as he confirmed his presence in the place where the body had been buried. This exchange, carried out by the defendant, was emphasized several times by the discursive subject of the prosecution as a way of showing that the defendant was the co-author of the crime, since she would be protecting her consort.

On the other hand, in the middle of his speech, as a way of destroying the arguments of the prosecution, the defense addresses the matter without resuming the speech of the opponent, leaving a disconnected phrase, in which there is a lack of connection with the facts already addressed in the speech of the Prosecutor. Analyzing this phrase, one notices that arguments seem to be lacking for the lawyer and he makes this digression a little loose, repeating the words "reason" and "fault" which were the two words most used by the discursive subject of the prosecution. In the pauses of his saying, shown by the suspension points, it is perceived that arguments are missing, or that arguments are no longer being said because they would worsen the situation of the defendant. For Orlandi (2001), silence contains the most important, what is left to say and which cannot or should not emerge in the discourse. She adds that the "suspension points" are a sign of silence, the presence of an unannounced absence. A radical adding that opens for everything, for anything. It is not the emptiness: it marks the place of a possible addition (p. 121). Therefore, the use of such punctuation means to say that it does not present itself through the word, but through the symbolization of the three dots that prove to be beholders of may sayings.

Going back to the issue of repetition, from the point of view of the Psychoanalysis, one can see that, for Lacan (1998), repetition is initially seen as an obstacle, and in a second moment, as an event. It is like this that the author represents the segmentation between the imaginary repetition (linked to fantasy), symbolic (automatism of the signifying chain) and real repetition. If the first two can be considered as a return, the latter will be visualized in another way, by being associated with gaps that would show themselves in signification, irreducible points of resistance to symbolization. In this sense, the real repetition, beyond the reappearance of repressed contents or effects of the signifying chain, brings to light the insistence of what cannot be absorbed as meaning. Between Lacan's view on repetition and what was said about the lack in this discursive sequence of the *corpus*, one can make a parallel with the idea of gaps that would appear in the senses, by a failure to say that it refuses to be symbolized or a saying that cannot be symbolized because it would cause damage to the defendant's defense.

Besides, it can also be observed that in addition to the ellipsis already mentioned, there is another form of punctuation that repeats itself: the question marks, emerging in a relatively small discursive sequence, indicating that they are questionings that the discursive subject itself cannot answer and that arise there, repeatedly, directed to the hearing subjects to raise doubts regarding the facts, as well as questions whose answers were not given by the defense, but by the prosecution, which had to be discredited. In this way, silence and question marks are used, coming from the interdiscourse as way of protection for a saying that should not be symbolized, otherwise it will destroy the arguments from a discourse apparently planned by the discursive subject of the defense, which can be destroyed by contradictory arguments. For the legal, silence does not mean, the unspoken word is registered in the records, but the meanings do not fail to mean, despite the attempt to make them transparent.

SD3 – There is nothing to do with the planning that was the reason for the accusatory libel. There is nothing to do with the hiring of a corpse, that is, the hiring to bury the corpse. He, who says what he likes, shall hear what he does not like. But justice is always attentive to the truth; it punishes those who do not comply with it....

In addition to the excess of negative expressions, this sequence presents strangeness. One of them is related to the connection between the statements that seem to be disconnected, although it is possible for the listener to establish the correlations from the links with other jury events, such as the statements made by the prosecution's speech, which made vehement accusations about the involvement of the defendant in the crime. Moreover, in this statement, there are flawed acts that express strangeness arising from the unconscious, and which indicate submerged truths that inter-match themselves. It was from the psychoanalysis that the discovery was discovered. Thus, for those who are not aware of the psychoanalysis and want to conceal the real meaning of the supposed errors, the faulty acts are considered simple mistakes/puns, an "unintentional" occurrence that does not have major importance, that has no cause and that receive the denomination of a "misunderstanding". Freud (2006) explained these alleged errors/stumbling as having a hidden meaning that needs to be unveiled. Thus, faulty acts consist of small lapses – forgetfulness of names, times, dates, things to do, or something said – that emerge unexpectedly, that is, any process in which there is some interference in what was planned, in the expected "normal" attitude, causing strangeness. For Lacan (1986, p. 302), "Our faulty acts are those which are successful, our words that stumble are words that confess. They reveal a truth behind them. [...] If Freud's discovery has a meaning, it is this – the truth picks the error by the back of the neck, in the misconception".

For Pêcheux (1997), it is through the word that the subject reveals his ideology. Thus, in the defense discourse, there are two fail acts: one, in saying "hiring of the corpse", instead of "hiring the "gunman"; and another, in the correction of the statement, "hiring to bury the corpse", instead of "hiring for the murder". The odd thing is that, at the time of the jury, the killer had already been executed after threatening to tell the whole truth. So, it was the hiring of someone that would be executed that transformed itself into a corpse. The word reappears, even with the lawyer's correction of the faulty act. The deal was for the murderer to bury the victim in an unusual place and very deep, so that the body would not be discovered, and that was not what happened because the body of the victim was eventually found. Thus, the subject speaks and, illusorily, is sure that he has knowledge about what he expressed in words, but he has no way of mastering the way in which the senses are established.

In this statement with so many negatives, it is important to bring mention the ideas of Indursky (1990). The author characterizes the meaning of denial as the denegation of the psychoanalysis, bringing it into the scope of the Discourse Analysis and calling it 'discursive denegation'. Indursky defines it as that denial that, because it falls into a word, expresses knowledge proper to DF, bringing consequences to the subject of the discourse. That is, the discursive denegation establishes links with the subject that interacts with it. Therefore, its result is not controversial, and it is not polemical either.

There is a factor that is repudiated by the subject of the discourse, but, at the same time, can be enunciated by this same subject. In discursive denegation, the "no" masks a "yes". This is what appears to occur in the defense discourse that uses negative expressions at various times, so that this repeated use causes the discourse analyst to perceive another sense, which is outlined by the negative: "She is not guilty", it metamorphoses itself in "She is to blame". So, what it means in the defense words, even by denying it, is: "It's all about the planning". Everything has to do with the hiring of the corpse...", because in every speech in which the denial is made present, there is a statement in the interdiscourse that comes up. In this discourse, there is a mixing of the denial of the defendant's

guilt, opposing itself vehemently to the argument of the prosecution, a discursive formation of a common sense saying “who says what he wants, hear what he does not want” and a saying that comes from the legal discursive formation, prompting a fierce defense of how true and attentive justice is. With this, the defense intends to show the jurors that it is in their speech that the “truth” is, and not in the speech of the opponent.

4 CONCLUSION

Among the many options offered by the selected *corpus*, it would have been quite difficult to make a choice of the approaches, in the face of a discourse which is rich in pathways for fruitful analyses and with instigating discursive aspects, among them, the discursive formations that reveal the ideology propagated by the discursive subject of the defense. But, undoubtedly, it was the use of the three factors the lack, the excess and the strangeness, pointed out by Ernst (2009), the option indicators that made very interesting analyses, based on the theoretical foundation explained above and aiming for a good analysis.

In the discourse that constitutes the *corpus* of this article, it was possible to observe the concretization of these three mentioned aspects. The excess becomes effective when certain words or expressions and memory elements are recurring in the speech. The second aspect, related to the lack, is made in the intradiscourse when grammatical or interdiscursive elements are expected, but they do not happen. As an example of the lack of grammatical elements, we have the ellipsis and the suspension points, elements considered in the DA as resulting from the historical determinations of the speaking subject. The third aspect, the strangeness, can be explained as a discursive strategy that exposes the conflict between discursive formations present in the intradiscourse and that are evidenced through the pre-constructed.

Thus, in the course undertaken, what was noticed, above all, is that the excess of negatives demonstrates that, behind what was said, there is an unsaid signifying. This probably leads to the conclusion that some DF was masked by the discursive subject of the defense as part of another DF constitutive of his saying, in order to convince and show a “truth”. In addition, the lack and the strangeness materialized themselves into some statements of the *corpus*, functioning as beacons of new meanings that provided very well grounded analyses. On these discursive devices, which appeared in the jury trial, the present study sought to think it over, as an attempt to come to the effects of sense that stem from it.

REFERENCES

- ERNST, A. G. A falta, o excesso e o estranhamento na constituição/interpretação do *corpus* discursivo. In: SEMINÁRIO DE ESTUDOS EM ANÁLISE DO DISCURSO, 4., 2009, Porto Alegre, RS. *Anais...* Porto Alegre: UFRGS, 2009. Disponível em: <<http://anaisdosead.com.br/4SEAD/SIMPOSIOS/AracyErnstPereira.pdf>>. Acesso em: 15 dez. 2015.
- FREUD, S. *A mentira*. Obras completas. v.3. São Paulo: Imago, 2006.
- _____. *A Negativa*. Obras completas. São Paulo: Imago, 1996.
- INDURSKY, F. Polêmica e denegação: dois funcionamentos discursivos da negação. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, v.19, p.117-122, 1990.
- JÚRI popular. [Pelotas, 2008].
- LACAN, J. *O seminário, livro 11*, Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.
- _____. *O Seminário livro I, Os escritos técnicos de Freud*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1986.
- KRÜGER, I. *Da impossibilidade de viver sem mentir*. São Paulo: Pensamento, 1997.

ORLANDI, E. *Análise de discurso*. Campinas, SP: Pontes, 1999.

_____. Discurso e argumentação: um observatório do político. *Fórum Linguístico*, Florianópolis, n. 1, p.73-81, jul./-dez. 1998.

_____. *Interpretação* - autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico. Campinas, SP: Pontes, 2004.

_____. *Discurso e texto*: formulação e circulação dos sentidos. Campinas, SP: Pontes, 2001.

PÊCHEUX, M. *Semântica e discurso*. Campinas: Pontes: 1997.

_____. Análise automática do discurso (AAD-69). In: GADET, F.; HAK, T. *Por uma análise automática do discurso*. Uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Campinas: Ed. UNICAMP, 2001. p.59-158.

PESAVENTO, S. Palavras para crer: imaginários de sentido que falam do passado. In: INDURSKI, F.; FERREIRA, M.C. *Análise do discurso no Brasil*. São Carlos: Clara Luz, 2007.p.37-46.

Recebido em 29/10/2016. Aceito em 13/12/2016.

AQUILO QUE NOMEIA A LEI: A MADRE TIERRA

LO QUE NOMBRA LA LEY: LA MADRE TIERRA

THAT WHICH NAMES THE LAW: MADRE TIERRA (MOTHER EARTH)

Cristina Zanella Rodrigues*

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense (IFSul)

RESUMO: Este texto é sustentado teoricamente na Análise do Discurso de viés pècheuxtiano e tem por corpus dois textos legais: a *Ley de Derechos de La Madre Tierra (Ley nº 71/2010)* e a *Ley Marco de La Madre Tierra y Desarrollo Integral para Vivir Bien (Ley nº 300/2012)* aprovadas na Bolívia. A irrupção da *Madre Tierra* como nome de lei faz ecoar, do lugar da voz dos povos originários, a memória cosmovisionária como discurso da resistência contra o silenciamento de uma história. Ao atentar para o processo de subjetivação e os ruídos que este acontecimento pode ocasionar, há por objetivo analisar que efeitos de sentido e deslocamentos teóricos são produzidos a partir das formas de nomear, designar, referenciar, subjetivar a *Madre Tierra* na sua materialização linguístico-discursiva num texto legal. E como se podem operar os conceitos de falta, excesso e estranhamento (ERNST, 2009) no trabalho de análise do nome que nomeia uma lei.

PALAVRAS-CHAVE: Discurso. Sujeito. Mãe Terra.

RESUMEN: Este texto se sostiene teóricamente en el Análisis del Discurso de perspectiva pècheuxtiana, y contiene por corpus dos textos legales: la *Ley de Derechos de la Madre Tierra (Ley nº 71/2010)* y la *Ley Marco de la Madre Tierra y Desarrollo Integral para Vivir Bien (Ley nº 300/2012)* aprobadas en Bolivia. La irrupción de la *Madre Tierra* como nombre de ley hace eco, desde el lugar de la voz de los pueblos indígenas, a la memoria cosmovisionaria como un discurso de resistencia contra el silenciamiento de una historia. Al prestar atención al proceso de la subjetividad y los ruidos que este evento puede causar, se tiene por objetivo analizar los efectos de sentido y dislocamientos teóricos que son producidos a partir de las formas de nombrar, designar, referenciar, y subjetivar la *Tierra Madre* en su materialización lingüístico-discursiva en un texto legal. Y cómo pueden operar los conceptos de falta, exceso y extrañamiento (ERNST, 2009) en el trabajo de análisis del nombre con qué se nombra a una ley.

PALABRAS CLAVE: Discurso. Sujeto. Madre Tierra.

ABSTRACT: This paper is supported by the theory of Discourse Analysis proposed by Michel Pêcheux. Its corpus is comprised of two legal texts: *Ley de Derechos de la Madre Tierra (Ley nº 71/2010)* (Law of the Rights of Mother Earth) and *Ley Marco de La Madre Tierra y Desarrollo Integral para Vivir Bien (Ley nº. 300/2012)* (Law of Mother Earth and Integral Development for “Well Living”), both passed in the Plurinational State of Bolivia. The emerge of *Madre Tierra* (Mother Earth) as the name of a law reverberates through the voice of indigenous peoples, a native cosmovisión memory as a resistance discourse against the process

* Professora no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense (IFSul - Câmpus Binacional de Santana do Livramento). Mestre e doutoranda em Letras no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Católica de Pelotas. tina.zanella@gmail.com.

of silencing their history. By focusing on the process of subjectivity and the ‘rumbles’ that this event can cause, the goal is to analyze which effect of meaning and theoretical displacement are produced from the way one names, designates, refers to, and turns *Madre Tierra* into legal subject in its linguistic-discursive materialization within a legal text. Additionally, how it operates the concepts of lack, excess and strangeness (ERNST, 2009) in the analysis of the name that names a law.

KEYWORDS: Discourse. Subject. Mother Earth.

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS: ENTRE A DESCRIÇÃO E A INTERPRETAÇÃO¹

A Análise do Discurso (AD), referencial que sustenta este trabalho, apresenta, no seu bojo teórico, uma compreensão de língua que leva em conta a historicidade e a constituição do sujeito nos processos de produção de sentido. Nas palavras de Orlandi (2008, p. 31) “[...] a análise de discurso visa construir um método de compreensão dos objetos de linguagem. Para isso, não trabalha com a linguagem enquanto dado, mas como *fato*”. E o faz porque integra a questão política no seio das análises, na medida em que “[...] constitui-se nesse intervalo, entre a linguística e essas outras ciências [das formações sociais], justamente na região das questões que dizem respeito à relação da linguagem (objeto linguístico) com sua exterioridade (objeto histórico)” (ORLANDI, 2008, p. 33).

Consoante proposta pècheuxiana, a ideologia opera no funcionamento da língua cuja base material é o discurso. O autor, propondo que tal sistema saussuriano tenha autonomia relativa, e o sujeito constituído pelo inconsciente, vai trazer o trabalho da ideologia na produção de sentidos. Na articulação com a história, a língua permite comunicar e não comunicar. É esse o efeito da ideologia, não tomada como representação ou dissimulação (ORLANDI, 2008), mas como uma força que,

[...] através do ‘hábito’ e do ‘uso’, está designando, ao mesmo tempo, o que é e o que dever ser, e isso, às vezes, por meio de ‘desvios’ linguisticamente marcados entre a constatação e a norma e que funcionam como um dispositivo de ‘retomada do jogo’. É a ideologia que fornece as evidências pelas quais ‘todo mundo sabe’ o que é um soldado, um operário [...], evidências que fazem com que uma palavra ou um enunciado ‘queiram dizer o que realmente dizem’ e que mascaram, assim, sob a ‘transparência da linguagem’, aquilo que chamaremos o *caráter material do sentido* das palavras e dos enunciados (PÊCHEUX, 1995, p. 160, grifo do autor).

Deste funcionamento decorrem duas teses: A primeira é de que não existe um sentido “em si mesmo” ou, ainda nas palavras de Pêcheux, “o *sentido* [...] é determinado pelas posições ideológicas que estão em jogo no processo sócio-histórico no qual as palavras, expressões e proposições são produzidas (isto é, reproduzidas)” (1995, p. 160, grifo do autor). Isso implica em dizer que as palavras, as expressões, conforme a tese do autor, “*mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam*, [...] elas adquirem sentido em referência [...] às *formações ideológicas*” e, acrescenta: é através das formações discursivas que “aquilo que numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determinada pela luta de classes, determina *o que pode e deve ser dito*” (PÊCHEUX, 1995, p. 160, grifo do autor). A segunda tese é de que toda formação discursiva (FD) “*dissimula, pela transparência do sentido que nela se constitui, sua dependência com respeito ao ‘todo complexo com dominante’ das formações discursivas, intrincado no complexo das formações ideológicas*” (PÊCHEUX, 1995, p. 162, grifo do autor).

Essa dissimulação, por meio do efeito de transparência do sentido, é causa do trabalho do interdiscurso, entendido como aquilo que “fala antes, em outro lugar e independentemente” (PÊCHEUX, 1995, p. 162). Nas palavras de Orlandi, o “[...] interdiscurso é o conjunto do dizível, histórica e linguisticamente definido. [...] Ele se apresenta como séries de formulações que derivam de enunciações distintas e dispersas que forma em seu conjunto o domínio da memória.” (ORLANDI, 1993, p. 91).

O interdiscurso, em suma,

¹ “[...] toda a descrição – quer se trate da descrição de objetos ou de acontecimentos ou de um arranjo discursivo-textual não muda nada, a partir do momento em que nos prendemos firmemente ao fato de que ‘não há metalinguagem’ – está intrinsecamente exposta ao equívoco da língua: todo enunciado é intrinsecamente suscetível de torna-se outro [...] não implica que a descrição e a interpretação sejam condenadas a se entremisturar no indiscernível. [...] a descrição de um enunciado ou de uma sequência coloca necessariamente em jogo [...] o discurso-outro como espaço virtual de leitura desse enunciado ou dessa sequência” (PÊCHEUX, 2002, p. 53-55).

[...] é definido justamente como complexo de formações discursivas à dominante. Ele representa o domínio do 'saber', da memória da formação discursiva. É no *interdiscurso* que se *constitui* o dizer, sendo a noção de *intradiscurso* reservada não à constituição mas à *formulação*, ou seja, à produção efetiva, circunstanciada e relativa a um contexto específico de uma sequência discursiva concreta (ORLANDI, 2008, p. 46, grifo da autora).

É tomando o caminho teórico pêcheuxiano e mobilizando os conceitos-chave de falta, excesso e estranhamento apresentados por Ernst (2009), que proponho a análise discursiva de dois textos de lei: a *Ley n° 71/2010*, nomeada *Ley de Derechos de La Madre Tierra* e a *Ley n° 300/2012*, nomeada *Ley Marco de La Madre Tierra y Desarrollo Integral para Vivir Bien*, ambas aprovadas na Bolívia. Para a autora, que embasa sua análise no proposto por Pêcheux,

[...] tais conceitos podem e devem abrigar incontáveis modos de dizer e não dizer. Assim, numa dada conjuntura histórica frente a um dado acontecimento, aquilo que é dito demais, aquilo que é dito de menos e aquilo que parece não caber ser dito num dado discurso, constitui-se numa via possível, mesmo que preliminar e genérica, de identificação de elementos a partir dos quais poderão se desenvolver os procedimentos de análise do corpus. (ERNST, 2009, p. 2)

A irrupção do nome *Madre Tierra* ainda é fato novo nas legislações existentes no mundo. Nos artigos legais, é possível perceber o funcionamento interdiscursivo que resgata saberes historicamente constituídos acerca da questão ecológica e a relação com a cosmovisão dos povos originários materializando-se intradiscursivamente através do processo de nomeação, designação e referenciação, marcada pela falha do ritual. É posição da cosmovisão dos povos originários irrompendo no discurso do direito positivo. A nomeação é aqui compreendida como o “[...] funcionamento semântico pelo qual algo recebe um nome” (GUIMARÃES, 2002, p. 9). As referidas leis, objeto desta análise, foram batizadas com um nome e essa nomeação produz sentidos. Além disso, os elementos que constam no nome (como *Madre Tierra* e *Bien Vivir*) são descritos nos artigos, fazendo funcionar aí os processos de designação. As designações são as diferentes formas de renomeação, de simbolização do referente ao se inscrever nos diferentes acontecimentos da ordem histórica, “[...] funcionam no texto como indícios dos pontos de estabilização das relações de referência no interdiscurso” (ZOPPI-FONTANA, 2003, p. 253).

O nome da lei não surge no momento de seu debate e aprovação pela casa do povo, ele vem dos discursos dos movimentos indígenas que antes da promulgação das leis vinham debatendo sobre a necessária defesa do que nomeiam *Madre Tierra*. Trata-se do *Pacto de Unidad* que congregou, em diversos encontros, organizações indígenas e camponesas da Bolívia² desde abril de 2007 (PRADA, 2010). São essas as condições de produção das leis em questão que fazem intervir aí a exterioridade na produção dos efeitos de sentido marcados na materialidade discursiva. A história das leis começa com uma mudança na conjuntura política que se impôs na Bolívia a partir da chegada de indígenas no lugar de poder. Mas, como alerta Schavelzon, a discussão sobre plurinacionalidade³, Bem Viver e direitos da *Madre Tierra* “encierra contenidos que van mucho más allá de cuestiones coyunturales, como puede ser la presencia de indígenas en los gobiernos” (2015, p. 9). Para o autor, “se trata de ver la irrupción de mundos indígenas en la política moderna [...] cómo el mundo indígena permite repensar la política, las instituciones y hasta la propia concepción de naturaleza y sociedad” (SCHAVELZON, 2015, p. 16). É, talvez, a emergência daquilo que Boaventura de Sousa Santos chama de *epistemología del sur*:

[...] el reclamo de nuevos procesos de producción y de valoración de conocimientos válidos, científicos y no-científicos, y de nuevas relaciones entre diferentes tipos de conocimiento, a partir de las prácticas de las clases y grupos sociales que han sufrido de manera sistemática las injustas desigualdades y las discriminaciones causadas por el capitalismo y por el colonialismo (SANTOS, 2010, p. 41).

² CSUTCB (Confederación Sindical Única de Trabajadores Campesinos de Bolivia), CNMCIQB “BS” (Confederación Nacional de Mujeres Campesinas Indígenas Originarias de Bolivia “Bartolina Sisa”), CSCIB (Confederación Sindical de Comunidades Interculturales Originarias de Bolivia), CONAMAQ (Consejo Nacional de Ayllus y Markas del Qullasuyu) e CIDOB (Confederación de Pueblos Indígenas de Bolivia).

³ “El concepto de plurinacionalidad encuentra su sentido político actual en los países andinos del crecimiento político y visibilidad de las organizaciones de pueblos y nacionalidades de tierras bajas y selva amazónica y la consecuente imagen pluriétnica de las sociedades en cuestión” (SCHAVELZON, 2015, p. 71).

É o movimento histórico de luta concreta pela autodeterminação dos povos que alcança o *fazer* a lei. No caso específico da Bolívia, “*es la demanda de control de los recursos naturales, una lucha que viene – por lo menos – desde la Revolución de 1952 y que vuelve a ser central en la llamada <Guerra del Agua> (2000) y en la <Guerra del Gas> (2003)*” (SANTOS, 2010, p. 84). Rompe com a ordem dominante de uma lei *para* os indígenas, para ser uma lei feita *por* indígenas. É um início de outro conhecimento que irrompe no sistema jurídico positivo.

O sistema jurídico se sustenta no discurso do sujeito de direito. Esse, que nas palavras de Viveiros de Castro (2016, p. 2), é “súdito’ de um Estado ‘soberano’” Para o autor,

Essa condição de súdito (um dos eufemismos de súdito é “sujeito [de direitos]”) não tem absolutamente nada a ver com a relação indígena vital, originária, com a terra, com o lugar em que se vive e de onde se tira seu sustento, onde se “faz vida” junto com seus parentes e amigos. [...] O indígena olha para baixo, para a Terra a que é imanente; ele tira sua força do chão. O cidadão olha para cima, para o Espírito encarnado sob a forma de um Estado transcendente; ele recebe seus direitos do alto (VIVEIROS DE CASTRO, 2016, p. 2).

Nesse sentido, o nomear funciona pelo trabalho da contradição, jogando com a forma histórica do sujeito de direito e com a dialética da lei *para/por*, ou a perspectiva do que “olha para baixo” com a do que “olha para cima”. Viveiros de Castro, revelando a história de genocídio, aponta para o processo de “desindianização”. Nas suas palavras,

[...] era sim preciso de qualquer jeito desindianizá-los, transformá-los em “trabalhadores nacionais”. Cristianizá-los, “vesti-los” (como se alguém jamais tenha visto índios “nus”, esses mestres do adorno, da plumária, da pintura corporal), proibir-lhes as línguas que falam ou falavam, os costumes que os definiam para si mesmos, submetê-los a um regime de trabalho, polícia e administração (VIVEIROS DE CASTRO, 2016, p. 4).

E promover, porque “necessário” ao contingente capitalista, a individualização do sujeito, forma determinada de subjetividade, a subjetividade jurídica, para subjugo ao Estado: ação essa que coloca em “evidência” que tal sujeito livre só é promotor do seu assujeitamento. Na análise proposta por Kashiura Jr, “a subjetividade jurídica é, em sentido rigoroso, uma forma historicamente específica. Apenas no interior do modo de produção especificamente capitalista é que estão dadas as suas condições de existência (2015, p. 58).”

Em última instância, é “[...] a partir da forma sujeito de direito que a interpelação ‘recruta’ os indivíduos como sujeitos e lhes impõe, na ilusão (jurídica) da liberdade, o seu lugar no processo social.” (KASHIURA Jr., 2015, p. 65). Assujeita-se para criar a lei. Assujeita-se para nomear a lei. Assujeita-se o objeto da lei que ali aparece confundido entre sujeito de direito e mercadoria, através do trabalho da contradição. Porque no nome encontram-se, marcados no significante, o funcionamento do interdiscurso e do pré-construído. Retomando uma das questões norteadoras, como ocorre o funcionamento discursivo do sintagma *Madre Tierra* que a faz sujeito de direito? A análise discursiva que segue é uma tentativa de resposta.

2 ANÁLISE DISCURSIVA: NOMES E LEIS

As leis têm números e algumas têm também nomes. O número advém da necessidade da ritualística burocrática do Estado – se uma lei pode desfazer outra, é necessário que haja uma ordem para se fazer entender o que é vigente e o que é descartado na linha do tempo e das mudanças jurídico-políticas. Começo pela *Ley n. 71: Ley de Derechos de La Madre Tierra* (BOLÍVIA, 2010). Na tentativa de deixar meu raciocínio acerca do funcionamento do nome mais claro, e fazendo trabalhar a paráfrase, trago alguns exemplos da legislação brasileira: **Lei Maria da Penha**⁴ (BRASIL, 2006) e **Lei da Justiça Gratuita**⁵ (BRASIL, 1950).

⁴ Lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006.

⁵ Lei nº 1.060, de 5 de fevereiro de 1950.

Tais exemplos servem para ilustrar a análise sobre o funcionamento do nome em um cabeçalho de lei. No primeiro, o que segue após a palavra **Lei** é um nome próprio – **Maria da Penha** – sem preposição. Esta lei prescreve sobre a violência doméstica e contra a mulher, e tem uma memória funcionando através do nome: Maria da Penha (cidadã e sujeito empírico no mundo) fora vítima de violência e lutou contra essa opressão. A lei que carrega seu nome representa, a partir de então, todas as mulheres que são vítimas da violência. Se se pode ir um tanto longe, as pessoas que adotarem o semblante de Maria da Penha têm seus direitos resguardados contra violência de gênero. O segundo exemplo traz a preposição: **Lei da Justiça Gratuita**. Esta lei tem por objetivo estabelecer critérios para concessão de assistência judiciária. Diferente do que se viu acima, aqui o nome da lei não intenta fazer retornar o nome de alguém, mas aproximar a descrição do que prescreve a lei (como um alento de ementa).

Essa sucinta observação acerca dos nomes das leis se relaciona com a análise do nome da *Ley n 71: LEY DE DERECHOS DE LA MADRE TIERRA*. Na primeira parte da formulação – *ley de derechos* – vemos aí a preposição que indica sobre o que a lei prescreve: **Derechos**. Ora, o que emerge é uma *redundância* [e não-redundante] na expressão: não seria toda lei uma lei de direitos? A palavra *ley* já traria, a partir do funcionamento da memória inerente à palavra, dadas as condições de produção, o pressuposto de que a lei surge para forjar direitos e deveres. Se estipulássemos uma paráfrase com o exemplo brasileiro **Lei da Justiça Gratuita** veríamos que aí o pleonasma se desfaz. Em **Lei da Justiça Gratuita**, a interpretação possível é de que há uma lei (que existe para prescrever direitos e deveres) e cujo tema é a gratuidade judiciária. Em *Ley de Derechos*, o que soa é que há uma lei que vai prescrever *direito sobre ter direitos* e dizer isso. O que segue – *de La Madre Tierra* – é que desconstrói essa possível redundância.

Mobilizando as três operações propostas por Ernst (2009, p.2), quais sejam: a falta (aquilo que é “dito de menos”), o excesso (aquilo que é “dito de mais”) e o estranhamento (aquilo que “parece não caber ser dito num dado discurso”), o que se observa a partir da análise da sequência *Ley de Derechos*, é que a figura da *redundância* acaba por produzir um *excesso necessário* pela *falta histórica* com relação àqueles que foram silenciados historicamente, produzindo, em última instância, um *estranhamento*. Conforme a autora, o estranhamento consiste numa “[...] estratégia discursiva que expõe o conflito entre formações discursivas” e é “da ordem do ex-cêntrico” (ERNST, 2009, p.5). Como dito anteriormente, é através do sintagma *Madre Tierra*, nomeando a lei, que a redundância se desfaz, equilibrando o excesso pela falta, e promovendo um estranhamento a partir da posição do direito positivo burguês.

Seus diferentes nomes (*Abya Yala, Pachamama, Tonantzin, Madre Tierra*) vêm da memória dos povos originários e referem à “*mesma*” coisa – o planeta que habitamos, a natureza, as circunstâncias da mata. O artigo definido *la* corrobora esse entendimento. Há apenas **um** planeta – e vê-se aí, no pronome, o pré-construído do discurso ecológico fortalecendo a necessidade de mudança sob o perigo de perecermos. Para os povos indígenas, esse planeta tem o semblante de mãe⁶. Por isso, o sintagma nominal se constitui pelo nome composto *MADRE TIERRA* – não há como separar. A partir disso, considero possível dizer que *Madre Tierra* opera como nome próprio, mas que funciona diferente do exemplo dado sobre a **lei Maria da Penha**.

Aqui, como se disse, não se trata de dar direitos apenas à cidadã Maria da Penha (“pessoa única”), mas de garantir a salvaguarda de todas as mulheres que em algum momento venham a se colocar no lugar em que Maria da Penha estava. O que significa que se escrevêssemos *Lei de Direitos da Maria da Penha*, restaria apenas a ela própria exigir seu direito à não-violência. Em *Madre Tierra* ocorre um pouco diferente: neste caso a lei é para dar direitos específicos a quem atende pelo nome *Madre Tierra* e que formalmente adquire status de sujeito coletivo de interesse público pelo nome e, pelo processo de designação, torna-se o semblante de todos os seres (vivos e não-vivos). Transcrevo o artigo primeiro para melhor elucidar a análise:

Artículo 1. (OBJETO). La presente Ley tiene por objeto reconocer los derechos de la Madre Tierra, así como las obligaciones y deberes del Estado Plurinacional y de la sociedad para garantizar el respeto de estos derechos.

⁶ “No hagas a la Madre Tierra lo que no harías a tu propia madre” (WERMUS, 2002, p.10).

O verbo **reconocer**, através do prefixo **re**, coloca em jogo no discurso o pressuposto de que a **Madre Tierra** antes, em outro lugar, sempre teve direitos⁷ e a lei surge como a formalização política-jurídica necessária para instituir e regularizar algo que ainda precisava ser escrito, seja pela ascendência dos indígenas ao poder político, seja pela crise ecológica que desponta como questão primordial acerca da sobrevivência da humanidade. Esse “já-lá” retomado no prefixo **re** faz funcionar certa dissolução das formas constituídas ao colocar **Madre Tierra** no nome de lei. E esse nome, tal como designado e referenciado, possibilita a emergência de uma subjetividade distante do logicamente estabilizado – aquela que vai colocar para trabalhar na articulação entre a falta e o excesso.

Conforme Dunker, “[...] o perspectivismo ameríndio procede segundo o princípio de que o ponto de vista cria o sujeito” (2015, p. 279). Viveiros de Castro, ao tratar das coisas-*kumã* (“espíritos e seres míticos”), propõe que noções como:

“Real” e “imaginário” não são noções que façam qualquer sentido nesse contexto; a oposição relevante é entre as coisas superlativas originais, arquetípicas e/ou monstruosas, e as coisas próprias, autênticas e atuais, mas que são também réplicas minoradas dos modelos” (VIVEIROS DE CASTRO, 2014, p. 14).

Segue Dunker, na retomada que faz do perspectivismo ameríndio no seio da psicanálise:

Não existem apenas *humanos* e animais, há também formas de vida – como “espíritos”, “pedaços de corpos”, “zumbis” e “homens feitos às pressas” – que podem ser, por exemplo, não-todo-humanos ou ainda-não-animais. [...] O perspectivismo ameríndio é um *perspectivismo somático*, no qual o corpo é entendido como roupa, envoltório ou semblante que deve ser continuamente produzido e fabricado (DUNKER, 2015, p. 295-296).

O que jaz, pelo funcionamento do intradiscurso, pelos sujeitos aí constituídos, no ruído que a língua, no trabalho com o furo, faz acontecer no processo discursivo, é um efeito de subjetividade jurídica que se diz na lei. Uma subjetividade jurídica que irrompe numa determinada ordem de discurso pelas posições em contradição: a submissão do sujeito a uma forma histórica do direito positivo (há que tornar a **Madre Tierra** “sujeito de direito”) e a resistência ao trabalho do Estado em individualizar *aquela que* emerge de uma cosmovisão.

A *ley n. 300: LEY MARCO DE LA MADRE TIERRA y DESAROLLO INTEGRAL PARA VIVIR BIEN* (BOLÍVIA, 2012) traz a língua indígena para o corpo da lei através da expressão **vivir bien** no nome da lei, e da forma original de escrita **Sumaj Kamaña, Sumaj Kausay, Yaiko Kavi Páve** no corpo da lei⁸. O “aparecimento” da tradução em aymara, quéchua e guarani coloca, na ordem do discurso jurídico, a posição daqueles que estão na luta política contra o esquecimento e resistem ao processo de silenciamento imposto pela colonização. As línguas silenciadas pelo processo de colonização retornam não apenas como (alguma) garantia de autonomia e autodeterminação dos povos em texto de lei, mas como capazes de criar objetos jurídicos que importem um dever-ser. Colocam a contradição para trabalhar naquilo que falta e excede no discurso jurídico que emerge da posição cosmovisionária indígena.

Fica, não obstante, a questão relativa à eficácia dos preceitos legais no cotidiano ideológico das práticas políticas através do *vivir bien* como um horizonte a ser alcançado. Estaríamos aí diante de uma visão “idealista de uma materialidade” pelo fato de estar em lei? Pelo funcionamento da nomeação da lei, mesmo alienada ao discurso jurídico que funciona pela ordem da ideologia burguesa-capitalista, o **Sumaj Kamaña, Sumaj Kausay, Yaiko Kavi Páve** faz(em) retornar o pré-construído dessa possibilidade de

⁷ São estes os direitos da Mãe Terra elencados no artigo 7 da lei: *A la vida, A la diversidad de la vida, Al agua, Al aire limpio, Al equilibrio, A la restauración e A vivir libre de contaminación.*

⁸ “El Vivir Bien (*Sumaj Kamaña, Sumaj Kausay, Yaiko Kavi Páve*). Es el horizonte civilizatorio y cultural alternativo al capitalismo y a la modernidad que nace en las cosmovisiones de las naciones y pueblos indígena originario campesinos, y las comunidades interculturales y afrobolivianas, y es concebido en el contexto de la interculturalidad. Se alcanza de forma colectiva, complementaria y solidaria integrando en su realización práctica, entre otras dimensiones, las sociales, las culturales, las políticas, las económicas, las ecológicas, y las afectivas, para permitir el encuentro armonioso entre el conjunto de seres, componentes y recursos de la Madre Tierra. Significa vivir en complementariedad, en armonía y equilibrio con la Madre Tierra y las sociedades, en equidad y solidaridad y eliminando las desigualdades y los mecanismos de dominación. Es Vivir Bien entre nosotros, Vivir Bien con lo que nos rodea y Vivir Bien consigo mismo.” (BOLÍVIA, 2012)

existência anterior. Uma existência passada/presente que “antes, em outro lugar, independentemente” passa a significar mudando a ordem dos sentidos.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Madre Tierra e Vivir Bien (nas suas traduções originárias escritas na pena da lei), irrompem para suprir a falta histórica imposta pela colonização epistemológica eurocêntrica. A forma de nomear a lei possibilitou perceber as diferentes posições em jogo na produção de sentidos e na constituição do sujeito no campo do discurso jurídico. A exterioridade, marcada interdiscursivamente pelo silenciamento de uma posição, pode ser percebida pelo trabalho da falta. Dessa falta, marcada a partir das determinações ideológicas, emerge o excesso, marcado na expressão *ley de derechos*, constituindo-se num “[...] ‘acréscimo necessário’ ao sujeito que visa garantir a estabilização de determinados efeitos de sentido em vista da iminência (e perigo) de outros a esses se sobreporem” (ERNST, 2009, p. 4). Como se aquilo que é “evidente” para uma posição precisasse ser marcado pelo excesso para romper com uma certa ordem de discurso. Dizer *Madre Tierra* como sujeito de direitos – através do processo de nomear uma lei –, é dizer que *algo* livremente assujeita-se para ser recurso. Aquela que nomeia a lei faz trabalhar o estranhamento como operação que “expõe o conflito entre formações discursivas [...] da ordem do ex-cêntrico [...] marcando uma desordem no enunciado” (ERNST, 2009, p. 5). Neste viés, a subjetividade, se não percebida da perspectiva ameríndia, tornaria incompreensível observar que redundâncias e aparentes incoerências fazem sentido a partir de uma historicidade funcionando no discurso jurídico.

À guisa de considerações finais, trago uma questão norteadora proposta: seria a cosmovisão dos povos originários o *real* (no sentido laciano) da lei, que o Estado simboliza, na linguagem jurídica, constituindo-se como porta-voz das lutas indígenas ao dizer ao outro (e a si mesmo, por força da performatividade da própria lei) o dever-ser da *Madre Tierra* e o *Vivir Bien*? Sendo o *real* aquilo que se diz quando se trata da “impossibilidade de nominar o inominável, conforme nos fala Lacan” (BALDINI; MARIANI, 2013, p. 109), seria a subjetividade jurídica da *Madre Tierra* e o *Vivir Bien* o que irrompe, em formulação de lei, esse “um” possível *real*, efeito do simbólico que advém rompendo justamente porque a distinção entre simbólico, imaginário e real faz “não-sentido” para os indígenas, conforme alerta Viveiros de Castro (2014)?

REFERÊNCIAS

- BOLÍVIA. Ley n. 71, de 21 de diciembre de 2010. Ley de Derechos de La Madre Tierra. *Gaceta Oficial del Estado Plurinacional de Bolivia*, La Paz, 21 dez. 2010.
- BOLÍVIA. Ley n. 300, de 15 de octubre de 2012. Lei Marco de La Madre Tierra y Desarrollo Integral para Vivir Bien. *Gaceta Oficial del Estado Plurinacional de Bolivia*, La Paz, 15 out. 2012.
- BRASIL. Lei nº 1.060, de 5 de fevereiro de 1950. Lei Da Justiça Gratuita. *Diário Oficial da União*. Brasil, 8 ago. 2006.
- BRASIL. Lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006. Lei Maria da Penha. *Diário Oficial da União*. Brasil, 13 fev. 1950.
- BALDINI, L; MARIANI, B. O real é o nome que se dá ao inominável. In: INDURSKY, F; FERREIRA, M.C.L.; MITTMANN, S. (Org.). *O acontecimento do discurso no Brasil*. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2013. p. 103-114.
- DUNKER, C. *Mal-estar, sofrimento e sintoma*. São Paulo: Boitempo, 2015.

ERNST, A. G. A falta, o excesso e o estranhamento na constituição/interpretação do *corpus* discursivo. In: SEMINÁRIO DE ESTUDOS EM ANÁLISE DO DISCURSO, 4., 2009, Porto Alegre, RS. *Anais do IV SEAD - Seminário de Estudos em Análise do Discurso*. Porto Alegre: UFRGS, 2009. Disponível em: <<http://anaisdosead.com.br/4SEAD/SIMPOSIOS/AracyErnstPereira.pdf>>. Acesso em: 30 set. 2016.

GUIMARÃES, E. *Semântica do acontecimento: um estudo enunciativo da designação*. Campinas: Pontes, 2002.

KASHIURA Jr, C. N. Sujeito de direito e interpelação ideológica: considerações sobre ideologia jurídica a partir de Pachukanis e Althusser. *Direito & Práxis*, Rio de Janeiro, v. 06, n. 10, p. 49-70, 2015. Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistaceaju/article/view/12742>>. Acesso em: 27 abr. 2016.

ORLANDI, E. *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. 2. ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1993.

_____. *Terra à vista: discurso do confronto: velho e novo mundo*. 2. ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2008.

PÊCHEUX, M. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. 2.ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1995.

_____. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. 3.ed. Campinas, SP: Pontes, 2002.

PRADA, Raúl. La Guerra por la Madre Tierra: Historia de la lucha del Pacto de la Unidad en Defensa de la Madre tierra. *Rebelión*. Espanha, p. 1-3. 10 dez. 2010. Disponível em: <<http://www.rebelion.org/noticia.php?id=118335>>. Acesso em: 8 dez. 2016.

SANTOS, B. De S. *Refundación de Estado en América Latina*. Perspectivas desde una epistemología del Sur. Lima: Universidad Mayor de San Simón, Centro de Estudios Superiores Universitarios; Plural editores, 2010.

SCHAVELZON, S. *Plurinacionalidad y vivir bien/buen vivir*. Dos conceptos leídos desde Bolivia Y Ecuador post-constituyentes. Quito: Ediciones Abya-Yala, 2015.

VIVEIROS DE CASTRO, E. *Involuntários da pátria*. Aula pública. Ato Abril Indígena. 6 p. 20/04/2016. Cinelândia, Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://provocadisparates.blogspot.com.br/2016/04/os-involuntarios-da-patria-eduardo.html>>. Acesso em: 26 abr. 2016.

_____. *Inconstância da alma selvagem - e outros ensaios de antropologia*. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

WERMUS, D. *Madre Tierra. Por el renacimiento indígena*. Quito: Ediciones Abya-yala, 2002.

ZOPPI-FONTANA, M. Identidades (in)formais: contradição, processos de designação e subjetivação na diferença. *Organon*, Porto Alegre, v. 17, n. 35, p.245-282, 2003. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/organon/article/view/30027>>. Acesso em: 08 dez. 2016.

Recebido em 23/10/2016. Aceito em 12/12/2016.

THAT WHICH NAMES THE LAW: *MADRE TIERRA* (MOTHER EARTH)

AQUILO QUE NOMEIA LEI: A *MADRE TIERRA*

LO QUE NOMBRA LA LEY: LA *MADRE TIERRA*

Cristina Zanella Rodrigues*

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense (IFSul)

ABSTRACT: This paper is supported by the theory of Discourse Analysis proposed by Michel Pêcheux. Its corpus is comprised of two legal texts: *Ley de Derechos de la Madre Tierra (Ley nº 71/2010)* (Law of the Rights of Mother Earth) and *Ley Marco de La Madre Tierra y Desarrollo Integral para Vivir Bien (Ley nº. 300/2012)* (Law of Mother Earth and Integral Development for “Well Living”), both passed in the Plurinational State of Bolivia. The emerge of *Madre Tierra* (Mother Earth) as the name of a law reverberates through the voice of indigenous peoples, a native cosmovisión memory as a resistance discourse against the process of silencing their history. By focusing on the process of subjectivity and the ‘rumbles’ that this event can cause, the goal is to analyze which effect of meaning and theoretical displacement are produced from the way one names, designates, refers to, and turns *Madre Tierra* into legal subject in its linguistic-discursive materialization within a legal text. Additionally, how it operates the concepts of lack, excess and strangeness (ERNST, 2009) in the analysis of the name that names a law.

KEYWORDS: Discourse. Subject. Mother Earth.

RESUMO: Este texto é sustentado teoricamente na Análise do Discurso de viés pêcheuxtiano e tem por corpus dois textos legais: a *Ley de Derechos de La Madre Tierra (Ley nº 71/2010)* e a *Ley Marco de La Madre Tierra y Desarrollo Integral para Vivir Bien (Ley nº 300/2012)* aprovadas na Bolívia. A irrupção da *Madre Tierra* como nome de lei faz ecoar, do lugar da voz dos povos originários, a memória cosmovisionária como discurso da resistência contra o silenciamento de uma história. Ao atentar para o processo de subjetivação e os ruídos que este acontecimento pode ocasionar, há por objetivo analisar que efeitos de sentido e deslocamentos teóricos são produzidos a partir das formas de nomear, designar, referenciar, subjetivar a *Madre Tierra* na sua materialização linguístico-discursiva num texto legal. E como se podem operar os conceitos de falta, excesso e estranhamento (ERNST, 2009) no trabalho de análise do nome que nomeia uma lei.

PALAVRAS-CHAVE: Discurso. Sujeito. Mãe Terra.

RESUMEN: Este texto se sostiene teóricamente en el Análisis del Discurso de perspectiva pêcheuxtiana, y contiene por corpus dos textos legales: la *Ley de Derechos de la Madre Tierra (Ley nº 71/2010)* y la *Ley Marco de la Madre Tierra y Desarrollo Integral para Vivir Bien (Ley nº 300/2012)* aprobadas en Bolivia. La irrupción de la *Madre Tierra* como nombre de ley hace eco, desde el lugar de la voz de los pueblos indígenas, a la memoria cosmovisionaria como un discurso de resistencia contra el silenciamiento de una

*Professora no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense (IFSul - Câmpus Binacional de Santana do Livramento). Mestre e doutoranda em Letras no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Católica de Pelotas. tina.zanella@gmail.com.

historia. Al prestar atención al proceso de la subjetividad y los ruidos que este evento puede causar, se tiene por objetivo analizar los efectos de sentido y dislocamientos teóricos que son producidos a partir de las formas de nombrar, designar, referenciar, y subjetivar la Tierra Madre en su materialización lingüístico-discursiva en un texto legal. Y cómo pueden operar los conceptos de falta, exceso y extrañamiento (ERNST, 2009) en el trabajo de análisis del nombre con qué se nombra a una ley.

PALABRAS CLAVE: Discurso. Sujeto. Madre Tierra.

1 INITIAL CONSIDERATIONS: BETWEEN THE DESCRIPTION AND THE INTERPRETATION¹

Discourse Analysis (DA), the theoretical background that supports this work, presents, in its framework, an understanding of language that takes into account historicity and the constitution of the subject in the processes that produce meaning. In Orlandi's words, "discourse analysis aims to construct a method to understand language objects. For this, it does not work with language as a datum, but as *fact*" (2008, p. 31). It does so because it brings the political issue within the analysis, inasmuch as "it establishes itself within the interval between linguistics and these other sciences [of social formations], precisely in the region of the issues concerning the relation of language (linguistic object) with its exteriority (historical object)" (ORLANDI, 2008, p.33).

According to Pêcheux's proposal, ideology operates in the functioning of language, whose material basis is the discourse. The author, proposing that such a Saussurean system has relative autonomy and that the subject is constituted by the unconscious, will bring the work of ideology into the production of meanings. In articulation with history, language allows to communicate and not to communicate. This is the effect of ideology, not taken as a representation or dissimulation (ORLANDI, 2008), but as a force that

[...] through 'habit' and 'usage', therefore, it is ideology that designates both what is and what ought to be, sometimes with linguistically marked 'deviations' between observation and norm which operates as a device for 'the taking up of slack.' It is ideology that supplies the evident with which 'everyone knows' what a soldier is, or a worker, a boss, a factory, a strike, etc., the evident that makes a word or an utterance 'mean what it says' and thereby masks in 'transparency of language' what we shall call *the material character of the meaning* of words and utterances (PÊCHEUX, 1995, 160, emphasis in the original).

Two theses result from such functioning. The first consists of the proposition that the *meaning* of a word does not exist 'in itself' or, in Pêcheux's words, "*meaning ... is determined by the ideological positions brought into play in the socio-historical process in which words, expressions and propositions are produced (i.e., reproduced)*" (1995, p.160, emphasis in the original). This thesis could be summed up in the statement: words "*change their meaning according to the ideological positions held by those who use them, [...] they find their meaning by reference [...] to ideological positions*" and adds: it is through discursive formations that "what in a given ideological formation, that is, from a given position in a given conjuncture, set by the state of class struggle, determines what can and should be said" (PÊCHEUX, 1995, 160, emphasis in the original). The second thesis Pêcheux advances dictates that every discursive formation (DF), "*by the transparency of the meaning constituted in it, conceals its dependence on the complex whole in dominance of discursive formations, itself imbricated with the complex of ideological formations*" (PÊCHEUX, 1995, p.162, emphasis in the original).

This concealment, through the effect of transparency of meaning, is constituted in relation with the interdiscourse, understood as something that "[...] speaks before, elsewhere and independently" (PÊCHEUX, 1995, p. 162). In Orlandi's words, "[...] interdiscourse

¹ "[...] toda a descrição – quer se trate da descrição de objetos ou de acontecimentos ou de um arranjo discursivo-textual não muda nada, a partir do momento em que nos prendemos firmemente ao fato de que 'não há metalinguagem' – está intrinsecamente exposta ao equívoco da língua: todo enunciado é intrinsecamente suscetível de torna-se outro [...] não implica que a descrição e a interpretação sejam condenadas a se entremisturar no indiscernível. [...] a descrição de um enunciado ou de uma sequência coloca necessariamente em jogo [...] o discurso-outro como espaço virtual de leitura desse enunciado ou dessa sequência" (PÊCHEUX, 2002, p. 53-55)." (PÊCHEUX, 2002, p. 53-55). [...] any description – be it the description of objects or events or a discursive-textual arrangement, does not change anything once we hold firmly to the fact that 'there is no metalanguage' – is intrinsically exposed to the misconception of the language: every utterance is intrinsically susceptible of becoming another[...] which does not imply that the description and the interpretation are doomed to be intermixed in the indiscernible. [...] the description of an utterance or sequence necessarily brings into play [...] the discourse of the other as a virtual space for reading that utterance or that sequence".

is the set of that which is sayable, historically and linguistically defined. [...] It presents itself as a series of formulations that derive from distinct and dispersed utterances that form, in its whole, the domain of memory.” (ORLANDI, 1993, p. 91).

In short, interdiscourse

[...] is defined precisely as the whole complex in dominance of discursive formations. It represents the domain of 'knowledge', the memory of discursive formation. It is in the *interdiscourse* that the sayable is *constituted*, while the notion of *intradiscourse* is reserved not to the constitution, but to the *formulation*, that is, to the effective production, detailed and relative to a specific context of a concrete discursive sequence (ORLANDI, 2008, p. 46, emphasis in the original).

By following the Pêcheuxian theoretical framework and drawing on the key concepts of lack, excess and strangeness presented by Ernst (2009), I propose a discursive analysis of two legal texts: *Ley n. 71/2010*, called *Ley de Derechos de La Madre Tierra* (The Law of the Rights of Mother Earth) and *Ley n. 300/2012*, called *Ley Marco de La Madre Tierra Y Desarrollo Integral para Vivir Bien* (Law for Mother Earth and Integral Development to “Well Living”), both passed into law in Bolivia. For the author, who bases her analysis on Pêcheux’s proposals,

[...] such concepts can and should embrace countless ways of saying and not saying. Thus, in a given historical context in relation to a given event, what is said too much, what is said too little, and what seems not to be said in a given discourse constitute a possible way, even if preliminary and generic, to identify elements from which the corpus analysis procedures can be developed (ERNST, 2009, p. 2).

The entrance of the name *Madre Tierra* is a novelty in existing global legislation. In legal articles, it is possible to perceive the interdiscursive functioning that rescues historically constituted knowledge about ecological issues and the relation with the worldviews of indigenous peoples that are materialized intradiscursively through the process of naming, designation and reference, marked by the failure of ritual. It is the position of the indigenous cosmovision incursioning into the discourse of positive law. Naming here is understood to be the “semantic functioning by which something receives a name” (GUIMARÃES, 2002, p. 9). The laws referred to in this analysis were given names and such naming produces meanings. In addition, the elements that appear in the name (like *Madre Tierra* and *Bien Vivir*) are described in the legal articles, making the designation processes work there. The designations are the different forms of renaming, symbolizing the referent when entering the different events of the historical order, “working, in the text, as evidence of the points of stabilization of the reference relations in the interdiscourse” (ZOPPI-FONTANA, 2003, p. 253).

The name of the law does not arise when it is debated and approved by the legislative body; it comes from the discourse of the indigenous movements, which have long been debating about the necessary defense of what they denominate *Madre Tierra* (Mother Earth) before the laws were passed. It was the *Pacto de Unidad* that gathered, in several meetings, indigenous and peasant organizations of Bolivia² since April 2007 (PRADA, 2010). These conditions, under which the making of the laws in question take place, cause externality to intervene in the production of the effects of meaning marked in the discursive materiality. The history of the laws begins with a change in the political situation that was imposed on Bolivia after the rise to power of indigenous people. However, as Schavelzon warns, the discussion on plurinationality³, *Bem Viver* and the rights of the *Madre Tierra* encompasses content that go far beyond short-term issues, such as the presence of Indigenous peoples in governments” (2015, p. 9). For the

²Confederación Sindical Única de Trabajadores Campesinos de Bolivia (CSUTCB) [Single Trade Union Confederation of Peasant Workers of Bolivia], Confederación Nacional de Mujeres Campesinas Indígenas Originarias de Bolivia “Bartolina Sisa” (CNMCIQB “BS”) [National Confederation of Indigenous Peasant Women of Bolivia “Bartolina Sisa], Confederación Sindical de Comunidades Interculturales Originarias de Bolivia (CSCIB) [Confederation of Trade Unions of Intercultural Communities Originating in Bolivia], Consejo Nacional de Ayllus y Markas del Qullasuyu (CONAMAQ) [National Council of Ayllus and Markas of Qullasuyu] and Confederación de Pueblos Indígenas de Bolivia (CIDOB) [Confederation of Indigenous Peoples in Bolivia].

³“El concepto de plurinacionalidad encuentra su sentido político actual en los países andinos del crecimiento político y visibilidad de las organizaciones de pueblos y nacionalidades de tierras bajas y selva amazónica y la consecuente imagen pluriétnica de las sociedades en cuestión” (SCHAVELZON, 2015, p. 71). [The concept of plurinationality finds its current political sense in the Andean countries of the political growth and visibility of the organizations of lowland peoples and nationalities and the Amazonian jungle and the consequent multiethnic image of the societies in question].

author, “it is a question of seeing the entrance of indigenous worlds into modern politics [...] (and) how the indigenous world allows for the rethinking of politics, institutions and even the very idea of nature and society” (SCHAVELZON, 2015, p. 16). It is perhaps the emergence of what Boaventura de Sousa Santos calls the *epistemología del sur* (epistemology of the South):

[...] the demand for new processes of production and valuation of valid scientific and nonscientific knowledge as well as new relations between different types of knowledge based on the practices of classes and social groups that have suffered systematically unfair inequalities and the discriminations caused by capitalism and colonialism (SANTOS, 2010, p. 41).

It is the historical movement of a concrete struggle for the self-determination of the people that produces the *making* of the law. In the specific case of Bolivia, “it is the demand for control of natural resources, a struggle that has come – at least – since the 1952 Revolution and is once again central to the so-called ‘Water War’ (2000) and the ‘Gas War’ (2003)” (SANTOS, 2010, p. 84). It breaks with the dominant order of laws made *for* the natives to be a law made *by* the natives. It is the beginning of another way of thinking that incurs in the positive legal system.

The legal system is based on discourse of the legal subject. This, who in the words of Viveiros de Castro (2016, p.2), is “‘subject’ of a ‘sovereign’ state” For the author,

[...] this condition of subject (one of the euphemisms of subject is “subject [of rights]”) has absolutely nothing to do with the native, vital indigenous relationship with the land, the place where one lives and from which one makes their living, where one makes ‘life’ together with their relatives and friends. [...] The indigenous look down, to the Earth to which he is immanent; he takes his strength from the soil. The citizen looks upward, to the incarnate Spirit in the form of a transcendent State; he receives his rights from above (VIVEIROS DE CASTRO, 2016, p. 2).

In this sense, naming functions by the work of contradiction, playing with the historical form of the legal subject and with the dialectic of the law *for/by*, or the perspective of the one who “looks down” with that of the one who “looks up.” Viveiros de Castro, revealing the history of genocide, points to the process of “de-indianization.” In his words,

[...] it was really necessary to de-indianize them, to turn them into “national workers.” Christianize them, “dress them” (as if one had never seen “naked” Indians, these masters of adornment, feathering, body painting), forbid the languages that they speak or spoke, the customs that defined them to themselves, subject them to a system of work, police and administration (VIVEIROS DE CASTRO, 2016, p. 4).

It also promotes, because it is “necessary” to the capitalist logic, the individualization of the subject, a determined form of subjectivity, the legal subjectivity, to subjugate the State: an action that puts in “evidence” that such a free subject is solely the protagonist of his subjection. In the analysis proposed by Kashiura Jr (2015, p.58), “legal subjectivity is, in the strict sense, a historically specific form. It is only within the specifically capitalist mode of production that its conditions of existence are given”.

Ultimately, it is “[...] based on the legal form of the subject that the interpellation ‘recruits’ individuals as subjects and imposes on them, under the (legal) illusion of freedom, their place in the social process” (KASHIURA Jr., p. 65). They subject themselves to create the law. They subject themselves to name the law. They subject the object of law, which appears muddled between the legal subject and commodity, through the work of contradiction. Because in a name one can find, marked in the signifier, the functioning of the interdiscourse and that which is pre-constructed. Embracing one of the questions, how does the discursive functioning of the term *Madre Tierra* comprise a legal subject? The discursive analysis that follows is an attempt to answer it.

2 DISCURSIVE ANALYSIS: NAMES AND LAWS

Laws have numbers and some also have names. The number comes from a bureaucratic and ritual need of the State – if one law can be in discordance with another, there is need for an order to make clear what is current and in legal force and what is discarded in the timeline and in legal-political changes. I begin with *Ley n. 71: Ley de Derechos de La Madre Tierra*. In an attempt to make my reasoning about the functioning of the name clearer and make the paraphrase work, I bring some examples from the Brazilian legislation: *Lei Maria da Penha* (BRASIL, 2006)⁴ and *Lei da Justiça Gratuita* (BRASIL, 1950)⁵.

Such examples serve to illustrate the analysis of the functioning of the name in a heading of law. In the first, what follows the word *Lei* (Law) is a proper name – *Maria da Penha* – without a preposition. This law prescribes about domestic violence against women, and has a memory working through the name: Maria da Penha (a citizen and empirical subject in the world) had been a victim of violence and fought against this oppression. The law that bears her name represents, from then on, all women who are and have been victims of violence. If one can go a little farther, the people who adopt the face of Maria da Penha have their rights protected against gender violence. The second example brings the preposition: *Lei da Justiça Gratuita*. This law aims to establish criteria for granting legal aid. Unlike the above, in this case the name of the law does not attempt to commemorate a person, but rather approximate the description of the prescription of the law.

This brief observation about the names of laws relates to the analysis of the name of the *Ley n. 71: LEY DE DERECHOS DE LA MADRE TIERRA* (BOLÍVIA, 2010). In the first part of the formulation – *ley de derechos* or “law of rights” – we see the preposition that indicates what the law prescribes: *Derechos* (Rights). Now, what emerges is a *redundancy* [and non-redundant] in the expression: would not every law be a law of rights? The word *ley* (law) would already bring, based on the functioning of the memory that is attached to the word and given the conditions of production, the presupposition that the law arises to forge rights and duties. If we stipulated a paraphrase with the Brazilian example of *Lei da Justiça Gratuita*, we would see that the pleonasm is undone. In *Lei da Justiça Gratuita*, the possible interpretation is that there is a law (which exists to prescribe rights and duties) and whose theme is free legal assistance. In *Ley de Derechos*, it seems that there is a law that will prescribe *the right to have rights*. What follows – *de La Madre Tierra* – is the element that deconstructs this possible redundancy.

Drawing on the three operations proposed by Ernst (2009, p.2), which are lack (that which is “said too little”), excess (that which is “said too much”) and strangeness (that which “does not seem to fit within a given discourse”), the analysis of the sequence *Ley de Derechos* allows us to observe that the figure of *redundancy* ends up producing a *necessary excess* caused by the *historical lack* with respect to those that have been silenced historically, ultimately producing some *strangeness*. According to the author, strangeness consists of a “discursive strategy that exposes the conflict between discursive formations” and is “of the order of the ex-centric” (ERNST, 2009, p. 5). As stated earlier, it is through the term *Madre Tierra*, which names the law, that the redundancy is undone, balancing excess by lack, and promoting strangeness because of the bourgeois positivist law.

Its different names (*Abya Yala, Pachamama, Tonantzin, Madre Tierra*) come from the memory of the original peoples and refer to the “*same*” thing – the planet we inhabit, nature, the wilderness. The definite article *la* supports this understanding. There is only **one** planet – and here we see, in the pronoun, the pre-constructed of the ecological discourse strengthening the need for change or else we will perish. For the indigenous peoples, this planet has the semblance of a mother⁶. Therefore, the noun phrase consists of the compound name *MADRE TIERRA* and is inseparable. For this reason, I find it possible to say that *Madre Tierra* operates as a proper name, but works differently from the example given in the law *Maria da Penha*.

⁴ Law 11.340, August 7 2006 (Law of Maria da Penha).

⁵ Law 1.060, February 4 1950 (Law of Free Justice).

⁶ “*No hagas a la Madre Tierra lo que no harías a tu propia madre*” (Do not do to Mother Earth what you would not do to your own mother)” (WERMUS, 2002, p.10).

Here, as it has been said, it is not a question of giving rights only to the citizen Maria da Penha (“a single person”), but of guaranteeing the safeguarding of all women who may, at some point, be in the same situation of Maria da Penha. That means to say that if we were to write *Lei de Direitos da Maria da Penha*, it would be left up to herself to demand her own right to nonviolence. In *Madre Tierra* what occurs is somewhat different: in this case, the law is to give specific rights to those who take the name *Madre Tierra* and that formally acquire status as a collective subject of public interest through the name, and which, through the process of designation, becomes the semblance of all beings (living and nonliving). The first legal article will be transcribed to better elucidate the analysis:

Article 1. (PURPOSE). The purpose of this Law is to recognize the rights of Mother Earth, as well as the obligations and duties of the Plurinational State and society to ensure respect for these rights⁷.

The verb *reconocer* (recognize), through the prefix *re*, brings to discourse the assumption that the *Madre Tierra* from before, elsewhere, always had rights⁸ and that the law arises as the legal-political formalization necessary to institute and regularize something that still had to be written, either by the rise of the indigenous peoples to power or by the ecological crisis that emerges as the primary issue surrounding the survival of humanity. This “already-there”, retrieved in the prefix *re*, makes a certain dissolution of the constituted forms work by placing *Madre Tierra* in the name of law. This name, as it is designated and referenced, enables the emergence of a subjectivity far from what is logically stabilized – the one that will put the articulation between lack and excess to work.

According to Dunker, “Amerindian perspectivism proceeds according to the principle that the point of view creates the subject” (2015, p. 279). Viveiros de Castro, in dealing with the things *kumã* (“spirits and mythical beings”), proposes that notions such as

[...] ‘real’ and ‘imaginary’ are not notions that make any sense in this context; the relevant opposition lies between the original superlative, archetypal and/or monstrous things as well as the proper, authentic and current things, but which are also diminished replicas of the models (VIVEIROS DE CASTRO, 2014, p. 14).

In his resumption of Amerindian perspectivism within psychoanalysis, Dunker continues:

There are not only *humans* and animals, there are also ways of life – such as “spirits,” “pieces of bodies,” “zombies,” and “hurriedly-made men” – that may be, for example, not-entirely-humans or not-animals-yet. [...] Amerindian perspectivism is a *somatic perspectivism*, in which the body is understood as a clothing, wrapping or semblant that must be continually produced and manufactured (DUNKER, 2015, p. 295-296).

What lies, by the operation of the intradiscourse, by the subjects constituted therein, in the noise that the language, in working with the hole, makes happen in the discursive process, is an effect of legal subjectivity that is said in the law. It is a legal subjectivity that incurs in a certain order of discourse by contradictory positions: subjection of the subject to a historical form of positive law (it is necessary to make *Madre Tierra* a “legal subject”) and the resistance to the work of the State in individualizing *that* which emerges from a worldview.

Ley n. 300: LEY MARCO DE LA MADRE TIERRA y DESAROLLO INTEGRAL PARA VIVIR BIEN (BOLÍVIA, 2012) brings the indigenous language to the body of the law through the expression *vivir bien* and through the original form of writing in *Sumaj Kamaña, Sumaj Kausay, Yaiko Kavi Päve* in the body of law⁹. The “appearance” of the translation in Aymara, Quechua and

⁷ Originally: Artículo 1. (OBJETO). La presente Ley tiene por objeto reconocer los derechos de la Madre Tierra, así como las obligaciones y deberes del Estado Plurinacional y de la sociedad para garantizar el respeto de estos derechos.

⁸ These are the rights of Mother Earth listed in article 7 of the law: *A la vida* (Right to life), *A la diversidad de la vida* (Right to diversity of life), *Al agua* (Right to water), *Al aire limpio* (Right to clean air), *Al equilibrio* (Right to balance), *A la restauración* (Right to restoration) and *A vivir libre de contaminación* (Right to live free of pollution).

⁹ “El Vivir Bien (*Sumaj Kamaña, Sumaj Kausay, Yaiko Kavi Päve*). Es el horizonte civilizatorio y cultural alternativo al capitalismo y a la modernidad que nace en las cosmovisiones de las naciones y pueblos indígena originario campesinos, y las comunidades interculturales y afrobolivianas, y es concebido en el contexto de la

Guarani places, in the order of the legal discourse, the position of those who are in the political fight against oblivion and resist the process of silencing imposed by colonization. The languages silenced by the process of colonization return as laws not only as (some) guarantee of autonomy and self-determination of the peoples, but also as something capable of creating legal objects that impose an ought-to-be. They put the contradiction to work on what is missing and exceeds in the legal discourse that emerges from the indigenous worldview position.

Nevertheless, there is the question of the efficacy of legal requirements in the ideological daily life of political practices through the *vivir bien* as a horizon to be achieved. Would we be faced with an “idealistic vision of a materiality” because it is in the law? Through the functioning of the law’s name, even if alienated to the legal discourse that functions through the order of the bourgeois-capitalist ideology, the *Sumaj Kamaña*, *Sumaj Kausay*, and *Yaiko Kavi Päve* make the pre-construction of this possible previous existence return. A past/present existence that “before, elsewhere, independently” comes to mean by changing the order of the meanings.

3 FINAL CONSIDERATIONS

Madre Tierra and *Vivir Bien* (in their original translations written in the legal language) arise to supply the historical lack imposed by the Eurocentric epistemological colonization. The way of naming the law made it possible to perceive the different positions at play in the production of meanings and in the constitution of the subject in the field of legal discourse. Externality, marked interdiscursively by the silencing of a position, can be perceived through the work of lack. From this lack, marked by ideological determinations, there emerges the excess, marked in the expression *ley de derechos*, which is a ‘necessary addition’ to the subject that seeks to guarantee the stabilization of certain effects of meaning in view of the imminence (and danger) of having other meanings overlapping” (ERNST, 2009, p. 4). As if what is “obvious” to a position needed to be marked by excess to break with a certain order of discourse. Saying *Madre Tierra* as a legal subject – through the process of naming a law – is to say that something freely subjects itself as a resource. The one who names the law makes the strangeness work as an operation that “exposes the conflict between discursive formations [...] of the ex-centric order [...] marking a disorder in the utterance” (ERNST, 2009, p5). In this broad view, if the subjectivity was not perceived from the Amerindian perspective, it would be impossible to observe which redundancies and apparent inconsistencies make sense from a historicity functioning in legal discourse.

By way of final considerations, I bring up a proposed guiding question: would the indigenous cosmovision be the *real* (in the Lacanian sense) of the law, which the State symbolizes in legal language, constituting itself as a mouthpiece for the indigenous struggles in telling the Other (and itself, by virtue of the performativity of the very law) the ought-to-be of *Madre Tierra* and *Vivir Bien*? Being the *real* what is said when it comes to “the impossibility of naming the nameless, as Lacan tells us” (BALDINI and MARIANI, 2013, p.109), would the legal subjectivity of *Madre Tierra* and *Vivir Bien* be what emerges in the making of a law as “one” possible *real*, effect of the symbolic that comes precisely to break up because the distinction between symbolic, imaginary and real makes “no sense” for the indigenous people, according to Viveiros de Castro (2014)?

*interculturalidad. Se alcanza de forma colectiva, complementaria y solidaria integrando en su realización práctica, entre otras dimensiones, las sociales, las culturales, las políticas, las económicas, las ecológicas, y las afectivas, para permitir el encuentro armonioso entre el conjunto de seres, componentes y recursos de la Madre Tierra. Significa vivir en complementariedad, en armonía y equilibrio con la Madre Tierra y las sociedades, en equidad y solidaridad y eliminando las desigualdades y los mecanismos de dominación. Es Vivir Bien entre nosotros, Vivir Bien con lo que nos rodea y Vivir Bien consigo mismo.” (BOLÍVIA, 2012, Art. 5, § 2). [The “Well Living” (*Sumaj Kamaña*, *Sumaj Kausay*, *Yako Kavi Päve*). It is an alternative civilization and cultural horizon to the capitalism and to the modern thinking that borrows in the cosmovision of indigenous nations and native indigenous peasant world, and in the intercultural and afro-bolivians communities, and it is conceived in an intercultural context. It is reached through a collective, complementary and solidarity way, in its practical realization, among other dimensions, as social, cultural, political, economical, ecological, and the affection ones, aiming to fulfill the tender meeting between all humans, elements and resources of Mother Earth. It means living in complementarity, harmony, and equilibrium with the Mother Earth and the society, in equity and solidarity, and eliminating the inequality and the domination mechanisms. It is “well living” among us, “well living” with what surrounds us, and “well living” with oneself (BOLÍVIA, 2012, Art. 5, § 2)].*

REFERENCES

BOLIVIA. Ley n. 71, de 21 de diciembre de 2010. Ley de Derechos de La Madre Tierra. *Gaceta Oficial del Estado Plurinacional de Bolivia*, La Paz, 21 dez. 2010.

BOLIVIA. Ley n. 300, de 15 de octubre de 2012. Lei Marco de La Madre Tierra y Desarrollo Integral para Vivir Bien. *Gaceta Oficial del Estado Plurinacional de Bolivia*, La Paz, 15 out. 2012.

BRASIL. Lei nº 1.060, de 5 de fevereiro de 1950. Lei Da Justiça Gratuita. *Diário Oficial da União*. Brasil, 8 ago. 2006.

BRASIL. Lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006. Lei Maria da Penha. *Diário Oficial da União*. Brasil, 13 fev. 1950.

BALDINI, L; MARIANI, B. O real é o nome que se dá ao inominável. In: INDURSKY, F; FERREIRA, M.C.L.; MITTMANN, S. (Org.). *O acontecimento do discurso no Brasil*. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2013. p. 103-114.

DUNKER, C. *Mal-estar, sofrimento e sintoma*. São Paulo: Boitempo, 2015.

ERNST, A. G. A falta, o excesso e o estranhamento na constituição/interpretação do *corpus* discursivo. In: SEMINÁRIO DE ESTUDOS EM ANÁLISE DO DISCURSO, 4., 2009, Porto Alegre, RS. *Anais do IV SEAD - Seminário de Estudos em Análise do Discurso*. Porto Alegre: UFRGS, 2009. Disponível em: <<http://anaisdosead.com.br/4SEAD/SIMPOSIOS/AracyErnstPereira.pdf>>. Acesso em: 30 set. 2016.

GUIMARÃES, E. *Semântica do acontecimento: um estudo enunciativo da designação*. Campinas: Pontes, 2002.

KASHIURA Jr, C. N. Sujeito de direito e interpelação ideológica: considerações sobre ideologia jurídica a partir de Pachukanis e Althusser. *Direito & Práxis*, Rio de Janeiro, v. 06, n. 10, p. 49-70, 2015. Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistaceaju/article/view/12742>>. Acesso em: 27 abr. 2016.

ORLANDI, E. *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. 2. ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1993.

_____. *Terra à vista: discurso do confronto: velho e novo mundo*. 2. ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2008.

PÊCHEUX, M. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. 2.ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1995.

_____. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. 3.ed. Campinas, SP: Pontes, 2002.

PRADA, Raúl. La Guerra por la Madre Tierra: Historia de la lucha del Pacto de la Unidad en Defensa de la Madre tierra. *Rebelión*. Espanha, p. 1-3. 10 dez. 2010. Disponível em: <<http://www.rebelion.org/noticia.php?id=118335>>. Acesso em: 8 dez. 2016.

SANTOS, B. de S. *Refundación de Estado en América Latina*. Perspectivas desde una epistemología del Sur. Lima: Universidad Mayor de San Simón, Centro de Estudios Superiores Universitarios; Plural editores, 2010.

SCHAVELZON, S. *Plurinacionalidad y vivir bien/buen vivir*. Dos conceptos leídos desde Bolivia Y Ecuador post-constituyentes. Quito: Ediciones Abya-Yala, 2015.

VIVEIROS DE CASTRO, E. *Involuntários da pátria*. Aula pública. Ato Abril Indígena. 6 p. 20/04/2016. Cinelândia, Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://provocadisparates.blogspot.com.br/2016/04/os-involuntarios-da-patria-eduardo.html>>. Acesso em: 26 abr. 2016.

_____. *Inconstância da alma selvagem - e outros ensaios de antropologia*. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

WERMUS, D. *Madre Tierra. Por el renacimiento indígena*. Quito: Ediciones Abya-yala, 2002.

ZOPPI-FONTANA, M. Identidades (in)formais: contradição, processos de designação e subjetivação na diferença. *Organon*, Porto Alegre, v. 17, n. 35, p.245-282, 2003. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/organon/article/view/30027>>. Acesso em: 08 dez. 2016.

Recebido em 23/10/2016. Aceito em 12/12/2016.

O QUE ESTRANHA O OLHAR DO ANALISTA DE DISCURSO? UM EXERCÍCIO DE RECONHECIMENTO DO FATO DISCURSIVO

¿QUÉ EXTRAÑA A LA MIRADA DEL ANALISTA DEL DISCURSO?
UN EJERCICIO DE RECONOCIMIENTO DEL HECHO DISCURSIVO

WHAT DOES THE DISCOURSE ANALYST'S LOOK FINDS IT STRANGE?
AN EXERCISE OF RECOGNIZING THE DISCURSIVE FACT

Diego Vieira Braga*

Universidade Católica de Pelotas

RESUMO: O artigo discute a prática do analista de discurso que trabalha na perspectiva de Michel Pêcheux, especialmente a abordagem do objeto de estudo. Inicialmente, focalizamos a natureza teórica do olhar do analista, com ênfase em princípios que orientam e conferem especificidade ao fazer analítico. Em seguida, discutimos o que entendemos por fatos discursivos e como as noções de falta, excesso e estranhamento propostas por Ernst (2009) auxiliam o analista a reconhecê-los. Sugerimos que essas noções são úteis para além da necessidade operacional de definição do *corpus* discursivo. Especificamente, a noção de estranhamento parece produtiva para que o pesquisador satisfaça requisitos teóricos da perspectiva pêcheuxtiana. Finalmente, realizamos um exercício de análise para explorar o valor heurístico das considerações precedentes.

PALAVRAS-CHAVE: Análise de discurso. Fato discursivo. Estranhamento.

RESUMEN: El artículo discute la práctica del analista del discurso que trabaja en la perspectiva de Michel Pêcheux, especialmente el abordaje del objeto de estudio. Primeramente, focalizamos la naturaleza teórica de la mirada del analista, con énfasis en principios que guían y atribuyen especificidad al hacer analítico. A continuación, discutimos qué entendemos por hechos discursivos y cómo las nociones de falta, exceso y extrañamiento propuestas por Ernst (2009) colaboran para que el analista los reconozca. Sugerimos que estas nociones son valiosas más allá de la necesidad operacional de definición del *corpus* discursivo. Especificamente, la noción de extrañamiento parece productiva para que el investigador satisfaga requisitos teóricos de la

* Mestre em Letras pela Universidade Católica de Pelotas (UCPel) e doutorando em Letras pela mesma instituição, com bolsa PROSUP/CAPES. Integrante do Laboratório de Estudos em Análise de Discurso, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Letras da UCPel. E-mail: diegho.braga@gmail.com.

perspectiva de Pêcheux. Finalmente, realizamos un ejercicio de análisis para explorar el valor heurístico de las consideraciones precedentes.

PALABRAS CLAVE: Análisis del discurso. Hecho discursivo. Extrañamiento.

ABSTRACT: The article discusses the practice of the discourse analyst who works on Michel Pêcheux's perspective, especially the approach of the object being studied. Initially, we focus on the theoretical nature of the analyst's look. The emphasis is on the principles that guide and give specificity to the analytical work. Next, we discuss what we understand about discursive facts and how the notions of lack, excess and strangeness proposed by Ernst (2009) help the analyst to recognize those facts. We suggest that the notions are useful besides the operational necessity to define the discursive *corpus*. Specifically, the notion of strangeness seems productive for the researcher to satisfy theoretical requirements of Pêcheux's perspective. Finally, we realize an exercise of analysis to explore the heuristic value of precedent considerations.

KEYWORDS: Discourse analysis. Discursive fact. Strangeness.

1 INTRODUÇÃO

A interrogação no título deste texto¹ não quer mesmo compromisso com apenas uma direção de sentidos. Nada mais apropriado. De uma questão, fazemos logo duas. A primeira, exploratória, indaga sobre o diferente, o inesperado, em certa perspectiva também o ausente e o demasiado; em uma palavra, o representativo, aquilo capaz de capturar a atenção do pesquisador que pratica a Análise de Discurso, na tradição de Michel Pêcheux, durante a abordagem do *corpus* empírico para o recorte² do *corpus* discursivo. A segunda, provocativa, alude a possíveis dúvidas sobre esse processo e seus resultados, a comentários como “o que há para estranhar?”, “o que há de estranho nisso?”, “o que isso tem de especial?”.

Consideramos essa segunda direção uma espécie de ônus resultante, talvez, das (im)pertinentes observações do analista diante de sentidos que, concebidos como verdades postas e indiscutíveis, conformam muitas relações em sociedade. Mas, afinal, em que podem consistir essas observações? E, antes disso, o que faz com que esse observador demonstre “[...] uma sensibilidade especial para olhar a linguagem e nela perceber o social” (ERNST; MUTTI, 2011, p. 818)? A presente reflexão não fará mais do que tecer algumas considerações a propósito dessas perguntas e também para aquela do título, em suas possíveis leituras.

Inicialmente, o foco será a natureza teórica dessa forma de olhar. Comentaremos alguns princípios que, em nosso entendimento, orientam e conferem especificidade ao fazer analítico desde seu início. Em seguida, apresentaremos o que se compreende, aqui, por fatos discursivos; discutiremos, então, como as noções de falta, excesso e estranhamento propostas por Ernst (2009) podem auxiliar o analista a reconhecê-los.

Nossa tentativa de contribuição consistirá em sugerir que a noção de estranhamento, particularmente, mostra-se valiosa para além de uma necessidade aparentemente operacional como a de definir o *corpus* discursivo da pesquisa. Ela parece produtiva para que o pesquisador satisfaça um compromisso teórico implicado nessa definição, qual seja, abordar o material empírico enquanto materialidade significante, problematizando, portanto, maneiras de ler. Finalmente, realizaremos um exercício de análise para explorar o valor heurístico de tais considerações.

¹ Quando já estabelecidas as linhas gerais de nosso argumento e estruturada a escrita do presente artigo em torno da pergunta-título, deparamo-nos com textos de Maingueneau (2015) e Possenti (2015) que também recorrem a uma interrogação para intitular reflexões sobre o que se produz e o que se pratica em análise de discurso. Não poderíamos deixar de registrar a convergência estilística e, em certa medida, temática, ressaltando que os referidos autores têm preocupação panorâmica com o que é pesquisado (e como se pesquisa) na área; cada qual a seu modo, mapeiam e discutem, sumariamente, diferentes perspectivas (considerando concepções, vínculos teóricos, procedimentos, interesses, finalidades), oferecendo um levantamento crítico de abordagens, seus pontos de aproximação e de impasse, suas contribuições e problemas. De nossa parte, trabalhamos a partir de uma perspectiva específica (relacionada fundamentalmente ao referencial de um autor, Michel Pêcheux), tendo preocupação estrita, relacionada ao trabalho do analista que conduz suas investigações a partir dessa perspectiva.

² Recortar, na perspectiva de Orlandi (1983, p. 14), é uma operação de estabelecimento de unidades discursivas. Estas são compreendidas como “[...] fragmentos correlacionados de linguagem-e-situação. Assim, um recorte é um fragmento da situação discursiva”. A autora salienta ainda que a ideia de recorte não deve remeter à de informação, mas à de polissemia. Logo, o que se recorta e vem se constituir como *corpus* discursivo não tem uma finalidade comprobatória em termos de conteúdo informacional e sim de inscrição em redes de sentidos.

2 PREVENIR, MUNIR, PERTURBAR, PROVOCAR O OLHAR

O percurso intelectual de Michel Pêcheux resultou em marcos fundamentais à constituição de uma nova disciplina para os estudos da linguagem na França da segunda metade do século XX, a Análise de Discurso (doravante AD). Nessa trajetória, estabelecida em companhia de linguistas, historiadores, psicanalistas, entre outros, notamos o cuidado do autor em levantar não somente questões teóricas, já em si paradigmáticas, dado o distanciamento crítico do que então vigorava em termos de reflexões sobre língua e sentido. Pêcheux procurou também abrir vias de investigação para que esses questionamentos, mais do que validados, produzissem consequências efetivas no âmbito dos estudos linguísticos.

Na obra que talvez melhor condense essa preocupação, Pêcheux (1995) demonstra que uma problemática filosófica quanto ao sentido é intrínseca ao domínio linguístico. Paralelamente, reconhece a dificuldade de se perceber tal relação, índice da presença do não-sistêmico (o político, o ideológico) em tensão com o sistêmico, diante de concepções semânticas que se bastam pelo aceno à Lógica ou à Retórica, denegando as contradições históricas que atravessam a Linguística. A alternativa que apresenta é colocar em causa, por meio de uma perspectiva materialista, a transparência referencial do dizer e a própria coincidência subjetiva daquele que enuncia consigo mesmo, isto é, o sentido e o sujeito “evidentes” aí pressupostos. Ao mesmo tempo, quer oferecer meios teórico-analíticos de desfazer essas evidências, consideradas por ele “[...] de tal modo tenazes que são invisíveis ‘a olho nu’ - queremos dizer a olho não-prevenido, não-munido” (PÊCHEUX, 1995, p. 242).

Na citação, o autor se refere ao olhar do linguista e a certa ingenuidade que caracterizaria a compreensão deste diante dos impasses colocados pela questão semântica à autonomia da ciência linguística. No entanto, a advertência pêcheuxtiana não vale apenas para especialistas. Todos somos sujeitos de linguagem, interpelados ideologicamente, atravessados pelo inconsciente, significando práticas e dizeres em determinadas condições materiais pela identificação com saberes constituídos historicamente. As evidências são parte desse processo, e uma parte decisiva, pois o dissimulam, garantindo que se realize, seja quando das permanências ou das movências³ de sentidos. Esquecê-las, ou melhor, esquecer o processo envolvido em sua formação, afirma Pêcheux (1995), é requisito para que o sujeito possa dizer “sou eu”, “é isso”.

Retomando a citação anterior, diríamos, então, que a “invisibilidade” das evidências é inerente, mas não inabalável, intocável. Elas podem se tornar visíveis ao olhar-leitor provido de condições para reconhecê-las e problematizá-las, não para que o sujeito se liberte de supostas ilusões que o cegariam para uma verdade oculta, mas para torná-lo, por um lado, sensível às determinações que lhe conferem a segurança imaginária de si ao tomar a palavra e, por outro, crítico de uma univocidade em relação ao que diz. Quem sabe até apreciando o fato de que o diferente sempre é possível e que há sentido mesmo quando esse diferente aparenta ser apenas uma casualidade interferindo na boa ordem da língua; a metáfora, Pêcheux (2011a, p. 160) chega a escrever, pode aparecer “[...] como uma *perturbação* que pode tomar a forma do lapso, do ato falho, do efeito poético, do Witz ou do enigma” (grifo do autor). Na problematização do analista, tanto o evidente quanto o que perturba o olhar têm razão de ser.

Contudo, convém salientar que levar às consequências o alerta de Pêcheux sobre o olhar prevenido, munido, não significa, em nosso modo de entender, que a AD reivindique uma primazia entre as disciplinas que se ocupam das práticas de leitura ou mesmo que um analista de discurso consiga ver o que outros sujeitos não veem, sejam eles estudiosos da linguagem ou não. Não nos parece ser o caso de polemizar sobre qual disciplina/teoria/vertente delibera melhor sobre a questão da interpretação ou, menos ainda, se há ou não formas de reflexão melhores que outras, noções ou procedimentos mais “potentes” que outros. O que nos interessa é salientar, como faz o próprio Pêcheux (2009, p. 21) refletindo a respeito da prática da leitura e escrita políticas, a crítica a que está exposto um fazer analítico que ofereça uma “prótese teórico-técnica”, vindo suprir o que se crê faltar, *a priori*, à leitura “natural” (do olhar-leitor não-prevenido e não-munido?).

Vale pensar na agudeza dessas palavras para aquele mesmo que as escreveu, visto que o projeto inicial pêcheuxtiano, um instrumento informatizado para análise textual, mostrou-se tributário, por meio de alguns de seus procedimentos, da concepção

³ Ainda que o sentido varie via contraidentificação ou desidentificação com a formação discursiva (PÊCHEUX, 1995), o sujeito não prescinde, no discurso, de elementos que se estabeleçam como referência e sustentação para a produção de efeitos de sentido, do que dizer e do que não dizer, considerados com valor de evidência.

posteriormente criticada. A respeito dessa postura inicial, Orlandi (2014, p. 31) comenta que a mesma “[...] vai se deslocar para uma posição em que não se pensa uma *prótese* de leitura, mas, diríamos, uma *provocação* à leitura” (grifos da autora). Provocar a leitura, provocando o olhar-leitor, vale então acrescentar; um movimento, diríamos, esperado do analista em reconhecimento e, ao mesmo tempo, em certo desafio à “[...] eficácia material do imaginário” (PÊCHEUX, 1995, p. 125) e ao funcionamento da identificação ideológica na produção de sentidos sobre o que é dito, interpretado, enfim, sabido, de maneira evidente.

Neste momento, cabe uma observação: aproximar as remissões a Pêcheux, ora sobre a necessidade de se prevenir e munir o olhar, ora sobre o risco de uma intervenção complementar para uma pretensa leitura plena, não parece um gesto contraditório dado a aparente incompatibilidade das ideias sustentadas em cada uma? Não se considerarmos que ao articulá-las estamos denunciando, com o autor, os extremos do trabalho de leitura⁴: em um polo, indiferença, impedir-se⁵ “de pensar no sentido sob a textualidade” (PÊCHEUX, 2009, p. 22); no outro, impaciência, empenhar-se em “descobrir o que se esconde sem cessar no que se diz” (PÊCHEUX, 2009, p. 23). Se o papel do analista de discurso não é ensinar a ler, no sentido de capacitar o olhar dos sujeitos para uma interpretação, enfim, “natural” — pois tal naturalidade é já uma evidência ideológica derivada do próprio processo que os torna sujeitos — tampouco pretende corrigir esse olhar, reparando a interpretação no que ela teria de insuficiente ou desviante de uma direção “espontânea”, o que o faria retornar, por outro caminho, ao circuito de evidências produzido pela interpelação ideológica.

Em uma passagem já clássica, Pêcheux (2011b) destaca, com desconcertante sensatez, o que compete à AD enquanto disciplina interpretativa. Escreve o autor:

A análise de discurso não pretende se instituir em especialista da interpretação, dominando ‘o’ sentido dos textos, mas somente construir procedimentos expondo o olhar-leitor a níveis opacos à ação estratégica de um sujeito (tais como a relação discursiva entre sintaxe e léxico no regime dos enunciados, com o efeito do interdiscurso induzido nesse regime, sob a forma do não-dito que aí emerge, como discurso outro, discurso de um outro ou discurso do Outro) (PÊCHEUX, 2011b, p. 291).

Assim, e para prosseguir com a metáfora do olhar, podemos escrever que a AD não perde de vista que um discurso é sempre atravessado por outros discursos encontrados nas sociedades e na história (PÊCHEUX, 1997), que lhe antecedem e constituem, sustentando “do exterior”, em formas teorizadas⁶ como as do pré-construído e do discurso-transverso, determinados efeitos de sentido. Compreendemos, aliás, que os referidos elementos teóricos, trabalhados por Pêcheux e os pesquisadores de seu grupo, consistem em exemplos contundentes de vias de investigação e, vale dizer, de demonstração da proficuidade dos questionamentos levantados em suas pesquisas sobre as relações entre o dito e o não-dito, entre o possível de dizer, porque já-dito, e o possível de dizer de outro jeito.

Portanto, na esteira desse legado, é desafio que se apresenta a qualquer analista de discurso, trabalhando na tradição pêcheuxtiana, compreender e explicitar como se dá o retorno/rearranjo do dizível interdiscursivo frente às incontáveis maneiras admitidas pela língua para sua atualização no instante da correspondente enunciação. A seguir, o foco será a compreensão dessas ocorrências caracterizadoras, para nós, de fatos discursivos.

⁴ Incluído aí o trabalho de leitura do analista, não apenas aquele configurado no dizer de que se ocupa. Para uma discussão da interpretação no nível do analista e no do próprio objeto de análise, ver Orlandi (2012, p. 169-171).

⁵ Pêcheux (2009) é enfático: tal impedimento resulta da posição de “se fazer de imbecil” daqueles assombrados pelo “fantasma da objetividade minuciosa”. O autor relembra um comentário alheio que ilustra tal posicionamento: “Análise do discurso? É esta disciplina que leva dez anos para estabelecer o que um leitor medianamente experiente compreende em dez minutos?” (PÊCHEUX, 2009, p. 22).

⁶ O pré-construído é um termo introduzido pelo linguista Paul Henry. Aqui, remetemos à reflexão de Pêcheux (1995), a partir da qual pode ser compreendido como índice de já-ditos, o que já produziu sentido “antes, em outro lugar, independentemente” (p. 162) e que vem constituir o discurso do sujeito na forma de um encaixe sintático de um saber, “como se esse elemento [de saber] já se encontrasse aí” (p. 99). Para o sujeito, esse saber corresponde a uma evidência sobre a realidade, ao que se sabe (o que se pensa saber) da realidade. Esse saber evidente pode assumir a forma de uma implicação, de uma “incidência ‘explicativa’” (p. 166), articulando pré-construídos para a sustentação do discurso. Esse funcionamento - correspondente, para o sujeito, a um “‘como todo mundo sabe’ [...] ‘como todo mundo pode ver’” (p. 171) - Pêcheux denomina discurso-transverso.

3 DO DADO AO FATO, JÁ UM MOVIMENTO DE ANÁLISE

Para começar a falar em fato discursivo é pertinente retomar Orlandi (2012a) no que delimita a respeito de concepções de dado e de fato perante uma perspectiva como a da AD. Se concebido convencionalmente como “elemento de verificação”, “objeto encontrado naturalmente na língua”, o dado, para o analista de discurso, “[...] não tem um valor operatório positivo, porque em análise de discurso não se trabalha com as evidências, mas com o processo de produção das evidências” (ORLANDI, 2012a, p. 43-44). Conforme visto, o evidente, o que aparenta transparecer, sustenta-se, paradoxalmente, em toda uma opacidade, para usar um termo caro à AD, como bem atesta a citação anterior de Pêcheux. Dizemos “opaco”, nessa perspectiva, para remeter à linguagem em sua materialidade, “[...] sua espessura linguística-histórica, sua discursividade” (ORLANDI, 2006, p. 26), aspecto que, epistemologicamente, sugere a relativização dos sentidos e da própria língua enquanto objeto autônomo. Tal compreensão evita, por exemplo, que um texto (verbal ou não-verbal) seja considerado reflexo e fonte de acesso imediato à relação pensamento, linguagem e mundo.

Além disso, explica a autora, um deslocamento assim na maneira de considerar a noção de dado permite ao analista de discurso “[...] trabalhar o processo de produção de linguagem e não apenas seus produtos” (2012a, p. 36). É o que torna possível uma observação diferenciada, não isolada, da estrutura linguística, em vista da historicidade que nela se inscreve para a produção de efeitos de sentidos. Para o analista consta, por conseguinte, que “[...] observar os fatos de linguagem vem a ser considerá-los em sua historicidade, enquanto eles representam um lugar de entrada na memória da linguagem, sua sistematicidade, seu modo de funcionamento” (ORLANDI, 2012a, p. 58). Mais do que uma distinção terminológica, para essa autora falar em fato e não em dado é realçar aquilo que “se produz como um objeto da ordem do discurso (linguístico-histórico)” (p. 58). Se há dados com que o analista trabalhe, pontua ainda a autora, estes são em si os discursos. E como bem consagraram os escritos da AD, o discurso se manifesta na língua, ela é sua materialidade (por excelência, podemos dizer), assim como ele é a materialidade da ideologia.

O que se torna problemático é que tal manifestação não se dá a ver objetivamente senão por meio de um gesto teórico do analista. Isso significa que os fatos de discurso implicam, inevitavelmente, uma construção, por consistirem, conforme explicado, em fatos de linguagem considerados em sua historicidade e essa relação, do linguístico com o histórico, não ser transparente. Lembremos: o fato se produz, conforme frisa Orlandi (2012a), e o analista constrói procedimentos, conforme orienta Pêcheux (2011b), de modo a expor o olhar-leitor à opacidade que se faz presente, a despeito de qualquer intencionalidade. Expor o olhar-leitor àqueles níveis não-transparentes a esse olhar nos quais se abrigam as marcas da historicidade, os traços do funcionamento da ideologia e do inconsciente na constituição de sujeitos e sentidos. Concerne, pois, a uma construção que exponha o olhar-leitor ao fato de linguagem enquanto objeto produzido “[...] nesse lugar particular em que se encontram a ordem da língua e a ordem da história” (ORLANDI, 2012a, p. 58). Ocorre que ser resultado de uma construção não quer dizer que o fato discursivo é criado, inventado, e sim que ele se dá a ver mediante certo enfoque, um olhar produzido a partir desse outro lugar.

Se, por um lado, demanda-se tal ajuste de foco justamente para que essa forma de olhar, a do analista, consiga dar a devida atenção tanto à tenacidade das evidências quanto aos níveis opacificantes de sentido conforme os alertas recobrados de Pêcheux, por outro, consideramos que o alcance desse olhar pode variar. Especificidades de formulação e circulação da materialidade significante investigada, objetivos definidos pelo pesquisador, relações possíveis com o que já foi produzido de conhecimento sobre o tema são alguns elementos que, conforme acreditamos, condicionam até onde o olhar do analista deve chegar em termos de exaustividade vertical⁷ (ORLANDI, 1989) de análise. Nosso interesse, aqui, limita-se aos movimentos analíticos preliminares, aqueles primeiros olhares e passos do analista durante a “varredura” do material empírico reunido em busca de fatos em potencial que, ao serem “testados”, “desafiados”, “estranhados” em relação à exterioridade constitutiva, emergirão para formar a versão discursiva do *corpus*, a ser analisado em profundidade.

⁷ O analista visa à exaustividade vertical, aquela que “[...] leva a conseqüências teóricas relevantes e não trata os dados [discursos] como meras ilustrações” (ORLANDI, 1989, p. 32). É dita vertical, em profundidade, em oposição a uma exaustividade horizontal, referente a uma análise que visa à extensão, ao trabalho com o maior número de marcas linguísticas e dados, como se tal abordagem conduzisse, *ipso facto*, a uma melhor compreensão do processo discursivo, o que não é o caso, conforme compreende Orlandi.

Conforme explicam Ernst e Mutti (2011, p. 819), a consideração determinante é que “o tipo de análise que condiz com a análise de discurso mostre a relação entre as marcas linguísticas, indicadas no intradiscurso pelo analista, e os sentidos interdiscursivos que são imateriais, da ordem da memória”. Torna-se fundamental, portanto, desde uma abordagem inicial, gestos condizentes com o encaminhamento da discussão nesse outro nível, nessa outra ordem em que o linguístico e o histórico se tramam para a produção dos sentidos. Encaminhar é, para nós, fazer trabalhar teoricamente vestígios, possíveis pontos de irrupção do exterior constitutivo na linearidade do dizer por meio do deslocamento na maneira de olhar o objeto simbólico, permitindo que os fatos discursivos se deem a ver enquanto tais. Julgamos ser um movimento notadamente retroativo, deflagrando o que Pêcheux e Fuchs (2010) denominaram de *superficialização*⁸ e o que, nos termos de Orlandi (2012a), pode ser concebido como a passagem das formas abstrata e empírica para considerar a forma material⁹.

Cabe assinalar que, assim como se pode afirmar que nem todos os elementos disponibilizados pela teoria precisarão ser mobilizados pelo pesquisador para que a análise se efetive, também é possível dizer que nem todos os elementos do *corpus* empírico constituirão fatos discursivos sobre os quais seu trabalho de interpretação então se concentrará. O importante é que o olhar do analista consiga reconhecer fatos consequentes à discussão que propõe. E, embora isso ocorra por meio do trabalho de um olhar-leitor também sujeito à incompletude, logo, jamais definitivo, pressupõe-se que aquele que o pratica esteja sempre atento, mostre-se cuidadoso, porque devidamente sensível à presença, ainda que sutil, da ideologia funcionando na e pela língua para a constituição de sujeitos e sentidos.

Longe de ser pensada como algo intuitivo, acreditamos que tal sensibilidade, já evocada no início de nossa reflexão por meio da retomada de Ernst e Mutti (2011), está, de fato, sempre em desenvolvimento e não nos parece excluir a possibilidade de sistematizações, desde que viabilizem seu exercício sem, em contrapartida, limitá-la. Consideramos um exemplo de tentativa bem-sucedida de sistematização teórica aquela proposta por Ernst (2009) na forma das noções de falta, excesso e estranhamento, as quais discutiremos a seguir.

4 O QUE FALTA, O QUE EXCEDE E O QUE... ESTRANHA

Seja para o pesquisador que realiza suas primeiras incursões na área de AD¹⁰, seja para aquele que nela já se aventura há algum tempo, revela-se uma constante a preocupação com decisões relacionadas à abordagem do objeto de estudo, o discurso, e suas materializações. Por tudo exposto até o momento e pensando, particularmente, nos esforços do analista para realizar uma discussão, ao mesmo tempo, coerente com os propósitos da teoria e atenta às especificidades de cada prática de análise, é compreensível que não pareça apropriado falar em uma “técnica” de análise, sob o risco de se supor uma intercambialidade entre procedimentos construídos, à revelia de questões matizadas na pesquisa em função, por exemplo, das condições de produção do discurso e das formas de sua textualização.

Contudo, dado o trabalho exploratório com que todo analista se vê envolvido, especialmente nas primeiras vezes em que se lança ao encontro de fatos discursivos em potencial (e de encontro às evidências tenazes) presentes no material empírico reunido, pode-se dispor de referências gerais para que esses dados comecem a ser interrogados no sentido do encaminhamento necessário à discussão no âmbito discursivo. O estudo de Ernst (2009) configura produtivas indicações a respeito, realizadas a partir da observação de regularidades em procedimentos analíticos adotados por estudiosos da AD ou próximos a essa área. Trata-se de proposta de sistematização, teórica, não exaustiva, por meio de três noções-chave que se apresentam como instigantes “pontos de partida”: a falta, o excesso e o estranhamento.

⁸ Para Pêcheux e Fuchs (2010, p. 177), processo que consiste na “[...] transformação da superfície linguística de um discurso concreto, em um objeto teórico” com o objetivo de “[...] anular a ilusão de realidade que se produz na falsa correspondência entre palavras e pensamentos em relação ao mundo exterior”.

⁹ Conforme se pode compreender a partir da distinção de Orlandi (2012a), a forma abstrata corresponde à forma linguística vista em si mesma. Já a forma empírica corresponde à forma linguística no efeito da evidência do dizer, relacionado ao trabalho da ideologia e do imaginário. A forma material considera o linguístico e o histórico integradamente, a materialidade em “sua opacidade e seus equívocos” (ORLANDI, 2012a, p. 31).

¹⁰ Constituinte-se enquanto sujeito-pesquisador em formação, conforme teorizam Ernst e Mutti (2011).

Um diferencial dessa reflexão, segundo nos parece, é a preocupação demonstrada pela autora com a consistência da análise desde os primeiros movimentos operacionais requeridos do pesquisador para a delimitação do *corpus* discursivo. Há, conforme explica, um “processo de afinamento ou regulagem metodológica” (ERNST, 2009, p. 2), de suma importância tendo em vista que

[...] o que vai determinar o sucesso da análise é a compatibilidade entre a mobilização dos princípios teóricos definidos para o entendimento do objeto de estudo, intrinsecamente ligados à subjetividade e à historicidade, e o reconhecimento de aspectos linguístico-enunciativos constituintes do corpus em estudo a elas relacionados. (ERNST, 2009, p. 2)

As noções podem ser pensadas como subsídios, fornecendo possíveis “entradas” para o olhar do analista, seja na dimensão do intradiscurso (materialidade discursiva), seja na do interdiscurso (memória discursiva), como bem destaca a autora (ERNST, 2009, p. 4). Ernst lembra ainda que a leitura do analista se caracteriza por um processo de desautomatização e que atentar para o que é dito demais (excesso), o que é dito de menos (falta) e o que parece não caber ser dito (estranhamento) num dado discurso, “[...] constitui-se numa via possível, mesmo que preliminar e genérica, de identificação de elementos a partir dos quais poderão se desenvolver os procedimentos de análise do corpus” (ERNST, 2009, p. 5). Embora possam remeter a uma ideia de categorização (a própria autora é que ressalva), as noções não instituem uma formalização estrita nem pretendem prescrever o gesto do analista, menos ainda imobilizá-lo. Diríamos que funcionam como impulsos, desencadeando o batimento entre descrição e interpretação apontado por Pêcheux (1997) e que caracteriza o fazer analítico em AD.

Conforme especificado pela autora, a falta pode consistir

1) na omissão de palavras, expressões e/ou orações, consentida inclusive pela gramática, que podem (ou não) ser resgatadas pelo sujeito-interlocutor; 2) na omissão de elementos interdiscursivos que são esperados, mas não ocorrem e podem (ou não) ser percebidos pelo sujeito-interlocutor. No primeiro caso, ela se constitui num lugar em que são criadas zonas de obscuridade e incompletude na cadeia significante com fins ideológicos determinados; no segundo, cria um vazio que visa, na maioria das vezes, encobrir pressupostos ideológicos ameaçadores. (ERNST, 2009, p. 4)

Já o excesso é um expediente caracterizado, por exemplo

1) no uso de incisivas, considerado na gramática como um acréscimo contingente (cf. Haroche, 1992), de intensificadores ou na repetição de palavras ou expressões e orações. Tais usos, na perspectiva aqui adotada, constituem-se em “acrécimo necessário” ao sujeito que visa garantir a estabilização de determinados efeitos de sentido em vista da iminência (e perigo) de outros a esses se sobreporem; 2) na reiteração incessante de determinados saberes interdiscursivos que tomam formas diferentes no intradiscurso, mas mantêm os mesmos pressupostos ideológicos com vistas ao estabelecimento. Em suma, trata-se, nos dois casos, de buscar estabelecer provavelmente a relevância de saberes de uma determinada formação discursiva através da repetição (ERNST, 2009, p. 4).

Por fim, o estranhamento pode se apresentar na forma de

[...] conflito entre formações discursivas e consiste na apresentação de elementos intradiscurso – palavras, expressões e/ou orações – e interdiscursivos, da ordem do ex-cêntrico, isto é, daquilo que se situa fora do que está sendo dito, mas que incide na cadeia significante, marcando uma desordem no enunciado. Aqui se dá o efeito de pré-construído através do qual ‘um elemento irrompe no enunciado como se tivesse sido pensado antes, em outro lugar, independentemente’, rompendo (ou não) a estrutura linear do enunciado. Possui como características a imprevisibilidade, a inadequação e o distanciamento daquilo que é esperado (ERNST, 2009, p. 5).

As marcas, inclusive a ausência delas, elencadas pela autora como correspondentes à falta, ao excesso ou ao estranhamento possuem, segundo a mesma, suas respectivas interpretações gramaticais convencionais, algumas sendo explicadas como

modalizações pertencentes aos domínios da estilística. Mas, observadas discursivamente, como é o caso no estudo de Ernst, consistem, conforme acreditamos, em índices da falha constitutiva do discurso, aquela contradição que não deriva da intencionalidade ou de um acaso - lembremos dos níveis opacos à ação estratégica do sujeito, conforme apontou Pêcheux em citação anterior -, mas dos processos de determinação histórica dos sentidos, de divisão e heterogeneidade das formações discursivas e de identificação/subjetivação dos indivíduos.

São pontos em que a evidência persevera e, ao mesmo tempo, vacila; índices, portanto, de fatos de linguagem que demandam ser considerados em sua historicidade, o que torna a sistematização de Ernst em torno do faltar, do exceder e do estranhar um valioso artifício de reconhecimento e interrogação preliminar de fatos discursivos. Para além do auxílio em uma necessidade aparentemente operacional como a de definir o *corpus* discursivo da pesquisa, julgamos que as noções ernstianas, particularmente a de estranhamento, mostram-se produtivas para que o pesquisador satisfaça o que a reflexão em AD parece requerer a respeito do tratamento teórico dispensado aos rituais ideológicos do/no dizer e à falha que aí irrompe e que acaba por denunciá-los e, às vezes, interrompê-los, ao menos por um instante.

Em termos teóricos, a abordagem inicial impõe fazer trabalhar o material empírico enquanto materialidade significativa, o que, por sua vez, implica um compromisso: problematizar maneiras de ler. Conforme afirma Pêcheux (2011b, p. 294), é questão crucial para o analista “construir interpretações sem jamais neutralizá-las nem no ‘não-importa-o-que’ de um discurso sobre o discurso, nem em um espaço lógico estabilizado com pretensão universal”. Desse modo, o olhar do analista se volta para a opacidade, para o que está posto, mas de forma indistinta, diluído na aparente homogeneidade e estabilidade de um conteúdo ao qual bastaria uma leitura literal, como se não fosse necessário pensar politicamente a questão da interpretação ou mesmo como se não houvesse algo a pensar nesse sentido (recordemos as dúvidas levantadas no início em torno de comentários como “o que há para estranhar?”).

Pensar politicamente a questão da interpretação a partir da teoria é reconhecer que a produção de diferentes efeitos de sentido é sempre dirigida, isto é, por ocorrer sob certas condições sociais e históricas, acaba materialmente determinada. A AD fundamenta a possibilidade de se promover essa problematização e as noções aqui destacadas parecem contribuir para que o analista esboce uma primeira formalização dela em seu estudo. Pensando no estranhamento como princípio geral do olhar comprometido com essa problematização, podemos escrever que aquilo que é dito demais, estranha; aquilo que é dito de menos, estranha; e aquilo que não parece caber ser dito, estranha duplamente. Estranha-se, portanto, momentos de incidência/agitação de saberes ideológicos e suas implicações para o trabalho de leitura, como a tomada de uma e não outra direção interpretativa, por exemplo. A seguir, tentaremos materializar essas considerações em uma breve prática de análise.

5 O OLHAR DO ANALISTA EM EXERCÍCIO

Apresentamos recorte de estudo feito a partir da visibilidade adquirida pelo Exame Nacional do Ensino Médio em tempos de mídias sociais. Consideramos o interesse atual em elementos e situações que, em nosso entendimento, “orbitam” a realização da prova, estão implicados nela, efetivam-se em decorrência dela, e que, ao serem explorados midiaticamente, conferem ao ENEM uma faceta de espetacularidade. Especificamente, investigamos o discurso sobre os “atrasados do ENEM”, como ficaram conhecidos nas mídias candidatos que chegaram aos locais de prova ou muito próximo ou mesmo depois do horário limite estabelecido pelos organizadores. Caso que julgamos exemplar desse outro apelo em torno do exame, quando o foco se volta para o entretenimento, naquilo que a situação de atraso apresentaria de trágico e, especialmente, de cômico.

Esse interesse particular gerado pela situação se reflete, por exemplo, na já tradicional aglomeração de jornalistas e curiosos em frente às entradas de locais de prova, em busca do registro imediato e mais impactante da ocorrência do atraso e das reações suscitadas nos candidatos, desde perplexidade e tristeza até indignação e desespero. Para quem observa (consome?) tais imagens, pela TV, mídias digitais ou mesmo *in loco*, a situação costuma ser motivo de divertimento, gozação e crítica depreciativa. Não basta, então, relatar o atraso; é preciso registrá-lo e reproduzi-lo em imagens e, então, editá-las, compartilhá-las, consumi-las, vale dizer, “digeri-las”, interpretá-las. Entre as principais plataformas para divulgar, repercutir e comentar o atraso dos candidatos estão sites de rede social como Twitter⁶ e Facebook⁶.

No estudo, optamos pelo trabalho com comentários de postagens disponíveis em uma página do Facebook* intitulada “Atrasados do ENEM”. O objetivo foi desenvolver uma análise¹¹ discursiva sobre maneiras pelas quais usuários que curtem a página se subjetivam em relação a usos do tempo cronológico ao comentarem postagens (fotomontagens, vídeos, charges etc.) sobre ocorrências de atraso para o exame. De modo preliminar, nosso propósito foi rastrear vestígios de inscrições em redes de sentidos e funcionamento de saberes sobre formas de se lidar com horários, prazos, compromissos, considerando possíveis conexões da interpretação do atraso de candidatos com a própria maneira como, no discurso, o sujeito que comenta se significa em relação a situações semelhantes e de gestão do tempo, em geral.

O fato discursivo que gostaríamos de destacar, por meio do qual pensamos exemplificar a reflexão sobre o olhar do analista, produz-se a partir do seguinte comentário¹²:

Amigos, é claro que *como cristã e brasileira* concordo que deveria-se tolerar alguns minutos. Porém, o ENEM não é somente uma prova mas sim uma competição. Vendo que, o ponto no título da redação decidirá o futuro de muita gente, naturalmente que a tolerância acaba [grifos nossos].

O que estranha nosso olhar neste comentário, integrando-o ao *corpus* discursivo, é a presença de elementos que, interrogados à luz das noções ernstianas, permite-nos reconhecer a ocorrência de um fato consequente à discussão proposta. Como explicado, buscávamos estudar modos de o sujeito que comenta constituir discursivamente uma identidade¹³ em relação à administração do tempo cronológico, sendo que pressupúnhamos que tal processo sofria efeitos da identificação com saberes histórico-ideológicos durante o trabalho de interpretação da prática concreta do atraso. Com base na sistematização de Ernst (2009), é dado o devido encaminhamento discursivo a esse dizer ao se considerar o excesso e o estranhamento.

Compreendemos que o excesso se manifesta pelo acréscimo enunciativo na forma da construção apositiva “como cristã e brasileira”. Do ponto de vista sintático, sua presença, embora não marcada entre vírgulas, indica uma explicação circunstancial acerca de um sujeito em modalidade pronominal (“eu”), elíptico, mas assinalável via desinência (“concordo”). Se circunscrevêssemos a análise semântica a um âmbito estritamente linguístico, a relação estabelecida por essa construção com os demais termos poderia ser considerada acessória para a produção de um sentido de concordância do enunciador com a consideração de alguns minutos de tolerância para aqueles candidatos que se atrasassem. Admitir-se-ia, inclusive, uma eventual supressão da construção apositiva, sem grandes prejuízos para tal interpretação.

Entretanto, deslocando o olhar para um âmbito discursivo para pensar o que ocorre no nível sintático, estranhamos o acréscimo em razão da conexão estabelecida com a oração anterior (“é claro”) e a posterior (“que concordo”): por que glosar a transigência com o atraso se esse efeito de sentido, de um lado, já surge marcado na linearidade do dizer como uma obviedade e, de outro, está condenado, enunciativamente, à contestação, dada a “virada” na direção argumentativa provocada pelo operador contrajuntivo (“Porém...”) ? Presumimos, então, com base no que está previsto na teorização de Ernst (2009), que essa circunstância, esse acréscimo, não é contingente, mas necessário, contribuindo decisivamente para a “estabilização de determinados efeitos de sentido” (ERNST, 2009, p. 4).

Pensando nas condições de produção e circulação do discurso, particularmente no aspecto de que a página “Atrasados do ENEM” consiste em um espaço que dá vazão, sobretudo, à reprodução de um discurso derrisório, não raro agressivo e condenatório, em torno do atraso, uma interpretação que alegue alguma tolerância diante dessa situação se mostraria, no mínimo, polêmica ou, se

¹¹ Dado que, ao longo do ano, são apresentadas também postagens em torno de outras etapas do processo iniciado com o exame (divulgação das notas, período de inscrições do Sistema de Seleção Unificada, etc.), as quais não envolvem, diretamente, discussões sobre o atraso como ocorrem a partir do período de realização do mesmo, optamos por tomar como corpus empírico apenas comentários de posts publicados entre os dias 23 e 30 de outubro de 2015. Esse período incluiu a véspera do primeiro dia de provas e alguns dias após o segundo, em que os administradores da página ainda publicavam material sobre casos de atraso registrados naquela edição.

¹² Transcrevemos o comentário na íntegra, conservando a grafia do autor. Retiramos apenas o nome que antecede o comentário, conforme é apresentado no site, a fim de anonimizar o autor.

¹³ Compreendemos identidade, em uma perspectiva como a da AD, tal como formulado por Zoppi-Fontana (2003, p. 263), ou seja, como “feixe instável de processos de identificação”, um efeito desses processos.

preferirmos, estranha. A modalização vista em “como cristã e brasileira” pode evitar que o sentido deslize para um efeito de “condescendência incondicional” para com o atraso, o que sugeriria que esse sujeito, em seu discurso, assume uma posição ideologicamente divergente, quiçá antagônica, em relação àquela tomada por outros sujeitos que aí comentam. Na verdade, a construção em análise condiciona — vale dizer, justifica — a concordância em se conceder minutos de tolerância aos atrasados a dois fatores: ser cristão e ser brasileiro. E, aqui, excesso e estranhamento também se combinam.

Falamos em modalização para frisar a importância de pôr em causa os níveis opacos a que se referia Pêcheux (2011b), aquilo que o sujeito, em sua ação estratégica de enunciador, ignora, não deliberadamente, mas inconscientemente. No rastro esquecido de um processo que o coloca em posição descentrada em relação ao discurso, ainda que assim não pareça, graças às (tenazes) evidências imaginárias, sustenta-se a formulação modal e seu encadeamento. A incidência interdiscursiva nesse dizer ocorre por meio de discursos-transversos que fazem soar o que, na memória discursiva, já se encontra naturalizado a propósito de “ser brasileiro” e “ser cristão”. A partir da articulação do que se sabe - na evidência do “como todo mundo sabe” (PÊCHEUX, 1995, p. 171) - antecipada e independentemente sobre ambos, não só é sustentada uma direção de sentidos (tolerância) como também é garantida a “coerência” intradiscursiva do enunciado e, ainda, definida (estabilizada) uma identidade para o sujeito enunciador, efeito do processo de identificação.

Elementos tomados como conhecimentos postos pela repetição em condições sócio-históricas diversas vêm preencher e estabilizar o que, sintagmaticamente, possui estatuto variável (“como ‘y’” ou “na qualidade de ‘y’”, “sendo ‘y’” ou, ainda, “devido a ser ‘y’”). Expressemos tal relação na seguinte forma: se “y”, então “z” (com “z” = há tolerância frente a situação de atraso). Na “relação discursiva entre sintaxe e léxico no regime dos enunciados” (PÊCHEUX, 2011b, p. 291), cristãos e brasileiros aparecem como referentes imaginários possíveis de ocupar o lugar de “y”. Mas, apesar de discursivamente equivalentes para dada interpretação sobre a relação com o tempo cronológico e situações como a do exame, envolvendo o cumprimento de horários e prazos, não são termos homólogos quanto à historicidade que neles se inscreve para a produção de tal gesto interpretativo.

Apontamos, então, mais um possível estranhamento no nível da dimensão interdiscursiva, além daquele já previsto por Ernst (2009) em relação à manifestação de pré-construídos. Entendemos que não é o caso de um “conflito entre formações discursivas” (ERNST, 2009, p. 5), pois, mesmo com a filiação a saberes de ordens distintas, uma religiosa e outra cultural, existe, como visto, certa correspondência quanto ao efeito de sentido produzido. O que estranha são os efeitos de memória que sustentam esse sentido, esses, sim, distintos, uma vez que os já-ditos retomados fazem considerar que não se tolera uma situação como o atraso da mesma maneira ou pelas mesmas razões (saberes) quando se é cristão e quando se é brasileiro.

No primeiro caso, estão associados historicamente sentidos de misericórdia, piedade; seria “próprio” do sujeito-cristão se compadecer, o que, em uma situação como o atraso, significaria conceder alguns minutos de tolerância. No segundo, a associação tende a ser com sentidos que podem ir da cordialidade ao “jeitinho”; o que seria característico do sujeito-brasileiro é a própria impontualidade assim como o costume de tratá-la com indulgência. Em um, deve-se tolerar o atraso por compaixão; em outro, por hábito. Em suma, diríamos que são historicidades estranhas entre si, mas convergentes na produção de um mesmo efeito de sentido. Cada uma a sua maneira, dão testemunho, na materialidade do discurso, de processos ideológicos que suportam gestos de interpretação e construção de identidades em relação a usos do tempo.

Sem medo de incorrerem em tautologia, julgamos que estranhamentos assim precisam ser estranhados. Ainda mais se considerarmos quantas outras “evidências” culturais e religiosas como essas estão, hoje, sustentando interpretações radicalizadas para situações da vida social tão controversas quanto o atraso. O significar cotidiano necessita, pois, de olhares que problematizem, que provoquem o que se insinua no dizer como se estivesse estado sempre lá.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na tentativa de conferir um efeito-fecho a esta reflexão, voltamos ao seu efeito-início, à ambígua questão “o que estranha o olhar do analista de discurso”? Pondo em suspenso a polissemia, talvez possamos dizer que o analista estranha exatamente certa

normalidade, certo estado de conformação em torno de alguns sentidos tidos como insuspeitos em sua espontaneidade. É para as formas dessa existência, na verdade, normalizada historicamente, que o analista olha.

Vimos que não é um olhar fortuito. Nem definitivo ou generalizante. É um modo de refletir e trabalhar com a linguagem que possui especificidades e que não prescinde de pontos de orientação e sustentação. As noções discutidas auxiliam o analista a exercê-lo, não pela prescrição do que fazer, mas pela consideração de possibilidades de abordagem, de maneira que, desde um momento inicial da análise, como a formação do *corpus* discursivo, o trabalho seja conduzido em consonância com princípios e compromissos previstos na teoria da AD -são, portanto, elementos para que o analista possa encetar seu percurso de leitura peculiar, provocador e, por isso mesmo, necessário.

REFERÊNCIAS

ERNST, A. G. A falta, o excesso e o estranhamento na constituição/interpretação do *corpus* discursivo. In: SEMINÁRIO DE ESTUDOS EM ANÁLISE DO DISCURSO, 4., 2009, Porto Alegre, RS. *Anais do IV SEAD - Seminário de Estudos em Análise do Discurso*. Porto Alegre: UFRGS, 2009. Disponível em: <<http://anaisdosead.com.br/4SEAD/SIMPOSIOS/AracyErnstPereira.pdf>>. Acesso em: 17 maio 2016.

_____; MUTTI, R. M. V. O analista de discurso em formação: apontamentos à prática analítica. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 36, n. 3, p. 817-833, set./dez. 2011. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/18486/14344>>. Acesso em: 25 maio 2016.

MAINGUENEAU, D. O que pesquisam os analistas do discurso? *Revista da ABRALIN*, Curitiba, v. 14, n. 2, p. 31-40, jul./dez. 2015. Disponível em: <<http://revistas.ufpr.br/abralin/article/view/42547/25810>>. Acesso em: 18 jun. 2016.

ORLANDI, E. P. *A linguagem e seu funcionamento*. As formas do discurso. São Paulo: Brasiliense, 1983.

_____. O saber discursivo e a sociedade. In: ORLANDI, E. P.; GUIMARÃES, E.; TARALLO, F. *Vozes e contrastes: discurso na cidade e no campo*. São Paulo: Cortez, 1989. p.26-48.

_____. Análise de discurso. In: ORLANDI, E. P.; LAGAZZI-RODRIGUES, S. (Org.). *Introdução às ciências da linguagem: discurso e textualidade*. Campinas, SP: Pontes, 2006. p. 11-31.

_____. *Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. 6. ed. Campinas, SP: Pontes, 2012a.

_____. *Discurso em análise: sujeito, sentido e ideologia*. 2. ed. Campinas, SP: Pontes, 2012b.

_____. *Ciência da linguagem e política: anotações ao pé das Letras*. Campinas, SP: Pontes, 2014.

PÊCHEUX, M. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Tradução de Eni P. Orlandi et al. 2. ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1995.

_____. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. Tradução de Eni P. Orlandi. 2. ed. Campinas, SP: Pontes, 1997.

_____. O estranho espelho da análise de discurso. Prefácio à COURTINE, Jean-Jacques. *Análise do discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos*. Tradução de Cristina de Campos Velho Birck et al. São Carlos, SP: EdUFSCar, 2009. p. 21-26.

_____. Metáfora e interdiscurso. Tradução de Eni P. Orlandi. In: _____. *Análise de discurso: Michel Pêcheux*. Textos selecionados por Eni P. Orlandi. 2. ed. Campinas, SP: Pontes, 2011a. p. 151-161.

PÊCHEUX, M. Sobre os contextos epistemológicos da Análise de Discurso. Tradução de Eni P. Orlandi. In: _____. *Análise de Discurso*: Michel Pêcheux. Textos selecionados por Eni P. Orlandi. 2. ed. Campinas, SP: Pontes, 2011b. p. 283-294.

PÊCHEUX, M.; FUCHS, C. A propósito da análise automática do discurso: atualizações e perspectivas. In: GADET, F.; HAK, T. (Org.). *Por uma análise automática do discurso*: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Tradução de Bethania S. Mariani et al. 4. ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2010. p. 159-249.

POSSENTI, S. O que os analistas de discurso pesquisam? *Revista da ABRALIN*, Curitiba, v. 14, n. 2, p. 41-49, jul./dez. 2015. Disponível em: <<http://revistas.ufpr.br/abralin/article/view/42548/25811>>. Acesso em: 18 jun. 2016.

ZOPPI-FONTANA, M. Identidades (in)formais: contradição, processos de designação e subjetivação na diferença. *Organon*, Porto Alegre, v. 17, n. 35, p. 245-282, jul./dez. 2003. Disponível em: <www.seer.ufrgs.br/organon/article/download/30027/18623>. Acesso em: 16 jul. 2016.

Recebido em 20/10/2016. Aceito em 17/11/2016.

GLADIADORES DO ALTAR? DISCUTINDO A NOÇÃO DE ESTRANHAMENTO NO DISCURSO RELIGIOSO DA IGREJA UNIVERSAL DO REINO DE DEUS

¿GLADIADORES DEL ALTAR? DISCUTIENDO LA NOCIÓN DE EXTRAÑAMIENTO EN EL
DISCURSO RELIGIOSO DE LA IGLESIA UNIVERSAL DEL REINO DE DIOS

ALTAR GLADIATORS? DISCUSSING THE STRANGENESS NOTION IN THE RELIGIOUS
DISCOURSE OF THE UNIVERSAL CHURCH OF THE KINGDOM OF GOD

Elisane Pinto da Silva Machado de Lima*

Instituto Federal Sul-rio-grandense

RESUMO: Na atualidade, não raro o termo “gladiador” tem sido empregado, em determinados discursos, como o religioso, o empresarial, o esportivo, dentre outros, o que corresponde a um elemento de saber que vem de outro lugar, decorrente de movimentos da história e, assim, dos sentidos. Neste artigo, analiso a ocorrência do termo “gladiador” no discurso religioso da Igreja Universal do Reino de Deus, ou ainda, o *estranhamento*, conforme Ernst (2009), causado pela presença desse termo na linearidade de um discurso ao qual, em princípio, não pertenceria. Para análise, tomo como *corpus* três sequências discursivas extraídas de uma reportagem, publicada no site da Igreja Universal de 08/03/2015, sobre o projeto “Gladiadores do Altar”, o qual consiste em preparar jovens para propagar a religião. No percurso teórico, volto-me principalmente para a noção de formação discursiva, desenvolvida por Pêcheux, focando na instabilidade de suas fronteiras, o que resulta na heterogeneidade discursiva.

PALAVRAS-CHAVE: Discurso. Estranhamento. Formação Discursiva.

RESUMEN: En la actualidad, no ha sido raro el empleo del término “gladiador”, en determinados discursos, como el religioso, el empresarial, el deportivo, entre otros, lo que corresponde a un elemento del saber que viene de otro sitio, originado de movimientos de la historia y, de este modo, de los sentidos. En este artículo, analizo, entonces, la ocurrencia del término “gladiador” en el discurso religioso de la “Iglesia Universal del Reino de Dios”, o aún, el extrañamiento, de acuerdo con Ernst (2009) causado por la presencia de este término en la linealidad de un discurso al cual, de pronto, no pertenecería. Para el análisis, tomo como corpus tres secuencias discursivas extraídas de un reportaje, publicado en la “Folha Universal” de 08/03/2015, acerca del proyecto “Gladiadores del Altar”, el cual consiste en preparar jóvenes para propagar la religión. En la trayectoria teórica, vuelvo la mirada principalmente para la noción de formación discursiva desarrollada por Pêcheux, focalizando en la inestabilidad de sus fronteras, lo que resulta en la heterogeneidad discursiva.

* Doutora em Letras pela Universidade Católica de Pelotas. Professora de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira no Instituto Federal Sul-rio-grandense. E-mail: elisane@pelotas.ifsul.edu.br.

PALABRAS-CLAVE: Discurso. Extrañamiento. Formación Discursiva.

ABSTRACT: Nowadays, not rarely has the term “gladiator” been applied in certain discourses, like the religious, the business, the sports, among other ones, which corresponds to a knowledge element coming from another place, as a consequence of history movements and, thus, of senses. In this article, I analyze the occurrence of the term “gladiator” in the religious discourse of the Universal Church of the Kingdom of God, or, better yet, the strangeness, according to Ernst (2009), caused by the presence of this term in the linearity of a discourse to which, at first, it would not belong. For the analysis, I take as *corpus* three discourse sequences extracted from a report, published on the Universal Church website of 08/03/2015, concerning the Project “Altar Gladiators”, which consists on preparing young people to propagate the religion. In the theoretical review, I mainly consider the notion of discourse formation, developed by Pêcheux, focusing on the instability of its borders, which results in the discourse heterogeneity.

KEYWORDS: Discourse. Strangeness. Discourse Formation.

1 INTRODUÇÃO

Em artigo intitulado *A falta, o excesso e o estranhamento na constituição/interpretação do corpus discursivo*, Ernst (2009) apresenta uma perspectiva ao trabalho do analista de construir o *corpus* discursivo, para que o gesto analítico faça o trajeto necessário, constante e coerente entre análise e teoria. Para isso, a autora propõe três conceitos-chave – a falta, o excesso, o estranhamento –, postulando que funcionam de forma operacional na medida em que auxiliam o analista a criar o gesto de interpretação frente ao *corpus*. Observa Ernst (2009, p. 1) que tais conceitos servem “[...] como princípios gerais e não como dispositivos técnicos, de caráter formalista e empírico. Ao contrário, tais conceitos podem e devem abrigar incontáveis modos do dizer e do não-dizer.”

Com base no estudo mencionado, trabalharei a noção de estranhamento no presente artigo, a partir da ocorrência do termo *gladiador* no discurso religioso da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD). A noção de estranhamento concerne ao que emerge numa formação discursiva como o alheio exterior que irrompe na linearidade trazendo consigo a incidência de saberes outros que ali passam a funcionar desestabilizando uma rede de memória e instaurando a presença de uma outra. Assim sendo, começarei abordando a questão da heterogeneidade discursiva conforme Pêcheux (1997a, 1997b). Antes de prosseguir, saliento que a heterogeneidade discursiva, problematizada por Pêcheux desde a segunda fase da Análise de Discurso, intensificou-se na terceira fase, momento importante de revisão teórica, ao dialogar com a teoria da Heterogeneidade Enunciativa, postulada por Authier-Revuz, a qual aborda a ocorrência de discursos “outros” no dizer do enunciador.

2 A INDETERMINAÇÃO DAS FRONTEIRAS DO DISCURSO

Quando nos propomos a falar em fronteiras do discurso, é preciso começar abordando o conceito de formação discursiva, pois é esta que demarca os domínios discursivos, embora suas fronteiras não garantam a condição de domínio fechado, livre da “invasão” do alheio exterior, ou seja, de saberes advindos de outras formações discursivas.

Nos primórdios da Análise de Discurso (AD), a formação discursiva (FD), quando começou a ser delineada, era vista como um espaço ideológico regulado, fechado e homogêneo. Compreendia um elemento das formações ideológicas, concernente às condições de produção, sobretudo como uma posição no interior da luta de classes (HAROCHE et al., 1971). O conceito de formação discursiva foi, no entanto, retomado por Pêcheux, primeiramente, em *Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*, sendo problematizado e concebido não mais como um espaço ideológico fechado e homogêneo, mas como um espaço heterogêneo, marcado pela multiplicidade de vozes que poderiam se complementar, dialogar, discordar e até mesmo se opor. Tudo isso pelo fato de as formações discursivas serem regionalizadas no interdiscurso, definido como o “[...] ‘todo complexo dominante’ das formações discursivas, intrincado no complexo das formações ideológicas” (PÊCHEUX, 1997a, p. 162). Em *Análise de Discurso: três épocas*, ao abordar a FD, no que denominou segunda fase da AD, Pêcheux (1997c, p. 314) postula: “[...] uma FD não é um espaço estrutural fechado, pois é constitutivamente ‘invadida’ por elementos que vêm de outro lugar [...]”.

Nessa fase, começa a brotar, nas análises de *corpora*, a heterogeneidade discursiva, decorrente das infiltrações de saberes entre as formações discursivas, mas sem que estas deixassem de ter suas regras de formação, mantendo certa regularidade que as sustentassem. Assim, os sentidos internos às formações discursivas estão sob o domínio do interdiscurso. Nesse estágio da teoria, o interdiscurso passou a ser apontado como regulador dos discursos, devido ao fato de controlar os possíveis deslocamentos das fronteiras entre as formações discursivas. Nesse ínterim, Courtine abordou o interdiscurso não só como uma repetição vertical de saberes atinentes à memória do dizer, mas também “[...] como instância de formação/repetição/transformação dos elementos do saber dessa FD, [que] pode ser apreendido como que regula o deslocamento de suas fronteiras” (COURTINE, 2009, p. 100). Assim, segundo esse autor (2009), o interdiscurso compreende um espaço contraditório contemplando/organizando o interior e o exterior de uma formação discursiva, deixando vaziar o que, em tese, não poderia e nem deveria ser dito, ou seja, o “estranho” para determinada formação discursiva. É enfocada, também, nesse momento, a relação entre interdiscurso e intradiscurso, sendo, pois, na base linguística, no intradiscurso, que os saberes provenientes do interdiscurso se materializam.

Na relação entre intradiscurso e interdiscurso, reforça-se a questão da língua como “relativamente autônoma”, que, pela intervenção do ideológico das formações discursivas, é suscetível ao equívoco, às falhas, aos deslocamentos. A constituição do intradiscurso como espaço heterogêneo e de rupturas é decorrente da instabilidade das formações discursivas. Enfocando na questão da instabilidade das FDs, na AD-3, Pêcheux (1997b), para além da admissão da permeabilidade de saberes outros nas formações discursivas, reforçou a questão do discurso marcado pela heterogeneidade, compreendendo as diferentes posições assumidas pelo sujeito quando, sob efeito da identificação, incide o discurso do outro. Nas revisões teóricas a que a AD estava sendo submetida, Pêcheux (1997b) pôs em cena os estudos de Authier-Revuz sobre a questão da heterogeneidade enunciativa, para cujo desenvolvimento a autora se embasou na noção de interdiscurso trabalhada pela AD, na de dialogismo bakhtiniano e na de sujeito cindido psicanalítico. Segundo a autora, “[...] todo discurso se mostra constitutivamente atravessado pelos “outros discursos” e pelo “discurso do outro”. O outro não é um objeto (exterior, do qual se fala), mas uma condição (constitutiva, para que se fale) do discurso de um sujeito falante que não é fonte-primeira desse discurso.” (AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 69).

A heterogeneidade, conforme Authier-Revuz (2004), divide-se em constitutiva e mostrada. A primeira compreende os processos de constituição do discurso, em que a voz do outro sempre estará na base do dizível, não se mostrando no “fio do discurso”, e a segunda compreende a voz do outro que irrompe no “fio do discurso”, alterando a aparente unicidade da cadeia discursiva. Assim, estava desenvolvida a questão da heterogeneidade, sob a ótica enunciativa, apontando para a incidência do outro sobre o mesmo.

É nesse repensar sobre “o primado do outro sobre o mesmo”, problematizado no início dos anos oitenta, ou ainda, na chamada AD3, que a contradição e a falha no assujeitamento são reinterpretadas e compreendidas no âmbito da heterogeneidade, escapando a qualquer tentativa de controle do sujeito. Ao enfatizar a questão da heterogeneidade, abordando as “formas linguístico-discursivas do *discurso-outro*”, Pêcheux destaca: “[...] discurso de um outro, colocado em cena pelo sujeito, ou discurso do sujeito se colocando em cena como um outro [...]” e, como o autor mesmo afirma, sobretudo, “[...]a insistência de um ‘além’ interdiscursivo que vem, aquém de todo autocontrole funcional do ‘ego-eu’ [...]” (1997c, p. 316-7, grifo do autor).

Na última reformulação de Pêcheux sobre a teoria da AD, foi então enfocada a indeterminação da fronteira de uma formação discursiva, ressaltando a inconsistência desta. Segundo o autor,

[...] só por sua existência, todo discurso marca a possibilidade de uma desestruturação-reestruturação dessas redes de trajetos: todo discurso é o índice potencial de uma agitação nas filiações sócio-históricas de identificação, na medida em que ele constitui ao mesmo tempo um efeito dessas filiações e um trabalho (mais ou menos consciente, deliberado, construído ou não, mas de todo modo atravessado pelas determinações inconscientes) de deslocamento no seu espaço: não há identificação plenamente bem sucedida, isto é, ligação sócio-histórica que não seja afetada, de uma maneira ou de outra, por uma “infelicidade” no sentido performativo do termo — isto é, no caso, por um “erro de pessoa”, isto é, sobre *o* outro, objeto da identificação. (PÊCHEUX, 1997b, p. 56, grifo do autor)

A partir dessas observações, em que se destacaram fundamentalmente “o primado do outro sobre o mesmo”, a fragilidade ou diluição das fronteiras discursivas e o intradiscorso como lugar heterogêneo onde irrompe o discurso do outro, é abordado o elemento estranho, provocando o “estranhamento”, inquietando o analista de discurso, conclamando-o ao trabalho de análise.

3 O GESTO DE ANÁLISE

Quando realizamos um estudo à luz da Análise de Discurso, é necessário considerar as particularidades teóricas e metodológicas próprias dessa teoria, a fim de direcionar o procedimento analítico. Primeiramente, é oportuno ressaltar que, embora apoiando-nos no linguístico para poder entender o processo de constituição dos sujeitos e de produção de sentidos, não é o modo como o texto se organiza linguisticamente que interessa, mas a relação da língua com a história, compreendendo aquela não como uma estrutura fechada, homogênea, mas sujeita a falhas, deslizos, opacidades, por estar inscrita na história. Assim sendo, o que interessa à Análise de Discurso é a “ordem significante”, ou seja, a forma de ordenação da língua que torna possível compreender os modos de produção do sentido. Por isso, ao realizar o trabalho analítico, o analista não busca atravessar a estrutura linguística para alcançar um conteúdo, um sentido original ali existente, mas apontar os “gestos de interpretação” – atos simbólicos de produção de sentidos – dos sujeitos na constituição do sentido em sua materialidade linguística e histórica. Conforme Orlandi (2011, p.17), “[...] o sentido é uma relação determinada do sujeito com a história e é o gesto de interpretação que realiza essa relação do sujeito com a língua na produção dos sentidos. Esta é a marca da subjetivação, traço da relação da língua com a exterioridade. É essa aliás a maneira mais discursiva de se dizer que o sujeito se constitui na relação com o simbólico.”

É, portanto, na sujeição do sujeito à língua na história, na sua relação com o simbólico, que se dá a constituição da subjetividade, tendo em vista que o gesto de interpretação empreendido pelo sujeito determina o sentido, apontando o lugar de onde o dizer é produzido. Devido a isso, ao proceder à análise, o analista deve, com o dispositivo determinado, ser capaz de descrever o gesto de interpretação do sujeito, com os sentidos que, a partir de então, são produzidos, considerando também as condições de produção do discurso.

Tendo em vista a memória do dizer como determinante do processo de produção do discurso, o analista deve conceber o sentido como que se constituindo a partir das posições ocupadas pelos sujeitos em função da(s) formação(ões) discursiva(s) a que estejam identificados. Nesse momento, há que considerar a possibilidade do equívoco decorrente do processo de atuação conjunta do inconsciente e da ideologia. Sobre isso, afirma Pêcheux: “Todo enunciado, toda sequência de enunciados é, pois, linguisticamente descritível como uma série (léxico-sintaticamente determinada) de pontos de deriva possíveis, oferecendo lugar à interpretação.”. E conclui: “É neste espaço que pretende trabalhar a análise de discurso.” (PÊCHEUX, 1997b, p.53).

Considerando que a constituição do discurso se dá pelo cruzamento dos eixos inter e intradiscursivo, é sobre esse funcionamento que a análise deve operar, pois a partir do intradiscorso – elemento primeiro exposto ao olhar –, é que o analista tem acesso ao interdiscorso, uma vez que é naquele que este se sedimenta e se atualiza.

O gesto de análise aqui proposto tem esse movimento, pois parto do intradiscorso, daquilo que na materialidade causou o “estranhamento” – no trabalho aqui em questão - a ocorrência do termo *gladiador*, para o interdiscorso, atentando para as redes de memória mobilizadas pelo sujeito discursivo, ou seja, para o entrecruzamento de saberes oriundos de diferentes regionalizações do interdiscorso, que caracterizam a heterogeneidade discursiva.

4 OS GLADIADORES

O termo gladiador origina-se de gládio – espécie de espada que normalmente era utilizada nos enfrentamentos por lutadores da Roma Antiga. Por sua relação com esse armamento, esses lutadores passaram a ser chamados de “gladiadores”. Estes lutavam entre si ou com feras, assistidos por grandes massas de espectadores, em espaços denominados arenas ou anfiteatros.

Conforme Guarinello (2007), quando os jogos gladiatórios começaram, por volta de 246 a.C., os lutadores eram, em sua maioria, prisioneiros de guerra ou escravos, mas, menos de dois séculos após, a maioria já era de origem livre. As primeiras disputas compreendiam uma espécie de ritual religioso, cujo objetivo era manter viva a memória de um ente falecido, mas, com o passar dos tempos, embora não subsumisse o caráter sagrado, sobressaíam o embate e a presença da morte. Eram, segundo Guarinello (2007, p.128), combates pela vida, num espaço (o anfiteatro), “[...] ao mesmo tempo de honra e degradação.”

No entanto, sobre esses espetáculos e seus lutadores, o que permanece no senso comum é a ideia de força, de violência e de plebe ociosa que vivia de pão e circo (GARRAFFONI, 2008), mas havia aspectos importantes que iam além dessa impressão aparente: a luta por interesses, os jogos de poder, os ensinamentos (aspecto pedagógico). Para a autora, “[...] o gladiador romano é retirado de seu contexto original e reinterpretado a partir de valores modernos” (GARRAFFONI, 2008, p.7). Nos discursos contemporâneos (esportivo, empresarial e, no caso específico deste trabalho, o religioso), o perfil do gladiador “[...] não é fundamentado na especificidade histórica romana, pelo contrário, é constituído a partir de generalizações e da homogeneização desta sociedade e da criação de pontes entre passado e presente baseada em princípios universais.” (GARRAFFONI, 2008, p.7).

Os gladiadores passavam por intensos treinamentos físicos e psicológicos, com o objetivo de vencer a morte, daí prevalecendo a ideia de que foram modelos de valentia, força e superação. De acordo com Garraffoni (2008), o emprego do termo “gladiador”, recorrente na atualidade, principalmente no campo midiático, sofreu generalizações, sendo os gladiadores vistos como “[...] símbolos de auto-controle, vitória e modelo de competitividade masculina [...]” (GARRAFFONI, 2008, p. 8).

Na atualidade, o termo *gladiador*, não raro, tem sido empregado, em determinados discursos, dentre eles, o religioso, o empresarial, o esportivo, o que, se passa despercebido ao olhar de muitos sujeitos, não o deve passar pelo olhar do analista de discurso. Esse elemento estranho se trata de um elemento de saber que vem de outro lugar, por um movimento na história e, trazendo como consequência, movimentos nos sentidos.

5 O ESTRANHAMENTO NO DISCURSO RELIGIOSO: ANALISANDO A OCORRÊNCIA DO TERMO *GLADIADOR*

Passo agora a analisar a ocorrência do termo *gladiador* no discurso religioso da Igreja Universal do Reino de Deus, ou ainda, o estranhamento causado pela presença desse termo na linearidade de um discurso ao qual não pertenceria. Para análise, são tomadas do *corpus* três sequências discursivas extraídas de uma reportagem de Daniel Cruz (2015), publicada no site da Igreja Universal do Reino de Deus no dia 8 de março de 2015, sobre o projeto Gladiadores do Altar, o qual consiste em preparar jovens para propagar a referida religião. Os Gladiadores do Altar compreendem um grupo formado por cerca de 4000 jovens, os quais se apresentam fardados, com postura e marcha militar.

As sequências discursivas selecionadas para análise são as seguintes:

SD1: Em frente ao Templo de Salomão, jovens fardados e alinhados batem continência em sincronia. Embora carreguem consigo a disciplina de militares, trata-se de outro tipo de soldado: aqueles que lutam em nome da Palavra de Deus. Eles fazem parte do projeto “**Gladiadores do Altar**”. [grifo meu]

SD2: Para isso, são promovidas reuniões semanais que conduzem ao ensino teórico e prático sobre a importância da Obra de Deus, além da conscientização do real motivo pelo qual um “**gladiador**” deve saber servir às pessoas espiritualmente, ou seja, do mesmo modo que um soldado não se preocupa com os obstáculos enfrentados para servir a sua pátria. [grifo meu]

SD3: O bispo Marcelo Brayner, responsável do grupo, explica que “o Força Jovem sempre foi um celeiro de homens do Altar. No entanto, por causa do rápido crescimento da igreja, observamos a necessidade de fazer algo a mais, trazendo o jovem para mais perto de nós, levando-os à disciplina e ao equilíbrio — **afinal, Deus é o Senhor dos Exércitos. Daí a ideia dos gladiadores**, ou seja, servos do seu senhor, servos do Senhor Jesus”. [grifo meu]

Primeiramente, convém observar o fato de que já causa estranhamento a própria expressão *Gladiadores do Altar*, a qual designa o grupo de jovens, que, segundo a IURD, seriam vocacionados para servir a Deus, já que, no discurso religioso, altar representa lugar sagrado, de sacrifício e adoração, e não de luta. Lugar de líderes religiosos e de fiéis/seguidores, e não de soldados. Contudo, essa aparente incompatibilidade produz um efeito de sentido de que na religião há o espaço para o embate, sendo o sacrifício possivelmente a luta para levar sujeitos aos pés do altar (interpelados pela ideologia religiosa sob o risco mesmo da força), mas também a luta para preservar, do domínio dos inimigos, o altar, um dos símbolos maiores da devoção.

Nas três sequências discursivas, a presença do termo *gladiador*, ainda que seja imprevista, estranha, está no intradiscurso, trazendo uma rede de memória que presentifica outro discurso com seus saberes. Embora o termo *gladiador*, como já mencionado anteriormente, não deva estar relacionado apenas à ideia de luta e força, nas três sequências discursivas ele está remetendo principalmente a isso, uma vez que está funcionando ao lado de outros termos tais como “lutam”, “soldado”, “exércitos”, os quais reforçam a noção de luta, de batalha e, em certa medida, de violência. Assim sendo, que efeito de sentido pode estar sendo gerado no entrecruzamento desses saberes? Haveria relação entre discurso religioso e discurso bélico? Contra quem os *gladiadores* lutariam? Que obstáculos enfrentariam? De que exército fariam parte?

Tais questões suscitadas por essas sequências discursivas apontam que há um inimigo e um embate. O sujeito discursivo religioso (o da Igreja Universal do Reino de Deus) está sendo afetado primeiramente por uma memória, qual seja, a de homens fortes, corajosos, disciplinados e determinados a vencer, memória, em geral, afetada por saberes, aportados pelo termo *gladiador*, que se realizam nessas condições de produção. Por seu turno, vem com ela outra memória – a questão do eterno embate entre o bem e o mal –, que orbita o discurso religioso.

Retomando os três últimos questionamentos do conjunto elencado anteriormente, é possível perceber que há uma batalha e há um inimigo, o que não está posto. No entanto, está colocado só um lado do embate, aquele dos *Gladiadores do Altar*, representando a IURD, mas quem ou o que estaria do outro lado? Os pecadores? Os ateus? Os sujeitos que estariam se desviando da religião? Os sujeitos de outras religiões? Em sendo esta última resposta, qual ou quais religiões? No sentido produzido por essa ocultação, reside a possibilidade de intolerância religiosa e de fundamentalismo, pois, na IURD, há a negação de outras religiões. A partir de uma ação religiosa, aparentemente inocente e gloriosa – jovens que se dedicam a servir a Deus e a mostrar o caminho de Deus a outros sujeitos – emerge a questão do conflito religioso, ou ainda, da chamada “Guerra Santa”. Segundo Lima (2002), embora as religiões afro-brasileiras sejam as mais fortemente combatidas pela Igreja Universal do Reino de Deus, o são também as religiões espíritas e a Igreja Católica. No discurso em questão, a coerção é reforçada pelo fato de que não seguir ou desviar-se do que preconiza a IURD implicaria fazer parte de um outro exército, o inimigo.

Nessas sequências discursivas, confirma-se o postulado de Pêcheux iniciado na segunda época da AD, de que uma formação discursiva não é um lugar fechado, uma vez que sofre atravessamento de saberes provenientes de outro lugar. Conforme é possível perceber neste trabalho, a formação discursiva religiosa não se manteve homogênea e hermética, tornando-se, pois, permeável a saberes não pertencentes a ela, quais sejam, aqueles veiculados pelo termo “gladiador”, os quais, embora estranhos, não a contradizem, mas a desestabilizam e a ressignificam. Considerando, conforme Pêcheux (1997a), que a formação discursiva compreende aquilo que pode e deve ser dito no âmbito de uma formação ideológica, observo aqui que a inconsistência de suas fronteiras possibilitou a formulação por parte do sujeito do discurso de algo que, em princípio, não “poderia” ter sido dito, mas que foi formulado, realizado, “organizado” harmoniosamente pelo sujeito, porém não sem causar um movimento nos sentidos.

Ao observar as sequências discursivas, identifico, ainda, nas SDs 1 e 2, a presença das aspas em “gladiadores do Altar” e “*gladiador*”, indicando a heterogeneidade mostrada, teorizada por Authier-Revuz (1998). As aspas, conforme a autora, inscrevem o outro no “fio do discurso”, pois, mesmo não rompendo a linearidade, registram a alteridade que ali se faz presente. Ao fazer uso das aspas, o sujeito do dizer, movido pela ilusão de controlar a homogeneidade do discurso, de manter a aparente unidade, tenta inconscientemente uma negociação com a presença desse outro, que imperativamente ali se coloca. Convém observar que não só o termo “gladiador” está entre aspas, mas também “gladiadores do Altar”, pois naquele marca a inserção do outro no discurso do sujeito e neste marca, além disso, a fusão desse outro na formação discursiva do sujeito.

Observo, nestas sequências discursivas, que o elemento estranho, o termo *gladiador*, presente no intradiscurso, remete àquilo que, no interdiscurso, o todo complexo com dominante das formações discursivas, é atinente aos jogos gladiatórios da Roma Antiga. No entanto, a língua foi trabalhada pela história e pela ideologia, havendo, pois, um deslocamento do sentido com que lá era empregado, para o sentido constituído atualmente no senso comum, conforme observado por Garraffoni (2008), predominando a disciplina, a força, a coragem e a determinação para a luta. Foi, portanto, este último conjunto de saberes que se entrecruzou com a formação discursiva religiosa da Igreja Universal do Reino de Deus, emergindo no dizer do sujeito discursivo, através do termo “gladiador”, provocando deslocamentos e presentificando outra memória. Indursky (2005), retomando a questão levantada por Pêcheux (1997a) de que os sentidos podem tornar-se outros, devido ao fato de que “não há ritual sem falhas”, aponta como sendo uma das falhas do ritual: “[...] entrada de novos saberes, anteriormente alheios a um determinado domínio de saber, produzindo a transformação/reconfiguração de uma FD. E isto ocorre porque a FD é dotada de fronteiras bastante porosas que permitem a entrada de saberes que lhe eram alheios em um determinado momento.” (PÊCHEUX, 1997a, p. 9).

Essa falha no ritual, no assujeitamento, correspondente à entrada do outro no discurso, protagonizado neste trabalho pela ocorrência do termo *gladiador* no discurso religioso da Igreja Universal do Reino de Deus, provocando o “estranhamento”, coloca em questão a heterogeneidade discursiva, através da incidência do “outro sobre o mesmo”.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como pôde ser constatado, a ocorrência do termo *gladiador*, na linearidade do discurso da Igreja Universal do Reino de Deus, causou estranhamento, por compreender, conforme Ernst, o surgimento no nível intradiscursivo de um elemento caracterizado pela “[...] imprevisibilidade, a inadequação, e o distanciamento daquilo que é esperado.” (ERNST, 2009, p.5). Contudo, tal estranheza não pôde ser vista como uma “incoerência” do sujeito discursivo, mas sim como uma ocorrência que trouxe para o discurso onde está se realizando a presença de uma memória, de saberes que, vindos de outro campo discursivo, realocaram-se reclamando sentidos.

A presença do termo *gladiador* na formulação é decorrente da permeabilidade das formações discursivas, conforme desenvolvido por Pêcheux da AD-2 a AD-3. Infiltrada por um elemento que não faz parte de sua constituição, a formação discursiva passa por um processo de ajuste e reconfiguração, para acomodar aquilo que veio de outro lugar, porque, conforme Pêcheux (1997b), “não há ritual sem falhas”. Tal presença e conseqüente estranhamento foram percebidos, ainda que inconscientemente, pelo sujeito discursivo, o que pôde ser visto quando, diante da “não-coincidência do dizer”, o sujeito empregou as aspas, tentando ilusoriamente homogeneizar o discurso que, em sua constituição mesma, já é heterogêneo.

Considerar esse estranho que irrompe no discurso, apontando para o diferente, a alteridade, significa, segundo Pêcheux (1997b), trabalhar com universos discursivos não logicamente estabilizados, considerados no espaço sócio-histórico. Desse modo, o elemento *gladiador*, representando o estranho nas formulações aqui analisadas, indica que, no aparente “mundo semanticamente normal”, os discursos e os sujeitos escapam dessa homogeneidade lógica ilusória, mas necessária.

REFERÊNCIAS

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. *Entre a transparência e a opacidade: um estudo enunciativo do sentido*. Trad. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

_____. *Palavras incertas: as não-coincidências do dizer*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1998.

COURTINE, Jean-Jacques. *Análise do discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos*. Trad. Cristina de Campos et al. São Carlos: EdUFSCAR, 2009.

CRUZ, Daniel. Conheça o novo projeto “Gladiadores do Altar”. *Universal*, Rio de Janeiro, 08 mar. 2015. Disponível em: <http://www.universal.org/noticia/2015/03/08_conheca-o-novo-projeto-galdiadores-do-altar-32332.html>. Acesso em: 06 dez. 2015.

ERNST, Aracy. A falta, o excesso e o estranhamento na constituição/interpretação do corpus discursivo. In: SEMINÁRIO DE ESTUDOS EM ANÁLISE DO DISCURSO, 4. Porto Alegre, 2009. *Anais...* Porto Alegre: UFRGS, 2009. Disponível em: <http://analisedodiscurso.ufrgs.br/anaisdosead/sead4_simposios.html>. Acesso em: 17 jan. 2016.

INDURSKY, Freda. Formação discursiva: ainda é possível trabalhar com esta noção? Por quê? In: SEMINÁRIO DE ESTUDOS EM ANÁLISE DE DISCURSO, 2. Porto Alegre, 2005. *Anais...* Porto Alegre: UFRGS, 2005. Disponível em: <<http://www.analise.dodiscurso.ufrgs.br/anaisdosead/sead2.html>>. Acesso em: 10 fev. 2016.

GARRAFONI, Renata Senna. Arenas Antigas e Estádios Modernos. *Recordes: Revista de História do Esporte*, Rio de Janeiro, v. 1, n.1, p. 1-15, 2008. Disponível em: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/Recordes/article/view/788>>. Acesso em: 18 fev. 2016.

GUARINELLO, Norberto Luiz. Violência como espetáculo: o pão, o sangue e o circo. *História*, São Paulo, v. 26, n.1, p. 125-132, 2007. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0101-90742007000100010>>. Acesso em: 17 dez. 2015.

HAROCHE, Claudine; PÊCHEUX, Michel; HENRY, Paul. La sémantique et la coupure saussurienne: langue, langage, discours. *Langages*, Paris, n. 24, p. 93-106, 1971.

LIMA, Elisane Pinto da Silva Machado de. *Se formos fiéis a Ele, Ele certamente será fiel a nós: a condicionalidade e o discurso religioso da Igreja Universal do Reino de Deus*. 2002. 190f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-graduação em Letras, Universidade Católica de Pelotas, Pelotas, 2002.

ORLANDI, Eni P. O próprio da Análise de Discurso. *Escritos*, Campinas, LABEURB/UNICAMP, n.3, p. 17-19, 2011. Disponível em: <<http://www.labeurb.unicamp.br/portal/pages/pdf/escritos/Escritos3.pdf>>. Acesso em: 10 fev. 2016.

PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Trad. Eni Orlandi et al. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997a.

_____. *O discurso: estrutura ou acontecimento?* Trad. de Eni Puccinelli Orlandi. Campinas, SP: Pontes, 1997b.

_____. Análise de discurso: três épocas. In: GADET, Françoise; HAK, T. *Por uma análise automática do discurso*. Trad. Bethania S. Mariani et al. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997c. p. 311-319.

Recebido em 29/10/2016. Aceito em 10/12/2016.

ALTAR GLADIATORS? DISCUSSING THE STRANGENESS NOTION IN THE RELIGIOUS DISCOURSE OF THE UNIVERSAL CHURCH OF THE KINGDOM OF GOD

GLADIADORES DO ALTAR? DISCUTINDO A NOÇÃO DE ESTRANHAMENTO
NO DISCURSO RELIGIOSO DA IGREJA UNIVERSAL DO REINO DE DEUS

¿GLADIADORES DEL ALTAR? DISCUTIENDO LA NOCIÓN DE EXTRAÑAMIENTO EN EL
DISCURSO RELIGIOSO DE LA IGLESIA UNIVERSAL DEL REINO DE DIOS

Elisane Pinto da Silva Machado de Lima*

Instituto Federal Sul-rio-grandense

ABSTRACT: Nowadays, not rarely has the term “gladiator” been applied in certain discourses, like the religious, the business, the sports, among other ones, which corresponds to a knowledge element coming from another place, as a consequence of history movements and, thus, of senses. In this article, I analyze the occurrence of the term “gladiator” in the religious discourse of the Universal Church of the Kingdom of God, or, better yet, the strangeness, according to Ernst (2009), caused by the presence of this term in the linearity of a discourse to which, at first, it would not belong. For the analysis, I take as *corpus* three discourse sequences extracted from a report, published on the Universal Church website of 08/03/2015, concerning the Project “Altar Gladiators”, which consists on preparing young people to propagate the religion. In the theoretical review, I mainly consider the notion of discourse formation, developed by Pêcheux, focusing on the instability of its borders, which results in the discourse heterogeneity.

KEYWORDS: Discourse. Strangeness. Discourse Formation.

RESUMO: Na atualidade, não raro o termo “gladiador” tem sido empregado, em determinados discursos, como o religioso, o empresarial, o esportivo, dentre outros, o que corresponde a um elemento de saber que vem de outro lugar, decorrente de movimentos da história e, assim, dos sentidos. Neste artigo, analiso a ocorrência do termo “gladiador” no discurso religioso da Igreja Universal do Reino de Deus, ou ainda, o *estranhamento*, conforme Ernst (2009), causado pela presença desse termo na linearidade de um discurso ao qual, em princípio, não pertenceria. Para análise, tomo como *corpus* três sequências discursivas extraídas de uma reportagem, publicada no site da Igreja Universal de 08/03/2015, sobre o projeto “Gladiadores do Altar”, o qual consiste em preparar jovens para propagar a religião. No percurso teórico, volto-me principalmente para a noção de formação discursiva, desenvolvida por Pêcheux, focando na instabilidade de suas fronteiras, o que resulta na heterogeneidade discursiva.

PALAVRAS-CHAVE: Discurso. Estranhamento. Formação Discursiva.

* Doutora em Letras pela Universidade Católica de Pelotas. Professora de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira no Instituto Federal Sul-rio-grandense. E-mail: elisane@pelotas.ifsul.edu.br.

RESUMEN: En la actualidad, no ha sido raro el empleo del término “gladiador”, en determinados discursos, como el religioso, el empresarial, el deportivo, entre otros, lo que corresponde a un elemento del saber que viene de otro sitio, originado de movimientos de la historia y, de este modo, de los sentidos. En este artículo, analizo, entonces, la ocurrencia del término “gladiador” en el discurso religioso de la “Iglesia Universal del Reino de Dios”, o aún, el extrañamiento, de acuerdo con Ernst (2009) causado por la presencia de este término en la linealidad de un discurso al cual, de pronto, no pertenecería. Para el análisis, tomo como *corpus* tres secuencias discursivas extraídas de un reportaje, publicado en la “Folha Universal” de 08/03/2015, acerca del proyecto “Gladiadores del Altar”, el cual consiste en preparar jóvenes para propagar la religión. En la trayectoria teórica, vuelvo la mirada principalmente para la noción de formación discursiva desarrollada por Pêcheux, focalizando en la inestabilidad de sus fronteras, lo que resulta en la heterogeneidad discursiva.

PALABRAS-CLAVE: Discurso. Extrañamiento. Formación Discursiva.

1 INTRODUCTION

In an article entitled *The lack, the excess and the strangeness in the constitution/interpretation of the discursive corpus*, Ernst (2009) presents a perspective to the work of the discourse analyst of building up the discursive *corpus*, in order for the analytical gesture to go through the necessary, constant and coherent way between analysis and theory. For such, the author proposes three key concepts – the lack, the excess and the strangeness –, postulating that they work in an operational way insofar as they help the analyst to create the interpretation gesture before the *corpus*. Ernst (2009, p.1) observes that such concepts serve “[...] as general principles and not as technical devices, of formalistic and empirical character. On the contrary, such concepts can and must comprise countless modes of saying and not saying”.

Based on the mentioned study, I will work the notion of strangeness in this article, from the occurrence of the term *gladiator* in the religious discourse of the Universal Church of the Kingdom of God (UCKG). The notion of strangeness concerns what emerges in a discourse formation as the external stranger that breaks out in the linearity bringing in itself the incidence of some other knowledge which works destabilizing a memory network and instituting the presence of another one. Thus, I will start by approaching the issue of discourse heterogeneity according to Pêcheux, (1997a, 1997b). Before continuing, I emphasize that the discourse heterogeneity, problematized by Pêcheux since the second phase of Discourse Analysis, was intensified in the third phase, an important moment of theoretical review, when it established a dialogue with the Enunciation Heterogeneity theory, proposed by Authier-Revuz, which approaches the occurrence of “other” discourses in the enunciator’s saying.

2 THE INDETERMINACY OF DISCOURSE BOUNDARIES

When we propose to talk about the boundaries of discourse, it is necessary to start by approaching the concept of discourse formation since it establishes the discourse domains, although its boundaries do not ensure the condition of a closed domain, free of the invasion of the external stranger, that is, of knowledge coming from other discourse formations.

In the early years of Discourse Analysis (DA), when the discourse formation (DF) started being developed, it was seen as a regulated ideological space, closed and homogeneous. It comprised an element of the ideological formations, concerning the production conditions, mainly as a position inside the struggle of classes (HAROCHET et al., 1971). The concept of discourse formation was, nevertheless, resumed by Pêcheux, first in *Semantics and Discourse: a critic to the statement of the obvious* (my emphasis), being problematized and conceived not as a closed and homogeneous ideological space anymore, but as a heterogeneous one, identified by the multiplicity of voices which could complement, dialogue, disagree and even oppose one another. All due to the fact that the discourse formations are regionalized in the interdiscourse, defined as the “whole dominant complex” of the discourse formations, intricate in the complex of the ideological formations” (PÊCHEUX, 1997a, p. 162). In *The Discourse Analysis: three epochs* (my emphasis), when approaching DF, in what he calls second phase of DA, Pêcheux (1997c, p. 314) postulates: “[...] a DF is not a closed structural space, since it is constitutively ‘invaded’ by elements which come from another place [...]”.

In this phase, the discourse heterogeneity starts to appear in the *corpora* analyses, as a consequence of knowledge infiltrations among discourse formations, but not preventing them from having their own rules of formation, keeping a certain regularity which sustained them. Thus, the meanings internal to the discourse formations are under the domain of the interdiscourse. In this stage of the theory, the interdiscourse started to be pointed out as a discourse regulator, due to the fact that it controlled the possible displacement of the boundaries among the discourse formations. Meanwhile, Courtine approached the interdiscourse not only as a vertical repetition of knowledge related to the memory of saying, but also “[...] as an instance of formation/repetition/transformation of knowledge elements of this DF, [which] may be retained as what regulates the displacement of its boundaries” (2009, p. 100). Thus, according to this author (2009), the interdiscourse encompasses a contradictory space, comprising/organizing the interior and the exterior of a discursive formation, allowing what, in thesis, should not and could not be said, that is, the “stranger” to a certain discursive formation. The relationship between interdiscourse and intradiscourse is also focused, at this moment, being on the linguistic basis, in the intradiscourse, that the knowledge coming from the interdiscourse is materialized.

In the relationship between intradiscourse and interdiscourse, the issue concerning the language as “relatively autonomous” is emphasized. Because of the influence of ideology in the discursive formations, the language is susceptible to misconception, flaws, displacements. The constitution of the intradiscourse as a heterogeneous and breaking space follows the instability of discursive formations. Focusing on the issue of the instability of DFs, in the DA-3, Pêcheux (1997b), besides admitting the permeability of the knowledge which is other than that of the discursive formation, reinforced the issue of the discourse marked by heterogeneity, comprising the different positions assumed by the subject when, under the effect of identification, the discourse of the other arises. In the theoretical reviews to which DA was being submitted, Pêcheux (1997b) brought the studies of Authier-Revuz (2004, p. 69) about the issue of enunciation heterogeneity to whose development the author based herself on the notion of interdiscourse developed by DA, on the bakhtinian dialogism and on the psychoanalytic split subject. According to her, “[...] every discourse shows itself constitutively crossed by other discourses and by the discourse of the other. The other is not an object (exterior, about which one may talk about), but a condition (constitutive, for one to talk) of the discourse of a speaking subject which is not the first source of this discourse.”

Heterogeneity, according to Authier-Revuz (2004) is divided into constitutive and apparent. The former comprises the processes of discourse constitution, in which the voice of the other will always be on the basis of the sayable, not being shown in the “discourse thread”, altering the apparent unit of the discursive chain. Thus, the heterogeneity issue was developed under the enunciative view, pointing out the incidence of the other over the same.

It is in this rethinking about “the primacy of the other over the same”, problematized in the early eighties, in the so called DA3, that the contradiction and the flaw in the subjection are reinterpreted and understood in the scope of heterogeneity, escaping from any attempt to control the subject. When emphasizing the issue of heterogeneity, approaching the “discursive-linguistic forms of the other-discourse”, Pêcheux points out that: “[...] discourse of one another, put into the scene by the subject, or the discourse of the subject putting themselves in the scene as another one [...]” and, as the author especially states, “[...] the insistence of an interdiscursive ‘beyond’ which comes, in spite of all functional self-control of the ‘I-ego’ [...]” (1997c, p.316-7).

In Pêcheux’s last reformulation about the DA theory, he focused on the indeterminacy of the boundaries of a discursive formation, emphasizing its inconsistency. According to the author,

[...] for its existence only, every discourse marks the possibility of a destructuring-restructuring of these networks of paths: every discourse is the potential index of agitation in the social-historical affiliations of identification, insofar as it constitutes at the same time an effect of those affiliations and a work (more or less conscious, deliberate, constructed or not, but anyway permed by unconscious determinations) of displacement in its scope: there is no identification which is totally successful, that is, social-historical connection which is not affected, in a way or another, by any “happiness” in the performative sense of the term – that is, in this case, by a “person misconception”, that is, about the *other*, object of identification. (PÊCHEUX, 1997b, p.56, author’s emphasis)

From these observations, in which it is emphasized “the primacy of the other over the same”, the fragility or dilution of discursive boundaries and the intradiscourse as a heterogeneous place where the discourse of the other breaks out, the strange element is approached, provoking strangeness, disturbing the discourse analyst, calling them to the work of analysis.

3 THE GESTURE OF ANALYSIS

When we conduct a study in the light of the Discourse Analysis, it is necessary to consider the theoretical and methodological particularities which belong to this theory, in order to guide the analytical procedure. First, it is important to emphasize that, although we base ourselves in the linguistic content in order to be able to understand the processes of subject constitution and meaning production, it is not the way the text is linguistically organized that matters, but the relationship between language and history, understanding the former not as a closed and homogeneous structure, but subject to flaws, slides, opacities, for being historically inscribed. Thus, what matters to Discourse Analysis is the “signifying order”, that is, the way the language is organized is what makes it possible to understand the modes of meaning production. For this reason, when conducting the analytical work, the analyst does not intend to cross the linguistic structure to reach the content, an original pre-existing meaning in there, but to point out “interpretation gestures” – symbolic acts of meaning productions – of subjects in the constitution of meaning in its historical and linguistic materiality. According to Orlandi (2011, p. 17)

[...] the meaning is a determined relation of the subject with history and it is the interpretation gesture which realizes this relation between the subject and language in the production of meaning. This is the mark of subjectivity, a trace of the relation of language to externality. This is, by the way, the most discursive way of saying that the subject constitutes themselves in the relationship with the symbolic.

It is, therefore, in the subjection of the subject to the language in history, in their relationship with the symbolic, that occurs the constitution of subjectivity, considering that the interpretation gesture applied by the subject determines the meaning, showing the place from where the saying is produced. Because of this, when analyzing, the analyst must, as a determined device, be able to describe the interpretation gesture, with the meanings which, from then on, are produced, considering the conditions of discourse production as well.

Considering the memory of saying as determinant in the process of discourse production, the analyst must conceive the meaning as constituting from the positions occupied by the subjects according to the Discursive Formation(s) they are identified with. At this moment, it is important to consider the possibility of misconception as a consequence of the process of a combined action of unconsciousness and ideology. About this, Pêcheux postulates: “Every enunciation, every sequence of enunciations is, therefore, linguistically describable as a series (lexical-syntactically determined) of possible drift points, giving place to interpretation.” And concludes: “It is in this scope that Discourse Analysis intends to work.” (1997b, p.53).

Bearing in mind that the constitution of discourse occurs in the crossing of intra and interdiscursive axes, it is about this functioning that the analysis must operate, because it is from the intradiscourse – first element exposed to observation – that the analyst has access to the interdiscourse, since it is in the former that the latter sediments and updates itself.

The gesture of analysis proposed here has this movement, since the starting point is the intradiscourse, which in the materiality has caused strangeness – in the work here in question – the occurrence of the term *gladiator*, to the interdiscourse, observing the memory networks mobilized by the discursive subject, that is, the intercrossing of knowledge that comes from different regionalizations of interdiscourse, which, in turn, characterizes discursive heterogeneity.

4 THE GLADIATORS

The term gladiator originates from *gladius* – a kind of sword which was normally used in combats by the fighters of Ancient Rome. Because of their relationship with this kind of armament, these fighters started being called “gladiators”. They fought against one another or against fierce animals, watched by a great number of spectators in places named arenas or amphitheaters.

According to Guarinello (2007), when the gladiatorial games started, around 246 b.C., fighters were mostly war prisoners or slaves, but less than two centuries later, they were mostly free people. The first disputes were a kind of religious ritual aiming at keeping the memory of a deceased person alive. As time went by, although the sacred character did not disappear, the combat and the presence of death were prevalent. According to Guarinello (2007, p.128), those were combats for life, in a space (the amphitheater), “[...] at the same time of honor and degradation.”

However, about those spectacles and their fighters, what remains in the common sense is the idea of force, violence and idle pleb, who lived of bread and circus (GARRAFFONI, 2008), but there were important aspects beyond that apparent impression: the fight for interests, the power games, the teachings (pedagogical aspect). For the author, “[...] the Roman gladiator is withdrawn from their original context and reinterpreted from modern values.”(GARRAFFONI, 2008, p.7). In contemporary discourses, (sports, business, and, in the specific case of this work, religious), the gladiator profile: “[...] is not founded in the Roman historical specificity; on the contrary, from the generalizations and homogeneity of that society a bridge is created between past and present, based on universal and eternal principles.” (GARRAFFONI, 2008, p.8).

The gladiators underwent intense physical and psychological training, aiming at overcoming death, that being the reason of the prevalent idea of their having been models of courage, power and resilience. According to Garraffoni (200, p.8), the use of the term “gladiator”, recurrent nowadays, mainly in the mediatic scenario, has suffered generalizations, being the gladiators seen as “[...] symbols of self-control, victory and male competitive model [...]”.

Nowadays, the term gladiator has, not rarely, been applied in certain discourses, among them the religious one, the business one, the sports one, which, if unperceived to the perception of a great number of subjects, must not be missed by the perception of the discourse analyst. This strange element is a knowledge element which comes from another place, by a historical movement, bringing as consequence movements in meanings.

5 STRANGENESS IN THE RELIGIOUS DISCOURSE: ANALYZING THE OCCURRENCE OF THE TERM *GLADIATOR*

From now on, I analyze the occurrence of the term gladiator in the religious discourse of the Universal Church of the the Kingdom of God, or better saying, the strangeness caused by the presence of this term in the linearity of a discourse to which it would not belong. In order to do the analysis, three discursive sequences are taken from the *corpus*, elicited from a report, published on the *Folha Universal* of 03/08/2015, concerning the Project Altar Gladiators, which consists in preparing Young people to propagate the referred religion. The Altar Gladiators comprise a group formed by around 4000 youngsters who appear in uniforms, with military posture and march.

The discursive sequences for analysis are the following:

DS1: In front of the temple of Solomon, youngsters in uniforms and in line salute in synchrony. Although they carry the military discipline with themselves, it is another type of soldier: those who fight in the name of the Word of God. They make part of the Project “**Altar Gladiators**”. [my emphasis]

DS2: For such, weekly meetings are promoted, which conduct to the theoretical and practical teaching about the importance of the Work of God, besides the consciousness of the real reason why a “**gladiator**” must know to serve people spiritually, that is, in the same way as a soldier does not worry about the obstacles faced to serve their nation. [my emphasis]

DS3: The Bishop Marcelo Brayner, responsible for the group, explains that “the Young Strength was always a barn of Altar men. However, because of the fast growing of church, we observe the necessity of doing something more, bringing the youngsters closer to us, leading them to a disciplined and balanced life – after all, God is the Lord of the Armies. Hence the idea of **gladiators**, that is, servants of their Lord, servants of Lord Jesus”. [my emphasis]

First, it is convenient to observe the fact that the expression *Altar Gladiators* itself causes strangeness, since it refers to a group of young people who, according to the UCKG would be particularly devoted to serving God, considering that, in the religious discourse, the altar represents a sacred place of sacrifice and worship, not a place of fight; a place of religious leaders and their followers, not soldiers. However, this apparent incompatibility produces an effect of meaning according to which in the religion there is no space for the combat, being the sacrifice possibly the fight to take followers to the altar (interpreted by the religious ideology under the risk of force), but also the fight for preserving, against the enemy domain, the altar, one of the most important symbols of devotion.

In the three discursive sequences, the presence of the term *gladiator*, despite being unpredicted, strange, is in the intradiscourse, bringing a memory network which makes another discourse with its knowledge present. Although the term *gladiator*, as already mentioned, must not be related only to the idea of fight and strength, in the three discursive sequences it refers mainly to this, since it is working together with other expressions like “fight”, “soldiers”, “armies”, which reinforce the notion of fight, battle, and to a certain extent, violence. Therefore, which effect of meaning could be being generated in the intercrossing of those pieces of knowledge? Would there be any relationship between the religious discourse and the warlike one? Against whom would the *gladiators* fight? Which obstacles would they face? Which army would they take part in?

Such questions elicited by those discursive sequences indicate that there is an enemy and a fight. The religious discourse subject (the one of the Universal Church of the Kingdom of God) is being affected first by a kind of memory, that is, that one of strong, brave, disciplined men, determined to win, a memory which is, in general, affected by the knowledge brought by the term *gladiator*, which occurs in those conditions of production. On the other hand, it brings in itself another memory – the issue of the eternal fight between good and evil –, which is present in the religious discourse.

Resuming the last three questions of the set presented before, it is possible to observe that there is a battle and there is an enemy, which is not set. However, only one side of the combat is set, the one of the *Altar Gladiators*, representing the UCKG, but who or what would be on the other side? The sinners? The atheists? The subjects deviating from religion? The subjects from other religions? In being the answer the last one, which religion or religions? In the meaning produced by this concealment resides a possibility of religious intolerance and fundamentalism, since in the UCKG there is the negation of other religions. From a religious action, apparently innocent and glorious, - youngsters who dedicate themselves to serve God and show the way of God to other subjects – emerges the issue of the religious conflict, or better yet, the so called “Saint War”. According to Lima (2002), although the Afro-Brazilian religions are the most strongly opposed by the Universal Church of the Kingdom of God, the spiritist religions and the Catholic Church are also opposed by them. In the discourse in question, coercion is reinforced by the fact that not following or deviating from what the Universal Church of the Kingdom of God advocates would imply making part of another army, the one of the enemy.

In those discursive sequences, the postulate of Pêcheux, which had its beginning in the second age of DA, is confirmed, the idea according to which a discursive formation is not a closed place, since it is crossed by the knowledge that comes from another place. As it is possible to observe in this work, the religious discursive formation did not remain homogeneous and hermetic, becoming permeable to some knowledge not belonging to it, that is, that one associated by the term “gladiator”, which although strange, does not contradict it, but destabilize and re-signify. Considering, according to Pêcheux (1997a), that the discursive formation comprises what may and must be said in the scope of an ideological formation, I observe here that the inconsistency of its boundaries has made possible the formulation, on the part of the subject of the discourse, of something that, at first, could not have been said, but was formulated, realized, “organized” harmonically by the subject, but not without causing some movement in meanings.

When observing the discursive sequences, I also identify in the DSs 1 and 2 the presence of the quotation marks in “Altar Gladiators” and “gladiator”, indicating the heterogeneity shown, theorized by Authier-Revuz (1998). The quotation marks, according to the author, inscribe the other in the “discourse thread” because, even not breaking up the linearity, they register the alterity that is present. When making use of quotation marks, the subject of saying, moved by the illusion of controlling the homogeneity of discourse, of keeping its apparent unit, tries unconsciously a negotiation with the presence of this other, which imperatively puts itself in there. It is important to observe that not only the term “gladiator” is between quotation marks, but also “Altar gladiators”; in the former, because it marks the insertion of the other in the discourse and, in the latter, because it marks the fusion of that other in the discursive formation of the subject.

I observe in those discursive sequences that the strange element, the term *gladiator*, featured in the intradiscourse, refers to what, in the interdiscourse, the whole complex with dominant of the discursive formations, concerns the gladiatorial games of Ancient Rome. However, the language has been worked by history and by ideology, having had some movement in meaning in relation to what it was in that time to the commonsense meaning conveyed nowadays, according to what is observed by Garrafoli (2008), in which discipline, strength, courage and determination to the fight are predominant. Thus, those last pieces of knowledges intercrossed with the religious discursive formation of the Universal Church of the Kingdom of God, emerging in the saying of the discursive subject, through the term “gladiator”, provoking displacements and making another memory present. Indursky (2005), resuming the issue pointed out by Pêcheux (1997a, p.9) according to which the meanings may become others, due to the fact that “there is no ritual without flaws”, points out as one of the ritual flaws:

[...] entrance of new knowledge, first strange to a certain knowledge domain, producing a transformation/reconfiguration of a DF. And that occurs because the DF has quite porous boundaries which allow the entrance of some other knowledge which was strange to them in a given moment.

This flaw in the ritual, in the subjection, corresponding to the entrance of the other in the discourse, symbolized in this study by the occurrence of the term *gladiator* in the religious discourse of the Universal Church of the Kingdom of God, provoking the “strangeness”, puts into question the discursive heterogeneity, through the incidence of the other over the same.

6 FINAL CONSIDERATIONS

As it was possible to verify, the occurrence of the term *gladiator* in the linearity of the discourse of the Universal Church of the Kingdom of God, caused strangeness, because it comprehends, according to Ernst-Pereira, the appearance in the interdiscursive level of an element characterized by the “[...] unpredictability, the inadequation, and the distancing from what is expected.” (2009, p.5). However, such strangeness could not be seen as an “incoherence” of the discursive subject, but as an occurrence which has brought to the discourse where it is taking place the presence of a memory, of some knowledge which, coming from another discursive field, was reallocated, asking for meanings.

The presence of the term *gladiator* in the formulation is a consequence of the permeability of discursive formations, according to what was developed by Pêcheux from DA-2 to DA-3. Infiltrated by an element which is not part of its constitution, the discursive formation undergoes a process of adjustment and reconfiguration to accommodate what came from another place, because, according to Pêcheux (1997b), “there is no ritual without flaws”. Such presence and consequent strangeness were perceived, although unconsciously, by the discursive subject, which was possible to be seen when, before the “non-coincidence of the saying”, the subject employed the quotation marks, trying deceptively to homogenize the discourse which, in its own constitution, is heterogeneous.

Considering this strangeness that breaks up in the discourse, pointing to the different, the alterity, means, according to Pêcheux (1997b), working with discursive universes not logically stabilized, considered in the social-historical scope. Thus, the element *gladiator*, representing the strange in the formulations analyzed here, indicates that, in the apparent “semantically regular world” the discourses and the subjects escape from this logical-illusionary, but necessary homogeneity.

REFERENCES

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. *Entre a transparência e a opacidade: um estudo enunciativo do sentido*. Trad. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

_____. *Palavras incertas: as não-coincidências do dizer*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1998.

COURTINE, Jean-Jacques. *Análise do discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos*. Trad. Cristina de Campos et al. São Carlos: EdUFSCAR, 2009.

CRUZ, Daniel. Conheça o novo projeto “Gladiadores do Altar”. *Universal*, Rio de Janeiro, 08 mar. 2015. Disponível em: <http://www.universal.org/noticia/2015/03/08_conheca-o-novo-projeto-galdiadores-do-altar-32332.html>. Acesso em: 06 dez. 2015.

ERNST, Aracy. A falta, o excesso e o estranhamento na constituição/interpretação do corpus discursivo. In: SEMINÁRIO DE ESTUDOS EM ANÁLISE DO DISCURSO, 4. Porto Alegre, 2009. *Anais...* Porto Alegre: UFRGS, 2009. Disponível em: <http://analisedodiscurso.ufrgs.br/anaisdosead/sead4_simposios.html>. Acesso em: 17 jan. 2016.

INDURSKY, Freda. Formação discursiva: ainda é possível trabalhar com esta noção? Por quê? In: SEMINÁRIO DE ESTUDOS EM ANÁLISE DE DISCURSO, 2. Porto Alegre, 2005. *Anais...* Porto Alegre: UFRGS, 2005. Disponível em: <<http://www.analisedodiscurso.ufrgs.br/anaisdosead/sead2.html>>. Acesso em: 10 fev. 2016.

GARRAFONI, Renata Senna. Arenas Antigas e Estádios Modernos. *Recorde: Revista de História do Esporte*, Rio de Janeiro, v. 1, n.1, p. 1-15, 2008. Disponível em: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/Recorde/article/view/788>>. Acesso em: 18 fev. 2016.

GUARINELLO, Norberto Luiz. Violência como espetáculo: o pão, o sangue e o circo. *História*, São Paulo, v. 26, n.1, p. 125-132, 2007. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0101-90742007000100010>>. Acesso em: 17 dez. 2015.

HAROCHE, Claudine; PÊCHEUX, Michel; HENRY, Paul. La sémantique et la coupure saussurienne: langue, langage, discours. *Langages*, Paris, n. 24, p. 93-106, 1971.

LIMA, Elisane Pinto da Silva Machado de. *Se formos fiéis a Ele, Ele certamente será fiel a nós: a condicionalidade e o discurso religioso da Igreja Universal do Reino de Deus*. 2002. 190f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-graduação em Letras, Universidade Católica de Pelotas, Pelotas, 2002.

ORLANDI, Eni P. O próprio da Análise de Discurso. *Escritos*, Campinas, LABEURB/UNICAMP, n.3, p. 17-19, 2011. Disponível em: <<http://www.labeurb.unicamp.br/portal/pages/pdf/escritos/Escritos3.pdf>>. Acesso em: 10 fev. 2016.

PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Trad. Eni Orlandi et al. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997a.

_____. *O discurso: estrutura ou acontecimento?* Trad. de Eni Puccinelli Orlandi. Campinas, SP: Pontes, 1997b.

_____. Análise de discurso: três épocas. In: GADET, Françoise; HAK, T. *Por uma análise automática do discurso*. Trad. Bethania S. Mariani et al. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997c. p. 311-319.

Recebido em 29/10/2016. Aceito em 10/12/2016.

O EXCESSO E A FALTA EM *EU SOU SARTORI* E O MEU PARTIDO É O RIO GRANDE

EL EXCESO Y LA FALTA EN *EU SOU SARTORI E O MEU PARTIDO É O RIO GRANDE*

THE EXCESS AND THE LACK IN *EU SOU SARTORI E O MEU PARTIDO É O RIO GRANDE*

Ercília Ana Cazarin*

Universidade Católica de Pelotas

Maria Inês Gonçalves Medeiros Cordeiro**

Universidade Católica de Pelotas | Instituto Federal Sul-Rio-Grandense

RESUMO: Este trabalho, ancorado na teoria da Análise de Discurso com filiação em Michel Pêcheux, tem como objetivo central analisar o enunciado *EU SOU SARTORI E O MEU PARTIDO É O RIO GRANDE*, proferido pelo então candidato ao governo do Estado do Rio Grande do Sul, José Ivo Sartori, durante a campanha eleitoral de 2014. Pretendemos, a partir desta investigação, proporcionar reflexões em torno de questões que possam, na verticalidade do discurso, auxiliar na compreensão do funcionamento discursivo do excesso e da falta, presentes em nosso objeto de discurso, concebidos como possíveis limites e interdições impostos ao sujeito. O excesso permite a instauração do *efeito de verdade*, enquanto a falta configura-se como uma das *políticas do esquecimento*. Ambos os funcionamentos instauram efeitos de sentido que podem deslocar, transformar, manter e/ou apagar sentidos.

PALAVRAS-CHAVE: Discurso Político. Excesso. Falta. Efeito de verdade. Políticas do Esquecimento.

RESUMEN: Este trabajo está ancorado en la teoría del análisis del discurso con filiación en Michel Pêcheux y tiene como objetivo central analizar el enunciado *EU SOU SARTORI E O MEU PARTIDO É O RIO GRANDE*, proferido por el candidato al gobierno del Estado del Rio Grande del Sur, José Ivo Sartori, durante la campaña electoral de 2014. Pretendemos, a partir de esta investigación, proporcionar reflexiones en torno a cuestiones que puedan, en la verticalidad del discurso, auxiliar en la comprensión del funcionamiento discursivo del exceso y de la falta, presentes en nuestro objeto de discurso, concebidos como posibles límites e interdicciones impuestos al sujeto. El exceso permite la instauración del efecto de verdad, mientras la falta se configura como una de las políticas del olvido. Ambos funcionamientos instauran efectos del sentido que pueden dislocar, transformar, mantener y/o borrar sentidos.

PALABRAS-CLAVE: Discurso Político. Exceso. Falta. Efecto de Verdad. Políticas del Olvido.

* Doutora em Letras – área de concentração Teorias do Texto e do Discurso. Professora do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Universidade Católica de Pelotas – UCPEL. Membro do Laboratório de Estudos em Análise de Discurso – LEAD/UCPEL e GEPAD/UFRGS. eacazarin@gmail.com.br.

** Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Letras – UCPEL, Pelotas, RS. Mestre em Letras pela mesma universidade. Especialista em educação pela Universidade Federal de Pelotas. Professora pesquisadora do Instituto Federal Sul-Rio-Grandense – IFSUL. mariacordeiro@ifsul.edu.br.

ABSTRACT: This paper placed in Michel Pêcheux's discourse analysis has the purpose to analyze the statement "EU SOU SARTORI E MEU PARTIDO É O RIO GRANDE" pronounced by the candidate to the Rio Grande do Sul's government, José Ivo Sartori, during his campaign in 2014. With this investigation, we intend to offer reflections around issues that can, in the verticality of the discourse, help in the comprehension of the excess and the lack both present in the discursive operation in focus. These notions are conceived as limits and interdictions that are imposed on the subject, being the excess, the part that allows the effect of truth and the lack what works as forgetfulness policy. These operations establish meaning effects that can displace, transform, preserve and/or delete senses.

KEYWORDS: Politics discourse. Excess. Lack. Effect of truth. Forgetfulness policy.

1 FORMULAÇÕES INTRODUTÓRIAS

A Teoria da Análise de Discurso (AD) tem como seu maior interesse o discurso, a palavra em curso, o sujeito falando, buscando, assim, compreender o funcionamento da linguagem, os processos discursivos e o modo como o dizer produz um efeito de sentido e não outro. Considera a historicidade, o trabalho da história na língua, atenta para a importância do outro-outro¹ na constituição do sujeito e do sentido, enfatizando que o sentido sempre pode ser outro, mas não qualquer um.

A AD concebe o dizível como portador de limites e de interdições, com as quais o sujeito enunciador se depara ao longo de suas práticas discursivas em decorrência da formação discursiva e da posição-sujeito na qual está inscrito. Tais restrições possibilitam apreender, pelo discurso, questões como a divisão e a dispersão do sujeito.

Assim, este texto tem como objeto de investigação um enunciado presente no discurso do então candidato ao governo do Estado do Rio Grande do Sul, José Ivo Sartori, durante a campanha eleitoral de 2014, veiculado repetidamente na propaganda eleitoral e na mídia. É de nosso interesse investigar de que modo um discurso voltado à persuasão se estabelece em função de características das subjetividades contemporâneas, produzindo prováveis deslocamentos, transformações, permanências e/ou apagamentos.

Para a análise que empreendemos, dedicamos especial atenção às condições de produção do enunciado, a elementos que foram silenciados e a sentidos que foram interditados, buscando compreender o excesso e a falta como consequência dos limites que são impostos ao sujeito.

2 A PRÁTICA DISCURSIVA DO SUJEITO

Diante do vasto material (superfície linguística) produzido durante o período eleitoral em pauta, elegemos para análise, neste artigo, apenas o enunciado "EU SOU SARTORI E O MEU PARTIDO É O RIO GRANDE". O referido enunciado fez parte da propaganda eleitoral e foi exibido durante todo o período da campanha do referido candidato. Daí o considerarmos como o *slogan* da campanha, o qual entendemos que é possível conceituar como o *enunciado de base*, termo cunhado por Denise Maldidier (1971 apud OSAKABE, 1999, p. 30-31) para referir-se à recorrência de determinado conteúdo, em que a autora considera as informações históricas sobre as condições em que foram pronunciados os discursos.

Não se trata de buscar certas recorrências previamente escolhidas entre enunciados, mas compreender esse enunciado como portador de uma invariante semântica que subjaz a todos os demais efeitos de sentido que se constroem em torno do sujeito, mostrado como o sujeito "ideal" para ocupar o cargo pleiteado. Isso nos faz pensar que há um sentido de base, ou seja, uma constante semântica. Em nosso entendimento, o enunciado objeto de nossa análise permite pensar as coerções a que o discurso de Sartori estava submetido, principalmente no que se refere às condições de sua produção, já que determinadas condições prévias

¹A Análise de Discurso considera que o sujeito é determinado pelo ideológico e pelo inconsciente: "[...] o sujeito funciona no ordinário do dizer sob o efeito do apagamento da alteridade (exterioridade, historicidade), com a ilusão do sentido-lá, de sua evidência. A posição construída pelo analista visa não refletir essa ilusão, mas, ao contrário, trabalhá-la, levar em conta a questão da alteridade, tornando visível o modo como a ideologia opera" (ORLANDI, 2001, p. 26).

delimitam o quadro de possibilidades do dizer, ou seja, o quadro de significações de um discurso depende do quadro situacional em que o mesmo se insere.

Na formulação de Osakabe (1999, p. 75), o discurso político pode ser compreendido em dois níveis, isto é, os *discursos de tensão* – aquele conjunto de discursos que têm “[...] de certa forma, rarefeita sua função informativa e elevada ao extremo a sua função persuasiva” e, por outro lado, os *discursos de prestação de contas*, aqueles “nos quais a quase totalidade das páginas é dedicada à informação”. No âmbito da AD, essa divisão em níveis não nos é produtiva, pois consideramos que mesmo um discurso informativo faz muito mais do que isso – a informação está mais para convencer, persuadir, do que para o ato informativo em si. Não obstante a isso, nos interessa a noção de discurso de tensão, que concebemos como sendo possível de tratar na perspectiva da AD, pois a mesma conjuga uma instância ideológica, manifestações do inconsciente e certa intencionalidade do sujeito, características essas presentes no discurso em pauta.

Concebemos como uma das principais características deste enunciado o fato de deixar transparecer a movimentação de uma tentativa de desconstrução de sentidos em circulação ou, ainda, uma tentativa de recalcar determinados sentidos e antecipar outros² em decorrência da circulação de significações que produzem “[...] um mal estar simbólico na relação com o ‘outro’ co-rompida, co-roída por práticas sociais que se historicizam por pesados processos de exclusão, de negação, de apagamento, de silenciamento” (ORLANDI, 2001, p. 209). Tal processo é que propomos denominar de *efeito de desgaste imagético* – desgaste político-partidário enfrentado pelo candidato do PMDB José Ivo Sartori e pelos demais sujeitos ligados à política partidária³ daquelas condições de produção. É justamente esse desgaste que o candidato pretende recalcar, pois, embora filiado a um partido político (o PMDB) e concorrendo como representante de uma frente político-partidária, evita, em toda a campanha, nomear o referido partido.

Entendemos que isso ocorreu tendo em vista o cenário político daquele momento histórico, o que aumentou o descrédito da política em geral, dos políticos e dos partidos políticos. A população estava perplexa diante de tantos escândalos, entre os maiores, o do “mensalão” e os desvios de recursos da Petrobrás, envolvendo principalmente políticos ligados ao governo do Partido dos Trabalhadores (PT) e ao PMDB, partidos que representavam, então, a situação. Neste ínterim havia um anseio pela responsabilização dos envolvidos. Não bastasse isso, temos, no Estado do RS, a história de insucessos de governos anteriores do PMDB. O sujeito do discurso, por sua vez, entendendo que tudo isso poderia refletir no voto do sujeito-eleitor, pautado no mecanismo de antecipação, optou pelo silenciamento do partido que representava – o PMDB.

Vale ressaltar que esse é um discurso de interesse fundamentalmente político, que, assim como os demais, faz mais do que informar, é um lugar a partir do qual o sujeito enunciatador procura convencer, persuadir, impressionar e é, portanto, lugar de argumentação, apelo emotivo e observação de valores morais. O sujeito enunciatador, em seu discurso, também sinaliza para uma suposta cultura da Paz, da Ternura, da Fraternidade, da Religiosidade, procurando contrapor-se a seus opositores.

Nesse sentido, nos interessa refazer esse caminho em que não só o dito, mas também o não dito ou o dito em outro lugar igualmente significam. Sabemos que o efeito de sentido tem história e essa história reverbera nos dizeres da contemporaneidade. Este enunciado, como todas as demais manifestações verbais e não verbais, é portador de uma rede intrincada de significações, inaugurando um espaço de movimentação do sujeito com potencial para mostrar seus prováveis deslocamentos, transformações e/ou apagamentos, e, portanto, o elegemos como representativo do excesso e da falta no discurso em questão.

² O mecanismo da antecipação, mencionado por Pêcheux, prevê que o sujeito enunciatador coloca-se no lugar de seu interlocutor e antecipa-lhe a resposta. Deste modo, o sujeito inconscientemente organiza seu discurso de determinada forma e não de outra, visando produzir efeitos de sentido que entende como possíveis produzir no interlocutor, o que configura uma das ilusões do sujeito. A antecipação reside na possibilidade que permite “[...] que o orador experimente de certa maneira o lugar do ouvinte a partir de seu próprio lugar de orador: sua habilidade de imaginar, de preceder o ouvinte é, às vezes, decisiva se ele sabe prever, em tempo hábil, onde o ouvinte o ‘espera’”. Esta antecipação do que o ouvinte vai pensar parece constitutiva de qualquer discurso[...]” (PÊCHEUX, 1997, p. 77, grifos do autor).

³ A política partidária é aqui entendida como uma área especializada do saber, como espaço de conflito, litígio, desentendimento que ocorrem em uma cena em comum. A política é “[...] uma atividade que rompe a configuração sensível na qual se definem as parcelas e as partes ou a sua ausência a partir de um pressuposto que por definição não tem cabimento ali: a de uma parcela dos sem-parcela” – ocorre, assim, uma ruptura, uma reconfiguração do espaço no qual se definem as partes, as parcelas e suas ausências (RANCIÈRE, 1996, p.42-44). Já, o político, entendemos como “[...] representações do jogo de forças políticas em jogo no discurso, no qual interferem a história e a ideologia como constitutivas do discurso” (CAZARIN, 2004, p. 57).

Diante do enunciado “EU SOU SARTORI E O MEU PARTIDO É O RIO GRANDE”, nos deparamos com o emprego do pronome pessoal *eu*, primeira pessoa do singular, que Benveniste (1991, p. 225-36) trata como correlação de pessoalidade – conjunto eu/tu (a pessoa) em oposição a ele (a não-pessoa).

Segundo o mesmo autor, pronomes que se referem à pessoa (eu/tu) pertencem, pela própria relação de subjetividade que se estabelece entre eles, à instância do discurso, bem como a essa instância pertence tudo aquilo que a pessoa pode manipular em termos de sua subjetividade no interior do enunciado. Benveniste refere-se ao discurso como um espaço prático no qual a pessoa (eu/tu) ganha um estatuto de significado mais real do que virtual, como, também, à instância contemporânea do discurso, na qual existe uma realidade situacional provida de um locutor e de um ouvinte definidos no interior de determinado contexto.

Muito embora Benveniste nos ajude a entender a questão da subjetividade, deslocamos seu posicionamento para o âmbito da AD, teoria em que vamos tratar de sujeitos não empíricos e sim como representações que, a partir de formações imaginárias, designam o seu próprio lugar e o lugar do outro. Sercovich (1977, p.43-45) aborda o imaginário enquanto social, ou seja, concebe o imaginário discursivo como constituinte de uma das dimensões de toda prática social e complementa: “[...] lo imaginário discursivo y el efecto de transparência semiótica no se explican en absoluto por una relación – adecuada o no – con respecto a lo real sino por el hecho de derivar de determinados intereses sociales” (SERCOVICH, 1977, p. 44).

O autor cita Freud por este perceber com extraordinária clareza a relação do ilusório com o desejo e não por sua conexão com a realidade – “[...] una de las características más genuínas de la ilusión es la de tener su punto de partida en deseos humanos, de los cuales deriva” (SERCOVICH, 1977, p. 45). A contribuição de Sercovich consiste no fato de compreender que deslocando/substituindo a noção de desejos por interesses sociais se compreenderá como a ação do imaginário discursivo se integra à investigação das ideologias.

A partir do exposto podemos compreender que esse *eu*, no caso em pauta, vem carregado de um jogo de relações intersubjetivas que aí significam e produzem seus efeitos de sentido, pois essa subjetividade é concebida como constituída na relação com o social e o histórico. A esse *eu* agregam-se outros sentidos que, pelo viés da categoria da memória discursiva, podemos reconstituir, como é o caso de “o gringo que faz”, enunciado também veiculado durante a campanha eleitoral. Em “o gringo que faz”, é possível que tenha ocorrido a paráfrase de “Gente Que Faz”⁴. Com esse enunciado, é possível que se tenha produzido um efeito de sentido que retome, ainda que relativamente, o sentido produzido por uma campanha do extinto Banco Bamerindus.

A referida campanha cria um espaço de visibilidade para o banco, “Bamerindus, o Brasil se faz com gente que faz”, a partir da apresentação de depoimentos motivadores de empreendedores, nos quais são contadas histórias de ambição, coragem, progresso e sucesso. Na campanha, é veiculada a ideia/imagem de gente que faz não somente para si, mas para seu semelhante, para sua comunidade, para seu país. Os protagonistas dessa série são, sem dúvida, apresentados como tendo um diferencial, como exemplos a serem seguidos.

Observamos, ainda, que além dos sentidos anteriormente mencionados agrega-se o adjetivo “gringo” e o determinante “o”, que atribuem sentidos ao sujeito, a um imaginário que se pode pensar corrente a partir da história da imigração no Rio Grande do Sul⁵. Esse imaginário produz o efeito de sentido de que o estrangeiro, o imigrante italiano no caso em estudo, traz no sangue a história de coragem e de luta, que precisou primeiro desbravar terras improdutivas para depois obter o sucesso que é oriundo do seu trabalho. De certa forma, temos efeitos de sentidos que retomam outros, oriundos do interdiscurso, como o de que o povo brasileiro não gosta de trabalhar, sentidos ideologicamente performados que tentam justificar a desigualdade, a injustiça social e o abandono do

⁴A Biblioteca FEAUSP possui em seu acervo de vídeos a série “Gente que faz: histórias de ambição, coragem e progresso”, produzida pela TV1 e apresentada por Sérgio Motta Mello, a série apresenta casos de sucesso, das décadas de 80 e 90, de empreendedores brasileiros. Disponível em: <<https://bibliotecafea.com/tag/gente-que-faz/>>. Acesso em: 29 nov. 2016. Também é possível obter mais informações em <https://www.facebook.com/bancobamerindus/video/591603310885714>>. Acesso em: 29 nov. 2016.

⁵ Podemos contar com inúmeras obras e estudos que tomam por base a imigração italiana no Brasil, contudo encontramos em ZAGONEL e MANFROI (apud CONSTANTINO, 2011, p. 6-7), efeitos de sentido que enfatizam a história de coragem, heroísmo e superação de dificuldades dos colonos italianos, que permeia até hoje o imaginário colonial e a memória social.

povo brasileiro por parte do Estado. O imaginário/imagem de “o gringo” se contrapõe ao sentido pejorativo atribuído à imagem do brasileiro e se firma sobre a ideia de determinação, coragem, trabalho e sucesso.

Desse modo, aos poucos esse *eu* vai sendo construído discursiva e imageticamente, produzindo um efeito de sustentação ao enunciado, procurando imprimir um caráter de veracidade e de um ideal promissor. Chamamos a atenção para este ponto, no qual nos deparamos com a possibilidade de trabalhar a materialidade linguística e sua exterioridade, o que pertence ao âmbito do interdiscurso e da memória discursiva que se faz presente e ali significa.

Cabe salientar que trabalhamos a noção de interdiscurso nos moldes que postula Indursky (2011). A natureza do interdiscurso é reunir todos os sentidos produzidos por vozes anônimas já esquecidas – tudo está lá. A memória discursiva diz respeito à formação discursiva, e, portanto, não comporta todos os sentidos, mas aqueles autorizados pela forma-sujeito no âmbito da FD em que o sujeito está inscrito. Indursky entende a memória discursiva como da ordem ideológica:

[...] é o ideológico que responde pela natureza lacunar de uma FD e da memória discursiva por ela representada [...]. O apagamento de um sentido em uma FD não implica o apagamento do sentido ao nível do interdiscurso, que funciona como uma memória de todos os dizeres. [...] entendemos que tanto *memória discursiva* como *interdiscurso* dizem respeito à memória social, mas não se confundem. Há diferenças importantes entre as duas noções. A *memória discursiva* é regionalizada, circunscrita ao que pode ser dito em uma FD e, por essa razão, é *esburacada, lacunar*. Já o *interdiscurso* abarca a *memória discursiva referente ao complexo de todas as FD*. Ou seja, a memória que o interdiscurso compreende é uma memória ampla, totalizante e, por conseguinte, *saturada*. (INDURSKY, 2011, p. 87-88, grifo da autora).

Ao mobilizar tanto a memória quanto o interdiscurso, diferentes funcionamentos podem ser acionados, reverberando, portanto, em outras palavras, sentidos iguais ou diferentes. Por outro lado, lembramos que é entre o mesmo e o diferente, entre o já-dito e o a se dizer, que sujeitos e sentidos se movimentam, se significam e o fazem porque o real da língua está sujeito à falha, o real da história é passível de ruptura, conforme argumenta Orlandi (2012, p.36-37):

[...] se o real da língua não fosse sujeito à falha e o real da história não fosse passível de ruptura não haveria transformação, não haveria movimento possível, nem dos sujeitos nem dos sentidos. É porque a língua é sujeita ao equívoco e a ideologia é um ritual com falhas que o sujeito, ao significar, se significa. Por isso, dizemos que a incompletude é a condição da linguagem: nem os sujeitos nem os sentidos, logo, nem o discurso, já estão prontos e acabados. Eles estão sempre se fazendo, havendo um trabalho contínuo, um movimento constante do simbólico e da história. É condição de existência dos sujeitos e dos sentidos: constituírem-se na relação tensa entre paráfrase e polissemia.

Retomando essa referência em relação à movimentação do sentido, recorremos a Pêcheux (1995, p.168), segundo o qual, “[...] o deslocamento do presente ao passado, acoplado ao deslocamento de um sujeito a outros sujeitos, constitui a identificação”. A partir dessa identificação, imbuído do sentimento de pertencimento a um domínio de saber, é que o sujeito, tomando posição, enuncia. Portanto, é nesse movimento entre passado/presente, entre intradiscurso/interdiscurso, entre o mesmo e o diferente que o sentido se constitui.

Desse modo, interessa-nos para este estudo a forma como os sentidos se constituem, ou seja, pela repetição, viabilizados pelo “novo”, pelo possível, pelo diferente. Nossas análises estão pautadas nas noções de excesso e de falta (ERNST, 2009), conforme já mencionado, buscando compreender seus possíveis entrelaçamentos com noções como o silenciamento e/ou a denegação do discurso-outro.

3 O EXCESSO NO DISCURSO

Na análise, constatamos que o excesso fica por conta do uso exaustivo do enunciado “EU SOU SARTORI E O MEU PARTIDO É O RIO GRANDE”, valorizando o paradigma pessoal para a elaboração de representações de si, ensejando estabelecer uma relação de solidariedade e de identificação entre o locutor-sujeito-candidato e o interlocutor-sujeito-eleitor.

O excesso, entendido a partir de Ernst (2009, p. 4) como “[...] estratégia discursiva que se caracteriza por aquilo que está demasiadamente presente no discurso”, pode ocorrer de duas maneiras:

- 1) no uso de incisivas, considerado na gramática como um *acréscimo contingente* (cf. Haroche, 1992), de intensificadores ou na repetição de palavras ou expressões e orações. Tais usos, na perspectiva aqui adotada, constituem-se em ‘acréscimo necessário’ ao sujeito que visa garantir a estabilização de determinados efeitos de sentido em vista da iminência (e perigo) de outros a esses se sobreporem;
- 2) na reiteração incessante de determinados saberes interdiscursivos que tomam formas diferentes no intradiscorso, mas mantêm os mesmos pressupostos ideológicos com vistas ao estabelecimento. Em suma, trata-se, nos dois casos, de buscar estabelecer provavelmente a relevância de saberes de uma determinada formação discursiva através da repetição (ERNST, 2009, p. 4).
- 3)

No caso em análise, o desejo de eleição funciona como a causa que leva à materialização do excesso pelo viés de repetição. Serrani-Infante (1991, p. 93-100) considera que uma das principais condições de possibilidade da Análise de Discurso é a repetição e identifica como um dos modos exemplares de repetição a paráfrase⁶.

Da concepção anteriormente mencionada, resta-nos, pois, compreender que não há repetição pura, já que as condições de produção e reprodução de um determinado enunciado não são as mesmas. Ainda que o enunciado tenha sido repetido inúmeras vezes durante a campanha eleitoral, há um jogo interdiscursivo (o atravessamento por outros discursos, já ditos, já significados anteriormente, diferentes condições de produção-reprodução) que sobre ele atua. Para a análise que estamos a realizar, interessamos substancialmente o estudo da repetição e a contribuição que a mesma possa trazer para a compreensão dos sentidos que se constituem e circulam em torno do sujeito do discurso.

A questão do excesso pode ser articulada ou, melhor, entrelaça-se às questões da memória, da repetição. Assim, de acordo com Pêcheux, a memória em AD:

[...] deve ser entendida não no sentido psicologista da “memória individual”, mas nos sentidos entrecruzados da memória mítica, social, inscrita em práticas [...]. A memória discursiva seria aquilo que, em face de um texto que surge como acontecimento a ler, vem restabelecer os ‘implícitos’ (quer dizer, mais tecnicamente, os pré-construídos, elementos citados e relatados, discursos transversos, etc.) de que sua leitura necessita: a condição do legível em relação ao próprio legível (PÊCHEUX, 1999, p. 51-52, grifo do autor).

Na mesma direção, Indursky (2011, p. 68) pontua que “[...] a reflexão sobre memória sempre esteve presente no quadro da Teoria da Análise de Discurso”, ainda que sob outras designações, como, por exemplo, repetição, pré-construído, discurso transversal, interdiscorso. Vale dizer que “[...] não há dizer que para fazer sentido não se inscreva na memória. Não há dizer que não se faça a partir da repetição” (ORLANDI, 2012a, p.173).

No entanto, sabemos que a repetição que interessa à AD e, conseqüentemente, à nossa análise, é a repetição histórica, ou seja, aquela em que “há deslocamento, deriva, transferência, efeito metafórico. E o efeito metafórico é retomada e esquecimento, deslize para outro lugar de sentido, novo gesto de interpretação” (ORLANDI, 2012a, p. 173).

O que podemos perceber é que há um *continuum* de efeito de sentido, o sujeito se esforça para manter o mesmo discurso,

⁶A paráfrase apresenta-se como uma possibilidade de compreensão do funcionamento discursivo do que pré-existe ao discurso, mas que sobre este produz seus efeitos. Em AD a paráfrase é entendida como uma possibilidade de diversificação do sentido. Segundo Orlandi (2012, p.79), vemos a historicidade representada pelos deslizes produzidos nas relações de paráfrase, lembrando que em AD não existe paráfrase pura.

reforçando, assim, o aprendizado, ou seja, a regularização de um determinado sentido, o que nos remete para o fato que “há repetições que fazem discurso” (COURTINE; MARANDIN, 1981 apud INDURSKY, 2011, p. 28).

Esse e outros pontos nos levam a compreender a repetição como uma possibilidade de condensação das semelhanças de sentidos, sem deixar de mostrar que os mesmos estão sempre vinculados à possibilidade de movimentação e que, por isso, o sentido sempre pode ser outro e a repetição pode ocorrer de maneira relativa. No entanto, não podemos deixar de reconhecer que a repetição através dos tempos instaura a regularização e funciona a partir de suas imagens enunciativas criadas a partir da memória e que também produz memória.

É interessante observar que esse processo de construção do sentido se constitui essencialmente através do Aparelho Ideológico de Estado da Informação, o qual, de acordo com Indursky (2015, p. 14), é responsável pela instauração de Políticas do Esquecimento, produzindo um processo discursivo que é da ordem da repetibilidade.

Ao considerar as condições de produção desse discurso, nos deparamos com o fato de que o mesmo ocorre fortemente ligado a saberes específicos que são repetidos exaustivamente procurando produzir um *efeito de verdade*. E, neste processo, uma posição passa a ser tomada como única, verdadeira, enquanto outras passam a ser excluídas produzindo, assim, conforme a autora recém citada, “gestos de silenciamento em torno de outros possíveis sentidos”. Trata-se de um silêncio específico-particular, que se produz porque

[...] as práticas e os saberes excluídos remetem a um outro modo de se relacionar com a ideologia e divergem e/ou antagonizam com os saberes e interesses da Formação Discursiva Dominante. Essas outras vozes são excluídas do âmbito da Formação Discursiva [...]. Tal procedimento produz um *efeito de silenciamento* do diferente, responsável pelo efeito de consenso instaurado no corpo social (INDURSKY, 2015, p. 15, grifo da autora).

Acreditamos que aqui se abre um espaço para pensar o sujeito do discurso como portador de certa intencionalidade (ainda que nada lhe garanta a efetivação da mesma), com objetivos e metas que não combinam com a AD, mas que fazem parte das condições de produção de candidato. Sob a ilusão de ser a origem do que diz e de que seu dizer não poderia ser dito de outra forma, candidato e equipe trabalham a argumentação pelo viés da repetição de argumentos que antecipadamente julgam que devam ser reiterados.

O excesso, no discurso em pauta, também pode estar estreitamente relacionado às formas de representação do sujeito no discurso político, lugar de construção de representações próprias, com vistas a atender um objetivo específico, e, no caso, vencer a eleição. Em seu processo discursivo, pelo regime da repetibilidade, o sujeito privilegia uma posição, silencia diferenças e/ou divergências, recalca o que não entende como interessante ou favorável para ficar lá onde Indursky denomina de *dobradura da memória*⁷. Isso até que, por um gesto de resgate da memória, no movimento entre excesso e falta essa dobradura possa novamente se abrir e permitir que o sentido venha a se alternar, a ser outro.

4 A FALTA NO DISCURSO

Passemos, agora, ao discurso da falta. Esta, segundo Ernst, “[...] pode ocorrer, no nível intradiscursivo, através de diferentes processos de ordem sintática e lexical” (2009, p. 4), as quais, no âmbito da AD, possuem outro estatuto, ou seja, deixam de ser interpretadas como formas de dizer vinculadas às intenções estéticas de quem as usa, para serem consideradas em relação às determinações históricas de quem as produz.

Outra autora que nos ajuda a entender a falta é Morales que, em seu artigo *Sujeito; Imaginário; Simbólico e Real: deslizamentos de sentido* (2008, p. 34-46), nos apresenta a falta como pré-existente ao sujeito. Em sua discussão, a autora situa a fase do espelho como

⁷Indursky (2015, p. 16-17) refere-se que pelo regime de repetição o sujeito do discurso busca calcar à força na memória social determinados sentidos e, ao mesmo tempo, este mesmo procedimento silencia posições diferentes e/ou divergentes, recalçando-as em uma zona do interdiscurso, que denomina de dobradura da memória.

[...] o momento em que o sujeito se defronta com sua imagem. Reconhecer no espelho sua própria imagem é decisivo na constituição do sujeito. Esta identificação primeira do indivíduo com sua imagem é a origem das demais identificações. É uma identificação imediata e “dual”, reduzida a dois termos, o corpo e sua imagem. Lacan a qualifica de imaginária, porque o indivíduo se identifica com uma cópia de si mesmo, com uma imagem que não é ele mesmo, mas que lhe permite reconhecer-se. Ao fazê-lo, preenche um vazio entre os dois termos da relação: o corpo e a imagem. Trata-se de uma relação caracterizada pela indistinção, a confusão entre si mesmo e o outro, e também pela alienação, porque o sujeito não tem nenhuma distância frente a sua própria imagem, confundindo seu corpo com o do semelhante (MORALES, 2008, p. 37).

Podemos entender que nessa passagem de indivíduo a sujeito – momento em que o sujeito se identifica com sua própria imagem – está presente a falta, ou seja, há aí um espaço vazio, pois o sujeito é mais do que a imagem que vê diante do espelho. Portanto, essa falta, esse espaço vazio, é preenchido imaginariamente e a fase do espelho constitui/contribui tanto para a obtenção de uma unidade subjetiva, permitindo uma primeira localização do corpo, quanto determina a alienação, submissão do futuro sujeito a sua própria imagem.

Pelo exposto, na aproximação da Análise de Discurso com a psicanálise entendemos o sujeito como constituído por uma falta que, ao mesmo tempo em que o habita, o torna um sujeito desejante. Parafraseando Morales (2008), o sujeito que está submetido à linguagem e a sua incompletude é sujeito em falta, desejante. Considerando que a falta se presentifica no sujeito, na linguagem e no sentido, continuamos nossa reflexão retornando a Ernst, quando esta, numa perspectiva discursiva, apresenta a falta, como:

Estratégia discursiva que consiste em: 1) na omissão de palavras, expressões e ou orações, consentida inclusive pela gramática, que podem (ou não) ser resgatada pelo sujeito-interlocutor; 2) na omissão de elementos interdiscursivos que são esperados, mas não ocorrem e podem (ou não) ser percebidos pelo sujeito-interlocutor. No primeiro caso ela se constitui num lugar em que são criadas zonas de obscuridade e incompletude na cadeia significante com fins ideológicos determinados; no segundo, cria um vazio que visa, na maioria das vezes, encobrir pressupostos ideológicos ameaçadores (ERNST, 2009, p. 4).

Diante do exposto, retomamos o enunciado *EU SOU SARTORI E O MEU PARTIDO É O RIO GRANDE* para analisarmos a falta. Preliminarmente, essa falta, essa presença/ausência que se instala no enunciado do sujeito enunciadador, não é de ordem sintática – não há falta na estrutura do enunciado. No entanto, se presentifica a possibilidade de diferentes interpretações, o que ratifica a ideia de que o sentido sempre pode ser outro, pois é preciso considerar que há um espaço inatingível entre o que é dito e o que é interpretado.

A falta aqui funciona pela omissão, isto é, ao invés de dizer *o PMDB é o meu partido*, há um silenciamento do partido, de sua história, da memória e também de efeitos de sentido que circulavam à época, no momento em que o sujeito enunciadador dizia meu partido é o Rio Grande. Com isso, o sujeito possibilita, no mínimo, a produção de efeitos de sentido distintos, um que afirma que o Rio Grande é maior, mais importante, e que, portanto, estaria acima de partidos políticos, de ideologias e interesses particulares, e outro que enaltece o próprio sujeito, colocando-o como alguém que não se deixa levar por interesses partidários, ideológicos ou interesses próprios, que estaria acima de quaisquer partidos ou até mesmo o desejo de recalcar o nome do partido que lhe empresta a sigla.

É possível conceber que essa falta ocorre sob a figura da denegação, ou seja, a cena discursiva comporta a possibilidade para que o partido (PMDB), o qual o sujeito enunciadador representa, seja referido. No entanto, ocorre justamente o contrário e tal posicionamento não é comum na conjuntura dada (não é comum a apresentação de um candidato que não mencione ou que deseje se desvincular do partido pelo qual concorre ao cargo pretendido). É a esse sentido que nos referimos acima, pois, ao afirmar “meu partido é o Rio Grande” o sujeito “nega/recalca” o partido a que pertence e isso nos fornece outra pista: “[...] através da denegação, o sujeito diz sem, de fato, dizer, apresentando-se dividido entre seu desejo de dizer e sua necessidade de recalcar” (INDURSKY, 1990, p.118).

Para elucidar essa questão, retomamos a autora recém citada, quando afirma que o sujeito pode se relacionar com saberes de outras

formações discursivas, saberes antagônicos, os quais estão interditados em seu discurso, mas isso não é o que acontece no discurso que estamos analisando. Não se trata de um saber exterior, mas de um saber interior próprio da FD do sujeito que passa a ser implicitamente silenciado.

Em seu estudo, a autora desloca o conceito de denegação da psicanálise para a AD, propondo, então, que se considere a *denegação discursiva*:

[...] como aquela negação que incide sobre um elemento do saber próprio à FD que afeta o sujeito do discurso. Ou seja, a *denegação discursiva* relaciona-se com a interioridade da FD e com o modo como o sujeito com ela se relaciona. Assim, seu efeito não é polêmico. Ao incidir sobre um elemento de saber que pode ser dito pelo sujeito do discurso mas que, mesmo assim, por ele é negado, tal elemento permanece recalcado na FD, manifestando-se em seu discurso apenas através da modalidade negativa (INDURSKY, 1990, p. 120, grifos da autora).

Diante do exposto, embora não haja uma negativa explícita de saberes próprios à FD por parte do sujeito, entendemos que a denegação discursiva é uma noção que pode ser aplicada à análise que estamos empreendendo, pois o recalque/o silêncio pode estar funcionando como negação de um saber e/ou prática que esteja circulando no interior da FD em que se inscreve o sujeito.

Podemos observar que ocorre a *falta* de um elemento que costuma usualmente aparecer em situação semelhante, mas que foi silenciado. Esse silenciamento é possível de ser interpretado como um deslocamento no discurso (PÊCHEUX, 1997, p.77). Ou seja, o sujeito enunciador, a partir da imagem e do lugar que atribui ao outro, seu interlocutor, pretensamente antevê o que o outro gostaria ou não gostaria de ouvir. Dito diferentemente: o sujeito, imaginariamente, passa de seu lugar ao lugar do outro e isso lhe permite, ainda que num processo ilusório, antecipar o lugar em que o ouvinte lhe espera. Assim, lança mão de procedimentos linguísticos e discursivos para organizar seu discurso, tendo por finalidade produzir determinado efeito de sentido, ainda que inconscientemente.

No nosso ponto de vista, essa falta pode ser compreendida como um desejo consciente-inconsciente de conquistar a simpatia-identificação do sujeito-eleitor. Concebemos essa falta como uma antecipação, como o desejo de silenciar o que entende que não lhe seja favorável. O sujeito do discurso enuncia, se representa/é apresentado como um simulacro⁸ da imagem de candidato ideal que se preocupa com o futuro do Estado, construindo-se a partir da imagem que é entendida como aquela desejada pelos eleitores. Assim, a imagem de candidato ideal é construída sobre a suposta imagem que os eleitores possuem e/ou desejam.

Isso reforça que o sujeito enuncia com base no lugar institucional no qual está investido (lugar de candidato ao governo do Estado), apresentando-se, desta forma, fortemente atravessado pelo imaginário, que serve de base para a construção de uma imagem que corresponda ao modo como entende que deva ser visto pelo outro.

Ainda guiadas pelo desejo-necessidade de melhor compreender a falta, passamos a analisá-la à luz do que Indursky (2015, p. 11-27) nomeia de políticas do esquecimento. Nesse trabalho, a autora apresenta as políticas do esquecimento como forma de subjetivação antagônica em relação às políticas de resgate de memória, ambas concebidas como modalidades de funcionamento da memória social⁹. Vale ressaltar que ambas são reconhecidas como representativas de um jogo de forças, “[...] uma luta de poder entre a memória e o esquecimento” (INDURSKY, 2015, p. 14). Podemos entender a partir do que explicita a autora, as políticas do esquecimento como aquelas práticas que possibilitam a “[...] produção de um véu de esquecimento sobre o passado recente” (INDURSKY, 2015, p. 14), em outras palavras, uma tentativa de encobrimento desse passado-recente-presente.

⁸ Noção cunhada por Deleuze (1974, p. 263) e explicitada pelo autor como diferente da cópia: “a cópia é uma imagem de semelhança, o simulacro, uma imagem sem semelhança [...]. O simulacro produz um efeito de semelhança”.

⁹ Entendida pela autora “[...] como um conjunto de saberes regulados por Aparelhos Ideológicos de Estado, filtrados e discursivizados por práticas inscritas em Formações Discursivas. Tais saberes apontam para o que o corpo social imaginariamente retém tanto de passado remoto quanto de um passado mais recente. No entanto, o sujeito do discurso, em suas práticas discursivas, não a domina plenamente e a mobiliza pelo viés de uma memória fluida, que é atravessada pelo inconsciente e marcada pela vagueza e mesmo pelo equívoco e pelo desconhecimento” (INDURSKY, 2015, p. 12).

Acreditamos, portanto, que, no caso em análise, seja possível compreender a *falta* como algo que poderia ser afirmado, mas não o é, fazendo com que o discurso do sujeito, como já referido, produza um efeito de sentido muito próximo da denegação ou mesmo daquilo que a autora vem tratando como políticas do esquecimento (INDURSKY, 2015).

5 EFEITO DE FECHAMENTO

Partindo do que nos apresenta Ernst, concluímos que o excesso fica por conta da repetição que se dá pelo sentimento de um acréscimo necessário em virtude do perigo e iminência de outros efeitos de sentido (os não desejados) virem à tona, como também ocorre em vista do estabelecimento de pressupostos ideológicos desejáveis.

Assim, pelo viés da repetibilidade, o mesmo é reiterado inúmeras vezes, não para colocar uma posição como a única, pois existem outras posições, outros sujeitos-candidatos, mas para que uma posição se sobreponha às demais, produzindo um efeito de verdade, ou seja, a posição personifica a verdade.

No que diz respeito à *falta* compreendida em nosso estudo, ocorre pela conjugação de dois elementos, ou seja, a “[...] ocultação de elementos do interdiscurso de uma dada formação discursiva” (ERNST, 2009, p.4) e as determinações históricas de quem as produz. Acrescente-se a isso que o sujeito vem dizer de outro modo, ou seja, organiza seu dizer movido pela ilusão de desfazer o caos a que está submetido por força de efeitos de sentido que circulam em relação ao partido que representa.

Para Orlandi (2012a, p. 231), a falta abre espaço para a possibilidade de o sujeito irromper com seus outros sentidos, é “[...] condição para que os sujeitos e os sentidos possam ser outros, ‘fazendo sentido do interior do não-sentido’”. Compreendemos que esse “não-sentido” que permite a produção do sentido pode ser também a falta, ou seja, o ausente que não se presentifica, mas que ali significa.

A falta da qual estamos tratando não se refere ao que está sendo dito de menos, mas ao que está deixando de ser dito, o que é esperado e deixa de ser nomeado, isto é, o partido ao qual pertence o sujeito-candidato ao Governo do Estado do Rio Grande do Sul. E esse não dito não o é por acaso, constitui-se na criação de *zonas de obscuridade* e o vazio que aí se cria ou é criado com algum propósito – visa encobrir o que é ameaçador, o que não é favorável (ERNST, 2009, p. 4).

A partir do percurso que fizemos, compreendemos “os procedimentos que buscam calcar à força na memória social determinados sentidos que remetem a uma determinada posição-sujeito”, seja pela repetibilidade-excesso, seja pela falta-silenciamento, silenciam efeitos de sentidos e posições-sujeito diferentes, “recalcando-os em uma zona do interdiscurso”, e, portanto, o funcionamento discursivo do excesso e da falta aproxima-se, entrelaça-se com o que Indursky (2015, p. 17) denomina de *dobradura da memória*. Ou seja, os dois processos, ainda que antagônicos, remetem a um efeito de suspensão do sentido.

Deste modo, tanto o que é demasiadamente repetido como o que deixa de ser dito funcionam como um esforço do sujeito para manter lá, bem num cantinho da dobradura da memória, aquilo que ele entende como ameaçador, como o que não convém ser dito. E o papel de analista de discurso nos coloca na posição de resgatar esses efeitos de sentido que vão sendo deixados-esquecidos pelo meio do caminho. É ultrapassando os limites do linguístico que nos permitimos reconstituir a historicidade do enunciado do candidato José Ivo Sartori, já que a mesma pode (ou não) ter sido compreendida pelo sujeito-interlocutor-eleitor.

Ao finalizar, sabemos que muito ainda pode ser dito e que entre o excesso e a falta o sujeito produz sentidos e se constitui numa prática que é tanto discursiva quanto social.

REFERÊNCIAS

- BENVENISTE, Émile. *Problemas de lingüística geral I*. Tradução Maria da Glória Novak e Maria Luiza Neri. 3. ed. Campinas, SP: Pontes: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1991.
- CAZARIN, E. A. *Identificação e representação política: uma análise de discurso de Lula (1978 – 1998)*. 2004. 270f. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.
- CONSTANTINO, Núcia Santoro de. Estudos de imigração italiana: tendências historiográficas no Brasil meridional. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 26, 2011, São Paulo. *Anais...* São Paulo: ANPUH, jul. 2011. Disponível em: <http://www.snh2011.anpuh.org/arquivo/download?ID_ARQUIVO=24379>. Acesso em: 05 dez. 2016.
- DELEUZE, Gilles. *Lógica do sentido*. Tradução de Luiz Roberto Salinas Fortes. São Paulo: Perspectiva, Ed. da Universidade de São Paulo, 1974.
- ERNST, A. G. A falta, o excesso e o estranhamento na constituição/interpretação do *corpus* discursivo. In: SEMINÁRIO DE ESTUDOS EM ANÁLISE DO DISCURSO, 4., 2009, Porto Alegre, RS. *Anais...* Porto Alegre: UFRGS, 2009. Disponível em: <<http://anaisdosead.com.br/4SEAD/SIMPOSIOS/AracyErnstPereira.pdf>>. Acesso em: 17 maio 2016.
- INDURSKY, Freda. Polêmica e Denegação: dois funcionamentos discursivos da negação. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, SP, n. 19, p. 117-122, 1990.
- _____. A memória na cena do discurso. In: INDURSKY, Freda; MITTMANN, Solange; FERREIRA, Maria Cristina Leandro (Org.). *Memória e história na/da análise de discurso*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2011. p. 67-89.
- _____. Políticas do Esquecimento X Políticas de Resgate da Memória. In: FLORES, Giovana G. B; NECKEL, Nádia R. M; GALLO, Solange Maria Leda (Org.). *Análise de discurso em rede: cultura e mídia*. v. 1. Campinas, SP: Pontes, 2015. p.11-27.
- MORALES, Vieira de Souza Blanca. Sujeito; Imaginário; simbólico e real: deslizamento de sentidos. In: MITTMANN, S.; GRIGOLETTO, E.; CAZARIN, E (Org.). *Práticas discursivas e identitárias: sujeito e língua*. Porto Alegre: Nova Prova, 2008. p. 34-46.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. *Discurso e texto: formulação e circulação dos sentidos*. Pontes, Campinas, SP, 2001.
- _____. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes, 2012.
- _____. *Discurso em análise: sujeito, sentido, ideologia*. Campinas: Pontes, 2012a.
- OSAKABE, Haquira. *Argumentação e discurso político*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Trad. Eni Puccinelli Orlandi. 3. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1995.
- _____. Análise automática do discurso (AAD-69). In: GADET, Françoise; HAK, Tony. *Por uma análise automática do discurso*. 3. ed. Campinas: Unicamp, 1997. p. 59-158.
- _____. Papel da memória. In: ACHARD, Pierre et al. *Papel da memória*. Campinas: Pontes, 1999. p. 49-56.

RANCIÈRE, Jacques. *O desentendimento: política e filosofia*. São Paulo: Editora 34, 1996.

SERCOVICH, A. *El discurso, el psiquismo y el registro imaginario*. Buenos Aires: Nueva Vision, 1977.

SERRANI-INFANTE, Silvana. *A paráfrase como ressonância interdiscursiva na construção do imaginário de língua: o caso do Espanhol Riopratense*. 1991. 327f. Tese (Doutorado em Ciências da Linguagem) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1991.

Recebido em 26/10/2016. Aceito em 14/12/2016.

O ESTRANHAMENTO, O EXCESSO E A FALTA NA CONSTRUÇÃO DE UM DISPOSITIVO METODOLÓGICO PARA A ANÁLISE DISCURSIVA DA VOZ

EL EXTRAÑAMIENTO, EL EXCESO Y LA FALTA EN LA CONSTRUCCIÓN DE UN
DISPOSITIVO METODOLÓGICO PARA EL ANÁLISIS DISCURSIVO DE LA VOZ

THE STRANGENESS, EXCESS AND LACK IN THE CONSTRUCTION OF A METHODOLOGICAL
FRAMEWORK FOR VOICE DISCURSIVE ANALYSIS

Jael Sânera Sigales Gonçalves*

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-Rio-Grandense | Universidade Católica de Pelotas

RESUMO: Considerando as noções de “falta”, “excesso” e “estranhamento”, em uma perspectiva materialista da Análise de Discurso, argumento que esses três elementos são constitutivos do processo de construção de um dispositivo metodológico em que a materialidade prosódica da voz seja tomada como significante. Apresento o processo de construção de um objeto discursivo de investigação do discurso do Ministro-relator do Supremo Tribunal Federal brasileiro durante o julgamento do “Mensalão”. Também exponho como, desde os primeiros gestos de leitura e escuta do arquivo, alcancei o “discurso reportado” como uma regularidade desse discurso, marcado pela presença do outro na linearidade linguística. Em conclusão, discuto as três inquietações constitutivas da construção do dispositivo: a transcrição das falas do Ministro; o estatuto dado ao “discurso relatado” na pesquisa; e a ponderação entre exaustividade horizontal e exaustividade vertical.

PALAVRAS-CHAVE: Análise de Discurso. Materialidade prosódica. Estranhamento. Falta. Excesso.

RESUMEN: Considerando las nociones de “falta”, “exceso” y “extrañamiento”, en una perspectiva materialista del Análisis del Discurso, argumento que estos tres elementos son constitutivos del proceso de construcción de un dispositivo metodológico para que la materialidad prosódica de la voz sea significante. Yo presento el proceso de construcción de un objeto discursivo de investigación del discurso del Ministro-relator de la Corte Suprema Federal brasileña durante el juzgamiento del “Mensalão”. También expongo como, desde los primeros gestos de lectura y de escucha del archivo, alcancé el “discurso reportado” como una regularidad de este discurso, marcado por la presencia de un otro en la linealidad lingüística. En conclusión, discuto las tres inquietudes constitutivas de la construcción del dispositivo: la transcripción de los audios del Ministro; el estatuto dado al “discurso reportado” en la investigación; y la ponderación entre exhaustividad horizontal y exhaustividad vertical.

PALABRAS CLAVE: Análisis del Discurso. Materialidad prosódica. Extrañamiento. Falta. Exceso.

* Graduada (2008), Mestre (2011) e Doutoranda em Letras pela Universidade Católica de Pelotas (UCPel). Graduada em Direito (2012) pela Universidade Federal de Pelotas (UFPeL). Técnica em Assuntos Educacionais do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-Rio-Grandense. E-mail: jaelgoncalves@gmail.com.

ABSTRACT: Considering the notions of “lack”, “excess” and “strangeness”, from the perspective of materialist discourse analysis, I sustain that those three elements are constitutive of the construction process of a methodological framework that considers the prosodic materiality of the voice to be significant. I present the construction of a discursive object of research in which I intend to analyse the discourse of the Minister-Rapporteur during the trial of the “Mensalão” by the Brazilian Supreme Court. I also show how, from the first file reading and listening gestures, I end up with the “reported speech” as the regularity of that discourse, marked by the presence of another in the linguistic linearity. In conclusion, I discuss three concerns during the construction of the framework: the transcript of the speech of the Minister audios; the status given to the “reported speech” in the research; and the balance between horizontal exhaustiveness and vertical exhaustiveness.

KEYWORDS: Discourse analysis. Prosodic materiality. Strangeness. Lack. Excess.

1 INTRODUÇÃO

Neste texto, apresento o processo de construção de um dispositivo metodológico-analítico para a consideração, na perspectiva materialista de discurso de Michel Pêcheux e seguidores, da voz como materialidade significativa de um discurso específico: o do Ministro-relator do “Mensalão” no julgamento do “caso” pelo Supremo Tribunal Federal.

Trata-se de um recorte de pesquisa inspirada por trabalhos de pesquisadores que consideram a voz como materialidade nos processos de constituição do sentido e do sujeito – especificamente, em textos de Pedro de Souza, Carlos Piovezani, Clóris Dorow e Luciana Vinhas. Pretendo expor o percurso faltoso, excessivo e estranho que caracteriza a construção do *corpus* discursivo e a análise de discurso da voz no estudo, considerando a aparente contradição fundante entre a Análise de Discurso e a ciência Fonética. Adianta-se, portanto, que este texto não apresenta gestos descritivos ou analíticos da materialidade; dedica-se aos aspectos metodológicos de leitura do arquivo em questão.

2 PRIMEIRO MOMENTO: ESTRANHAMENTO

Do *encontro*, o *estranhamento*: aquele 2007 já era meu terceiro ano na Graduação em Licenciatura em Letras na Universidade Católica de Pelotas (UCPel) quando tive a oportunidade de cursar a disciplina Linguística IV: Texto e Enunciação, ministrada pela esperada “Professora Aracy”. Impossível não ficar afetada pelo falar apaixonado e cuidadoso daquela professora e, ao mesmo tempo, impossível resistir aos *efeitos do estranhamento* incontornável para os ouvidos de quem, desde 2005, se iniciava na ciência linguística pelo lado “duro”, formal, da Fonologia.

Cursar a disciplina Texto e Discurso, já no Mestrado na mesma Universidade, foi consequência lógica da afetação pela incursão nos estudos jurídicos: estava ali a “interface” – é assim que os formalistas chamam – entre a Linguística e o Direito. Em 2012, ingressava no Doutorado em Letras da UCPel, sob orientação da Professora Aracy: ela aceitara co-orientar meu trabalho de tese *Sobre o(s) sentido(s) no/do Mensalão à luz da Análise de Discurso: contribuições da materialidade prosódica*¹². As angústias metodológicas, de construção do *corpus* discursivo e do dispositivo de análise prosódica-discursiva, que me acompanha(ram) durante a realização da pesquisa, não poderiam encontrar interlocutora mais adequada: a autora de um texto que trata justamente de três conceitos fundamentais para todo gesto de leitura materialista dos processos discursivos: *falta, excesso e estranhamento*.

Esse acontecimento a que me refiro e por que nos reunimos nesta publicação é o texto “A falta, o excesso e o estranhamento na constituição do *corpus* discursivo” (ERNST, 2009). Nesse trabalho, a pesquisadora trata *falta, excesso e estranhamento* como

¹ Tese de Doutorado co-orientada pelas Professoras Aracy Ernst e Carmen Lúcia Barreto Matzenauer.

² A prosódia pode ser estudada sob o ponto de vista fonológico e/ou sob o ponto de vista fonético. Sob o ponto de vista fonológico, parte-se da consideração de que a prosódia é um subcomponente do componente fonológico da língua e de que existem constituintes prosódicos na cadeia falada em relação de dominância, desde a sílaba fonológica ao enunciado fonológico. A abordagem da prosódia sob o ponto de vista fonético, que é mais do interesse da pesquisa, por outro lado, preocupa-se com os aspectos físico-perceptuais dos suprassegmentos da língua, estudando sua entoação e/ou ritmo e partindo das três propriedades fundamentais da fala enquanto onda sonora (som): frequência fundamental, intensidade e duração.

noções capazes de servir ao analista de discurso como dispositivos operatórios no movimento pendular de descrição e interpretação do *corpus*. Aliás, é justamente devido a esse pêndulo do gesto teórico-analítico que Ernst (2009) revela a natureza bidimensional da tríade nocional que mobiliza: bidimensional porque há de se considerar os conceitos de *falta*, *excesso* e *estranhamento* na relação com o *intradiscurso* e com o *interdiscurso*.

O Quadro 1, a seguir, apresenta, de forma redutora e reduzida, a explicitação trazida pelas palavras da autora.

Noção/Dimensão	Dimensão intradiscursiva	Dimensão interdiscursiva
Falta	Omissão de palavras, expressões e/ou orações	Ocultação de elementos do interdiscurso
Excesso	Incisas, intensificadores, repetição de palavras ou expressões e orações	Reiteração incessante de determinados saberes interdiscursivos
Estranhamento	Quebra da ordem sintática e/ou semântica; desordem no enunciado	Conflito entre formações discursivas

Quadro 1: Quadro nocional da proposta de Ernst (2009) sobre falta, excesso e estranhamento

Fonte: Ernst (2009)

A preocupação de Ernst (2009) com o modo de entrada do analista de discurso no arquivo, com a “escolha” dos enunciados que adquirirão o *status* de sequência discursiva no *corpus* discursivo, resumida no Quadro 1, responde ao comprometimento da autora com as inquietações que constituem a Análise de Discurso à qual se filia. Quando, ainda sob o pseudônimo Thomas Herbert, Pêcheux (2011) refletia sobre a situação teórica das ciências sociais, o que lhe movia era justamente o interesse por epistemologia e pelo papel dos instrumentos nas práticas sociais, entre as quais estão práticas teóricas, técnicas e científicas. É esse Pêcheux devoto das maquinarias e crítico à análise de conteúdo que propõe a Análise Automática do Discurso (AAD69).

A análise linguística, à época da AAD69, segundo o próprio Pêcheux (2010, p. 308-309), era *pré-requisito* para a análise discursiva: era uma “uma operação autônoma, efetúvel exaustivamente e de uma vez por todas” que supunha a “neutralidade e a independência discursiva da sintaxe” e era “opaca em relação à enunciação”. A maquinaria da análise automática do discurso buscava detectar pontos de identidade e de unidades em discursos empíricos diferentes: trata-se, aqui, do primado do *mesmo* sobre o *outro*.

É esse estatuto da alteridade implicado por essa “máquina estrutural fechada” que recebe novos ares ao longo do desenvolvimento da teoria materialista dos processos discursivos. No lugar da análise de discurso por etapas – primeiro, a análise linguística; depois, a análise discursiva – há a análise “linguístico-discursiva” que

[...] supõe a reinscrição dos traços destas análises parciais no próprio interior do campo discursivo analisado enquanto *corpus*, acarretando uma configuração desse campo, aberto simultaneamente a uma nova fase de análise linguístico-discursiva: a produção “em espiral” destas reconfigurações do *corpus* vem *escandir* o processo, produzindo uma sucessão de *interpretação* do campo analisado (PÊCHEUX, 2010, p. 312, grifos do autor).

A Análise de Discurso se constitui, assim, uma *disciplina de interpretação*, e o outro, de natureza residual na AAD69, tem *status* constitutivo do discurso, de modo que a “[...] descrição de um enunciado ou de uma sequência coloca necessariamente em jogo (através da detecção de lugares vazios, de elipses, de negações e interrogações, múltiplas formas de discurso relatado...) o discurso-outro como espaço virtual de leitura desse enunciado ou dessa sequência” (PÊCHEUX, 2008, p. 55).

Chego ao ponto em que, pelas mãos de uma orientação *precisa*³, encontro o trabalho de Jacqueline Authier-Revuz, como espero esclarecer ao longo do presente texto.

³ “Terás que ir fundo em Authier” (ERNST, 2012, notas de orientação).

3 SEGUNDO MOMENTO: EXCESSO

Este artigo é fruto, então, dos inúmeros exercícios de leitura do arquivo durante a realização da pesquisa de Doutorado. O estudo pretendeu analisar, considerando a materialidade prosódica como significativa, o discurso do Ministro-relator no julgamento, pelo Supremo Tribunal Federal, da Ação Penal 470, esta conhecida como referente ao “Caso Mensalão”. O “Caso Mensalão” diz respeito ao suposto esquema de corrupção que consistiria na compra, pelo governo federal do Brasil, de apoio político de parlamentares, a partir da vitória na campanha presidencial de 2002.

O julgamento do “Mensalão” ocupou cinco meses dos trabalhos da Corte – de agosto a dezembro de 2012. A exaustão dos trabalhos do Tribunal constituiu o trabalho de pesquisa, razão por que o estudo está dividido em três “Momentos”, que acompanham o desenvolvimento/amadurecimento teórico-metodológico da pesquisa(dora) na relação com o objeto.

Após um Primeiro Momento em que se tratou da hipótese de ser o “Caso Mensalão” um *acontecimento discursivo*, no Segundo Momento, teve início o movimento de descrição e análise linguística, que começou pela transcrição do julgamento. Para iniciar tal transcrição, foi necessário acesso ao áudio do julgamento do “Mensalão” e esse acesso foi possível porque, ineditamente nas democracias do mundo, o Supremo Tribunal Federal brasileiro tem um canal no YouTube que disponibiliza, entre outros conteúdos, os vídeos das sessões de julgamento no Plenário da Corte.

Minha tarefa foi a de fazer o *download* dos vídeos, através do *software V Downloader* e, em seguida, a conversão dos vídeos⁴ para áudio. Inicialmente, o exercício de transcrição consistiu simplesmente na criação de um arquivo em que foram digitadas todas as falas produzidas na Corte, durante o julgamento. O contato com a materialidade linguística fez a minha atenção ser captada por alguma regularidade naquela imensidão de mais de 170 horas de áudio: era *excessiva* – para não dizer “frequente” – *a presença do outro marcado nos dizeres do Ministro-relator*.

Minha *primeira escuta* do arquivo foi captada por essa impressão. Naquilo que chamei de “estudo piloto 1”, estudei, fonético-prosodicamente, a relação entre produção e percepção de enunciados em um domínio enunciativo que, *naquele momento*, era chamado de “Discurso Relatado”. Considerando a oposição gramatical entre Discurso Direto (DD) e Discurso Indireto (DI), foi interesse desse primeiro gesto de descrição verificar, na fala do Ministro-relator no julgamento do “Mensalão”, (i) se havia diferença acústica entre enunciados de Discurso Direto e enunciados de Discurso Indireto e (ii) se falantes nativos de Português Brasileiro (PB) seriam capazes de identificar se o enunciado era de “autoria do próprio falante” ou se era “repetição, pelo falante, do que outra pessoa disse”. A análise fonético-prosódica⁵, seguida de tratamento estatístico, de 27 enunciados – 9 enunciados de DD, 9 enunciados de DI e 9 enunciados “sem DD ou DI” – permitiu responder negativamente a (i) e positivamente a (ii).

Motivada pelo resultado positivo, que apontou a capacidade de os falantes do PB identificarem enunciados com “discurso relatado”, segui a investigação com o “estudo piloto 2”. Enquanto que, no “estudo piloto 1”, os enunciados que constituíram o *corpus linguístico* foram aleatoriamente escolhidos no período compreendido por todo o julgamento – 02 de agosto de 2012 a 17 de dezembro de 2012 –, na segunda *escuta do arquivo*, alguns refinamentos no dispositivo metodológico foram necessários.

⁴ Realizada através do site <<http://www.youtube-mp3.org/pt>>.

⁵ Os parâmetros acústicos que me interessavam nesse “estudo piloto 1” dizem respeito à Qualidade de Voz. Foram extraídas medidas de jitter, shimmer, HNR e inclinação espectral. Jitter e shimmer estão relacionados a perturbações no sinal acústico: jitter a irregularidades na periodicidade – por isso relação com frequência fundamental, inverso do período de uma onda sonora; e shimmer relacionado a irregularidades na amplitude dos pulsos glotais. A HNR é uma razão que mede o quanto que aperiodicidades afetam o sinal periódico, e é medida em dB. Também medida em dB, a inclinação espectral, por sua vez, permite verificar o declínio na concentração de energia em baixas e altas frequências em espectros de longo termo. Os softwares PRAAT (BOERSMA; WEENINK, 2005) e Audacity foram utilizados para as análises acústicas – extração manual dos valores dos parâmetros –, e, para as análises estatísticas, foram utilizados o SPSS (Statistical Package for the Social Sciences), o Rstudio e o Excel.

Permanecera o interesse pelo “discurso relatado”, e foi esse “interesse do analista” que guiou o importante recorte que se seguia. Tratar-se-ia do discurso do Ministro-relator nos *momentos* do julgamento que antecederem o início do julgamento do mérito da Ação Penal, ou seja, *que antecederem a decisão, pela Corte, quanto à culpabilidade ou inocência dos réus.*

As seguintes etapas do julgamento foram cobertas por esse primeiro recorte: Questões de ordem; Relatório; Sustentações Oraís; e Preliminares. O recorte contemplou, exatamente, o período de 02 de agosto de 2012 a 16 de agosto de 2012. A partir daí, uma vez que era meu compromisso a análise discursiva do discurso do Ministro-relator considerando a materialidade prosódica, dei continuidade aos procedimentos de transcrição da voz desse Ministro durante o período compreendido pelo primeiro recorte.

Nessa tarefa de transcrição, *aconteceu* um outro *encontro* constitutivo dos recortes que se realizariam. É que, através de pesquisa eletrônica sobre a Ação Penal 470 (BRASIL, 2012), na página oficial do STF, obtive acesso ao Acórdão da referida Ação. O art. 93 do Regimento Interno da Corte prevê que “[...] as conclusões do Plenário e das Turmas, em suas decisões, constarão de acórdão⁶, do qual fará parte a transcrição do áudio do julgamento.” (BRASIL, 2016). Assim, obtive acesso ao julgamento na sua versão falada e na sua versão escrita. A tarefa de transcrição estaria, então, suprimida, uma vez que o próprio STF já a disponibilizaria.

Acontece que um gesto de *leitura* (do Acórdão) e de *escuta* (do julgamento) me permitiu perceber que havia *discrepâncias* entre *um* e *outro*. *Na leitura do Acórdão*, li dois tipos de inscrições: o texto que houvera sido preparado para ser lido pelos Ministros e a “transcrição” do que teria sido dito no Plenário incidentalmente em relação aos objetos tratados pela Corte. *Na escuta do julgamento*, *escutei* dois tipos de fala: a da leitura, pelos Ministros, daquilo que houvera sido preparado para ser lido e a das manifestações “espontâneas” dos atores do julgamento, estes entendidos como os Ministros (juízes), o membro do Ministério Público Federal (acusação) e os advogados representantes dos réus (defesa).

Nessas condições, minha tarefa de “transcrever” recebeu o *status* de “transcrever-comparar”, de modo que sua notação permitisse ao leitor conhecer *o que* estava escrito e preparado para ser lido (X), *como* foi lido (Y) e a comparação entre o Acórdão e o Julgamento (XY). No Exemplo 1, segue enunciado transcrito-comparado tendo em vista a relação que se estabelece entre X e Y: **em negrito**, está o que fora dito pelo Ministro-relator (Y) e não estava em (X), ou seja, o que o Ministro falou sem que houvesse previsão de leitura; **em negrito e tachado**, está aquilo que estava preparado e que, no entanto, não foi lido pelo Ministro-relator.

Exemplo 1

Nada mais distante, **senhor Presidente**, do comportamento por mim adotado nesta Corte em mais de nove anos de jurisdição, **e da** e nada mais contrastante com a vontade do legislador constituinte ~~de 1988~~ **que quis que o processo se fizesse às luzes do dia e não em conchavos de bastidores ou entre círculo, resid... é... pequenos círculos de insiders.**

Essa *transcrição-comparação* foi realizada para toda emissão de voz do Ministro-relator durante o período compreendido pelo “estudo piloto 2”: de 02 de agosto de 2012 a 16 de agosto de 2012, o que contempla, como já referi, as Questões de Ordem, o Relatório, as Sustentações Oraís e as Preliminares.

Para o “estudo piloto 2”, porém, essas discrepâncias não serviram senão de cuidado metodológico. Desse modo, em que pese o in(d)ício de um exercício de *leitura-escuta do arquivo*, nesse segundo gesto de descrição, a preocupação ainda recaía (mais) sobre o

⁶No “Glossário Jurídico” disponível no site do STF (2016), esta é a “descrição do verbete” “acórdão”: “Decisão colegiada do tribunal. O advogado só pode entrar com recurso depois de o acórdão ser publicado no Diário da Justiça da União.

que a materialidade prosódica poderia dizer do discurso do Ministro-relator do julgamento do “Mensalão”. Preservando do “estudo piloto 1” o interesse pelo “discurso relatado”, procedi a outras análises acústicas, desta vez, com alguma atenção a aspectos enunciativos que me pareciam interessantes se consideradas as condições de produção daquele discurso.

Foram analisados 93 enunciados, classificados segundo os seguintes aspectos: (1) presença ou não de Discurso Relatado; (2) tipo de Discurso Relatado; (3) posição do locutor do enunciado e no processo; (4) estilo, se lido ou falado ou misto; (5) objeto processual da fala; (6) objeto do julgamento das preliminares; e (7) tema de direito tratado, se tema processual (PC) ou material (CR), este entendido como concernente às condutas supostamente criminosas dos agentes.

No que diz respeito à classificação em (1), o enunciado poderia assumir a classe de DR (presença de Discurso Relatado) ou NDR (ausência de Discurso Relatado). Sobre (2), o enunciado poderia assumir a classe de Discurso Direto (DD), Discurso Indireto (DI) ou Não se aplica (NSADR), quando for o caso de NDR. Quanto ao aspecto em (3), o enunciado poderia assumir a classe Acusação (AC), Defesa (DF), Tribunal (TR) ou NSADR. Em (4), cada enunciado poderia ser classificado em Lido (L), Falado (V) ou Misto (M). O enunciado foi considerado “Misto” quando continha, além da leitura, algum trecho de fala espontânea produzida pelo Ministro-relator no momento da leitura, como no Exemplo 1.

Quanto ao objeto processual da fala (5), houve enunciados proferidos durante o julgamento das Preliminares⁷ do processo (Pre) e enunciados proferidos durante o Relatório dos trabalhos (Rel). Quanto ao objeto do julgamento das preliminares (6), houve enunciados sobre o Desmembramento do feito (DM), sobre a Suspeição do Ministro-relator (SP) e aqueles aos quais essa distinção não se aplicou (NSAPre), caso dos enunciados classificados como Rel. Por fim, no que diz respeito à classificação quanto ao tema de direito tratado, houve enunciados com tema processual (PC) e enunciados com tema material (CR), este entendido como relacionado às condutas supostamente criminosas dos agentes, enquanto o primeiro se refere às discussões aventadas pela defesa sobre aspectos processuais da Ação Penal.

A análise fonético-prosódica⁸ e o tratamento estatístico dos 93 enunciados analisados no “estudo piloto 2” permitiram alcançar um resultado interessante: houve diferença prosódica significativa entre os enunciados a depender do valor assumido pela variável (3), “locutor do enunciado relatado”. Os enunciados cujo locutor do ato de enunciação relatado era a acusação tinham medidas fonético-prosódicas diferentes dos enunciados cujo locutor do ato de enunciação relatado era a defesa.

Esse resultado do “estudo piloto 2”, a exemplo do resultado do “estudo piloto 1”, deu indícios de que a análise fonético-prosódica do discurso relatado era um terreno fértil para a análise do discurso do Ministro-relator do “Mensalão”. Era necessário, porém, lidar com a *precariedade* do que estava feito até então. “Algo não ia bem”⁹ e inquietava sobre (i) o estatuto que se dava ao “discurso relatado” no estudo, sobre (ii) a exaustividade horizontal e vertical da análise e, ainda, sobre (iii) a relação entre os textos escrito-para-ser-lido (X) e lido-para-ser-transcrito (Y), na transcrição-comparação (XY) que havia sido realizada ao longo dos Primeiro e Segundo Momentos da pesquisa. Dessas inquietações ocupou-se o Terceiro Momento do trabalho.

4 TERCEIRO MOMENTO: FALTA

⁷ Foram considerados enunciados das “Preliminares” também aqueles proferidos pelo Ministro-relator em sede de votação quanto à questão de ordem levantada por um dos advogados de defesa, quanto ao desmembramento do Processo. Tal decisão foi tomada em vista de tal Questão de Ordem versar sobre a mesma matéria de uma das Preliminares arguidas pela defesa. Inclusive, no momento de votação sobre essa preliminar, esta foi “ultrapassada” pelo Ministro-relator, que a considerou já discutida e votada pela Corte como Questão de Ordem.

⁸ Os parâmetros acústicos que me interessavam nesse “estudo-piloto 2” estão relacionados às medidas de Frequência Fundamental (f_0) e intensidade: média, mediana e desvio padrão de f_0 , intensidade, ênfase espectral e inclinação espectral. Os valores de tais parâmetros foram obtidos pelo uso de um algoritmo no *software* Praat que extrai automaticamente medidas acústicas (SIGALES-GONÇALVES, 2014, adaptado de BARBOSA, 2014).

⁹ Para usar as palavras de Pêcheux no Anexo 3 de Semântica e Discurso (PÊCHEUX, 2009, p. 269).

O que precisa ser imediatamente lembrado sobre essas inquietações constitutivas do Terceiro Momento da pesquisa é que elas são *simultaneamente constitutivas* da construção-reconstrução do dispositivo analítico-metodológico, o que significa lembrar que a reflexão sobre elas se deu de modo *pendular e implicado*. A preocupação com o estatuto dado pelo estudo ao “Discurso Relatado” *coincidiu* com o *encontro* teórico e empírico com o trabalho de Jacqueline Authier-Revuz; fundamentalmente, com as ideias sistematizadas em “A representação do discurso outro: um campo multiplamente heterogêneo” (AUTHIER-REVUZ, 2004).

Authier-Revuz iniciou seus estudos na linguística sob a influência do estruturalismo saussuriano, praticando, entre os anos 1968 e 1980, “*une linguistique du système, distributionnelle, générativiste, appliquée à des faits de voix, d’aspect en français*” (AUTHIER-REVUZ, 2001, p. 1). Depois de se preocupar com a descrição gramatical do “Discurso Relatado”, o interesse da pesquisadora recaiu sobre o funcionamento das aspas.

“Diga-me como aspeias”: assim disse Authier-Revuz diante de Michel Pêcheux, Jean-Jacques Courtine, Paul Henry e Catherine Fuchs (e diante de outros) no colóquio *Materialidades Discursivas* de 1980, quando apresentou seu texto “Palavras mantidas a distância”¹⁰. Fortemente influenciada pelo trabalho de Josette Rey-Debove, Authier-Revuz (2004) propõe-se o estudo das “aspas de conotação autonímica”, que apresentam uma estrutura complexa em que aparece a conotação (uso) e a autonímia (menção). Nesse sentido, defende a autora, as aspas de conotação autonímica indicam “palavras mantidas a distância”. Uma importante observação que Authier-Revuz fez sobre as aspas de conotação autonímica, “sem poder entrar em detalhes”, foi a seguinte: “[...] às aspas de conotação autonímica, o oral faz obrigatoriamente corresponder uma entonação diferenciada, o que não ocorre com as aspas de autonímia; e que as formas verbalizadas do tipo “entre aspas, com aspas, etc.” são reservadas à conotação autonímica” (AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 218).

Essas marcas – tipográficas, entoativas, lexicais – representam, para Authier-Revuz, uma “*imperfeição constitutiva*”, com todas as aspas que a palavra “imperfeição” pode receber porque, justamente, implica a possibilidade de um discurso perfeito, com todas as palavras apropriadas para terem a responsabilidade assumida pelo locutor e serem “assumidas sem distância”. Ao contrário de uma simples “imperfeição”, então, as aspas de conotação autonímica “marcam o *encontro com um discurso-outro*”; realizam-se em uma “*zona de interação, de imbricação, de invasão*”, representando, no discurso, “o eco” do “encontro com o seu exterior” (AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 229). A autora reconhece que o uso das aspas representa a existência de bordas entre um exterior e um interior do discurso. Há, segundo ela, então, “dois absolutos”: de “*uma fala ‘sem borda’*” a “*uma fala ‘recoberta por suas bordas’*” (p. 230).

Uma fala recoberta por bordas, isto é, uma fala “invasida” por aspas, em que as aspas são *excesso*, tem um locutor “despossuído de palavras”. Essa invasão retira a evidência de adequação das palavras, instaura um locutor “perdido” entre o que é seu e o que é do exterior e, conseqüentemente e, de tão aspeada, de tão “mantida a distância”, deixa o locutor sem palavras. Por outro lado, em uma fala em que as aspas *faltam*, ou seja, em uma fala sem borda, é como se não houvesse um exterior: é fala que “não conhece realidade que não seja ela mesma” (AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 229).

Essas ideias apresentadas por Jacqueline Authier-Revuz no colóquio sobre materialidades discursivas foram semente para que o *encontro do discurso com um discurso-outro* implicado pelas aspas fosse tratado em termos de *heterogeneidade*. Assim, em trabalho (quase) contemporâneo àquele e intitulado “*Heterogeneidade mostrada e heterogeneidade constitutiva: elementos para uma abordagem do outro no discurso*”, Authier-Revuz (2004) trata as aspas – assim como o discurso direto, o discurso indireto, o itálico, as glosas – como uma forma explícita, mostrada, de heterogeneidade; de inscrição, no fio do discurso, do outro. Ocorre que, se

¹⁰ “*Paroles ténues à distance*” foi publicado em 1981 na França, e sua tradução para o Português, sob o título “Palavras mantidas a distância”, foi apresentada em 2004 em “Entre a transparência e a opacidade: um estudo enunciativo do sentido”, obra que reuniu vários trabalhos realizados por Jacqueline Authier-Revuz no período compreendido entre 1981 e 1996.

existem formas mostradas de heterogeneidade, existe, também, a heterogeneidade que *constitui* todo discurso, a heterogeneidade que é *constitutiva*. Para sustentá-la, Authier-Revuz faz a linguística estabelecer relações extraconjugais: de um lado, considera, influenciada pelas leituras de Bakhtin e Pêcheux, os trabalhos para os quais o enunciado é produto do interdiscurso; de outro lado, sob a influência das leituras de Lacan, considera ser o sujeito dividido-descentrado, nem fonte nem dono do que enuncia.

Chega-se, assim, a uma das inquietações que determinaram o Terceiro Momento do trabalho de tese: o estatuto dado ao discurso relatado. Em “A representação do discurso outro: um campo multiplamente heterogêneo”, Authier-Revuz (2004) explica o porquê da sua preferência por chamar aquilo que estudara como “discurso citado”, agora, como “representação do discurso outro”. A teorização da autora sobre a Representação do Discurso Outro (RDA¹¹) está espraiada ao longo de sua obra desde seus textos iniciais sobre o discurso relatado e as aspas, mas adquire sistematização nesse texto de 2004 e em “*La représentation du discours autre - principes pour une description*” (no prelo).

A partir da discussão sobre o estatuto semiótico, o estatuto semântico e a ancoragem enunciativa da representação, Authier-Revuz propõe que a Representação do Discurso Outro se situe em uma destas cinco zonas: Discurso Direto; Discurso Indireto; Modalização da Asserção com Segunda (MAS); Modalização Autônoma de Empréstimo (MAE); e Bivocal (Discurso Indireto Livre). Então, diante dessa abordagem mais abrangente no campo da metadiscursividade, no Terceiro Momento da pesquisa, no lugar de tratar os enunciados em termos de discurso direto ou discurso indireto, tratou-se de mapeá-los nas zonas da RDA.

Esse acerto no quadro teórico-metodológico foi acompanhado de outros dois, no caminho da definição do objeto discursivo considerando a construção de um dispositivo metodológico que considere a voz como materialidade simbólica. Esses dois outros acertos, como já adiantado, dizem respeito à invisibilidade que os Momentos anteriores conferiram às discrepâncias entre escrito-a-ser-lido (X) e lido-a-ser-transcrito (Y) evidentes a partir da transcrição-comparação e à disputa entre exaustividade horizontal e exaustividade vertical que o trabalho implica.

Não há leitura inocente, ensina Althusser (ALTHUSSER, 1979). “Além das características linguísticas dos *corpora*, o pesquisador tem de tomar decisões sobre o tamanho do *corpus* necessário para a investigação que pretende fazer” (BARBOSA; MADUREIRA, 2015, p. 215). “Não se objetiva nessa forma de análise [na Análise de Discurso] a exaustividade que chamamos horizontal, ou seja, em extensão, nem a completude, ou exaustividade em relação ao objeto empírico” (ORLANDI, 2007, p. 62). São esses enunciados, vindos de lugares distintos do interdiscurso que constitui diferentes discursividades das práticas científicas na Linguística, que atravessam a pesquisa.

Então, dados os muitos recortes operados no imenso arquivo, encerra-se o objeto discursivo: a Representação do Discurso Outro no discurso do Ministro-relator do “Mensalão” na relação (XY) entre o escrito-a-ser-lido (X) e o lido-a-ser-transcrito (Y), na leitura, pelo Ministro, durante o julgamento, do Relatório da Ação Penal. Das quatro partes em que se divide o Relatório – Denúncia, Acórdão de Recebimento da Denúncia, Instrução Probatória e Conclusão – a análise concentra-se no “Relatório-Denúncia” e no “Relatório-Instrução Probatória”, partes nas quais o Ministro-relator relata o que disse o Procurador-Geral da República, na denúncia apresentada pelo Ministério Público Federal, e o que disseram os réus e seus advogados representantes, durante a instrução probatória, respectivamente.

Operado esse recorte teórico-metodológico, chega-se aos 37 enunciados em que se verificou a existência de Representação do Discurso Outro. Esses enunciados, então, foram descritos enunciativa e foneticamente em algumas etapas que acompanham os seguintes objetivos descritivos principais: identificar as formas de RDA e caracterizar fonético-prosodicamente as regularidades verificadas nesse exercício de identificação. Desta vez, a caracterização fonético-prosódica teve preocupação com parâmetros relacionados à qualidade vocal e à frequência fundamental e à intensidade, a exemplo dos estudos pilotos 1 e 2.

¹¹ Do Francês “*Représentation du Discours Autre*”, daí a sigla “RDA”, que será a adotada neste texto.

Dessa descrição, chega-se aos enunciados que são apresentados como Sequências Discursivas de Referência (SDR) (COURTINE, 2009, p. 109-110) dos processos discursivos que se inscrevem nos dizeres do Ministro-relator do “Mensalão” e que constituem, portanto, o *corpus* discursivo para a análise discursiva a que se propõe a pesquisa.

O Quadro 2, a seguir, resume os três Momentos do trabalho e o lugar ocupado pela descrição fonético-prosódica na construção do dispositivo metodológico do estudo.

Momento da pesquisa		Número de enunciados analisados	Parâmetros fonético-acústicos considerados	Instrumento de mensuração dos valores fonético-acústicos	Análise Estatística	Análise Discursiva
Primeiro Momento		Não foi realizada análise fonético-prosódica				
Segundo Momento	Estudo piloto 1	27	Qualidade vocal: <i>jitter</i> , <i>shimmer</i> , HNR e Inclinação Espectral	Manual, no <i>software</i> PRAAT	Realizada	Não realizada
	Estudo piloto 2	93	Frequência Fundamental, Intensidade, Inclinação Espectral e Ênfase Espectral	Automático (<i>scripts</i>), no <i>software</i> PRAAT	Realizada	Não realizada
Terceiro Momento		37	Qualidade vocal; Frequência Fundamental; Intensidade; Inclinação Espectral; Ênfase Espectral; Ritmo	Manual e automático, no <i>software</i> PRAAT	Realizada	Realizada

Quadro 2: Esquema dos aspectos metodológicos para a descrição fonético-prosódica e análise da materialidade sonora no discurso do Ministro-relator do “Mensalão”: três Momentos

Fonte: produzido pela autora

Esse Quadro evidencia as particularidades do processo de construção do *corpus* para a análise discursiva que a pesquisa pretendeu. Tais aspectos particulares são discutidos na sequência.

5 CONCLUSÃO: FALTA, EXCESSO E ESTRANHAMENTO NA CONSTRUÇÃO DO *CORPUS* DISCURSIVO

Exposto o percurso entre os três Momentos que compuseram o estudo, para concluir, proponho uma releitura do Quadro 1, apresentado no Primeiro Momento deste texto. Naquela oportunidade, o Quadro resumiu a teorização de Ernst (2009) sobre as contribuições teóricas e analíticas das noções de falta, excesso e estranhamento para a prática científica em Análise de Discurso materialista.

Nesse sentido, após o exercício de pesquisa que teve as etapas descritas neste texto, considero que *falta*, *excesso* e *estranhamento* são estratégias, operações e valores coexistentes e constitutivos da prática de construção de um dispositivo metodológico para a análise discursiva que considere a voz – o som, portanto, neste caso – como materialidade significativa. O tratamento dado à materialidade sonora, na pesquisa descrita, implica compromisso-comprometimento com pressupostos técnicos básicos da ciência fonética, que atravessa o fazer científico. Considerando o efeito-leitor, imaginário, do analista de discurso, misturam-se, em um trabalho dessa natureza, a impressão de que *falta* e de que há *excessos*, em um *estranhamento* inegável.

falta de análise discursiva e o *excesso* numérico de enunciados descritos foneticamente falam em alta intensidade sobre a disputa fundante entre exaustividade vertical, de um lado, e exaustividade horizontal, de outro. Trata-se de um ponto que coloca em relação de contradição a pesquisa em Análise de Discurso e a pesquisa em Fonética, como se fossem duas posições ideológicas em oposição na prática ideológica da pesquisa em Linguística. Aquilo que a formação discursiva do foneticista valoriza – a quantidade de enunciados, a exaustividade horizontal – é interdito ao analista de discurso.

Esse *efeito de estranhamento* é resumidamente representado no Quadro 3:

Estranhamento	Falta	Exaustividade Vertical	Efeito do interdiscurso no intradiscurso
	Excesso	Exaustividade Horizontal	Excesso de enunciados

Quadro 3: *Falta, excesso e estranhamento* na construção de dispositivo metodológico para análise na voz no “Caso Mensalão”

Fonte: produzido pela autora

Assim, diferentemente do Quadro 1, o Quadro 3 é desenhado em linhas tracejadas¹² para representar que, no caso da construção do dispositivo metodológico de que se tratou neste recorte, *falta, excesso e estranhamento* estão necessariamente em relação de conjunção e não de disjunção na relação tensa e contraditória entre o fazer na ciência fonética e o fazer na Análise de Discurso. O traçado das linhas representa que essas três noções “compartilham estrato”, no sentido de serem constitutivas umas das outras, na prática teórica e científica de analisar o discurso pela/na voz e posicionam a presente prática como ideológica na pesquisa em discurso.

Então, além de oferecer ao analista de discurso contribuição procedimental para a entrada no arquivo, para a constituição do seu *corpus discursivo*, a proposta de Ernst (2009) fornece, também, subsídios para que o pesquisador tenha uma postura reflexiva em relação à sua prática. Para concluir, considerando a dimensão bidimensional da proposta, ou seja, que *falta, excesso e estranhamento* tenham dimensão intradiscursiva e dimensão interdiscursiva e digam sobre a relação entre processos discursivos e base linguística, é de se refletir, também, se o que *falta*, o que *excede* e, nessa *falta-excesso*, o que é *estranho* no fio do dispositivo metodológico não seria, então, efeito das condições de produção específicas do exercício de pesquisa que este texto pretendeu apresentar.

REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, L. De “O Capital” à filosofia de Marx. In: ALTHUSSER, L.; RANCIÈRE, J.; MACHEREY, P. *Ler o Capital*. Volume 1. Rio de Janeiro: Zahar, 1979. p. 11-74.

AUTHIER-REVUZ, J. Palavras mantidas a distância. Tradução de Heloísa Monteiro Rosário. In: AUTHIER-REVUZ, J. *Entre a transparência e a opacidade: um estudo enunciativo do sentido*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004, p. 217-237.

_____. Heterogeneidade mostrada e heterogeneidade constitutiva: elementos para uma abordagem do outro no discurso. Tradução de Alda Scher e Elsa Maria Nitsche Ortiz. In: AUTHIER-REVUZ, J. *Entre a transparência e a opacidade: um estudo enunciativo do sentido*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004, p. 11-80.

¹² Tomo emprestada representação de formalização realizada em alguns trabalhos na área da Teoria da Otimidade (TO) (PRINCE; SMOLENSKY, 1993), especialmente aqueles que tratam de aquisição fonológica e variação.

AUTHIER-REVUZ. La représentation du discours autre: un champ multiplement hétérogène. In: LOPEZ MUNOZ, J. M.; MARNETTE, S; ROSIER, L. *Le discours rapporté dans tous ses états*. Paris: L'Harmattan, 2004. p. 35-53.

AUTHIER-REVUZ, J. *La représentation du discours autre -principes pour une description*. [No prelo]

AUTHIER-REVUZ, J. Psychanalyse et champ linguistique de l'énonciation: parcours dans la méta-énonciation. In : ARRIVÉ, M.; NORMAND, C. *Linguistique et Psychanalyse*. Paris: In Press, 2001. p. 91-108. Coleção Explorations psychanalytiques.

BARBOSA, P.; MADUREIRA, S. *Manual de fonética acústica experimental: aplicações a dados do Português*. São Paulo: Cortez, 2015.

BOERSMA, P.; WEENINK, D. *Praat: doing phonetics by computer*. Disponível em: <<http://www.fon.hum.uva.nl/praat>>.

BRASIL. Supremo Tribunal Federal. *Inteiro teor do Acórdão AP 470*. Brasília: STF, 2012. Disponível em: <http://www.stf.jus.br/portal/processo/verProcessoPeca.asp?id=252395734&tipoApp=.pdf>. Acesso em: 12 set. 2016.

_____. *Regimento Interno do Supremo Tribunal Federal*. Brasília: STF, 2016. Disponível em: <http://www.stf.jus.br/arquivo/cms/legislacaoRegimentoInterno/anexo/RISTF_integral.pdf>. Acesso em: 12 set. 2016.

COURTINE, Jean-Jacques. *Análise do discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos*. São Carlos: EdUFSCar, 2009.

ORLANDI, E. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. 7. ed. Campinas: Pontes, 2007.

PEREIRA, A. E. A falta, o excesso e o estranhamento na constituição do corpus discursivo. In: Seminário de Estudos em Análise do Discurso, 4. 2009, Porto Alegre. *Anais...* Porto Alegre: UFRGS, 2009. Disponível em: <<http://anaisdosead.com.br/4SEAD/SIMPOSIOS/AracyErnstPereira.pdf>>. Acesso em: 12 set. 2016.

PECHEUX, M. Reflexões sobre a situação teórica das ciências sociais e, especialmente, da psicologia social. Tradução de Mariza Vieira da Silva; Laura A. Parrella Parisi. In: _____. *Análise de Discurso – Michel Pêcheux. Textos selecionados por Eni Orlandi*. 2. ed. Campinas: Pontes, 2011. p. 21-54.

_____. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Tradução de Eni Pulcinelli Orlandi, Lourenço Chacon Jurado Filho, Manoel Luiz Gonçalves Corrêa, Silvana Mabel Serrani. 4. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2009.

_____. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. Tradução de Eni Pulcinelli Orlandi. 5. ed. Campinas: Pontes, 2008.

_____. Análise automática do discurso (AAD-69). Tradução de Eni Pulcinelli Orlandi. In: GADET, F.; HAK, T. (Org.). *Por uma análise automática do discurso*. Uma Introdução à obra de Michel Pêcheux. 4. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2010. p. 59-158.

_____. Análise do discurso: três épocas. Tradução de Jonas Romualdo. In: GADET, F.; HAK, T. (Org.). *Por uma análise automática do discurso*. Uma Introdução à obra de Michel Pêcheux. 4. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2010. p. 307-315.

PRINCE, A., SMOLENSKY, P. *Optimality theory: constraint interaction in generative grammar*. RuCCs Technical report 2, 1993.

STF. Brasil. Supremo Tribunal Federal. Disponível em: <<http://www.stf.jus.br/portal/principal/principal.asp>>. Acesso em: 12 set. 2016.

Recebido em 31/10/2016. Aceito em 29/12/2016.

PRODUÇÃO DE SENTIDOS EM TORNO DE UMA IMAGEM AUSENTE: A PROPÓSITO DA CONDUÇÃO COERCITIVA DE LULA NO ÂMBITO DA OPERAÇÃO LAVA JATO

PRODUCCIÓN DE SENTIDOS ALREDEDOR DE UNA IMAGEN AUSENTE: RESPECTO A LA
CONDUCCIÓN COERCITIVA DE LULA EN EL ÁMBITO DE LA OPERACIÓN LAVA JATO

MEANING PRODUCTION ABOUT AN ABSENT IMAGE: TOWARDS LULA'S COERCIVE
CONDUCTION IN THE SCOPE OF OPERATION LAVA JATO

Janaina Cardoso Brum*
Universidade Federal de Pelotas

RESUMO: Em março de 2016, o ex-presidente Lula foi conduzido de forma coercitiva pela Polícia Federal a fim de prestar depoimento sobre seu envolvimento em atividades suspeitas investigadas pela Operação Lava Jato. Tendo sido proibida a filmagem ou qualquer outro registro da condução coercitiva, a mídia nacional passou a trabalhar nas margens dessa “imagem negada”. No presente trabalho, investigamos os processos de produção de sentidos em torno da “imagem ausente” através de outras imagens e materialidades que circularam no jogo discursivo-midiático em torno da desestabilização/estabilização de evidências sobre os acontecimentos de quatro de março. Para tanto, foram fundamentais os conceitos de falta, excesso e estranhamento, mobilizados por Ernst. Partimos da hipótese de que, respondendo à falta do registro imagético, estabeleceu-se uma profusão de outras discursivizações imagéticas, audiovisuais e/ou verbais.

PALAVRAS-CHAVE: Discurso midiático. Falta. Excesso. Estranhamento.

RESUMEN: En marzo de 2016 el expresidente Lula fue conducido coercitivamente por la Policía Federal para interrogatorio sobre su presunta participación en actividades sospechosas investigadas por la Operación Lava Jato. Ha sido prohibida la grabación o cualquier otro registro de la conducción coercitiva. La prensa nacional comenzó entonces a trabajar a partir de esa “imagen no permitida”. En este artículo lo que averiguamos son los procesos de producción de sentidos alrededor de esa “imagen no permitida” a través de otras imágenes y materiales que transitan en el juego discursivo-mediático en torno a la desestabilización/estabilización de evidencias sobre los hechos ocurridos el cuatro de marzo. De esta manera, fueron

* Professora Adjunta do Centro de Letras e Comunicação da Universidade Federal de Pelotas. Mestre e Doutora em Letras pela Universidade Católica de Pelotas. Membro do Laboratório de Estudos em Análise de Discurso, do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Católica de Pelotas. E-mail: janabrum.uab@gmail.com

imprescindibles los conceptos de falta, exceso y extrañamiento reclutados por Ernst. Nuestra hipótesis es que, en respuesta a la falta de registro de imágenes, se estableció una profusión de otros discursos de imágenes, audiovisuales y/o verbales. PALABRAS-CLAVE: Discurso mediático. Falta. Exceso. Extrañamiento

ABSTRACT: In March 2016, the former president Lula was conducted through a coercive way by the Federal Police in order to depose about his involvement in suspect activities related to Operation Lava Jato. The shooting or any other register of this coercive conduction have been forbidden, thus the national media became to work in the verge of this “denied image”. In this paper, we investigate the process of meaning production about this “absent image” through other images and materialities that circulate in the media discourse game regarding the destabilization/ stabilization of evidences about the March fourth current events. Therefore, the concept of lack, excess and strangeness, established by Ernst, were fundamental. We started by the hypothesis that, answering the lack of imagetic register, it was established a profusion of other imagetic, audiovisual and/or verbal discourses.

KEYWORDS: Mediatic discourse. Lack. Excess. Strangeness.

1 PARA INÍCIO DE CONVERSA...

Na manhã do dia quatro de março de 2016, todos os noticiários televisivos brasileiros, bem como toda a imprensa nacional, veiculavam matérias a respeito da condução coercitiva do presidente Luiz Inácio Lula da Silva ao Pavilhão de Autoridades do Aeroporto de Congonhas em São Paulo, a fim de prestar depoimento à Polícia Federal, no âmbito da Operação Lava Jato. Alguns evocavam a designação jurídico-policial – condução coercitiva – ainda pouco conhecida da massa informe de telespectadores; outros ousavam, em nome do “pleno entendimento” da população, evocar a “prisão” de Lula, já que a condução coercitiva é, no âmbito jurídico, uma espécie de prisão cautelar. Da manhã à noite, a televisão fez trabalhar os sentidos em sua relação com a memória. A evidência imagética e/ou audiovisual da condução/prisão de Lula, no entanto, *falta*, pois, apesar de jornalistas já terem conhecimento do mandado¹ antes mesmo de ele se efetivar, a filmagem ou qualquer outro registro imagético fora proibido pelo Juiz Sérgio Moro, o qual alegou posteriormente querer preservar a imagem do presidente. Nossa hipótese primeira é a de que a ausência de registro audiovisual e/ou fotográfico do momento da condução coercitiva fez com que a mídia nacional significasse essa imagem negada de outras formas, discursivizando-a nas bordas e, assim, fazendo com que os sentidos que circularam no seu entorno deslizassem para sentidos outros, como os relacionados à designação “prisão”.

No âmbito da Análise de Discurso fundada por Michel Pêcheux, teoria que dá sustentação a este trabalho, Ernst (2009), ao refletir sobre a constituição e a interpretação dos *corpora* discursivos, estabelece três conceitos operacionais que podem auxiliar o analista de discurso a “reconhecer” sequências discursivas de referência a partir das quais o gesto de interpretação é empreendido. São eles: a falta, o excesso e o estranhamento. De caráter metodológico, esses três conceitos são capazes de guiar o recorte, estabelecendo-se na intersecção entre o dispositivo teórico e o dispositivo analítico. Para a autora, a falta, o excesso e o estranhamento podem ocorrer simultânea ou separadamente. A ausência de registro imagético da condução coercitiva do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, parece-nos, faz com que o acontecimento não seja tomado, no âmbito da mídia nacional, como evidente, o que, de pronto, instaura, de um lado, a falta como uma hiância discursiva a preencher e, por outro lado, a opacidade discursiva da imagem negada como “problema” a conter. Dito de outra forma, sendo negada ao telespectador a evidência do ato jurídico-policial, o acontecimento passa a ser incessantemente preenchido, como se sua opacidade discursiva fosse apenas efeito da falta instaurada. Nesse caso, falta e excesso concorrem na discursivização do embate político-ideológico. Por outro lado, também o estranhamento intervém na produção discursiva da evidência da “prisão” de Lula.

A fim de analisarmos como se deu o confronto discursivo entre forças político-ideológicas diversas no âmbito da mídia nacional, recorreremos a grandes veículos de comunicação: a Rede Globo de Televisão (aberta) e a Globonews (canal televisivo fechado). Além disso, recorreremos a uma imagem que circulou largamente em redes sociais em setembro de 2015 e no dia da condução

¹ No âmbito jurídico, *mandado* (do verbo *mandar*) designa uma ordem administrativa ou judicial, diferentemente de mandato, conceito que designa o período de exercício de um cargo eletivo direto ou indireto.

coercitiva, quatro de março de 2016. Tomamos como objeto de análise propriamente a edição de quatro de março do Jornal Nacional (JN). No entanto, a fim de apreender a forma como a notícia circulou e os efeitos de sentido que ressoaram em seu entorno, recorreremos também à programação regular da Globonews² nos dias cinco e seis de março.

2 A FALTA, O EXCESSO E O ESTRANHAMENTO

A Análise de Discurso (AD), fundada por Michel Pêcheux em meados dos anos 1960, constitui-se como uma teoria cuja principal característica é não cessar de se reinventar. Nesse sentido, podemos dizer que, no Brasil, a AD encontra, desde os anos 1980, solo fértil para um desenvolvimento teórico-metodológico altamente qualificado. Ernst (2009) traça os conceitos de falta, excesso e estranhamento, os quais fornecem ao analista de discurso uma “pista” procedimental importante. A autora caracteriza o movimento analítico como pendular, já que “traça permanentemente um trajeto entre análise e teoria, como um fio que corre de um a outro ponto, em que são trabalhados, em inter-relação, diferentes campos do conhecimento” (p. 1). Essa concepção, ao mesmo tempo em que fornece um aparato analítico forte, evita uma abordagem formalista e também a rarefação do procedimento interpretativo.

Tomando como base algumas análises já realizadas no âmbito da AD, Ernst desenvolve as noções de falta, excesso e estranhamento como conceitos operacionais, os quais auxiliam o analista a reconhecer sequências discursivas que possam dar forma ao seu gesto interpretativo. Para a autora:

Numa dada conjuntura histórica frente a um dado acontecimento, aquilo que é dito demais, aquilo que é dito de menos e aquilo que parece não caber ser dito num dado discurso, constitui-se numa via possível, mesmo que preliminar e genérica, de identificação de elementos a partir dos quais poderão se desenvolver os procedimentos de análise do *corpus* (ERNST, 2009, p. 2)

Ou seja, o confronto com a materialidade discursiva exige do analista que ele procure marcas, pistas de um dado processo discursivo em funcionamento. Os três conceitos operacionais citados parecem dar conta da localização dessas pistas no fio do discurso a fim de que o *corpus* discursivo possa surgir no batimento entre a teoria e a observação do *corpus* empírico. Vejamos como cada um deles se configura.

A partir da análise do enunciado “On a gagné”, empreendida por Michel Pêcheux (2015), Ernst argumenta que o autor desenvolve seu processo analítico a partir daquilo que falta na estrutura mesma do enunciado. A falta pode se dar tanto no nível intradiscursivo quanto no nível interdiscursivo. Para exemplificar o conceito de excesso, a autora cita um trabalho de Jacqueline Authier-Revuz, no âmbito da Teoria da Enunciação, no qual analisa um texto que nega o genocídio judeu. Nesse artigo, além de chamar a atenção para palavras que seriam esperadas em um texto que versa sobre tal temática, Authier-Revuz identifica o uso excessivo de termos que se referem a atos de discurso, assim como a gêneros e formas materiais de discurso. Isso, aliado à falta de palavras intimamente relacionadas ao genocídio, permite observar “um deslocamento estratégico no discurso analisado, cujo objetivo era estabelecer uma simetria fictícia entre ‘a verdade revisionista’, fundada no anti-semitismo e no anti-sionismo, e o referente histórico” (ERNST, 2009, p. 1-2). Para Ernst, o excesso visa estabilizar determinados saberes no âmbito de uma formação discursiva. Já o estranhamento é, para a autora, uma:

[...] estratégia discursiva que expõe o conflito entre formações discursivas e consiste na apresentação de elementos intradiscursivos – palavras, expressões e/ou orações – e interdiscursivos, da ordem do ex-cêntrico, isto é, daquilo que se situa fora do que está sendo dito, mas que incide na cadeia significante, marcando uma *desordem* no enunciado (ERNST, 2009, p. 5).

² A programação do Canal disponível no site não contém os telejornais e, no dia quatro, não houve programação gravada que tratasse da condução coercitiva do ex-presidente. Por isso, optamos pela programação dos dias seguintes.

Em outras palavras, o estranhamento diz respeito à irrupção de algo heterogêneo ao que está sendo dito no enunciado, que rompe ou não com o fio do discurso.

Esses conceitos operacionais, apesar de não fixarem regras a serem seguidas estritamente pelos analistas de discurso, possibilitam empreender o batimento entre o aparato teórico de que dispõe a AD e o *corpus* empírico, a fim de identificar, no dito e no não-dito, o que vai dar ao seu trabalho a forma de um gesto de interpretação. É a partir desses princípios que analisaremos, a seguir, a edição do Jornal Nacional de quatro de março de 2016.

3 JORNAL NACIONAL...

A edição de uma hora e quinze minutos do Jornal Nacional do dia quatro de março de 2016 apresentava-se de forma peculiar: com 30 minutos a mais do que a média de 45 minutos das edições de sexta-feira, o telejornal passou uma hora e três minutos falando apenas da condução coercitiva do presidente Luiz Inácio Lula da Silva e de pessoas próximas a ele, dos mandados de busca e apreensão realizados em suas propriedades e em propriedades ligadas a ele e da repercussão desses fatos na imprensa nacional e internacional, bem como no Congresso Nacional e no mercado financeiro. Seis minutos foram utilizados para discorrer sobre o impacto da então suposta delação premiada de Delcídio do Amaral no Palácio do Planalto. A notícia sobre uma denúncia contra o então presidente da Câmara dos Deputados, Eduardo Cunha, tomou dois minutos do noticiário. A previsão do tempo e a publicidade acerca de outros programas jornalísticos da TV Globo ocuparam os quatro minutos finais. Nos 63 minutos de transmissão reservados ao presidente Lula, dois aspectos chamaram-nos a atenção do ponto de vista deste trabalho: a pequena quantidade de vezes em que a designação “condução coercitiva” foi utilizada pelos jornalistas e a edição comentada do vídeo transmitido ao vivo na internet, no qual Lula critica as ações jurídico-policiais perpetradas contra ele na manhã do mesmo dia. Ocupemo-nos, primeiramente, desta última.

Após o depoimento dado à Polícia Federal no aeroporto de Congonhas em São Paulo, Lula dirigiu-se à sede do PT, onde fez um pronunciamento transmitido ao vivo pela TVT³ na internet. O JN exibiu, à noite, partes desse pronunciamento. O que causa estranhamento nessa exibição é a edição cortada e comentada do vídeo. Ao ceder espaço à fala de Lula, os apresentadores do JN, William Bonner e Patrícia Poeta, comentaram alternadamente os excertos do vídeo, o que poderia parecer corriqueiro, não fossem essas inserções introduzirem cortes significativos no vídeo. Para além da impressão, ou melhor, da evidência, forjada pelos recortes, de que todo o vídeo ou, ao menos, as partes “mais relevantes” foram reproduzidas no telejornal, os comentários em excesso, ao interromper a linearidade da fala de Lula, produzem, sob o efeito de clareza e completude, a injunção a uma interpretação única. Em outras palavras, os comentários prévios dos jornalistas não fazem mais que, sob um efeito didático de explicação, determinar a interpretação (unívoca) do espectador. Ao comentar sistematicamente e em excesso as falas de Lula, os jornalistas procedem à gestão da interpretação, a um só tempo limitando os efeitos e atestando a possibilidade de deslizamento/deslocamento dos sentidos conforme as posições ocupadas pelos sujeitos. Com isso, mesmo dando um lugar de fala ao ex-presidente, garante-se a homogeneidade aparente dos efeitos de sentido, pois, segundo Ernst (2009), o excesso constitui-se como um “acréscimo necessário” a fim de conter a emergência de discursos outros que solapem a estabilidade das significações.

Ao inserir comentários na fala entrecortada de Lula, a edição apaga partes do pronunciamento, notadamente aquelas que citam o envolvimento de executivos da TV Globo em escândalos de corrupção, e, ao mesmo tempo, produz efeitos de sentido que constroem a indisposição do ex-presidente em colaborar com a Polícia Federal, tais como nas formulações a seguir: “o ex-presidente ignorou os motivos citados pelo juiz”, “sem citar nomes, disse que querem destruir esses programas (sociais)”, “o presidente voltou a dizer que a propriedade era de amigos e procurou desqualificar indícios apurados na Lava-Jato”, “Lula fez defesa das empreiteiras e minimizou o fato de serem envolvidas nos desvios de dinheiro da Petrobrás”, entre outras. Além de

³ Emissora mantida pelo Sindicato dos Metalúrgicos do ABC Paulista e pelo Sindicato dos Bancários e Financeiros de São Paulo, Osasco e Região.

concorrer na sobredeterminação da interpretação, essas construções reforçam e reproduzem uma rede de saberes construídos discursivamente segundo a qual o presidente Lula é um criminoso, *mesmo sem o acusar diretamente de nenhum crime* e, inclusive, sublinhando o caráter de suspeita (apenas) dos ocorridos de quatro de março. Há, no entanto, todo um conjunto de saberes suficientemente disseminados desde 2005, quando do episódio do escândalo do Mensalão petista, segundo o qual o presidente Lula é um bandido. Essa rede de saberes, longe de ser silenciada pelo JN, é evocada lateralmente, funcionando como não-dito que determina o dito. Logo, quando a indisposição do ex-presidente contra a força-tarefa da Lava-Jato é evocada no intradiscurso pela via do discurso indireto, tal como construído nas inserções que entrecortam o pronunciamento, os jornalistas operam um distanciamento em relação ao que está sendo dito, *como se* a construção dessa indisposição e, conseqüentemente, da imagem de Lula como criminoso, viesse, na verdade, de outro lugar.

Nesse sentido, é interessante notar que a designação “condução coercitiva” aparece poucas vezes no telejornal. No decorrer dos 63 minutos em que se fala do assunto, a designação surge apenas onze vezes, das quais seis ocorrências não falam diretamente da condução de Lula, mas dos outros mandados de condução coercitiva ocorridos no mesmo dia, sendo que uma dessas ocorrências não figura na fala, mas apenas de forma escrita na tela. Em outras três vezes, a designação é evocada na forma de citação indireta de falas de Lula e Dilma e do mandado judicial. Apenas duas vezes a designação é introduzida pelos jornalistas, uma no início do programa e a outra, quase no final, é evocada por um repórter correspondente no exterior. A ausência quase completa da designação na fala dos jornalistas dá às outras ocorrências a impressão de objetividade tão cara ao jornalismo brasileiro: ao fazer citações nas quais a designação aparece, de forma a imputá-la a terceiros, os jornalistas não se responsabilizam pelas ocorrências, distanciando-se do dito e dando a ele uma existência autônoma. Ao mesmo tempo, o fato de a maior parte das ocorrências da designação dar-se em relação aos outros mandados expedidos no mesmo dia produz a evidência segundo a qual atos jurídico-policiais como a condução coercitiva são corriqueiros e normais em uma investigação, quando, na verdade, constituem medidas cautelares raramente utilizadas na Justiça brasileira.

O excesso, materializado no intradiscurso pelas inserções nos interstícios forjados pelos/atraves dos cortes no vídeo do pronunciamento de Lula, vem reforçar o imaginário segundo o qual Lula é um criminoso. Por outro lado, a falta instaurada em relação à designação “condução coercitiva”, a qual funciona como não-dito que, não obstante, determina o dito, faz com que os editores do telejornal não se responsabilizem por esse imaginário. Tudo se passa como se essa construção discursiva a respeito do sujeito Lula viesse de outro lugar, lugar esse linearizado no intradiscurso *como se* se originasse no exterior do discurso jornalístico. Esse lugar estrangeiro construído pelo próprio discurso jornalístico do JN é designado pelo nome da operação policial, “Alethea”, termo grego cujo significado, “busca da verdade”, é elucidado por William Bonner em um jogo de câmeras que marca uma pausa didática. Esse lugar estranho ao que está sendo dito, portanto, só pode ser o lugar da *verdade*. Uma autoridade soberana incide no fio discursivo sem a interferência dos jornalistas e determina de antemão o gesto de interpretação dos espectadores, como se não houvesse outros sentidos possíveis. O registro audiovisual ou fotográfico do momento da condução coercitiva, que funcionaria como evidência da “prisão” de Lula, estando ausente, é discursivizado nas margens, tendo seu espaço constantemente preenchido, seja pelo excesso de comentários que mascara a edição do vídeo veiculado ao vivo pela TVT, seja pela ausência da designação, que funciona, no entanto, em uma rede parafrástica, a qual nos resta analisar.

A designação “condução coercitiva”, raras vezes enunciada pelos apresentadores e repórteres, embora surja como elemento externo ao discurso jornalístico, funciona também por sua ausência, materializada no dito através das mais variadas paráfrases, tais como: “policiais federais obrigam Lula a prestar depoimento”, “ação policial”, “acontecimentos de hoje”, “Lula tinha sido tirado de casa para depor”, “depoimento forçado à polícia”. Entre frases declarativas que ressaltam o tom policialesco e nominalizações que ora dão um tom neutro ao acontecimento, ora reforçam a condição violenta da condução, surgem algumas imagens na tela. Uma dessas imagens parece-nos funcionar no lugar da imagem ausente da condução em si:



Imagem 1: *Print Screen* da evidência da prisão

Fonte: Jornal Nacional (2016)

Segundo os jornalistas, essa imagem é capturada quando Lula deixa a sala de autoridades do Aeroporto de Congonhas. O círculo amarelo forja a evidência da “prisão” temporária de Lula sem, no entanto, mostrar sequer a figura do ex-presidente. A imagem, assim, no mesmo momento em que produz, solapa a evidência, sublinhando sua equivocidade. Frente a ela, o espectador pode vir a se perguntar: É mesmo Lula que está ali? Este carro não identificado é mesmo um carro da Polícia Federal? Trata-se mesmo de uma condução coercitiva/prisão cautelar, já que a pessoa circulada pela linha amarela parece andar livremente, apenas acompanhada de outras pessoas? A interpretação unívoca imposta como verdade pelos sentidos que o discurso jornalístico fez circular em torno da operação *Alethea* deixa de funcionar nesta imagem e, a partir de então, outras imagens fazem trabalhar os sentidos na tentativa de conter o equívoco, delimitar a inscrição transparente do acontecimento em uma dada rede de memória e, assim, apagar o embate político-ideológico que subjaz à univocidade lógica (PÊCHEUX, 2015) do discurso jornalístico.



Imagem 2: *Print Screen* do boneco 1

Fonte: Jornal Nacional (2016)



Imagem 3: Print Screen do boneco II

Fonte: Jornal Nacional (2016)

Recorrente nessas imagens, o boneco que simula o presidente Lula vestido de Presidiário, com a inscrição “13-171”, a qual faz uma dupla referência ao número de legenda do Partido dos Trabalhadores e ao artigo do Código Penal brasileiro que versa sobre o crime de estelionato, opera “[...] o efeito de repetição e de reconhecimento que faz da imagem como que a recitação de um mito” (PÊCHEUX, 2007, p. 51), ou seja, ao tomar-se a imagem como transparente, produz-se a evidência de que Lula é um bandido, ainda que a imagem não faça mais que retratá-lo em um boneco inflável de grandes dimensões. Para Pêcheux (2007), a imagem, tomada como transparente, funciona como se contivesse em si o próprio trajeto de leitura. No discurso ora em análise, as imagens do boneco de Lula incessantemente repetidas no JN e em outros meios de comunicação incidem na estruturação da evidência antes solapada na imagem da saída de Lula do Aeroporto de Congonhas. Essa tensão, que ora aponta para a univocidade e ora aponta para a equivocidade dos sentidos, perpassa todos os 63 minutos nos quais o JN expõe os acontecimentos de quatro de março em torno de Lula e ressoa no sintagma ambíguo que emerge duas vezes: “boneco do ex-presidente vestido de presidiário”. No entanto, essa relação de forças não é simétrica, estabelecendo-se o discurso jornalístico, cuja aparência de neutralidade é construída incessantemente, como dominante em relação ao discurso do ex-presidente e de seus aliados.

Já dissemos que o pronunciamento de Lula fora recortado pelas inserções dos jornalistas, as quais deram à montagem uma impressão de completude, como se tudo que o ex-presidente dissera tivesse sido integralmente reproduzido. Esse apagamento da montagem, no entanto, não incide somente sobre o discurso de Luiz Inácio, mas incide também nas entrevistas veiculadas pelo telejornal. É assim que, frente ao discurso jornalístico dominante, surgem, como paráfrases do que já vinha sendo dito, falas de aliados petistas, que ocupam posições discursivas contraditórias ou até antagônicas em relação àquela apresentada no telejornal. O presidente do PT, Rui Falcão, aparece no JN designando a condução coercitiva como “detenção coercitiva”. Na mesma direção, outro político petista, o governador do Estado do Piauí, Wellington Dias, nomeia a ação jurídico-policia de “prisão coercitiva”. Sob a aparente simetria do embate discursivo, enunciados proferidos por petistas vêm estranhamente reforçar saberes contraditórios complexamente construídos pela montagem discursiva do JN.

No estranhamento, o exterior incide no dito de forma a desordenar não somente o discurso dominante assumido pelos sujeitos, mas também – e talvez especialmente no caso ora em análise – o discurso que vem de outro lugar. No caso do JN, o discurso lulopetista segundo o qual o ex-presidente fora vítima de uma violência jurídico-policia é posto em funcionamento *como se viesse do mesmo lugar discursivo que constrói a imagem do ex-presidente como um criminoso*, apagando-se qualquer antagonismo em torno das diferentes posições em relação aos atos jurídico-policiais envolvendo o ex-presidente. Em outras palavras, a montagem discursiva do JN, que dissimula sua própria constituição sob a égide da neutralidade e da isenção jornalísticas, dissimula também a relação de forças contraditórias e até mesmo antagônicas existente entre polos opostos que se afiguram no acirramento do cenário político nacional. Ao apagar o antagonismo, o discurso em questão coloca lado-a-lado enunciados vindos de redes de memória

distintas como se fossem apenas (re)formulações de um mesmo enunciado (COURTINE, 2009). Assim, a oposição entre duas diferentes redes de memória é, ela mesma, dissimulada, linearizando, no intradiscurso, saberes contraditórios entre si, advindos de diferentes regiões do interdiscurso.

Como podemos ver, a representação da condução coercitiva de Lula falha pela própria falta da evidência imagética/audiovisual, o que dá ensejo a outras formas de construção de tal objeto de discurso. Pela via do excesso necessário, o discurso jornalístico tenta delimitar e conter a interpretação como se ela só pudesse ser uma. Esse movimento em direção à univocidade lógica, no entanto, esbarra na opacidade do registro imagético de Lula saindo do Aeroporto de Congonhas. Novamente, o telejornal faz trabalhar o acontecimento, cujo registro (audio)visual é negado, através de outras imagens tomadas como evidentes. No entanto, as imagens do boneco não contêm completamente o jogo interpretativo, podendo sempre derivar para outros efeitos de sentido, como os mobilizados pelo ambíguo sintagma “boneco do ex-presidente vestido de presidiário”. Nesse sentido, uma operação mais radical se faz necessária: dissimular o discurso lulopetista no interior do discurso dominante que constrói discursivamente a imagem de Lula como criminoso. A partir daí, depois do dia quatro, essa imagem não parará de ser trabalhada.

4 PARA ALÉM DO JORNAL NACIONAL...

No dia cinco de março, toda a programação do canal fechado Globonews, do mesmo grupo da emissora aberta que veicula o Jornal Nacional, voltou-se para a condução coercitiva; mesmo os programas que, a rigor, não têm foco político estrito, trataram do caso. No site do canal, há uma lista dos programas mais vistos durante o dia. São eles, nos dias cinco e seis de março: Manhattan Connection, GloboNews Painel, Entre Aspas, Fernando Gabeira e Fatos e Versões. Todos, sem exceção, trataram do mandado de condução coercitiva de Lula. A imagem de Lula saindo do Aeroporto de Congonhas não parou de surgir na tela, assim como as mais variadas imagens de bonecos infláveis que retratavam o ex-presidente, acompanhadas ou não de comentários. Inúmeros “especialistas” foram chamados a comentar o acontecimento, dando-lhe consistência discursiva em uma determinada rede de memória. A transparência e a estabilidade discursiva desse acontecimento foram construídas minunciosamente, ora sob a forma do mais (aparentemente) isento trabalho jornalístico, ora sob a forma mais exacerbada do jornalismo opinativo.

Entretanto, a Globonews (EM PAUTA, 2016; PAINEL, 2016) sentiu necessidade de justificar a insistência de sua programação em trabalhar constantemente o acontecimento da condução coercitiva de Lula. É Eliane Catanhêde (EM PAUTA, 2016) que, depois de marcar o acontecimento como “mais que o fim do mundo, o início de um outro mundo”, toma a palavra para justificar o excesso da cobertura dizendo, após sublinhar a “simbologia” do presidente no sindicalismo brasileiro, o seguinte: “enfim, o Lula é o Lula, né?”, e relacionando, pelo não-dito, o ato-jurídico policial que tem o presidente como polo passivo e o processo de impeachment da presidente Dilma Roussef. Para além de sua manifesta excitação ao comentar o cenário político, o enunciado tautológico proferido pela jornalista vem dissimular o apoio popular expressivo ao ex-presidente, ou seja, a opaca formulação encobre o discurso do lulopetismo, aquele que não pode falar em seu nome, que precisa ter seu funcionamento dissimulado na rede de saberes midiático-jornalístico, a qual determina tanto a produção do JN da noite anterior, quanto a programação do canal a cabo.

Ainda no mesmo dia, surge o imprevisto: uma entrevista de Roberto D’ávila com Olívio Dutra recentemente gravada tem sua exibição, prevista para dias à frente, adiantada. Nela, o ex-governador do Rio Grande do Sul chora ao falar da corrupção associada ao PT. Colocada lado-a-lado com o restante da programação, a qual girava exclusivamente em torno da condução coercitiva de Lula, tudo se passa como se Olívio Dutra, falando por si próprio e, portanto, dando legitimidade à isenção e à neutralidade da emissora, comentasse exatamente os ocorridos do dia anterior, embora a entrevista tivesse sido gravada antes da condução coercitiva do ex-presidente. Já no dia seis, o programa de Fernando Gabeira, que trata normalmente de assuntos voltados à ecologia e à antropologia, trata também da prisão cautelar de Lula. Nessa edição do programa, são mostrados, entre outras coisas, manifestantes pró e contra Lula, cujas palavras de ordem são, respectivamente: “Lula guerreiro do povo brasileiro” e “Lula na cadeia! Algema! Algema!”. Lado-a-lado discursos opostos são, aparentemente, tratados de igual forma pelo apresentador que, no entanto, em sua fala, faz ressoar apenas o discurso contra Lula.

William Waack (PAINEL, 2016), por sua vez, faz ressoar o discurso de Lula quando introduz a discussão de seu programa “GloboNews Painel” com a seguinte formulação: “O governo brasileiro passou por uma sucessão de desastres absolutamente sem precedentes na história recente brasileira”. Ao retomar a formulação repetida exaustivamente por Lula, qual seja “nunca antes na história deste país”, Waack faz ecoar, em suas palavras, as palavras de Lula, sem que estas, no entanto, estejam associadas ao espaço de memória do lulopetismo. Com isso, o discurso lulopetista é sistematicamente dissimulado no interior do discurso jornalístico mesmo, ou ainda, justamente quando se fala sobre ele. Nesse sentido, o programa *Manhatan Connection*, exibido no dia seis de março, na figura do formador de opinião Diogo Mainardi, é ainda mais eficiente no apagamento desse discurso: todo um conjunto lexical é associado tanto ao governo petista quando a Luiz Inácio Lula da Silva e seus aliados: “parasita” (governo), “aproveitador” (Lula), “farsante” (Lula), “grotesco” (governo), entre outras designações, delineiam o objeto de discurso de que falam os jornalistas. Observemos que, mesmo William Waack e Eliane Catanhêde, ainda que de forma velada, retomam alguns aspectos do discurso lulopetista, ao passo em que Mainardi e seus colegas de bancada falam a respeito dessa região do interdiscurso sem retomá-la de forma alguma.

As imagens que tentam reter a interpretação da imagem ausente, bem como as mais variadas formulações verbais que giram em torno da (falta de) evidência da condução coercitiva/prisão cautelar de Lula no âmbito da mídia nacional dominante, em maior ou em menor intensidade, tentam cercar o acontecimento, produzindo, a partir de sua discursivização, determinados efeitos de sentido em detrimento de outros. Esses efeitos são sutilmente produzidos por deslizamentos e deslocamentos na significação. No entanto, uma imagem, que já circulara em momento anterior (meados de 2015), faz sua entrada (novamente) na rede mundial de computadores. Sem sujeito produtor localizável, sem quem se responsabilize pela produção de sentidos, essa imagem mostra Lula sendo conduzido, com as mãos posicionadas à frente do corpo, juntas, como se estivesse algemado, por dois policiais federais, um deles já amplamente conhecido no âmbito da Operação Lava Jato. Essa imagem anônima, prefigurada pelo discurso jornalístico amplamente difundido não somente nos veículos de que tratamos aqui, traz à tona a evidência transparente negada pela ausência de registro fotográfico/audiovisual da condução coercitiva de Lula. Se, no discurso jornalístico, cujos sujeitos esforçavam-se na tentativa de manter a univocidade lógica e o efeito de neutralidade a ela associado, a produção discursiva do acontecimento era sempre permeada de equívoco, na imagem sem sujeito, a evidência é restituída: Lula foi preso, ainda que a imagem seja uma montagem e a notícia a ela associada seja falsa.



Imagem 5: Montagem da prisão de Lula

Fonte: LULA... (2015)

5 EM DIREÇÃO AO FIM...?

Sem objetivarmos dar conta da relação entre mídia e política, propomos, no presente trabalho, um gesto analítico que, por sua natureza, não se esgota aqui. Procuramos analisar a forma como se dão os processos de produção de sentidos e os processos de gestão da interpretação quando o discurso jornalístico e o discurso político se encontram na produção de evidências. Nesse sentido, a tensão entre a injunção ao um e a equivocidade constitutiva de todo discurso concorrem no jogo de determinação/indeterminação, estabilização/desestabilização das discursividades em torno dos acontecimentos histórico-midiáticos, cujo embate político-ideológico dissimétrico é constantemente apagado. Para tanto, os conceitos operacionais propostos por Ernst (2009), a falta, o excesso e o estranhamento, constitutivos do aparato teórico-metodológico da Análise de Discurso, foram fundamentais no estabelecimento do *corpus* e na identificação de processos discursivos que linearizam saberes interdiscursivos na cadeia significante. Dessa forma, pudemos perceber como, frente a uma falta na representação, o jornalismo brasileiro dominante opera a construção de evidências.

Do Jornal Nacional, programa acessível a grande parte da população, pois é transmitido por um canal aberto de televisão, passando pela televisão a cabo, chegamos à construção das discursividades quando o sujeito do discurso não se apresenta enquanto tal. Apesar de a imagem falsa da suposta prisão de Lula ter sido rapidamente contestada, sua eficácia simbólica permanece, já que constrói, frente à ausência de registro da condução coercitiva do presidente, a evidência transparente de um saber que circula desde alguns anos, aquele segundo o qual Lula é um criminoso. Essa imagem, que, associada a uma rede de memória dominante, se repete sazonalmente absorve o acontecimento e lhe dá consistência discursiva. No entanto, o equívoco insiste e permanece como traço a interpretar.

REFERÊNCIAS

AUTHIER-REVUZ, J. O lugar do outro em um discurso de falsificação da história. A respeito de um texto que nega o genocídio dos judeus no III Reich. In: _____. *Entre a transparência e a opacidade*. Um estudo enunciativo do sentido. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004. p. 239-57.

COURTINE, J.-J. *Análise do discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos*. Tradução de Patrícia Chittoni R. Reuillard et al. São Carlos, SP: EdUFSCar, 2009.

EM PAUTA. Apresentado por Sérgio Aguiar. São Paulo: Globonews, 05 mar. 2016. 20h. Duração 60 min. Comentário de Eliane Catanhêde sobre a condução coercitiva de Luís Inácio Lula da Silva. Disponível em: <<http://g1.globo.com/globo-news/>>. Acesso em: 28 de abril 2016.

ERNST, A. G. A falta, o excesso e o estranhamento na constituição/interpretação do *corpus* discursivo. In: SEMINÁRIO DE ESTUDOS EM ANÁLISE DO DISCURSO, 4., 2009, Porto Alegre, RS. *Anais...* Porto Alegre: UFRGS, 2009. Disponível em: <<http://anaisdosead.com.br/4SEAD/SIMPOSIOS/AracyErnstPereira.pdf>>. Acesso em: 30 maio 2015.

JORNAL Nacional. Apresentado por William Bonner e Patrícia Poeta. São Paulo: Rede Globo de Televisão, 04 mar 2016. 20 h 30 min. Duração 60 min. Reportagem sobre a condução coercitiva de Luís Inácio Lula da Silva. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/>>. Acesso em: 28 de abril 2016.

LULA é preso em segredo pela Polícia Federal? *E-farsas*. R7. São Paulo, 21 set. 2015. Disponível em: <e-farsas.com>. Acesso em: 28 de abril 2016.

PAINEL. Apresentado por William Waack. São Paulo: Globonews, 05 mar. 2016. 23h. Duração 60 min. Disponível em: <<http://g1.globo.com/globo-news/>>. Acesso em: 28 de abril 2016.

PÊCHEUX, M. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. 7. ed. edição. Tradução de Eni Orlandi. Campinas, SP: Pontes, 2015.

_____. Papel da memória. In: ACHARD, P. et al. *Papel da memória*. 2. ed. Tradução de José Horta Nunes. Campinas, SP: Pontes, 2007. p.49-57.

Recebido em 30/10/2016. Aceito em 13/12/2016.

PRECISAMOS FALAR SOBRE TEMER: O ESTRANHAMENTO NA VOZ

NECESITAMOS HABLAR SOBRE TEMER: EL EXTRAÑAMIENTO EN LA VOZ

WE NEED TO TALK ABOUT TEMER: THE STRANGENESS IN THE VOICE

Luciana Iost Vinhas*

Universidade Federal de Pelotas

RESUMO: O momento político do Brasil no ano de 2016 traz à tona a opacidade do discurso político, cuja materialização ocorre em diferentes formas de existência material. O presente trabalho se propõe a realizar uma análise da voz de Michel Temer, vice-presidente do Governo Dilma Rousseff, em seu primeiro pronunciamento enquanto Presidente Interino. O percurso analítico do trabalho começa a partir da identificação do estranhamento (ERNST, 2009) na materialidade vocal, entendida como uma materialidade discursiva diferenciada: a voz de Michel produz um efeito de falha no ritual. Analisamos, então, os efeitos de sentido produzidos a partir dessa voz rouca, solapada, engasgada, tentando relacioná-la ao interesse principal da Análise de Discurso de tradição francesa: a ligação entre inconsciente e ideologia.

PALAVRAS-CHAVE: Voz. Estranhamento. Análise de Discurso.

RESUMEN: El momento político brasileño del año 2016 presenta la opacidad del discurso político, cuya materialización se produce en diferentes formas de existencia material. Este estudio tiene como objetivo realizar un análisis de la voz de Michel Temer, vicepresidente del Gobierno Dilma Rousseff, en su primer discurso como Presidente Interino. El transcurso analítico del trabajo empieza por la identificación del extrañamiento (ERNST, 2009) en la materialidad vocal, entendida como una materialidad discursiva diferenciada: la voz de Michel produce un efecto de falla en el ritual. Analizamos, entonces, los efectos de sentido producidos por la voz ronca, ahogada, tratando de relacionarla al principal interés del Análisis de Discurso de tradición francesa: la conexión entre la ideología y el inconsciente.

PALABRAS CLAVE: Voz. Extrañamiento. Análisis de Discurso.

ABSTRACT: The Brazilian political moment in 2016 presents the opacity of the political discourse. The materialization of this discourse is produced in different forms of material existence. This study has as its objective to analyze Michel Temer's voice, who was the Vice-President in Dilma Rousseff's Government. The analysis will focus on his first speech as Acting President. The analytical path of the study starts through the identification of the strangeness (ERNST, 2009) in the vocal materiality, which is understood as a discursive materiality with a different status: Michel's voice produces an effect of failure in the ritual. We analyze, then, the sense effects produced by this sapped, choked voice, trying to relate it to the main interest in the French Discourse Analysis: the connection between ideology and unconsciousness.

KEYWORDS: Voice. Strangeness. Discourse Analysis.

* Luciana Iost Vinhas é Professora de Língua Portuguesa na Universidade Federal de Pelotas (UFPEL). É Doutora em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). E-mail: lucianavinhas@gmail.com.

1 INTRODUÇÃO

O atravessamento da Análise de Discurso na minha vida provocou uma transformação na forma como eu me representava como sujeito. Seria um movimento de desidentificação? Não saberia dizê-lo, tampouco é este o objetivo do presente texto. É importante, contudo, reconhecer que essa virada subjetiva não se deu por acaso: tal responsabilidade pousa no papel desempenhado por minha professora na graduação em Letras, orientadora de Mestrado e de Pós-Doutorado, Profa. Aracy Graça Ernst, cujas força teórica e militância discursiva contribuíram, de forma decisiva, para a minha formação profissional e pessoal. Foi com a Aracy que aprendi que, no âmbito das Letras, podemos pensar sobre a relação entre a linguagem e a ideologia; podemos pensar na linguagem pela perspectiva da transformação social, de forma a não reproduzirmos aquilo que nos oprime.

Desse modo, não poderia escrever um texto em homenagem à minha orientadora que não fosse um texto de questionamento. Parece-me necessário que se contribua com um debate sobre o contexto sócio-histórico-ideológico no qual o Brasil se encontrou em 2016, ano em que se desenrolou um severo embate acerca das condições de manutenção da democracia do país. Desde dezembro de 2015, convivemos com ânimos alterados em função da abertura do processo de impeachment contra a Presidenta Dilma Rousseff. Em 12 de maio de 2016, amanhecemos com a notícia de que o Senado Federal, em votação que durou toda a madrugada, aprovou o pedido de impeachment contra a Presidenta. Setenta e sete senadores julgaram que Dilma cometeu crime de responsabilidade, e, em função disso, seu afastamento da Presidência foi imediato. O placar do impeachment, muito próximo de um placar de um jogo de futebol, anunciava um acontecimento discursivo na base jurídica, política e ideológica brasileira: pela primeira vez na história do país, um Presidente era afastado do cargo através do processo de impeachment, sem renunciar nem pedir licença. Dentro e fora do Congresso, era possível escutar gritos de “Ganhamos!”. Um “ganhamos” à direita. Entretanto, em todo esse cenário, algo não soa bem...

Tal fato nos conduz à memória do caso do ex-presidente Fernando Collor de Melo, o qual teve seu afastamento julgado no Congresso Nacional, mas preferiu a renúncia, tornando-se inelegível por oito anos. Além disso, outro diferencial com relação ao processo de impeachment de Dilma é que, antes da votação na Câmara, foi aberta uma Comissão Parlamentar de Inquérito em função de acusações de corrupção denunciadas pela imprensa. Depois de meses de investigação parlamentar, o impeachment foi aprovado na Câmara e no Senado, sendo seguido pela renúncia de Collor no dia 29 de dezembro de 1992.

O acontecimento histórico do dia 12 de maio de 2016 se transforma, então, em um acontecimento discursivo, segundo uma intuição teórica da autora deste texto, posto que promove um encontro entre uma memória e uma atualidade (PÊCHEUX, 2006), uma subversão na superestrutura jurídico-político-ideológica, uma reconfiguração no funcionamento das formações discursivas. Tal acontecimento é acompanhado, portanto, de mudança nas condições de produção do discurso, pois, conforme Pêcheux e Fuchs (1997, p. 11), toda formação discursiva diz respeito a condições de produção específicas. A voz que ecoa do grito de “Ganhamos” da direita vem acompanhada de outras vozes: vozes que solapam, que falham, que silenciam. E, também, vozes cínicas que parecem não falhar em conversas telefônicas¹ que colocam em evidência a causa daquilo que falha, o fogo que deu origem à fumaça.

Essas vozes são o objeto do presente texto. Na verdade, trabalharei com a noção de estranhamento, conforme proposta em Ernst (2009), a partir da voz de Michel Temer, vice-presidente do governo Dilma Rousseff em seu segundo mandato, o qual assumiu a Presidência da República interinamente quando do afastamento de Dilma em função do processo de impeachment. Tal como foi desenvolvido em minha tese de doutorado (VINHAS, 2014), compreendo a voz como uma forma de existência material, e, por ser assim entendida, opera discursivamente entre ideologia e inconsciente. A opacidade da voz revela o funcionamento da subjetividade, duplamente afetada em sua contradição constitutiva.

A voz do Presidente Interino será aqui analisada com o objetivo de refletir sobre essa dupla afetação. O *corpus* a ser investigado é o pronunciamento feito por conta de sua posse como Interino, substituindo a Presidenta afastada, no dia 12 de maio de 2016. No

¹ Faço alusão às conversas gravadas por Sérgio Machado.

pronunciamento de quase 30 minutos, nós nos deparamos com algo que não funciona bem... algo que falha. Trata-se da voz de Michel Temer, raramente escutada durante o tempo em que representava o Governo Dilma.

2 COMO SE CONSTRÓI UM GOLPE DE ESTADO? PRECISAMOS FALAR SOBRE AS CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO DO DISCURSO

A extinção de ministérios, recuos nas investigações da operação lava-jato, a nomeação de homens acusados de corrupção para a composição do alto escalão do governo, corte de investimentos na Educação e na Saúde: essas são algumas das diferenças impostas pelo Interino em poucos dias de governo. Claramente, percebe-se que a proposta de governo de Michel em nada se assemelha à proposta pela qual foi responsável juntamente com Dilma em 2014. É evidente o estranhamento que emerge a partir da imagem de um governo chefiado somente por homens brancos, radicalmente antagônica à composição do governo de Rousseff, fato que caminha na mesma direção da extinção do Ministério da Cultura (mesmo que temporariamente) e do Ministério das Mulheres, da Igualdade Racial e dos Direitos Humanos.

Causa desconforto o fato de que Dilma e Michel concorreram juntos à Presidência da República em 2014. Os dois candidatos constituíram uma chapa para a Presidência: Dilma como Presidenta e Michel como vice-presidente. A chapa, portanto, possuía (imaginariamente) um único projeto de governo, e foi nesse projeto de governo em que mais de 54 milhões de brasileiras e brasileiros votaram em outubro de 2014, reelegendo ambos para a Presidência da República. No entanto, o então Presidente Interino (de 12 de maio a 31 de agosto de 2016) propôs um projeto inquietantemente contraditório àquele da sua candidatura, o qual se concretizou com a perda do mandato da Presidenta: diminuição da máquina pública, incentivo a parcerias público-privadas, instauração de políticas meritocráticas, alianças com setores ideologicamente incompatíveis, redução dos direitos dos trabalhadores, congelamento de investimentos em saúde, educação e assistência social, dentre muitos outros retrocessos à democracia brasileira. Como pode candidatos eleitos pela mesma chapa terem projetos de governo tão diferentes?

As vozes capturadas nos áudios de Sérgio Machado só corroboram a institucionalização do golpe no Congresso Nacional. Michel Temer surge como a única alternativa para uma Presidenta que se nega a renunciar e a pedir uma licença, pois, assumindo como Presidente Interino, poderia tomar as medidas necessárias para agradar à elite empresarial brasileira e à classe política investigada na operação lava-jato. Neste contexto, portanto, as condições de produção do discurso emergem como aquilo que, segundo Courtine (2009), tem íntima relação com o conceito de formação discursiva, sendo parte das contradições ideológicas de classe. Podemos, de forma antecipada, relacionar as práticas políticas ocorridas no Brasil à forma como opera o funcionamento discursivo através das relações de aliança e antagonismo entre as formações discursivas e as contradições que lhes são constitutivas. A voz que não se ouvia de Michel Temer se materializa como algo novo no jogo dos significantes, e as perguntas que podemos fazer são: quem ganhou? Ganhou o quê? Como? Por quê?

3 COMO DEVE SER UM PRESIDENTE DA REPÚBLICA NO BRASIL? PRECISAMOS FALAR SOBRE A VOZ DE MICHEL TEMER EM SEU PRIMEIRO PRONUNCIAMENTO COMO PRESIDENTE INTERINO

O primeiro pronunciamento de Michel Temer como Presidente Interino do Brasil ocorreu no mesmo dia do afastamento da Presidenta Dilma. Com um discurso que durou um pouco menos de 30 minutos, Michel trouxe elementos estranhamente contrários às políticas preconizadas pelo governo liderado por Dilma. No entanto, aqui não será o espaço de discussão desses elementos: precisamos falar sobre a voz de Temer, uma voz que quase não é ouvida durante os mais de cinco anos em que foi vice-presidente e que, em momento de grande importância política, enrouquece. Nas redes sociais online, as repercussões sobre a voz de Temer foram implacáveis: internautas apelidaram-no de Nosferatu e de satanista; disseram que sua voz era diabólica e fantasmagórica. Diferentes vídeos surgiram com edições macabras cujas trilhas sonoras foram resgatadas de filmes de terror. Tais elementos evidenciam que a materialidade vocal fez circular diferentes efeitos de sentido, não só através do humor, mas, também, através de duras críticas ao teor sinistro de seu pronunciamento. Em (01), podemos observar o trecho da fala em que acontece essa

falha no seu primeiro pronunciamento como Presidente. Em itálico estão especificados os momentos em que a voz fica rouca, impedindo-lhe que continue sua fala² conforme o programado.

(01) Recorte da fala de Michel Temer em seu primeiro pronunciamento como Presidente Interino (NBR, 2016).

(SD) E, para isso, é que nós queremos uma base parlamentar sólida, que nos permita conversar com a classe política e, também, com a sociedade [palmas]. Executivo e legislativo precisam trabalhar em harmonia e de forma integrada, até porque, no Congresso Nacional, é que estão representadas todas as correntes de opinião da sociedade brasileira, não é apenas no Executivo. Lá no Congresso Nacional estão todos os votos de todos os brasileiros, portanto [tosse] nós temos que governar *em conjunto*, água, só física, né o resto vai bem [risadinha, bebe água]. Então [tosse] nós vamos precisar muito da governabilidade e a governabilidade exige além do que eu chamo de Governança, que é o apoio da classe política, do Congresso Nacional, precisa também de governabilidade, que é o apoio do povo, o povo precisa colaborar e aplaudir as medidas que venhamos a tomar. [...] De imediato, precisamos também restaurar o equilíbrio das contas públicas, trazendo a evolução do endividamento do setor público de volta ao patamar de sustentabilidade ao longo do tempo. Quanto mais cedo formos capazes de reequilibrar as contas públicas, mais rápido conseguiremos retomar o crescimento. A primeira medida na linha desta redução está, ainda que modestamente, aqui representada: já eliminamos vários ministérios da máquina pública [aplausos]. E, ao mesmo tempo [tosse], e ao mesmo tempo nós não vamos parar por aí. *Já estão* [tosse, riso, olhar para a plateia] *encomendados* [tosse e bebe água] *tenho que pedir tenho que pedir uma pastilha* [limpa a garganta] *já estão encomendados* [vozes da plateia] *estudos para eliminar* [estende a mão para pegar a pastilha] *para eliminar* [limpa a garganta e pega a pastilha] *chega é muito* [riso] *já estão* [rouquidão e come a pastilha] *encomendados estudos* [palmas] *para eliminar cargos comissionados* [palmas palmas] *e funções gratificadas* [palmas e pastilha e pessoas gritando MICHEL MICHEL] *sabidamente, funções gratificadas desnecessárias, sabidamente na casa de milhares de funções comissionadas.*

O recorte que opero no *corpus* sob análise é referente ao excerto do texto oral que sofre a intervenção de uma voz rouca, solapada, que não estava prevista no ritual do pronunciamento. Algo além do emprego da mesóclise soa estranho na fala de Michel. O interino limpa a garganta, bebe água, come uma pastilha, tosse, fica sem voz, sorri e olha para a plateia de forma desconcertada. Então, pergunto: como deve ser interpretada a voz de Michel Temer? Seriam simples engasgos, uma rouquidão arbitrária? Uma mera afonia de alguém que, de repente, precisou falar para toda a nação brasileira? Ou, visto de outro modo: poderia ser algo de uma outra ordem (discursiva) irrompendo no intradiscorso?

O que isso significa, então? Poderíamos encerrar esta reflexão neste exato ponto, sem refletir sobre as causas daquilo que falhou; no entanto, pretendo empreender um breve exercício de análise sobre o que transborda na voz de Michel, algo de uma ordem que foge do seu controle de Presidente Interino, e que causa um constrangimento imprevisto em um momento-chave de sua vida política. Sendo assim, precisamos falar sobre a voz de Michel Temer através de um olhar discursivo e, é claro, psicanalítico, visto que estamos tratando, diretamente, da subjetividade na sua dupla afetação inconsciente e ideológica.

O recorte no *corpus* empírico é operado, neste estudo, a partir do estranhamento materializado na voz de Michel Temer, enquanto “aquilo que parece não caber ser dito num dado discurso” (ERNST, 2009, p. 2). Conforme Ernst (2009), a escolha de um determinado aspecto para ser analisado, em pesquisas cujo embasamento está na Análise de Discurso, “[...] depende da dinâmica do discurso, a ser observada pelo analista, aí implicados o sujeito submetido à ordem da ideologia e do inconsciente, a memória estruturante do dizer e o sentido opacificante” (p. 01). Tais elementos não podem ser desconsiderados pelo analista, desde o momento do recorte do *corpus* empírico até a descrição e interpretação do *corpus* discursivo. É importante mencionar que, quando se fala em discurso, não falo da língua, mas de uma materialidade diretamente relacionada à ideologia. O momento político e jurídico vivido por Michel traz à tona, não só através do texto que enuncia, mas, também, de sua voz, a ideologia

² O trecho destacado inicia em 14min10s.

dissolvida na tentativa de unificação de um país dividido ideológica e politicamente; ou, melhor dizendo, um discurso nacionalista, representado pela bandeira nacional e pelo lema “Ordem e Progresso”, travestido de discurso de conciliação.

O estranhamento, portanto, é entendido como o elemento que marca o início da presente trajetória analítica. Diz respeito a algo inesperado que surge intradiscursivamente, relacionado ao interdiscurso. O fato de Temer enunciar, pela primeira vez, do lugar de Presidente, e romper com a fluidez e oratória *que se espera de um Presidente*, como algo que tropeça na reprodução do ritual, diz respeito ao estranhamento aqui identificado. É por isso que Ernst (2009) fala que o conceito de estranhamento deve ser interpretado numa dupla dimensão: a do intradiscurso, enquanto a materialidade discursiva, e a do interdiscurso, ou seja, a memória discursiva.

Neste momento, então, torna-se necessário trazer à tona o conceito de estranhamento proposto por Ernst (2009, p. 3), a partir do qual desenvolver-se-á a análise:

Estratégia discursiva que expõe o conflito entre formações discursivas e consiste na apresentação de elementos intradiscursivos – palavras, expressões e/ou orações – e interdiscursivos, da ordem do excêntrico, isto é, daquilo que se situa *fora* do que está sendo dito, mas que incide na cadeia significante, marcando uma *desordem* no enunciado. Aqui se dá o efeito de *pré-construído* através do qual “um elemento irrompe no enunciado como se tivesse sido pensado antes, em outro lugar, independentemente”, rompendo (ou não) a estrutura linear do enunciado. Possui como características a imprevisibilidade, a inadequação e o distanciamento daquilo que é esperado (grifos da autora).

Na materialidade, o que chama a atenção concerne à falta de cadência de uma fala referente àquele que deveria ter uma fala perfeita, segundo a representação que se tem de um Presidente da República, mesmo que Interino. Ademais, Michel carrega consigo um apreço pela literatura e pela gramática normativa, o que acaba, talvez, constituindo uma representação de *homem público* ausente em Dilma e em Lula, por exemplo. Escritor de poemas, teve seus versos publicados em livro; além disso, já se sabe sobre o emprego pouco usual da mesóclise, prática que traz à tona a representação que tem de seu interlocutor. Sua fala atravessada por irregularidades vocais traz um texto caracteristicamente reacionário, especialmente no trecho em que precisa interromper o seu discurso, tomar água e comer uma pastilha, a saber: (SD’) “*já estão* [tosse, riso, olhar para a plateia] *encomendados* [tosse e bebe água] *tenho que pedir tenho que pedir uma pastilha* [limpa a garganta] *já estão encomendados* [vozes da plateia] *estudos para eliminar* [estende a mão para pegar a pastilha] *para eliminar* [limpa a garganta e pega a pastilha] *chega é muito* [riso] *já estão* [rouquidão e come a pastilha] *encomendados estudos* [palmas] *para eliminar cargos comissionados* [palmas palmas] *e funções gratificadas* [palmas e pastilha e pessoas gritando MICHEL MICHEL] *sabidamente, funções gratificadas desnecessárias na casa de milhares de funções comissionadas*”.

Vou aqui operar um deslocamento do *corpus* como gesto analítico, trabalhando no eixo parafrástico e reorganizando-o de modo a eliminar a intromissão da falha vocal. Ficaria assim: (SD’) “[...] *já estão encomendados estudos para eliminar cargos comissionados e funções gratificadas desnecessárias na casa de milhares de funções comissionadas*”. É nessa diferença que se embasará a análise que será desenvolvida em breve.

4 COMO SE DEVE COMPREENDER A VOZ NA ANÁLISE DE DISCURSO? PRECISAMOS FALAR SOBRE A RELAÇÃO ENTRE IDEOLOGIA E INCONSCIENTE NA MATERIALIDADE DISCURSIVA

Antes de continuar com a análise da voz de Michel Temer pelo ponto de vista discursivo, faço uma pequena pausa para pensarmos teoricamente sobre a voz na Análise de Discurso, e, desse modo, sobre como ocorre a relação entre ideologia e inconsciente a partir desta materialidade específica. Primeiramente, vale salientar um dos pontos basilares da constituição da Análise de Discurso como campo teórico singular nas Ciências Humanas, a saber, a sua formação heterogênea, que abriga fundamentos oriundos do Materialismo Histórico-Dialético, da Linguística e da Psicanálise. Tal ponto se torna importante ao se compreender que a

concepção de subjetividade trabalhada na AD é trazida da teoria psicanalítica, o que significa dizer que o sujeito é tido como um efeito de unidade produzido por um ego que não tem consciência do desejo que determina a sua estrutura psíquica.

Partindo disso, sujeito e sentido se formam no entremeio entre duas estruturas-funcionamento: a ideologia e o inconsciente. Sujeito e sentido são, desse modo, desde sempre contraditórios. Essa contradição é comumente materializada em elementos (linguísticos ou não) que escapam ao controle do sujeito, por ele produzidos. É o caso do ato falho, por exemplo, que produz um rompimento em uma ilusória coerência/cadência discursiva, a qual é rachada por meio do atravessamento das formações do inconsciente, colocando para o sujeito a evidência de o que ele realmente é.

Esses elementos que escapam ao sujeito podem, no olhar do analista, surgir como o próprio estranhamento sobre o qual falava anteriormente. Os chistes e os lapsos, por exemplo, além dos sintomas e dos sonhos, são formações do inconsciente que colocam, no eixo da formulação, algo de uma outra ordem, aparentemente sem uma relação direta à formação discursiva com a qual o sujeito se identifica, não sendo, portanto, um efeito do interdiscurso, provocando um jogo antagônico subjetivo. Materialidades que não atualizam os saberes da formação discursiva podem irromper no intradiscurso através da voz, da mesma forma que a voz pode materializar a própria identificação do sujeito, servindo à ideologia. Sendo assim, pensando na materialidade vocal, na presente reflexão, opero um desdobramento no conceito de estranhamento de Ernst (2009), o qual passa a ser aqui entendido como *aquilo que parece não caber ser materializado num dado discurso*.

A Psicanálise, por ser uma experiência de fala, dá margem para que a voz emergja como um elemento significante importante para a compreensão dos processos de subjetivação, os quais falam diretamente da relação entre o sujeito e a ideologia com a qual se identifica. O próprio Pêcheux (2006), quando analisa o enunciado *On a gagné*, trata da entonação como elemento importante na transposição de um enunciado do campo esportivo para o campo político, e tal fato não pode passar despercebido pelos analistas de discurso.

Conforme já defendido em Vinhas (2014), da voz parece ecoar a possibilidade de emergência de outro tipo de relação com a ideologia e com o inconsciente. Trata-se de uma relação extremamente instável, imprevisível, que pode trazer à tona sentidos que não podem (e não devem) circular a partir de uma sequência léxico-sintaticamente descritível. Os recursos vocais empregados pelo sujeito colocam em evidência o caráter de incompletude de linguagem e do próprio processo de assujeitamento, o qual não ocorre sem falhas. A repetição vertical, interdiscursiva (COURTINE, 1999), possui lacunas, e são justamente essas lacunas que permitem a emergência do imprevisível na ordem discursiva.

Essa relação diferenciada entre ideologia e inconsciente tem embasamento na compreensão de que a voz permite a emergência da singularidade subjetiva. Tal pensamento vai ao encontro do proposto por Souza (2009, p.15), cujo estudo objetiva “[...]tocar a voz como dimensão subjacente ao discurso, contraparte temporal e material da enunciação que possibilita a aparição do sujeito”. Se a voz permite a aparição do sujeito, poderíamos dizer que a voz é o intervalo entre significantes? Tal questionamento nos aproxima da noção de lalíngua, mas não me estenderei neste ponto. Precisamos falar sobre a voz de Michel Temer³.

Souza (2009) ainda menciona que entende a “voz como acontecimento enunciativo que se singulariza no limiar de uma discursividade” (2009, p. 15). É devido a isso que se admite uma diferença na relação entre a ideologia e o inconsciente, ou seja, ela acontece por singularização. Retomo, assim, as palavras de Piovezani (2009), quando diz que a voz é fragmento de uma subjetividade e da instituição: assujeitamento e resistência convivem na voz como materialidade (da ideologia e do desejo), e abrem mais espaço para a emergência da singularidade.

A singularidade pode ser entendida com base no postulado por Souza (2013, p.179), em estudo acerca da relação entre subjetividade e voz:

³ Em Vinhas (2014) é feita uma discussão sobre esta relação.

O procedimento analítico pressuposto aqui conduz a seccionar a superfície discursiva, de modo a individualizar seus elementos materiais constituintes, entre os quais se destacam a linguagem, o inconsciente e a ideologia. Se esses últimos – inconsciente e ideologia –, conforme elucida Eni Orlandi, estão materialmente articulados mediante a linguagem; e se a base material do discurso está na enunciação, conforme postula Pêcheux, arrisco-me a ultrapassar a linha sintática da plataforma enunciativa e depreender nela a voz como gesto que advém antes, na qualidade do singular, e faz o jogo da linguagem no discurso. Aí está: no intervalo entre a língua e o discurso, o drama se interpõe e indica o que, na voz, irrompe como gesto a significar, como sinalização da voz convertida em dêixis do sujeito.

Vejamos, então, o que podemos interpretar a partir da voz de Michel Temer.

5 COMO COMPREENDER A VOZ DE TEMER DISCURSIVAMENTE? PRECISAMOS FALAR SOBRE ALGO QUE ESCAPA NO PROCESSO DE INTERPELAÇÃO IDEOLÓGICA

Vamos começar esta seção trabalhando sobre a sequência discursiva recortada a partir de todo o pronunciamento de Michel Temer. Temos, então, a sequência completa exposta em (01), a qual foi recortada em um excerto ainda menor para a presente discussão. Sendo assim, temos a sequência em que o Interino mais tropeça nas falhas de sua voz, conforme pode ser observado em (02):

(02) Sequência recortada a partir da fala de Michel Temer, denominada SD’.

(SD’): *já estão* [tosse, riso, olhar para a plateia] *encomendados* [tosse e bebe água] *tenho que pedir tenho que pedir uma pastilha* [limpa a garganta] *já estão encomendados* [vozes da plateia] *estudos para eliminar* [estende a mão para pegar a pastilha] *para eliminar* [limpa a garganta e pega a pastilha] *chega é muito* [riso] *já estão* [rouquidão e come a pastilha] *encomendados estudos* [palmas] *para eliminar cargos comissionados* [palmas palmas] *e funções gratificadas* [palmas e pastilha e pessoas gritando MICHEL MICHEL] *sabidamente, funções gratificadas desnecessárias na casa de milhares de funções comissionadas.*

Podemos comparar a sequência descrita como SD’, recortada literalmente da fala de Temer, à sequência descrita como SD”, na qual operamos uma diferença: na segunda sequência, materializamos a fala de Michel sem as intervenções presentes na linearidade significante, a fim de provocar um questionamento sobre o processo de circulação de sentidos a partir dessas duas falas. Desse modo, a fala de Michel sem os obstáculos vocais ficaria assim:

(03) Paráfrase da sequência recortada da fala de Michel Temer:

(SD’): *já estão encomendados estudos para eliminar cargos comissionados e funções gratificadas desnecessárias na casa de milhares de funções comissionadas.*

A diferença na materialidade nos faz desconfiar de uma diferença discursiva. Quem nos aponta isso é o próprio Michel Pêcheux que, na abertura do Colóquio *Matérialités discursives*, afirma: “ce qui, à un moment donné, fait irruption dans l’espace de la répétition discursive, ce qui y vire ou bascule, ne résulte pas de n’importe quelle brisure, torsion ou retournement⁴” (PÊCHEUX, 1981, p. 18). Tal citação aponta para a influência do interdiscurso no processo de circulação dos sentidos, totalmente dependente da forma como esses sentidos são materializados. Apesar de ter a aparência de um processo estável e sem falhas, a previsibilidade

⁴ “O que, em determinado momento, irrompe no espaço da repetição discursiva, o que vira ou se balança, não resulta de qualquer ruptura, torção ou giro” (tradução minha).

inerente ao processo de atualização dos saberes no intradiscurso pode sofrer rompimentos, torções, rupturas, giros, os quais não somente ganham existência concreta a partir dos jogos léxico-sintáticos próprios da estrutura da língua. *Aí é que entra a voz como porta-voz*, ou seja, como evidência da mesma ruptura doravante somente sintagmaticamente capturada.

Assim, ao se trabalhar com a voz como evidência do não previsto no ritual, temos que tal processo se dá em função da atuação do inconsciente na subjetivação. É assim que Souza (2009), conforme já mencionado, compreende a voz como acontecimento enunciativo no limiar de uma discursividade: a voz irregular de Michel Temer poderia ser interpretada, então, como a materialização de uma nova posição-sujeito surgindo no complexo organizado de saberes de uma formação discursiva.

Mas não só isso: se fazemos uma leitura mais próxima dos pressupostos psicanalíticos, podemos ter a voz enquanto inscrita como efeito do real da língua, ou seja, como mais próxima da experiência do inconsciente. A voz despontaria da realidade do inconsciente fazendo aparecer o sujeito, aquele compreendido como o intervalo entre significantes, posto que a voz está presente em um momento anterior à linguagem. Em Psicanálise, tem-se que aquilo que é excluído do Simbólico retorna no Real, sendo este o resto, o qual não encontra escape na cadeia signifiante: é o impossível de ser representado pela língua. Quando há esse retorno ao Real, há uma perturbação na própria voz: na afonia e na gagueira, por exemplo⁵. Desse modo, pela voz podemos chegar mais perto daquilo que é próprio da singularidade subjetiva.

Avançando mais na teoria psicanalítica, podemos falar sobre a angústia e a sua relação com a voz. Segundo Maliska (2006, p. 151),

O termo *Angst*, na língua alemã, dá ideia de estreitamento, de constrição, é aquilo que engasga, que não sai boca a fora; tal como uma rouquidão vocal, uma tosse, um suspiro, um gemido, uma dispneia. Não ao acaso, fenômenos típicos da histeria. A *Angst* é querer falar quando a voz falha, é aquilo que entala, em que o sujeito fica paralisado, afônico, falta-lhe o ar para respirar, para falar.

Maliska (2006, p. 151) ainda menciona que “[...] a voz disritmada é o efeito daquilo que não se deixa enganar”. É nesse sentido que a angústia promove as “falhas” na voz de quem quer dizer algo. O mesmo autor diz que a voz é “manifestação inconsciente que é traduzida no real do corpo, fazendo com que o sujeito tuteie aí onde emerge um sujeito que falta” (p. 152), sendo que no real do corpo são entendidas as manifestações de gagueiras, crises de tosse, afonias. O autor ainda diz que “[...] a voz que falta é o desejo reprimido, aquilo que se furta ao sujeito na execução da voz” (MALISKA, 2006, p. 152).

Sendo assim, através desta breve exposição, compreendemos que as falhas na voz de Temer não podem ser interpretadas alheias ao ritual da interpelação ideológica e do processo de subjetivação, compreendendo que o ritual possui falhas e a subjetivação não é o efeito de um processo de identificação plena. A voz é, então, a representante de um outro lugar, o próprio Real, de onde surgem os efeitos da falta de controle do sujeito sobre o seu desejo. A falta constitutiva da subjetividade é presentificada em ato através das falhas vocalmente materializadas, o que dá concretude à divisão subjetiva (ou contradição subjetiva) em inconsciente e ideologia.

Podemos terminar esta explanação com uma citação de Magalhães e Mariani (2010, p. 404). As autoras dizem que

E aqui o entremeio com a Psicanálise e com o Materialismo Histórico se fazem presentes na teoria da Análise do Discurso, posto que o sem-sentido provocado pelo inconsciente e a contradição presente nos rituais de interpelação ideológica sempre fraturam e colocam à mostra o teatro da consciência. Em suma, há um ponto de impossível – marcado na ordem da língua pelo ato falho, pelo chiste e pelas contradições – que torna visível o fato de que não há um assujeitamento total, uma alienação completa do sujeito.

A fratura na voz de Michel Temer nos conduz à interpretação de que há, aí, algo que não devia ser mostrado e acabou sendo colocado em evidência no ritual do qual era protagonista. A divisão de Temer, a intromissão de uma outra posição-sujeito através do acontecimento enunciativo denunciado por sua voz, nos permite apontar para a tese de Sloterdijk sobre o funcionamento cínico da ideologia: “Eles sabem muito bem o que estão fazendo, mas mesmo assim o fazem” (apud ZIZEK, 1992, p. 59). Concluo,

⁵ As teorizações deste parágrafo foram originadas a partir de palestra de Maurício Maliska no 4º Encontro da Rede Sul Letras, ocorrido em Palhoça, de 11 a 13 de maio de 2016.

neste trabalho, que o funcionamento cínico da ideologia é denunciado pela posição-sujeito que emerge com a voz solapada – é o próprio inconsciente agindo diretamente no processo de interpelação ideológica.

REFERÊNCIAS

COURTINE, Jean-Jacques. O chapéu de Clementis. Observações sobre a memória e o esquecimento na enunciação do discurso político. In: INDURSKY, Freda; FERREIRA, Maria Cristina Leandro. (Org.) *Os múltiplos territórios da Análise do Discurso*. Porto Alegre: Editora Sagra Luzzatto, 1999. p. 15-22.

_____. *Análise do discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos*. Tradução de Cristina de Campos Velho Birck et al. São Carlos: EdUFSCar, 2009.

ERNST, A. G. A falta, o excesso e o estranhamento na constituição/interpretação do *corpus* discursivo. In: SEMINÁRIO DE ESTUDOS EM ANÁLISE DO DISCURSO, 4., 2009, Porto Alegre, RS. *Anais...* Porto Alegre: UFRGS, 2009. Disponível em: <<http://anaisdosead.com.br/4SEAD/SIMPOSIOS/AracyErnstPereira.pdf>>. Acesso em 5 de abril de 2016.

MAGALHÃES, Belmira; MARIANI, Bethânia. Processos de subjetivação e identificação: ideologia e inconsciente. *Linguagem em (Dis)curso*, Palhoça, SC, v. 10, n. 2, p. 391-408, maio/ago. 2010.

MALISKA, Maurício Eugênio. A voz e a angústia. In: LEITE, Nina Virgínia de Araújo. (Org.) *Corpolinguagem*. Angústia: o afeto que não engana. Campinas: Mercado de Letras, 2006, p. 149-156.

NBR. Pronunciamento do Presidente Michel Temer (Parte 1) 12/05/2016. Brasília: NBR, 2016. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=a8wna1qYz-w>>. Acesso em: 20 out. 2017.

PÊCHEUX, Michel. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. 4.ed. Campinas: Pontes, 2006.

_____. Ouverture du colloque. In: CONEIN, Bernard; COURTINE, Jean-Jacques; GADET, Françoise; MARANDIN, Jean-Marie; PÊCHEUX, Michel (Org.) *Matérialités discursives*. Lille: Presses Universitaires de Lille, 1981. p. 15-18.

_____; FUCHS, Catherine. A propósito da Análise Automática do Discurso: Atualização e perspectivas (1975). In: GADET, Françoise; HAK, Tony. (Org.) *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. 3.ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997. p. 163-252.

PIOVEZANI, Carlos. *Verbo, corpo e voz: dispositivos de fala pública e produção de verdade no discurso político*. São Paulo: Ed. UNESP, 2009.

SOUZA, Pedro de. *Michel Foucault: o trajeto da voz na ordem do discurso*. Campinas: Editora RG, 2009.

_____. O sujeito no discurso: modulações operadas pelo drama na voz. In: PETRI, Verli; DIAS, Cristiane. (Org.) *Análise do discurso em perspectiva: teoria, método e análise*. Santa Maria: Editoria da UFSM, 2013. p. 175-190.

VINHAS, Luciana Iost. *Discurso, corpo e linguagem: Processos de subjetivação no cárcere feminino*. 2014. 288 f. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

ZIZEK, Slavoj. *Eles não sabem o que fazem: o sublime objeto da ideologia*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.

Recebido em 16/10/2016. Aceito em 30/11/2016.

IL FAUT PARLER DE TEMER: LA DEFAMILIARISATION DANS LA VOIX¹

PRECISAMOS FALAR SOBRE TEMER: O ESTRANHAMENTO NA VOZ

NECESITAMOS HABLAR SOBRE TEMER: EL EXTRAÑAMIENTO EN LA VOZ

WE NEED TO TALK ABOUT TEMER: THE STRANGENESS IN THE VOICE

Luciana Iost Vinhas*

Universidade Federal de Pelotas

RÉSUMÉ: Le moment politique de l'année 2016 au Brésil met en scène l'opacité du discours politique, dont la matérialisation se procure dans de différentes formes d'existence matérielle. Dans ce travail on propose la réalisation d'une analyse de la voix de Michel Temer, vice-président du Gouvernement Dilma Rousseff, lors de son premier discours en tant que Président en intérim. Le parcours analytique du travail commence à partir de l'identification de la défamiliarisation dans la matérialité vocale, comprise comme une matérialité discursive différenciée : la voix de Michel produit un effet de faille dans le rituel. On analyse, ainsi, les effets de sens produits à partir de cette voix rauque, minée, étouffée, en essayant de l'approcher à l'intérêt principal de l'Analyse du Discours de tradition française : la liaison entre l'inconscient et l'idéologie.

MOTS-CLES : Voix. Défamiliarisation. Analyse du Discours.

RESUMO: O momento político do Brasil no ano de 2016 traz à tona a opacidade do discurso político, cuja materialização ocorre em diferentes formas de existência material. O presente trabalho se propõe a realizar uma análise da voz de Michel Temer, vice-presidente do Governo Dilma Rousseff, em seu primeiro pronunciamento enquanto Presidente Interino. O percurso analítico do trabalho começa a partir da identificação do estranhamento (ERNST, 2009) na materialidade vocal, entendida como uma materialidade discursiva diferenciada: a voz de Michel produz um efeito de falha no ritual. Analisamos, então, os efeitos de sentido produzidos a partir dessa voz rouca, solapada, engasgada, tentando relacioná-la ao interesse principal da Análise de Discurso de tradição francesa: a ligação entre inconsciente e ideologia.

PALAVRAS-CHAVE: Voz. Estranhamento. Análise de Discurso.

RESUMEN: El momento político brasileño del año 2016 presenta la opacidad del discurso político, cuya materialización se produce en diferentes formas de existencia material. Este estudio tiene como objetivo realizar un análisis de la voz de Michel Temer, vicepresidente del Gobierno Dilma Rousseff, en su primer discurso como Presidente Interino. El transcurso analítico del trabajo empieza por la identificación del extrañamiento (ERNST, 2009) en la materialidad vocal, entendida como una materialidad discursiva diferenciada: la voz de Michel produce un efecto de falla en el ritual. Analizamos, entonces, los efectos de

¹ Traduction en français par Luísa Zanini Vargas, licenciée en Lettres Portugais/Français par l'Universidade Federal de Pelotas (UFPeL). Mastère en cours à l'Universidade Federal Fluminense (UFF) en Littératures Francophones. E-mail : luisazaninivargas@gmail.com.

* Luciana Iost Vinhas é Professora de Língua Portuguesa na Universidade Federal de Pelotas (UFPeL). É Doutora em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). E-mail : lucianavinhas@gmail.com.

sentido producidos por la voz ronca, ahogada, tratando de relacionarla al principal interés del Análisis de Discurso de tradición francesa: la conexión entre la ideología y el inconsciente.

PALABRAS CLAVE: Voz. Extrañamiento. Análisis de Discurso.

ABSTRACT: The Brazilian political moment in 2016 presents the opacity of the political discourse. The materialization of this discourse is produced in different forms of material existence. This study has as its objective to analyze Michel Temer's voice, who was the Vice-President in Dilma Rousseff's Government. The analysis will focus on his first speech as Acting President. The analytical path of the study starts through the identification of the strangeness (ERNST, 2009) in the vocal materiality, which is understood as a discursive materiality with a different status: Michel's voice produces an effect of failure in the ritual. We analyze, then, the sense effects produced by this sapped, choked voice, trying to relate it to the main interest in the French Discourse Analysis: the connection between ideology and unconsciousness.

KEYWORDS: Voice. Strangeness. Discourse Analysis.

1 INTRODUCTION

Le traversement de l'Analyse du Discours dans ma vie a provoqué une transformation de la manière dont je me représentais en tant que sujet. Serait-ce un mouvement de désidentification? Je ne saurais le dire, il ne s'agit non plus de l'objectif de ce texte. Il est important, néanmoins, de reconnaître que cette virée subjective ne s'est pas passée par hasard : la responsabilité repose sur le rôle joué par mon professeur de licence en Lettres, et directrice de recherche de Mastère et de Post-Doctorat, le prof. Aracy Graça Ernst, dont la force théorique et la militance discursive ont contribué, de manière décisive, à ma formation professionnelle et personnelle. C'est avec Aracy que j'ai appris que, dans le domaine des Lettres, il est possible de penser la relation entre le langage et l'idéologie ; il est possible de penser le langage sous une perspective de la transformation sociale, de façon à ne pas reproduire ce qui nous opprime.

Ainsi, je ne pourrais pas écrire un texte en hommage à ma directrice de recherche qui ne soit pas un texte de questionnement. Il me paraît nécessaire de contribuer à un débat à propos du contexte socio-historico-idéologique dans lequel le Brésil s'est trouvé en 2016, l'année dans laquelle il s'est déroulé un sévère choc en ce qui concerne les conditions de maintien de la démocratie du pays. Depuis décembre 2015, nous vivons l'esprit inquiet en fonction de l'ouverture du procès d'impeachment contre la Présidente Dilma Rousseff. Le 12 mai, 2016, nous nous sommes réveillés avec la nouvelle de l'approbation de la demande d'impeachment contre la présidente, suite à une séance de votes qui s'est déroulée pendant toute la nuit. Soixante-dix-sept sénateurs ont jugé que Dilma avait commis un crime de responsabilité, et, ceci dit, sa destitution fut immédiate. Le score de l'impeachment, très proche d'un score de match de football, annonçait un événement discursif dans la base juridique, politique et idéologique brésilienne : pour la première fois dans l'histoire du pays, un Président était éloigné du poste à travers un procès d'impeachment, sans renoncer ni demander une licence. à l'intérieur comme à l'extérieur du Congrès, il était possible d'entendre des cris de victoire : « *Ganhamos!* ». Un « on a gagné » à droite. Cependant, dans tout ce décor, il y a quelque chose qui ne va pas...

Cet événement nous remet à la mémoire le cas de l'ex-président Fernando Collor de Melo, qui a eu sa destitution jugée dans le Congrès National, mais a préféré renoncer, ce qui l'empêchait d'être élu pour huit ans. En plus, l'autre différence par rapport au procès de destitution de Dilma c'est que, avant la séance de votes, une Commission Parlementaire d'Enquête a été ouverte en fonction d'accusations de corruption dénoncées par la presse. Après des mois de recherche parlementaire, l'impeachment a été approuvé dans la Chambre des Députés et dans le Sénat, suivi de la renonciation de Collor le 29 décembre, 1992.

L'événement historique du 12 mai 2016 se transforme, alors, en événement discursif, selon une intuition théorique de l'auteur de ce texte, puisqu'il promeut l'encontre entre une mémoire et une actualité (PECHEUX, 2006), une subversion dans la superstructure juridico-politico-idéologique, une réconfiguration dans le fonctionnement des formations discursives. Tel événement est accompagné, ainsi, de changement des conditions de production du discours, car, comme le disent Pêcheux et Fuchs (1997, p.11), toute formation discursive relève de conditions de production spécifiques. La voix qui fait écho au cri de « on a

gagné » de droite vient accompagnée d'autres voix : des voix qui sapent, qui échouent, qui taisent. Et, aussi, des voix cyniques qui semblent ne pas échouer dans des conversations téléphoniques qui mettent en évidence la cause de ce qui ne va pas², le feu à l'origine de la fumée.

Ces voix, apparemment effet d'un niveau excessif de testostérone, sont l'objet de ce texte. En vérité, j'ai travaillé avec la notion de défamiliarisation, comme elle a été proposée par Ernst (2009), à partir de la voix de Michel Temer, vice-président du gouvernement Dilma Rousseff dans son second mandat, et qui a assumé la Présidence de la République en intérim lors de la destitution de Dilma en fonction du procès d'impeachment. Comme j'avais développé dans ma thèse de doctorat (VINHAS, 2014), je comprends la voix comme une forme d'existence matérielle, et, pour ainsi dire, elle opère discursivement entre l'idéologie et l'inconscient. L'opacité de la voix dévoile le fonctionnement de la subjectivité, doublement affectée dans sa contradiction constitutive.

La voix du Président en intérim sera ici analysée avec l'objectif de réfléchir sur cette double affectation. Le *corpus* d'investigation est son discours lors de son entrée en poste en intérim, pour substituer la Présidente destituée, le 12 mai, 2016. Pendant le discours de presque 30 minutes, nous nous déparons avec quelque chose qui ne va pas... quelque chose qui dérange. Il s'agit de la voix, jamais écoutée auparavant, de Michel Temer.

2 COMMENT SE CONTRUIT UM COUP D'ETAT? IL FAUT PARLER DES CONDITIONS DE PRODUCTION DU DISCOURS

La suppression des ministères, reculs aux enquêtes de l'opération « *Lava-jato* », la nomination d'hommes accusés de corruption pour la composition du haut commandement du gouvernement, coupe d'investissements en Education et Santé : ce sont quelques unes des différences imposées par le Président en intérim en quelques jours de gouvernement à peine. Clairement, on voit que la direction du gouvernement de Michel en rien ne ressemble à la proposition pour laquelle il a été responsable en coopération avec Dilma en 2014. C'est évident que la défamiliarisation ressort à partir de l'image d'un gouvernement dirigé que par des hommes blancs, radicalement antagonique à la composition du gouvernement Rousseff, fait qui va dans la même direction de la suppression du Ministère de la Culture (bien que temporairement) et du Ministère des Femmes, de l'Égalité Raciale et des Droits de l'Homme.

Cela gêne que Dilma et Michel se soient présentés ensemble à la Présidence de la République en 2014. Les deux candidats ont formé une coalition pour la Présidence : Dilma en tant que Présidente et Michel en tant que vice-président. La coalition, ainsi, envisageait (imaginativement) un seul projet de gouvernement, et c'est pour ce projet de gouvernement que plus de 54 millions de brésiliennes et brésiliens ont voté en octobre, 2014, en réalisant tous les deux pour la Présidence de la République. Pourtant, Temer, alors Président en intérim (du 12 mai au 31 août, 2016) a proposé un projet effrayamment contradictoire avec celui de sa candidature, lequel s'est concrétisé par la perte du mandat de la Présidente : la diminution de la machine publique, l'encouragement aux partenariats public-privés, l'instauration de politiques méritocratiques, les alliances avec des secteurs idéologiquement incompatibles, la réduction des droits des travailleurs, le gel des investissements en santé, éducation et assistance sociale, parmi plein d'autres reculs de la démocratie brésilienne. Comment se peut-il que des candidats élus par la même coalition aient des projets de gouvernement si différents ?

Les voix enregistrées dans les audios de Sergio Machado ne font que corroborer l'institutionnalisation du coup au Congrès National. Michel Temer surgit comme la seule alternative pour une Présidente qui refuse de renoncer et de demander une licence, car, en assumant le poste de Président en intérim, il pourrait prendre les mesures nécessaires pour plaire à l'élite entrepreneuriale brésilienne et à la classe politique examinée par l'opération *lava-jato*. En effet, dans ce contexte les conditions de production du discours apparaissent comme ce qui a, selon Courtine (2009), une relation intime avec le concept de formation discursive, configurant une partie des contradictions idéologiques de classe. L'on peut, de manière anticipée, rapporter les pratiques politiques qui ont eu lieu au Brésil à la manière dont le fonctionnement discursif opère à travers les relations d'alliance et

² Je fais allusion aux conversations enregistrées par Sérgio Machado.

d'antagonisme entre les formations discursives et les contradictions qui lui sont constitutives. La voix inouïe de Michel Temer se matérialise en tant que nouveauté dans le jeu des signifiants et les questions que nous pouvons poser sont : qui a gagné ? Qu'a-t-on gagné ? Comment ? Pourquoi ?

2 COMMENT DOIT ETRE UM PRESIDENT DE LA REPUBLIQUE AU BRESIL? IL FAUT PARLER DE LA VOIX DE MICHEL TEMER LORS DE SON PREMIER DISCOURS EN TANT QUE PRESIDENT EN INTERIM

Le premier discours de Michel Temer en tant que Président en intérim du Brésil a eu lieu le jour même de la destitution de la Présidente Dilma. Dans un discours qui a duré moins de 30 minutes, Michel a apporté des éléments étrangement contraires aux politiques conçues par le gouvernement dirigé par Dilma. Toutefois, ceci ne sera pas l'espace de discussion de ces éléments : il faut parler de la voix de Temer, une voix qu'on n'écoute pas pendant plus de cinq ans en tant que vice-président et qui, pour la première fois écoutée, rauquit. Dans les réseaux sociaux en ligne, les répercussions sur la voix de Temer ont été impitoyables : les internautes l'ont surnommé Nosferatu et sataniste ; ils ont dit que sa voix était diabolique et fantasmagorique. De différentes vidéos ont surgi avec des éditions macabres dont les bandes sonores étaient récupérées de films d'horreur. De tels éléments démontrent que la matérialité vocale a fait circuler de différents effets de sens, pas qu'à travers l'humour, mais aussi à travers de dures critiques au contenu sinistre de son discours. En (01), on peut observer l'extrait de la parole dans lequel il se produit cette faille dans son premier discours en tant que Président. En italique sont spécifiés les moments où la voix devient rauque, l'empêchant de poursuivre sa parole³, conformément au prévu.

(01) Extrait de la parole de Michel Temer dans son premier discours en tant que Président en intérim (NBR, 2016).

(SD) Et, c'est pour ça que nous souhaitons avoir une base parlementaire solide, qui nous permette de raisonner avec la classe politique et aussi avec la société [applaudissements]. Exécutif et législatif doivent travailler en harmonie et de façon intégrée, notamment parce qu'au Congrès National sont représentés tous les courants d'opinion de la société brésilienne, ce n'est pas qu'à l'Exécutif. Là-bas, au Congrès National, sont tous les votes de tous les brésiliens, ceci dit [toux] nous devons gouverner ensemble, l'eau, que la physique n'est-ce pas, le reste va bien [ricanement, il boit de l'eau]. Alors, [toux] nous aurons besoin de beaucoup de gouvernabilité et la gouvernabilité exige en plus de ce que j'appelle Gouvernance, qui est l'appui de la classe politique au Congrès National, de la gouvernabilité, qui est l'appui du peuple, le peuple doit collaborer et applaudir les mesures que nous allons adopter. [...] D'immédiat, il nous faut aussi rétablir l'équilibre des finances publiques pour remettre l'évolution de l'endettement du secteur public de retour au rang d'équilibre durable à long terme. Le plus tôt nous sommes capables de mettre en équilibre les finances publiques, le plus vite on pourra reprendre le développement. La première mesure dans la ligne de cette réduction est ici représentée, quoiquemodestement : nous avons déjà éliminé plusieurs ministères de la machine publique [applaudissements]. Et, en même temps [toux] et en même temps nous ne nous arrêtons pas là. *On a déjà* [toux, ricanement, regard envers le public] *commandé* [toux, il boit de l'eau] *je dois demander je dois demander une pastille* [il se racle la gorge] *on a déjà commandé* [voix du public] *des études pour éliminer* [il tient la main pour prendre la pastille] *pour éliminer* [il se racle la gorge et prend la pastille] ça suffit, c'est assez [ricanement] *on a déjà* [voix rauque et il mange la pastille] *commandé des études* [applaudissements] *pour éliminer les fonctions commissionnées* [applaudissements applaudissements] *et fonctions gratifiées* [applaudissements et pastille et les gens qui crient MICHEL MICHEL] sciemment, des fonctions gratifiées superflues, sciemment dans la case de milliers de fonctions commissionnées.⁴

³ L'extrait en question commence aux 10'29".

⁴ E, para isso, é que nós queremos uma base parlamentar sólida, que nos permita conversar com a classe política e, também, com a sociedade [palmas]. Executivo e legislativo precisam trabalhar em harmonia e de forma integrada, até porque, no Congresso Nacional, é que estão representadas todas as correntes de opinião da sociedade brasileira, não é apenas no Executivo. Lá no Congresso Nacional estão todos os votos de todos os brasileiros, portanto [tosse] nós temos que governar *em conjunto*, água, só física, né o resto vai bem [risadinha, bebe água]. Então [tosse] nós vamos precisar muito da governabilidade e a governabilidade exige além do que eu chamo de Governança, que é o apoio da classe política, do Congresso Nacional, precisa também de governabilidade, que é o apoio do povo, o povo precisa colaborar e aplaudir as medidas que venhamos a tomar. [...] De imediato, precisamos também restaurar o equilíbrio das contas públicas, trazendo a evolução do endividamento do setor público de volta ao patamar de sustentabilidade ao longo do tempo. Quanto mais cedo formos capazes de reequilibrar as contas públicas, mais rápido conseguiremos retomar o crescimento. A primeira medida na linha desta redução está, ainda que modestamente, aqui representada: já eliminamos vários ministérios da máquina pública [aplausos]. E, ao mesmo tempo [tosse], e ao mesmo tempo nós não vamos parar por aí. *Já estão* [tosse, riso, olhar para a

La coupure que j'opère dans le *corpus* sous analyse est lié à l'extrait du texte oral qui a subi l'intervention d'une voix rauque, sapée, qui n'était pas prévue dans le rituel du discours. Quelque chose outre l'emploi de tournures de langage trop cultivées resonance mal dans la parole de Michel. Le Président en intérim se racle la gorge, boit de l'eau, prend une pastille, tousse, perd la voix, sourit et regarde le public de façon décontenancée. Alors je questionne : comment doit être interprétée la voix de Michel Temer ? Serait-ce de simples étouffements, un enrouement arbitraire ? Une simple aphonie de quelqu'un qui est resté trop longtemps muet et, tout à coup, a dû parler à toute la nation brésilienne ? Ou, vu d'une autre manière : serait-ce quelque chose d'un autre ordre (discursif) qui interrompt dans l'intradiscours ?

Que veut donc dire ceci ? On pourrait clore cette réflexion dans ce point exact, sans réfléchir sur les causes de ce qui a raté ; néanmoins je prétends entreprendre un bref exercice d'analyse à propos de ce qui déborde dans la voix de Michel, quelque chose d'un ordre qui échappe à son contrôle de Président en intérim et qui cause une gêne imprévue dans son moment le plus glorieux en tant que vice-président qui devient en intérim et, aussi, en tant qu'élément clé d'une intervention dans le jeu démocratique brésilien méticuleusement architecturée. Ainsi, il faut parler de la voix de Michel Temer à travers un regard discursif et, bien sûr, psychanalytique, puisqu'on est en train de traiter, directement, de la subjectivité dans sa double affectation inconsciente et idéologique.

La coupure dans le *corpus* empirique est opérée, dans cette étude, à partir de la défamiliarisation matérialisée dans la voix de Michel Temer, comme « [...] ce qui semble ne pas être convenable à dire dans un discours donné. » (ERNST, 2009, p.2). Selon Ernst (2009), le choix d'un aspect déterminé à être analysé, dans des recherches dont le fondement se trouve dans l'Analyse du Discours, « dépend de la dynamique du discours, à être observée par l'analyste, y impliqués le sujet soumis à l'ordre de l'idéologie et de l'inconscient, la mémoire structurante du dire et le sens opacifiant » (ERNST, 2009, p. 01). De tels éléments ne peuvent pas être négligés par l'analyste, depuis le moment de la coupure du corpus empirique jusqu'au moment de la description et de l'interprétation du corpus discursif. Il est important de remarquer que quand on parle de discours on ne parle pas de la langue, mais d'une matérialité directement liée à l'idéologie. Le moment politique et juridique met en lumière à travers le texte qui énonce aussi bien qu'à travers sa voix, l'idéologie est dissoute dans le souci d'unification d'un pays divisé idéologiquement et juridiquement ; ou, plutôt, un discours fasciste, représenté par le drapeau national et par la devise « Ordre et Progrès », déguisé en discours de conciliation.

La défamiliarisation, par conséquent, est comprise comme l'élément qui marque le début de la trajectoire analytique présente. Cela fait référence à quelque chose d'inattendu qui surgit intradiscursivement, liée à interdiscours. Le fait que Temer énonce pour la première fois dans la peau du Président et rompt la fluidité et l'oratoire *attendues d'un Président*, comme quelque chose qui trébuche dans la reproduction du rituel, est en rapport à la défamiliarisation ici identifiée. C'est pour cette raison que Ernst (2009) dit que le concept de défamiliarisation doit être interprété dans une double dimension : celle de l'intradiscours, en tant que matérialité discursive, et celle de l'interdiscours, c'est à dire, de la mémoire discursive.

A ce point-là, il est donc nécessaire de faire ressortir le concept de défamiliarisation proposé par Ernst (2009, p. 3), à partir duquel se développera⁵ l'analyse :

Stratégie discursive qui expose le conflit entre formations discursives et qui consiste à la présentation d'éléments intradiscursifs – mots, expressions et/ou propositions – et interdiscursifs, de l'ordre de l'excentrique, c'est à dire, de ce qui se trouve *en dehors* de ce qui est dit, mais qui se concentre dans la chaîne signifiante, tout en marquant un désordre dans l'énoncé. C'est ici que surgit l'effet de *pré-construit*, à travers

plateia] *encomendados* [tosse e bebe água] *tenho que pedir tenho que pedir uma pastilha* [limpa a garganta] *já estão encomendados* [vozes da plateia] estudos *para eliminar* [estende a mão para pegar a pastilha] *para eliminar* [limpa a garganta e pega a pastilha] *chega é muito* [riso] *já estão* [rouquidão e come a pastilha] *encomendados estudos* [palmas] *para eliminar cargos comissionados* [palmas palmas] e funções gratificadas [palmas e pastilha e pessoas gritando MICHEL MICHEL] *sabidamente, funções gratificadas desnecessárias, sabidamente na casa de milhares de funções comissionadas.*

⁵ Dans le texte original: *desenvolver-se-á* (emploi de la mesoclisie en portugais – une des tournures de langage trop cultivées que Temer a l'habitude d'employer). L'auteur affirme que « la mesoclisie est faite exprès mais n'est pas souhaitée ».

lequel « un élément irrompt dans l'énoncé comme s'il avait été pensé auparavant, ailleurs, indépendamment », ce qui rompt (ou pas) avec la structure linéaire de l'énoncé. Il a des caractéristiques comme l'imprévisibilité, l'innadéquation et la distanciation de ce qui est attendu (italiques de l'auteur).⁶

Dans la matérialité, ce qui attire l'attention concerne le manque de cadence d'une parole référente à celui qui était supposé avoir une parole parfaite, selon la représentation que l'on a d'un Président de la République, même si en intérim. D'ailleurs, Michel porte en lui une haute estime pour la littérature et pour la grammaire normative, ce qui construit, finalement, une représentation de *l'homme public* absente en Dilma et Lula, par exemple. Auteur de poèmes, il a eu ses vers publiés dans un livre ; en plus, l'on connaît son emploi peu usuel de la mesoclisis, pratique qui met en évidence la représentation qu'il a de son interlocuteur. Ses paroles traversées par d'irrégularités vocales apportent un texte au caractère réactionnaire, surtout dans l'extrait où il doit interrompre son discours, boire de l'eau et prendre une pastille, à savoir : (SD') « *On a déjà* [toux, ricanement, regard envers le public] *commandé* [toux, il boit de l'eau] *je dois demander je dois demander une pastille* [il se racle la gorge] *on a déjà commandé* [voix du public] *des études pour éliminer* [il tient la main pour prendre la pastille] *pour éliminer* [il se racle la gorge et prend la pastille] ça suffit, c'est assez [ricanement] *on a déjà* [voix rauque et il mange la pastille] *commandé des études* [applaudissements] *pour éliminer les fonctions commissionnées* [applaudissements applaudissements] *et fonctions gratifiées* [applaudissements et pastille et les gens qui crient MICHEL MICHEL] sciemment, des fonctions gratifiées superflues, sciemment dans la case de milliers de fonctions commissionnées ».

Je vais opérer ici un déplacement du *corpus* en geste analytique, en travaillant dans l'axe paraphrastique et en le reorganisant de façon à éliminer l'intromission de la faille vocale. Il serait ainsi : (SD'') « On a déjà commandé des études pour éliminer les fonctions commissionnées et fonctions gratifiées superflues dans l'échelle de milliers de fonctions commissionnées ». C'est à partir de cette différence qu'on fondera l'analyse ensuite développée.

3 COMMENT COMPRENDRE LA VOIX DANS L'ANALYSE DU DISCOURS? IL FAUT PARLER DU RAPPORT ENTRE IDEOLOGIE ET INCONSCIENT DANS LA MATERIALITE DISCURSIVE

Avant de poursuivre l'analyse de la voix de Michel Temer sous le point de vue discursif, je propose une petite pause pour penser théoriquement la voix dans l'Analyse du Discours et ainsi la relation entre idéologie et inconscient à partir de cette matérialité spécifique. Premièrement, il faut souligner une clé de voûte de la constitution de l'Analyse du Discours en tant que champ théorique singulier parmi les sciences humaines, à savoir, sa formation hétérogène, qui abrite des fondements issus du Matérialisme Historico-Dialectique, de la Linguistique et de la Psychanalyse. Tel point devient important lorsqu'on comprend que la conception de subjectivité travaillée dans l'AD est sortie de la théorie psychanalytique, ce qui veut dire que le sujet est observé en tant qu'effet d'unité produit par un ego qui n'a pas conscience du désir qui détermine sa structure psychique.

En partant de là, sujet et sens se forment dans l'intersection de deux structures-fonctionnement : l'idéologie et l'inconscient. Sujet et sens sont ainsi contradictoires depuis toujours. Cette contradiction est souvent matérialisée en éléments (linguistiques ou pas) qui échappent au contrôle du sujet, par lui produits. C'est le cas de l'acte manqué, par exemple, qui met en place une rupture dans une illusoire cohérence/cadence discursive, laquelle est fendue par le traversement des formations de l'inconscient, présentant au sujet l'évidence de ce qu'il est vraiment.

Ces éléments qui échappent au sujet peuvent, dans le regard de l'analyste, surgir comme la défamiliarisation même dont on parlait auparavant. Les blagues et les lapsus, par exemple, de même les symptômes et les rêves, sont des formations de l'inconscient qui placent, dans l'axe de la formulation, quelque chose d'un autre ordre, apparemment sans rapport direct à la formation discursive

⁶ Estratégias discursivas que expõem o conflito entre formações discursivas e consiste na apresentação de elementos intradiscursivos – palavras, expressões e/ou orações – e interdiscursivos, da ordem do excêntrico, isto é, daquilo que se situa fora do que está sendo dito, mas que incide na cadeia significante, marcando uma desordem no enunciado. Aqui se dá o efeito de pré-construído através do qual “um elemento irrompe no enunciado como se tivesse sido pensado antes, em outro lugar, independentemente”, rompendo (ou não) a estrutura linear do enunciado. Possui como características a imprevisibilidade, a inadequação e o distanciamento daquilo que é esperado [grifos da autora].

avec laquelle le sujet s'identifie. Ceci dit, ils ne sont pas un effet de l'interdiscours, ce qui suscite un jeu antagonique subjectif. Des matérialités qui n'actualisent pas les savoirs de la formation discursive peuvent surgir dans l'intradiscours à travers la voix, en même sorte que la voix peut matérialiser l'identification même du sujet, au service de l'idéologie. Donc, si on pense à la matérialité vocale dans cette réflexion, j'opère un dédoublement du concept de défamiliarisation d'Ernst (2009), qui commence à être compris ici comme *ce qui semble ne pas convenir d'être matérialisé dans un discours donné*.

La psychanalyse, puisqu'elle est une expérience de parole, permet que la voix surgisse comme un élément signifiant important pour la compréhension des processus de subjectivation, qui parlent directement du rapport entre le sujet et l'idéologie avec laquelle il s'identifie. Pêcheux (2006) lui-même, quand il analyse l'énoncé *On a gagné*, traite l'intonation comme un élément important dans la transposition d'un énoncé du champ sportif au champ politique, et un tel fait ne peut pas passer inaperçu par les analystes de discours.

Selon ce qui est déjà soutenu chez Vinhas (2014), de la voix il semble faire écho la possibilité d'émergence d'un autre type de rapport avec l'idéologie et avec l'inconscient. Il s'agit d'un rapport instable à l'extrême, imprévisible, ce qui peut mettre en lumière des sens qui ne peuvent pas (et ne doivent pas) circuler à partir d'une séquence léxico-syntaxiquement descriptible. Les ressources vocales employées par le sujet mettent en évidence le caractère d'incomplétude de langage et du processus d'assujettissement même, ce qui ne se passe pas sans failles. La répétition verticale, interdiscursive (COURTINE, 1999), a des lacunes et ce sont ces lacunes qui permettent l'émergence de l'imprévisible dans l'ordre discursif.

Ce différent rapport entre idéologie et inconscient est basé dans la compréhension que la voix permet l'émergence de la singularité subjective. Une telle pensée suit ce qui a été proposé par Souza (2009, p.15), dont l'étude a pour but de « [...] toucher la voix en tant que dimension subjacente au discours, contrepartie temporelle et matérielle de l'énonciation qui permet l'apparition du sujet »⁷. Si la voix permet l'apparition du sujet, on pourrait dire que la voix est l'intersection des signifiants? Tel questionnement nous approche de la notion de langue, mais je ne prolongerai pas ce point. Il faut parler de la voix de Michel Temer⁸.

Souza (2009) affirme qu'il comprend la « voix en tant qu'événement énonciatif qui se singularise au seuil d'une discursivité »⁹. C'est pour cette raison qu'on admet une différence dans le rapport entre idéologie et inconscient, en outre il a lieu par singularisation. Je reviens, alors, aux paroles de Piovezani (2009), lorsqu'il dit que la voix est un fragment d'une subjectivité et de l'institution: l'assujettissement et la résistance cohabitent dans la voix en tant que matérialité (de l'idéologie et du désir), et ils donnent d'autant plus de lieu pour l'émergence de la singularité.

La singularité peut être comprise à partir de ce qu'a postulé Souza (2013, p.179), dans une étude à propos du rapport entre subjectivité et voix:

Le procédé analytique ci-supposé conduit à sectionner la surface discursive, de façon à individualiser ses éléments matériels constitutifs, parmi lesquels se distinguent le langage, l'inconscient et l'idéologie. Si ces derniers – inconscient et idéologie –, selon ce que souligne Eni Orlandi, sont matériellement articulés devant le langage; et si la base matérielle du discours se trouve dans l'énonciation, selon Pêcheux, je risque de dépasser la ligne syntaxique de la plateforme énonciative et d'en déduire la voix comme un geste qui en découle, en qualité de singulier, et qui fait le jeu du langage dans le discours. Voici alors: dans l'intersection entre la langue et le discours, le drame s'interpose et indique ce qui dans la voix surgit comme un geste à signifier, comme une signalisation de la voix transformée en deixis du sujet.¹⁰

⁷ « [...] tocar a voz como dimensão subjacente ao discurso, contraparte temporal e material da enunciação que possibilita a aparição do sujeito »

⁸ Chez Vinhas (2014) on fait une discussion à ce propos.

⁹ « [...] voz como acontecimento enunciativo que se singulariza no limiar de uma discursividade » (SOUZA, 2013, p. 15)

¹⁰ O procedimento analítico pressuposto aqui conduz a seccionar a superfície discursiva, de modo a individualizar seus elementos materiais constituintes, entre os quais se destacam a linguagem, o inconsciente e a ideologia. Se esses últimos – inconsciente e ideologia –, conforme elucidada Eni Orlandi, estão materialmente articulados mediante a linguagem; e se a base material do discurso está na enunciação, conforme postula Pêcheux, arrisco-me a ultrapassar a linha sintática da plataforma enunciativa e depreender nela a voz como gesto que advém antes, na qualidade do singular, e faz o jogo da linguagem no discurso. Aí está: no intervalo

Voyons, alors, ce qu'on peut interpréter à partir de la voix de Michel Temer.

4 COMMENT COMPRENDRE LA VOIX DE TEMER DISCURSIVEMENT? IL FAUT PARLER DE QUELQUE CHOSE QUI ECHAPPE DANS LE PROCESSUS D'INTERPELLATION IDEOLOGIQUE

Commençons cette section travaillant sur la séquence discursive extraite à partir du discours complet de Michel Temer. On a, ainsi, la séquence complète exposée en (01), qui a été découpée en un extrait encore plus petit dans le cadre de la discussion actuelle. Ceci dit, on a la séquence dans laquelle le président en intérim chancelle dans les failles de sa voix, selon ce qui est observé en (02) :

(02) Séquence découpée à partir de la parole de Michel Temer, dénommée SD'.

(SD') : *On a déjà* [toux, ricanement, regard envers le public] *commandé* [toux, il boit de l'eau] *je dois demander je dois demander une pastille* [il se racle la gorge] *on a déjà commandé* [voix du public] *des études pour éliminer* [il tient la main pour prendre la pastille] *pour éliminer* [il se racle la gorge et prend la pastille] *ça suffit, c'est assez* [ricanement] *on a déjà* [voix rauque et il mange la pastille] *commandé des études* [applaudissements] *pour éliminer les fonctions commissionnées* [applaudissements applaudissements] *et fonctions gratifiées* [applaudissements et pastille et les gens qui crient MICHEL MICHEL] *sciemment, des fonctions gratifiées superflues, sciemment dans la case de milliers de fonctions commissionnées.*

On peut comparer la séquence décrite comme SD', découpée littéralement de la parole de Temer, à la séquence décrite comme SD'', dans laquelle on opère une différence : dans la seconde séquence, on matérialise la parole de Michel sans les interventions présentes dans la linéarité signifiante, dans le but de provoquer un questionnement sur le processus de circulation des sens à partir de ces deux paroles. Ce faisant, la parole de Michel sans les obstacles vocaux serait ainsi :

(03) Paraphrase de la séquence découpée de la parole de Michel Temer:

(SD'') on a déjà commandé des études pour éliminer les fonctions commissionnées et fonctions gratifiées superflues dans la case de milliers de fonctions commissionnées.

La différence dans la matérialité fait qu'on se méfie d'une différence discursive. Qui nous l'indique c'est Michel Pêcheux lui-même qui, lors de l'ouverture du Colloque *Matérialités discursives*, affirme : «[...] ce qui, à un moment donné, fait irruption dans l'espace de la répétition discursive, ce qui y vire ou bascule, ne résulte pas de n'importe quelle brisure, torsion ou retournement» (PÊCHEUX, 1981, p. 18). Une telle citation pointe vers l'influence de l'interdiscours dans le processus de circulation des sens, complètement dépendent de la manière dont ces sens sont matérialisés. En dépit d'avoir l'apparence d'un processus stable et sans failles, la prévisibilité inhérente au processus d'actualisation des savoirs dans l'intradiscours peut subir des ruptures, des torsions, des détours qui ne gagnent pas qu'une existence concrète à partir des jeux lexico-syntaxiques propres à la structure de la langue. C'est là où entre la voix comme porte-parole, c'est-à-dire, comme l'évidence de la même rupture qui dorénavant n'était que syntagmatiquement attrapée.

Ainsi, lorsqu'on travaille avec la voix en tant qu'évidence de ce qui n'est pas prévu au rituel, il arrive que ce processus se passe en fonction de l'action de l'inconscient dans la subjectivation. C'est de cette façon que Souza (2009), comme on l'a déjà dit, comprend la voix comme un événement énonciatif au seuil d'une discursivité : la voix irrégulière de Michel Temer pourrait être interprétée, alors, comme la matérialisation d'une nouvelle position-sujet qui surgit dans le complexe organisé de savoirs d'une formation discursive. Pourtant ce n'est pas tout : si on fait une lecture plus proche des pressupposés psychanalytiques, on peut avoir la voix en tant qu'inscrite comme l'effet du réel dans la langue, soit comme plus proche de l'expérience de l'inconscient. La voix émergerait de la réalité de l'inconscient ce qui ferait apparaître le sujet, celui compris comme l'intersection entre signifiants puisque la voix est présente dans un moment précédent au langage. En Psychanalyse, il est donné que ce qui est écarté du Symbolique revient au Réel,

entre a língua e o discurso, o drama se interpõe e indica o que, na voz, irrompe como gesto a significar, como sinalização da voz convertida em dêixis do sujeito (p. 179).

ceci étant le reste, ce qui ne trouve pas de fuite dans la chaîne signifiante : c'est l'impossible d'être représenté par la langue. Quand on observe ce retour au Réel, il se passe une perturbation dans la propre voix : dans l'aphonie et le bégaiement, par exemple¹¹. Donc, par la voix on peut arriver plus près de ce qui est caractéristique de la singularité subjective. Un peu plus à fond dans la théorie psychanalytique, on peut parler de l'angoisse et de sa relation avec la voix. Selon Maliska (2006, p. 151),

Le terme *Angst*, en allemand, donne une idée de rétrécissement, de constriction, c'est ce qui étouffe, ce qui ne sort pas de la bouche; tel un enrrouement vocal, une toux, un soupir, un gémissement, une dyspnée. Pas par hasard, ce sont des phénomènes typiques de l'hystérie. L'*Angst* c'est de vouloir parler quand la voix faille, c'est ce qui est coincé, quand le sujet devient paralysé, aphonique, il lui manque de l'air pour respirer, pour parler.¹²

Maliska (2006, p. 151) mentionne encore que «[...] la voix dysrythmée est l'effet de ce qui ne se laisse pas tromper ». C'est dans ce sens que l'angoisse promeut les « failles » dans la voix de qui veut dire quelque chose. Le même auteur dit que la voix est « manifestation inconsciente qui est traduite dans le réel du corps, menant le sujet à tergiverser là où surgit un sujet qui manque » (p. 152), alors que dans le réel du corps on entend les manifestations de bégaiements, crises de toux, aphonies. L'auteur dit en plus que « la voix qui manque est le désir reprimé, ce qui se vole au sujet dans l'exécution de la voix » (MALISKA, 2006, p. 152).

Finalement, à travers ce brève exposé, on comprend que les failles de la voix de Temer ne peuvent pas être interprétées hors rituel de l'interpellation idéologique et du processus de subjectivation, considérant que le rituel a des failles et la subjectivation n'est pas l'effet d'un processus de pleine identification. La voix est ainsi la représentante d'un autre lieu, le Réel même, d'où surgissent les effets de manque de contrôle du sujet sur son désir. Le manque constitutif de la subjectivité est présentifié en acte à travers les failles vocalement matérialisées, ce qui confère de la concrétude à la division subjective (ou contradiction subjective) en inconscient et en idéologie. On peut finir cette explication avec une citation de Magalhães e Mariani (2010, p. 404). Les auteurs disent que

Et ici, l'intersection avec la Psychanalyse et avec le Matérialisme Historique est présente dans la théorie de l'Analyse du Discours, puisque le dépourvu de sens provoqué par l'inconscient et la contradiction présente dans les rituels d'interpellation idéologique sont toujours brisés et mettent en scène le théâtre de la conscience. En outre, il y a un point d'impossible – souligné dans l'ordre de la langue par l'acte manqué, par la blague et par les contradictions – qui met en lumière le fait qu'il n'y a pas un assujettissement total, une aliénation complète du sujet.¹³

La rupture dans la voix de Michel Temer nous conduit à interpréter qu'il y a là quelque chose qui ne devait pas être dévoilé et qui a fini par être mis en évidence dans le rituel duquel il était protagoniste. La division de Temer, l'intromission d'une autre position-sujet à travers l'événement énonciatif dénoncée par sa voix nous permet d'apporter la thèse de Sloterdijk en ce qui concerne le fonctionnement cynique de l'idéologie : « Ils savent très bien ce qu'il font, mais il le font tout de même » (apud ZIZEK, 1992, p. 59). Je soutiens, en conclusion de ce travail, que la position-sujet cynique est dénoncée par la position-sujet qui ressort avec la voix sapée – c'est l'inconscient même qui agit directement dans le processus d'interpellation idéologique.

¹¹ Les théorisations de ce paragraphe ont été produites à partir d'une conférence de Maurício Maliska au 4e *Encontro da Rede Sul Letras*, qui a eu lieu à Palhoça, du 11 au 13 mai, 2016.

¹² O termo *Angst*, na língua alemã, dá ideia de estreitamento, de constricção, é aquilo que engasga, que não sai boca afora; tal como uma rouquidão vocal, uma tosse, um suspiro, um gemido, uma dispneia. Não ao acaso, fenômenos típicos da histeria. A *Angst* é querer falar quando a voz falha, é aquilo que entala, em que o sujeito fica paralisado, afônico, falta-lhe o ar para respirar, para falar.

¹³ E aqui o entremeio com a Psicanálise e com o Materialismo Histórico se fazem presentes na teoria da Análise do Discurso, posto que o sem-sentido provocado pelo inconsciente e a contradição presente nos rituais de interpelação ideológica sempre fraturam e colocam à mostra o teatro da consciência. Em suma, há um ponto de impossível – marcado na ordem da língua pelo ato falho, pelo chiste e pelas contradições – que torna visível o fato de que não há um assujeitamento total, uma alienação completa do sujeito.

RÉFÉRENCES

COURTINE, Jean-Jacques. O chapéu de Clementis. Observações sobre a memória e o esquecimento na enunciação do discurso político. In: INDURSKY, Freda; FERREIRA, Maria Cristina Leandro. (Org.). *Os múltiplos territórios da Análise do Discurso*. Porto Alegre: Editora Sagra Luzzatto, 1999. p. 15-22.

_____. *Análise do discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos*. Tradução de Cristina de Campos Velho Birck et al. São Carlos: EdUFSCar, 2009.

ERNST, A. G. A falta, o excesso e o estranhamento na constituição/interpretação do *corpus* discursivo. In: SEMINÁRIO DE ESTUDOS EM ANÁLISE DO DISCURSO, 4., 2009, Porto Alegre, RS. *Anais...* Porto Alegre: UFRGS, 2009. Disponível em: <<http://anaisdosead.com.br/4SEAD/SIMPOSIOS/AracyErnstPereira.pdf>>. Acesso em 5 de abril de 2016.

MAGALHÃES, Belmira; MARIANI, Bethânia. Processos de subjetivação e identificação: ideologia e inconsciente. *Linguagem em (Dis)curso*, Palhoça, SC, v. 10, n. 2, p. 391-408, maio/ago. 2010.

MALISKA, Maurício Eugênio. A voz e a angústia. In: LEITE, Nina Virgínia de Araújo. (Org.). *Corpolinguagem*. Angústia: o afeto que não engana. Campinas: Mercado de Letras, 2006. p. 149-156.

NBR. Pronunciamento do Presidente Michel Temer (Parte 1) 12/05/2016. Brasília: NBR, 2016. Disponible sur: <<https://www.youtube.com/watch?v=a8wna1qYz-w>>. Accès: le 20 oct. 2017.

PÊCHEUX, Michel. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. 4.ed. Campinas: Pontes, 2006.

_____. Ouverture du colloque. In: CONEIN, Bernard; COURTINE, Jean-Jacques; GADET, Françoise; MARANDIN, Jean-Marie; PÊCHEUX, Michel (Org.) *Matérialités discursives*. Lille: Presses Universitaires de Lille, 1981. p. 15-18.

_____; FUCHS, Catherine. A propósito da análise automática do discurso: Atualização e perspectivas (1975). In: GADET, Françoise; HAK, Tony. (Org.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. 3.ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997. p. 163-252.

Recebido em 16/10/2016. Aceito em 30/11/2016.

O CORPO QUE (NÃO) VEMOS NOS VÊ

EL CUERPO QUE (NO) VEMOS NOS VE

THE BODY THAT WE (DO NOT) SEE SEES US

Maria Thereza Veloso*

Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões

RESUMO: Sob a perspectiva da Análise do Discurso pècheuxtiana e pretendendo-se um diálogo entre duas expressões distintas – a literária e a fílmica – na perspectiva do corpo como conduto e expressão da constituição psicanalítica da linguagem, apresentam-se aqui considerações acerca da análise interpretativa de Recortes Discursivos (RDs), retirados do romance *Lavoura Arcaica*, de Raduan Nassar, e sua adaptação/tradução para outra linguagem, mediante outro código, o imagético em movimento, de que resultou o filme homônimo, de Luis Fernando Carvalho. Para tanto, vê-se a linguagem como em estágio pré-discursivo, no centro do Nó Borromeano, no espaço intersticial dos círculos representativos da tríade lacaniana - do Real, do Simbólico e do Imaginário. Vê-se a linguagem igualmente como portadora de um caráter limítrofe entre o psíquico e o somático, ponto de partida para duas outras pulsões observadas por J. Lacan – a invocante e a escópica.

PALAVRAS-CHAVE: Linguagem literária. Linguagem fílmica. Corpo. Sentidos. Análise do discurso.

RESUMEN: Bajo la teoría del Análisis del Discurso pècheuxtiano e intentando un diálogo entre dos expresiones distintas – la literaria y la fílmica – en la perspectiva del cuerpo como conductor y expresión de la construcción psicoanalítica del lenguaje, se presentan aquí aportes acerca de un análisis interpretativo de Recortes discursivos (RDs) – sacados de la novela *Lavoura arcaica*, de Raduan Nassar, y su adaptación/traducción a otro lenguaje y otro código, el de la imagen en movimiento, de que resultó la película homónima, de Luis Fernando Carvalho. Para eso, se ve el lenguaje como en un estadio prediscursivo, al centro del Nudo Borromeo, en el espacio intersticial formado por los tres anillos representativos de lo Real, de lo Imaginario y de lo Simbólico. Se presenta el lenguaje también como portador de un rasgo fronterizo entre lo psíquico y lo somático, punto de arranque para dos otras pulsiones observadas por Lacan – la invocadora y la escópica.

PALABRAS CLAVE: Lenguaje literario. Lenguaje fílmico. Cuerpo. Sentidos. Análisis del discurso.

ABSTRACT: Having as theoretical foundation Pêcheux's Discourse Analysis, and aiming to establish a dialogue between two different expressions – the literary and the filmic ones – in the perspective of the body as channel and expression of the psychoanalytic constitution of language, this article presents some considerations on Discursive Scraps (DSs) interpretative analysis. The analysis relies on Raduan Nassar's novel *Lavoura Arcaica* and on its adaptation/translation into other language and code – image in motion – from which resulted the homonymous film by Luis Fernando Carvalho. For the purposes intended in this study, language is seen in the prediscursive stage in the center of the Borromean knot, the interstitial space of representative circles of the Lacanian triad – the Real, the Symbolic and the Imaginary. Language is also seen as having a

* Professora de Comparatismo e Tradução no Mestrado em Letras-Literatura Comparada, na Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões-URI, e de Análise de Discurso, na Licenciatura em Letras, na mesma Universidade. Doutora em Letras pela Universidade Católica de Pelotas. E-mail: theve47@gmail.com

borderline nature between the psychic and the somatic, the starting point for two other drives observed by J. Lacan – the invocatory and the scopic ones.

KEYWORDS: Literary language. Filmic language. Body. Senses. Discourse analysis.

[...] ainda confuso, aturdido, mostrei-lhe a cadeira do canto, mas ele nem se mexeu e tirando o lenço do bolso ele disse “abotoe a camisa, André”. (Raduan Nassar, pela voz de André, o sujeito discursivo-narrador – SDN – *Lavoura arcaica*, p. 11-12.)

1 INTRODUÇÃO

Casa do Real intangível, inalcançável – esse é o corpo em que existimos, o universo em que nos movimentamos e que nos traduz. Como um espelho, ele nos reflete desde o nosso interior, dá-nos visibilidade diante do olhar do outro e, ao mesmo tempo, convive com o Outro que nos habita.

Na constituição psicanalítica da linguagem, de que o corpo é conduto e expressão, encontram-se o Real, o Simbólico e o Imaginário, a tríade que, na teoria lacaniana, demonstra o funcionamento da cadeia significante, tal como exemplificado pelo Nó Borromeano, figura topológica em que esses três registros aparecem representados por três círculos entrelaçados, a demonstrarem também a relação de interdependência que os une.

Neste artigo, a imagem-percepção do corpo é vista como uma linguagem em estado pré-discursivo, no centro do Nó Borromeano. Estando no ponto vazio que Lacan chama de “objeto *a*”, localizado no espaço intersticial dos três círculos representativos dos registros mencionados, essa imagem/linguagem é recoberta pelo simbólico e pelo imaginário. Ao mesmo tempo, é igualmente revestida pela pulsão na perspectiva relembada por Freud, de caráter limítrofe entre o psíquico e o somático, condição que permite a vazão de duas outras pulsões, a invocante e a escópica, como adiante se demonstra.

Dito isso, tem-se aqui, como objetos significantes sob considerações analíticas, duas linguagens distintas, mas complementares entre si. São elas a narrativa literária e a filmica, esta como uma adaptação/tradução da primeira para outro código, o imagético em movimento.

2 CORPO (EM)DISCURSO, PALAVRA E IMAGENS EM MOVIMENTO

A versão primeira de *Lavoura arcaica*, daqui em diante designada simplesmente LA, na condição de narrativa literária, inicia transbordante de sentidos. André, personagem narrador, para efeitos deste texto visto como sujeito discursivo-narrador (SDN), observa-se habitante de um corpo latejante, em estado de nudez física, psíquica e sensorial, que se entrega a uma espécie de ascese, de consagração, ou mesmo de tradução, do humano ao divino, tal como é possível depreender-se da leitura do Recorte Discursivo (RD), a seguir, em que o destaque é o quarto, mundo individual que acolhe o corpo, mas também é o corpo, inviolável catedral, que acolhe os sentidos à espera da celebração máxima:

RD 1

Os olhos no teto, a nudez dentro do quarto; róseo, azul ou violáceo, o quarto é inviolável; o quarto é individual, é um mundo, quarto catedral, onde, nos intervalos da angústia, se colhe, de um áspero caule, na palma da mão, a rosa branca do desespero, pois entre os objetos que o quarto consagra estão primeiro os objetos do corpo; eu estava deitado no assoalho do meu quarto, numa velha pensão interiorana [...] (NASSAR, 1989, p. 9.)

O olhar voltado para o alto, para o teto do quarto, leva o leitor a deduzir que o SDN está deitado de costas. Sua percepção do entorno, pela posição em decúbito dorsal em que se encontra, permite ao SDN experimentar a sensação de que tudo a sua volta se

torna fluido, misturando-se para explodir depois, pelo encontro simbiótico entre desejo latente e desejo satisfeito. O rosa e o azul, cores que ele sensorialmente percebe se tornando um todo violáceo, simbolizam a um só tempo o desejo que, à moda de uma chispa, alastra-se na procura de satisfazer-se e, também, a sensação de calma obtida após a satisfação dos sentidos.

A propósito, vem da psicanálise a noção de que não se pode explicar um acontecimento sensorial sem que seja registrado sob a forma de uma representação. Essa representação, psíquica ou não, é identificada por Nasio (2009) como *imagem mental do corpo*. Segundo ele, “[...] toda sensação percebida imprime inevitavelmente sua imagem; toda sensação real é necessariamente duplicada por uma virtualidade [...] O corpo é também uma *cosa mentale*” (p. 08), afirma ele ao lembrar Da Vinci, que qualificava a pintura como *cosa mentale* “porque a pintura – pensava ele – não está na tela, mas na cabeça daquele que a pinta ou do espectador que a contempla”, completa Nasio (2009, p. 08).

Em que condição, no entanto, trazem-se aqui estas considerações a respeito da imagem do corpo como morada do Real, do Simbólico e do Imaginário, e, ao mesmo tempo, destes sendo conduto e expressão daquele? A resposta é que, sendo este trabalho baseado numa visão discursivo-comparatista e tendo por base primeira uma obra literária, é necessário ver a imagem por esta criada como resultante de um processo de literalização, sim, mas igualmente de socialização. Ora, não há socialização dissociada da ideologia e tampouco do imaginário. Nessa perspectiva, conforme salienta Pageaux (2011, p. 110-111), é possível afirmar que

A ideologia e o imaginário constituem, de maneira significativa, os dois polos antagônicos e complementares de um estudo de imagologia¹. Segundo as temáticas abordadas, ora a preferência será dada à ideologia (e o estudo da imagem virá em contribuição àquilo que podemos continuar chamando de história das ideias), ora ela vai se orientar em direção à poética (principalmente quando for o caso de estudar a forma e a prática literária de um escritor ou de um conjunto de textos), mas também em direção ao imaginário (aquele do escritor, da época, ou de seu meio, de sua escola). Trata-se de um equilíbrio a construir ou a encontrar, em função da temática escolhida [...]. A imagem é uma espécie de língua, de língua segunda para dizer o Outro e, conseqüentemente, para dizer também um pouco de si, de sua cultura.

Daí, portanto, entender-se o “parentesco” linguisticamente possível entre a imagem mental sugerida ao leitor pela interação dialógica que mantém com o discurso literário que lê a partir da obra impressa, no caso o romance LA, e a imagem que lhe chega como uma narrativa discursivo-filmica, esta legível no filme homônimo ao romance de Nassar. Nesta, as imagens chegam aos olhos do espectador-leitor filtradas pelo olhar analítico-interpretativo do diretor cinematográfico.

A relação entre a palavra escrita/lida e a imagem vista/ouvida guarda, todavia, uma palavra/imagem que, mesmo lida no código escrito ou no filmico-imagético, inexistente. Nem dita e tampouco ouvida ou vista, ela habita o antes do começo. Inominada ainda, em estado anterior a si própria, ela é constituinte do sujeito-narrador-leitor ou espectador na forma de um silêncio que a identifica como ainda estando na condição de “objeto *a*”. Há um silêncio que ultrapassa todo o dizer, como lembra Carnevale (2015, p. 68): “A constituição dos sujeitos se dá não apenas via significantes ofertados pelo Outro, mas, também, via silêncio [...] Somos constituídos no silêncio que ultrapassa todo o dizer [...]”. Depreende-se dessa realidade uma outra – há interstícios por onde vaza esse silêncio para transmutar-se em palavra, palavra falada ou palavra escrita, palavra hibridando-se com a imagem, mas sempre palavra incompleta, palavra opaca, fenda por onde vaza o inconsciente.

No RD 2, a seguir, apresentam-se pistas desse silêncio primordial, fundante de todo ser de linguagem. Há também um movimento de alternância de tempo e de sentidos nos discursos dos dois irmãos. Observe-se:

RD 2

Era meu irmão mais velho que estava na porta; assim que ele entrou, ficamos de frente um para o outro, nossos olhos parados, era um pedaço de terra seca que nos separava, tinha susto e espanto nesse pó, mas não era uma descoberta, nem sei o que era, e não nos dizíamos nada, até que ele estendeu os braços e fechou em silêncio as mãos fortes nos meus ombros e nós nos olhamos e num momento preciso

¹ Imagologia, primeira vertente derivativa da Literatura Comparada, cf. Celeste H. M. Ribeiro de Souza.

nossas memórias nos assaltaram os olhos em atropelo, e eu de repente vi seus olhos se molharem, e foi então que seus olhos se molharam, e foi então que ele me abraçou, e eu senti nos seus braços o peso dos braços encharcados da família inteira. Voltamos a nos olhar e eu disse “não te esperava” foi o que eu disse com o desajeito do que dizia e cheio de receio de me deixar escapar não importava com o que eu fosse lá dizer, mesmo assim eu repeti “não te esperava” foi isso o que eu disse mais uma vez e eu senti a força poderosa da família desabando sobre mim como um aguaceiro pesado enquanto ele dizia “nós te amamos muito, nós te amamos muito” e era tudo o que ele dizia enquanto me abraçava mais uma vez [...] (NASSAR, 1989, p. 11)

Há, nesse RD, pistas complementares que conduzem o leitor à percepção do silêncio como um furo, um buraco inacessível, poço ao fundo do qual é impossível o acesso do sujeito na sua incessante luta pela completude. Analisem-se, por exemplo, nos seguintes RD 2a e RD 2b:

RD 2a - *Era meu irmão mais velho que estava na porta.* (NASSAR, 1989, p. 11).

É perceptível que se está diante de uma proposição inteiramente ambientada no tempo pretérito, o tempo da memória. O SDN, ao abrir a porta, vê quem bate, mas não individualiza esse alguém pelo nome. Ao contrário disso, a explicação que dá, *meu irmão mais velho*, recupera a gênese familiar pelo vínculo de pertencimento afetivo, traduzido pelo pronome pessoal *meu*, numa escala de tempo que, ao avançar, retroage ao começo, ou melhor, ao antes do começo, no âmbito do objeto *a*. Como afirma Pêcheux (2008, p. 23), a explicação dada pelo SDN faz imergir

[...] esse enunciado em uma rede de relações associativas implícitas – paráfrases, implicações, comentários, alusões, etc. – isto é, em uma série heterogênea de enunciados, funcionando sob diferentes sistemas discursivos, e com uma estabilidade móvel variada.

Dessa forma, ao afirmar que era seu *irmão mais velho*, o SDN recupera um discurso de resistência do eu, eis que insere não uma, mas várias gerações produtoras de um discurso que remete à sua formação discursiva de pertencimento. As sequências imediatamente posteriores – *era um pedaço de terra seca que nos separava, tinha susto e espanto nesse pó, mas não era uma descoberta, nem sei o que era, e não nos dizíamos nada* – são reiterativas do discurso de resistência desse eu. Têm a ver ao mesmo tempo com o interdiscurso “da ordem do ex-cêntrico, isto é, daquilo que se situa *fora* do que está sendo dito, mas que incide na cadeia significante, marcando uma *desordem* no enunciado”, como afirma Ernst (2009, p. 5), ao se referir ao *estranhamento* como estratégia discursiva “que expõe o conflito entre formações discursivas [...]”, *estranhamento* esse cujas pistas afloram na superfície discursiva, como em “[...] tinha susto e espanto nesse pó, mas não era uma descoberta, nem sei o que era [...]” (NASSAR, 1989, p. 11).

No RD destacado, novamente há um silêncio em que se gesta uma palavra não-dita, que recobre o inalcançável – a falta, marca indelével, permanente, do humano. Há um excesso de significantes de um mesmo silêncio, como a *secura da terra* e seu efeito de véu, cortina de isolamento entre os múltiplos sentidos de um mesmo discurso, ou ainda, o *estranhamento* causado por uma *volta* que assusta, eis que se assemelha a um inusitado que, no entanto, é já conhecido de antes – o *já-lá* – já dito, já-vivido, e que parece retornar, ou que espanta pelo novo que provoca, ou pelo que parece novo sem sê-lo. É voz que fala pelo gesto do corpo, é o inconsciente que toma a palavra e se apresenta, é ele que diz e se diz e, ao dizê-lo, faz-se sujeito, dá e faz sentido.

RD 2b – [...] até que ele estendeu os braços e fechou em silêncio as mãos fortes nos meus ombros e nós nos olhamos e num momento preciso nossas memórias nos assaltaram os olhos em atropelo, e eu vi de repente seus olhos se molharem (NASSAR, 1989, p. 11.)

Nesse RD, o SDN transpõe a barreira de si mesmo pelo olhar do outro que o atravessa e, nessa travessia, transborda. É nesse transbordamento que o olhar do irmão, em LA, produz sentido para ele, sujeito discursivo-narrador. *Seus olhos se molharam*, fala o SDN, vendo confluir na superfície do rosto molhado do irmão não somente uma imagem, mas várias que nela se

consubstanciaram e agora vazam, transbordantes. Estão à tona no abraço que une os dois irmãos, tanto quanto pelo excesso contido no discurso, reiterado uso repetido da aditiva e (... e fechou em silêncio... e nós nos olhamos... e num momento preciso... e eu vi de repente...), por exemplo.

Dito de outra maneira, em se tratando de palavras que geram imagens, tanto a palavra pode ser a mesma, mas geradora de outra imagem semantizada, tanto quanto a imagem nunca é *uma* imagem somente. Assemelhando-se a uma fotografia enclausurada numa moldura da qual foram descartadas as sobras laterais, como já explicou Castillo (2015), toda imagem é também as outras que ela não mostra, aquelas que a sustentam e as seguintes que lhe asseguram continuidade semântico-temporal no contexto discursivo.

Não há, pois, um sentido único na imagem. Sendo plural, ela é tempo excedente; pode ainda ser um instante fora do tempo em que ela mesma é produzida, um tempo recortado, que se aparta de um tempo anteriormente marcado na linha espaço-temporal do próprio SDN, como se destaca no discurso da lembrança [...] *num momento preciso nossas memórias nos assaltaram* [...]. A imagem é, assim, tempo imagístico retido e guardado em determinado espaço de memória do SDN, mas é também tempo em movimento, na medida em que, instado pela exterioridade que o constitui e interpela, é um tempo em constante fluir/refluir.

O fluir antes mencionado fica mais evidente quando se observa o movimento pendular presente nas notações inculcadas no discurso de SDN pelo uso da pronominalização, como se depreende do uso alternado de *eu* e *nós*, perceptível no RD 2. Observa-se nitidamente a presença de um espaço semântico pertencente ao SDN André e outro pertencente a Pedro, o irmão que chegara trazendo em si uma espécie de lembrança de que o um só é um pelo vínculo com o um dos outros transformados em um nós.

A chegada de Pedro contrasta o individual que se desgarrara com o coletivo que a sua presença traz à superfície discursiva. Essa presença inesperada coloca no agora um pertencimento simbolicamente irrevogável, qual seja, a presença da própria voz como afirmação de identidade, juntando-a à voz coletiva da família anunciando-se pluralizada – *nós te amamos, nós te amamos*. Reiterada está, assim, a permanência da união entre o um (SDN) e os outros (o irmão, Pedro, e os demais da família) pelo uso do verbo amar, com sentido pleno, transformado em ação que prescindir de definição espaço-temporal justamente porque transcendeu a esses dois indicadores semânticos, como se verá logo adiante.

Leem-se nesse discurso do reencontro dos dois irmãos três outros discursos – o da *falta*, subjacente na expressão “eu não te esperava” e que vem à tona com a presença do visitante inesperado, podendo significar surpresa, mas também desejo de continuar sendo um eu necessitado de assim permanecer; o discurso do *excesso* traduzindo-se na reiteração do discurso apelativo “nós te amamos, nós te amamos”, e o discurso do *estranhamento* frente ao inesperado que se desenrola diante do SDN e o envolve à sua revelia, como se o estivesse colocando, sob cadeados, numa jaula da qual não poderia escapar outra vez: *o que eu disse com o desajeito do que dizia e cheio de receio de me deixar escapar não importava com o que eu fosse lá dizer, mesmo assim eu repeti “não te esperava”*. Nesta sequência se evidenciam os três conceitos-chave – quais sejam, a falta, o excesso e o estranhamento – que, na condição de conceitos gerais e não como dispositivos técnicos (ERNST, 2009, p. 2) pontuam o trabalho do analista ao tratar com o *corpus* discursivo. Contextualizem-se discursivamente três expressões presentes na materialidade discursiva em análise. A primeira é a constatação sobre o *desajeitamento*, o estar pouco à vontade para viver aquela realidade discursiva que inopinadamente a presença do irmão o fez vivenciar (*o que eu disse com o desajeito do que dizia*), justamente quando vivia a sensação de plenitude que lhe chegara pelo sexo, gozado à capela. A segunda expressão não apenas reafirma o valor semântico da primeira como a realimenta ainda mais (*cheio de receio de me deixar escapar não importava com o que eu fosse lá dizer*), enquanto a terceira ressalta a opacidade semântica presente em *não te esperava*. Seria essa opacidade semântica uma realidade-enigma, impossível de traduzir-se com clareza por situar-se num meio-caminho, num espaço intervalar entre a materialidade discursiva (do intradiscursos) e a memória discursiva (o interdiscursos), numa reiteração de surpresa ou de quase rechaço à presença inesperada que lhe turvara o prazer quase terapêutico para um corpo macerado pelo desejo?

3 CORPO EM DISCURSO: MOVIMENTO 1 – VOLTANDO AO INÍCIO

A cena introdutória de Luís Fernando Carvalho, o diretor da tradução de *Lavoura Arcaica* da linguagem literária impressa para a linguagem fílmica homóloga, recupera em segundos a corrida de um menino, que se verá depois ser André, o SDN do romance de Nassar. O personagem corre por um caminho margeado, à sua direita, pela encosta de um vale e, pela esquerda, por uma fileira de árvores que acompanham uma cerca de arame. Da direita para a esquerda da tela, o menino corre, braços abertos, rosto alegre e cabelos em desalinho, tocados pelo vento.

Repentinamente, o olho da câmera se amplia. O menino está, agora, a poucos passos do fim do caminho estreito marcado pela cerca de arame. O espectador é conduzido, pelo olhar da criança, até o fundo do vale. Lá embaixo, à esquerda, o que o espectador vislumbra é feito um *flash* sobre uma moradia cercada por tufo verdes, árvores que à distância parecem arbustos.

Corte.

Na sequência, em primeiro plano, vê-se o menino de costas, ainda correndo, mas em direção a uma porta sem marcos, vazada na parede, com a parte superior recortada em forma de abóbada, abrindo-se para um pátio interno, translúcido pela imagem clara de um dia tecido de azul harmonizando-se com o dourado solar. Ato contínuo, a corrida cessa. O menino abre os braços, inclina o corpo e se joga desde a soleira da porta.

O olho humano do diretor ultrapassa o visor da câmera, olho artificial, cúmplice de um outro olho, atento e curioso, o do espectador ante o que lhe sugere o gesto do personagem. Ao encontro de quê ou de quem correu a criança e onde se jogou são perguntas aparentemente tão lógicas quanto presumíveis seriam as respostas. O pequeno André mergulhou no vazio do espaço, ao encontro de si mesmo, do Outro, talvez?

Tempo/instante decorrido. Nada do presumido aconteceu. Diante do olhar voyeurista da plateia, a revelação se escancara. Ouve-se uma risada espontaneamente infantil. Vem acompanhada do ruído de algo pesado sobre uma superfície que abafa o barulho da queda. O personagem voara ao encontro de nada mais, nada menos, do que um monte de palhas – capim seco, à espera de saciar a fome de algum bovino, ou de acolchoar a noite de algum notívago contumaz, eis o que a câmera, pelo olho do diretor, informa à plateia.

Feita está a passagem. A aterrissagem do corpo jovem e lépido sobre a palha macia acontece acompanhada pelo riso aberto do personagem, espécie de louvação à liberdade de, se cair, levantar e prosseguir.

4 CORPO EM DISCURSO: MOVIMENTO FINAL, O USUFRUTO DO PRAZER...

Lavoura Arcaica (2001) o filme propriamente dito, começa com os créditos iniciais surgindo sobre a imagem de uma folha de plátano, já ressequida pelo clima de outono. Tomada em primeiro plano, a imagem da folha relembra uma pele envelhecida, de tons amarronzados que deixam perceber sulcos bem definidos, nervuras salientes em um rosto de terra crestada feito. Eis o tempo, eis o rosto, eis a terra da e para a qual foi feito esse rosto, esse corpo.

Adiante-se. O tempo aqui é o tempo da memória inscrita em práticas, como refere Pêcheux (1999, p. 50), que se historiciza em outra linguagem, a fílmica. Esta chega ao espectador estruturada a partir da infância do personagem, readquirindo vida pela imagem de um menino feliz, correndo livre, vivendo um tempo todo seu, sem datas marcadas. Depois, é assinalada pela ruptura gradativa entre um tempo passado, tempo de memória – recuperado simbolicamente pela imagem da folha de plátano que já perdera seu viço – e outro, ampliando-se num tempo presente, durativo. Este irá desenovelando-se aos poucos, do frêmito inicial encapsulado entre quatro paredes, no silêncio cúmplice do quarto quase lúgubre, silencioso e modorronto cúmplice da pulsão sexual que transporta o personagem do abismo ao paraíso da libido satisfeita.

O tempo agora é outro. Ele é, agora, o tempo da imagem – da imagem-palavra não dita, mas presente, fazendo-se discurso em movimento, movimento corpóreo, caudatário das emoções dos personagens de uma narrativa verbal traduzida para a linguagem fílmica.

Ora, a cena com que Luís Fernando Carvalho escolhe começar a narrar LA na perspectiva da narrativa fílmica recupera uma noção antiga – a de que o orgasmo levado ao seu ápice conduz o indivíduo a sentir-se em um tal nível de gozo que alcançaria a sensação de um prazer absoluto e inenarrável, semelhante, talvez, a uma quase morte.

É um pouco isso o que sugere a câmera do diretor na transposição fílmica da cena inicial do romance de Nassar. A cenografia criada por Carvalho é fiel à proposta do romancista. O quarto é quase franciscano. O piso é de madeira, a cama é simples, as paredes são nuas. A mais, somente a sombra esvoaçante de uma cortina em dois panos, tecido rendado por onde a luz do dia se infiltra e faz arabescos na parede. Além da cortina, apenas uma lâmpada apagada, presa ao teto por um suporte semelhante ao rodado de uma carroça, que mais parece uma aranha escura balançando-se no ar.

Esse é o quarto-casulo em que André é uma presença física ainda ausente para o espectador. Abrigar-se nesse quarto é fugir do convívio social que, na narrativa de Nassar, é representada pela família do personagem. É nesse espaço discursivo que a cena fundadora da narrativa fílmica se estabelece. O espectador vislumbra, no ambiente à meia-luz, uma imagem que pode lembrar ondas em movimento sob o luar. O claro da superfície alternando-se com o escuro em movimento sincronizado com o som de uma locomotiva que avança.

Na medida em que aumenta o som vindo de fora, avança o movimento da câmera sobre a superfície em movimento. Aos poucos, o espectador começa a perceber que aquele ir e vir de luz e sombra é uma coberta, um lençol, talvez. Avança o som da locomotiva e avança o olho da câmera sobre a superfície em movimento.

Diante do olhar do espectador, há um corpo masculino que se excita, no afã de alcançar um mais-gozar que “pode ser visto como circulando ‘fora’ do sujeito, no Outro”, como explica Fink (1998, p. 123). Esse corpo, na cena transcrita para a linguagem fílmica, é simultaneamente um objeto *de* desejo e um objeto que *causa* desejo, conforme lembra o mesmo autor.

É oportuno, aqui, lembrar o mesmo Fink (1998, p. 82-83) recordando a comparação entre o conceito marxista de mais-valia – os juros, o lucro, que o capitalista toma para si ao invés de dividi-lo com os empregados – e o conceito de objeto *a*, “[...] resto produzido pelo rompimento da unidade hipotética mãe-criança devido à própria natureza do desejo”, revelado como a causa do desejo do Outro, na perspectiva lacaniana. Pelo viés psicanalítico, o capitalista representaria o Outro, para quem o sujeito trabalharia e se sacrificaria pelo seu gozo.

Portanto, na cena que se descortina na tela, há um sujeito dividido, clivado desse *resto*, buscando sua completude, quiçá imaginando tê-la alcançado graças à ilusão da totalidade, como explica Fink (1988, p. 83):

Ao clivar-se desse resto, o sujeito dividido, embora excluído do Outro, pode sustentar a ilusão da totalidade; ao apegar-se ao objeto *a*, o sujeito é capaz de ignorar sua divisão. [...] É na relação complexa do sujeito com o objeto *a* [...] que o sujeito obtém uma relação fantasmática de completude, preenchimento, satisfação e bem-estar.

A batida à porta, repetidas vezes, quebra essa *relação fantasmática de completude, preenchimento, satisfação e bem-estar* buscada pelo SDN. Rompe-se a cena. O corpo desfaz uma unidade por poucos minutos alcançada – a do gesto fazendo-se palavra/discurso do corpo, eis que – como lembra Iannini (2016, p. 35) – *o corpo só fala, realmente, quando alguma coisa claudica*. Nesse instante, em que uma mão fechada se choca em ritmo acelerado contra a porta do quarto-casulo, o que claudica – porque inicia a se decompor – é a fantasia do preenchimento do buraco vazio, morada do desejo sempre incompleto, do interstício em que se aloja como o objeto *a*, entre o Real, o Simbólico e o Imaginário.

5 ... E A CONCLUSÃO – A (DE)COMPOSIÇÃO DA FANTASIA

André levanta-se. A câmera desfaz o ilusório. O leito em que o prazer fora alcançado não era o talvez imaginado pela plateia, mas sim o chão de madeira, material que desde tempos remotos em algumas civilizações tem sido consagrado às divindades, simbolizando também a morada de Deus.

O SDN levanta primeiro a calça, depois veste a camisa e se dirige à porta. Ao abri-la, percebe-se descoberto em seu exílio voluntário. Do outro lado da soleira, um personagem masculino o encara. É Pedro, o irmão. Segundos de silêncio e imobilidade entre os dois. Os olhares de ambos se encontram e se transformam em um só. André rompe o silêncio. *Eu não te esperava...* Pedro não responde. *Eu não te esperava...* A voz de André repete pela segunda vez o que já é quase um mantra. A resposta de Pedro também é reiterativa do sentimento familiar de que se diz tradutor e portador, da identidade discursiva que os une: *Nós te amamos muito... Nós te amamos muito...* Um abraço reaproxima os dois irmãos até que o visitante rompa definitivamente com o estado quase letárgico, de prazer e gozo, que mantivera André imerso na fantasia de estar manipulando sua relação com o objeto *a*, satisfazendo o desejo do Outro: *Abotoe a camisa, André.*

Querendo ou não, o assujeitamento do SDN à sua formação discursiva familiar está reafirmado por essa voz. O SDN André, submetido à ordem da ideologia e do inconsciente, tendo reestruturada outra vez, no discurso imperativo-coercitivo de Pedro, o irmão, a memória estruturante do seu dizer, volta a ser o que nunca deixara de ser – um sujeito clivado, dividido – em constante luta com a própria substância, o dentro e o fora do próprio corpo, a fantasia do desejo e do mais-gozar.

Portanto, ao se proceder à análise de um discurso que se manifesta em duas linguagens diferentes, embora complementares, como a literária e a fílmica, como em LA, buscou-se evidenciar que as várias formas do dizer e do não-dizer, na perspectiva dos três conceitos-chave mencionados por Ernst (2009, p. 2) – da falta, do estranhamento e do excesso – constituem-se dispositivos indispensáveis à prática interpretativa. Eis que o intuito não é o de se analisar o dito ou o mostrado como referência, mas o de revelar o mecanismo da representação mesma, na interação das duas linguagens como materialidades discursivas portadoras e criadoras de sentidos que tornam evidente a pertinência da intertextualidade existente entre eles.

REFERÊNCIAS

LAVOURA ARCAICA. Dir. Luís Fernando Carvalho. [Filme, baseado na obra homônima de Raduan Nassar]. 172 min. Colorido. NTSC. Dolby Digital 2.0 e 5.1. Distribuição: Europa Filmes, 2001.

CASTILLO, Alejandra. *Imagen, cuerpo*. Adroque - Buenos Aires, RA: La cebra, 2015.

ERNST, A. G. A falta, o excesso e o estranhamento na constituição/interpretação do *corpus* discursivo. In: SEMINÁRIO DE ESTUDOS EM ANÁLISE DO DISCURSO, 4., 2009, Porto Alegre, RS. *Anais...* Porto Alegre: UFRGS, 2009. Disponível em: <<http://anaisdosead.com.br/4SEAD/SIMPOSIOS/AracyErnstPereira.pdf>>. Acesso em 10 mai. 2016.

FINK, Bruce. *O sujeito lacaniano; entre a linguagem e o gozo*. Trad. de Maria de Lourdes Duarte Sette. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

IANNINI, Gilson. Prelúdio. In: *Revista Cult*, n. 211, p. 35, abr. 2016.

NASIO, J-D. *Meu corpo e suas imagens*. Trad. André Telles. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

NASSAR, Raduan. *Lavoura arcaica*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

PAGEAUX, Daniel-Henri. *Musas na encruzilhada*: ensaios de literatura comparada. In: MARINHO, Marcelo; SILVA, Denise Almeida; UMBACH, Rosani Ketcher (Orgs.). Frederico Westphalen/RS: URI; São Paulo, SP: Hucitec; Santa Maria, RS: UFSM, 2011. p. 109-127.

PÊCHEUX, Michel. *O discurso*: estrutura ou acontecimento. Trad. Eni P. Orlandi. Campinas, SP: Pontes, 2008.

_____. Papel da memória. In: ACHARD et al. *Papel da memória*. Trad. e Intr. de José Horta Nunes. Campinas, SP: Pontes, 1999. p. 49-56.

SOUSA, Celeste H. M. de R. *Literatura e imagologia: uma interação produtiva. A contribuição comparatística da Universidade de Aachen. Pandemonium*. São Paulo, n. 17, 2011. Disponível em: <<http://www.fflch.usp.br/dlm/alemao/pandemoniumgermanicum>> Acesso em: 24 jul. 2016.

Recebido em 28/10/2016. Aceito em 14/12/2016.

THE BODY THAT WE (DO NOT) SEE SEES US¹

O CORPO QUE (NÃO) VEMOS NOS VÊ

EL CUERPO QUE (NO) VEMOS NOS VE

Maria Thereza Veloso*

Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões

ABSTRACT: Having as theoretical foundation Pêcheux's Discourse Analysis, and aiming to establish a dialogue between two different expressions – the literary and the filmic ones – in the perspective of the body as channel and expression of the psychoanalytic constitution of language, this article presents some considerations on Discursive Scraps (DSs) interpretative analysis. The analysis relies on Raduan Nassar's novel *Lavoura Arcaica* and on its adaptation/translation into other language and code – image in motion – from which resulted the homonymous film by Luis Fernando Carvalho. For the purposes intended in this study, language is seen in the prediscursive stage in the center of the Borromean knot, the interstitial space of representative circles of the Lacanian triad – the Real, the Symbolic and the Imaginary. Language is also seen as having a borderline nature between the psychic and the somatic, the starting point for two other drives observed by J. Lacan – the invocatory and the scopic ones.

KEYWORDS: Literary language. Filmic language. Body. Senses. Discourse analysis.

RESUMO: Sob a perspectiva da Análise do Discurso pècheuxtiana e pretendendo-se um diálogo entre duas expressões distintas – a literária e a fílmica – na perspectiva do corpo como conduto e expressão da constituição psicanalítica da linguagem, apresentam-se aqui considerações acerca da análise interpretativa de Recortes Discursivos (RDs), retirados do romance *Lavoura Arcaica*, de Raduan Nassar, e sua adaptação/tradução para outra linguagem, mediante outro código, o imagético em movimento, de que resultou o filme homônimo, de Luis Fernando Carvalho. Para tanto, vê-se a linguagem como em estágio pré-discursivo, no centro do Nó Borromeano, no espaço intersticial dos círculos representativos da tríade lacaniana - do Real, do Simbólico e do Imaginário. Vê-se a linguagem igualmente como portadora de um caráter limítrofe entre o psíquico e o somático, ponto de partida para duas outras pulsões observadas por J. Lacan – a invocante e a escópica.

PALAVRAS-CHAVE: Linguagem literária. Linguagem fílmica. Corpo. Sentidos. Análise do discurso.

RESUMEN: Bajo la teoría del Análisis del Discurso pècheuxtiano e intentando un diálogo entre dos expresiones distintas – la literaria y la fílmica – en la perspectiva del cuerpo como conductor y expresión de la construcción psicoanalítica del lenguaje, se

¹ Tradução/versão livre realizada por Ana Lucia Gutkoski.

* Professora de Comparatismo e Tradução no Mestrado em Letras-Literatura Comparada, na Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões-URI, e de Análise de Discurso, na Licenciatura em Letras, na mesma Universidade. Doutora em Letras pela Universidade Católica de Pelotas. E-mail: theve47@gmail.com.

presentan aquí aportes acerca de un análisis interpretativo de Recortes discursivos (RDs) – sacados de la novela *Lavoura arcaica*, de Raduan Nassar, y su adaptación/traducción a otro lenguaje y otro código, el de la imagen en movimiento, de que resultó la película homónima, de Luis Fernando Carvalho. Para eso, se ve el lenguaje como en un estadio prediscursivo, al centro del Nudo Borromeo, en el espacio intersticial formado por los tres anillos representativos de lo Real, de lo Imaginario y de lo Simbólico. Se presenta el lenguaje también como portador de un rasgo fronterizo entre lo psíquico y lo somático, punto de arranque para dos otras pulsiones observadas por Lacan – la invocadora y la escópica.

PALABRAS CLAVE: Lenguaje literario. Lenguaje fílmico. Cuerpo. Sentidos. Análisis del discurso.

[...] still confused, stunned, I showed him the chair at the corner, but he did not move and taking the handkerchief off the pocket he said: "Button up your shirt, Andre". (Raduan Nassar, by the voice of Andre, the discursive subject-narrator – DNS, *Lavoura Arcaica*, p. 11-12).

1 INTRODUCTION

The house of the intangible, unreachable Real, – that is the body where we do exist, the universe where we move on and express ourselves. Like a mirror, he reflects our inner (body); he gives us visibility (shape) before the eye of the other and at the same time, he inhabits within the other one that lives in us.

In the psychoanalytic constitution of the language, where the body is a way and an expression, where the Real, the Symbolic, and the Imaginary meet, that triad which, in the Lacanian theory demonstrates the functioning of the significant link, as it has been exemplified by the Borromean knot, a topological picture where those three registers are represented by three intertwined circles, demonstrating the interdependent relation that links them.

In this article, the image-perception of the body is seen as a language in a pre-discursive state, in the center of the Borromean Knot. Being at the empty space that Lacan calls "object a", situated in the interstitial space of the three representative circles of the aforementioned registers, that image/language is recovered by the symbolic and the imaginary. At the same time, it is equally ended by the drive in the same perspective as it was remembered by Freud, a borderline nature between the psychic and the somatic whose condition makes the flow of the two other drives, both the invocative and the scopic one, as it will be demonstrated later on.

As a starting point, here it is, as significant objects under analytical considerations, two distinct languages, which complement one another. They are both the literary and filmic narratives, the later one as a version from the first one translates into another language code, the imaginary in motion.

2 A BODY (IN) DISCOURSE, WORD AND IMAGES IN MOTION

The first version of *Lavoura Arcaica*- which, from now on will only be designated by L.A. -, in a literary narrative condition, begins full of meanings. Andre, the narrator-character - who will presented to the reader a discursive narrator subject (DNS) -, perceives himself as inhabitant of a throbbing body, in a physical, psychic and sensorial nude condition that renders himself to a kind of ascesis, of consecration, or even translation, from the human to the divine, as it is possible to be understood in the reading of the Discursive Clipping (DC) that follows. In this fragment of the text, the central spot is the room, an individual and particular world that receives the body, but it is also the body, an inviolated cathedral which welcomes the senses waiting for the supreme celebration.

DC 1

The eyes at the roof, the nude inside the bedroom, rosy, blue or purple colored, the bedroom is inviolable; the bedroom is unique, it is a world, a cathedral bedroom, where, in the intermissions of anguish, one gathers, from a rough trunk, in the palm of his hand, the white rose of despair, for between the objects

that the bedroom consecrates it is first the objects of the body; I was laid out on the ground in my bedroom, in an old countryside boarding-house.[...] (NASSAR, 1989, p. 9.)

His gaze upwards, towards the bedroom's roof, leads the reader to assume that the DNS is lying on his back. His own perception of the surroundings, by the supine position in which he is in, makes him (DNS) experience the feeling that everything around him becomes fluid, mixing up to explode right afterwards, in a symbiotic confluence between both a pulsating and an accomplished desire. Both the pink and the blue colors, which he, by the senses, notices mixing up in a whole violet tone, are symbols of the desire that, like a spark, expands itself in search of satisfaction and also the feeling of stillness felt after the fulfillment of the senses at the same time.

By the way, it comes from Psychoanalysis the notion that a sensorial occurrence cannot be explained without registering it in a representative form. That representativeness, whether psychic or not, is identified by Nasio (2009) as *a mental image of the body*. As Nasio says, "[...] every single noticed sensation inevitably impresses its form; every single real sensation is, necessarily, duplicated by a virtuality [...]" . The body is also a "*cosa mentale*", he affirms, when remembering Da Vinci, who qualified painting as *cosa mentale*, "because painting – he thought, is not in the picture, but in the mind of the one who paints it or in the mind of the spectator who contemplates it", completes Nasio (NASIO, 2009, p. 8).

In which condition, though, are these reflections on the image of the body as the house of the Real, of the Symbolic and of the Imaginary, and, at the same time all these ones being the way and the expression of that one brought up here? The answer is that, as this article is being based in a comparative discursive analysis and having as a first basis a literary work, it is necessary to outlook the image shaped as the result of a literary creation, yes, but also as socialization. There is no socialization when it is dissociated from ideology even of the imaginary one. On that perspective, as it is pointed by Pageaux (2011, p. 110-111), it is possible to affirm that:

Both the ideology and the imaginary constitute, meaningfully, the two antagonistic and complementary sides of an imagery study. According to the addressed issue, sometimes it will be given preference to the ideology (and the image's approach will come as a contribution to what we can still call of idea's history), sometimes it will be directed to poetic (mainly when the focus of the analysis is the style and the literary practice of a writer or of a group of texts), but also into the imaginary (that one of the writer, the time, place, and the literary school). It is a sort of balance to be constructed or to find, considering the chosen theme [...] Image is a kind of language or a second language to express the Other, but also, and consequently, a language to talk about oneself and his/her culture

Therefore, it's comprehensible the linguistically possible similarity between the suggested mental image to the reader by a reading dialogical interaction, which is sustained by the written literary discourse, in this case the LA novel, and the image that reaches him as a filmic discursive narrative which is clear in the homonym film to Nassar's novel. In the filmic discursive narrative, the images come to the spectator-reader's eyes filtered by the analytical interpretative eye of the film director.

The relation between both the written/read word and the seen/listened image keeps, however, a word/image that, even if it is read in a written or in the filmic imagery code, it does not exist. Unsaid, not even listened or seen, it inhabits what comes before of the beginning. Yet with no name in a state before itself, it is a part of the subject-narrator-reader or a spectator in the form of a silence that identifies it as still being at the condition of "object a". There is a silence that goes beyond words, as it is pointed out by Carnevale (2015, p. 68): "The constitution-formation of the subjects does not occur only via signifiers offered by the Other one, but also, via silence [...] We are constituted by the silence that is beyond every word [...]". One can infer by that reality that there is another one – there are interstices when that silence leaks to become into words, either spoken or written words, a word blending with the image, but it is always an incomplete word, an opaque word, a gap from where the unconscious flows.

At DC2, ahead, it is presented some clues on that primitive silence, the origin of every single human being language. There is also a movement of alternation of both time and senses in the two brothers' speeches, as one can observe:

It was my eldest brother who was at the door; as soon as he entered, we stayed before each other, our eyes fixed, it was a piece of dried earth that was separating us, there was fright and wonder on that dust, but it was not a discovering, I do not even know what it was, and we did not say anything, till he reached out his arms and silently closed his strong hands on my shoulders and we looked at each other and in a given moment our memories sprang up our eyes suddenly, and I saw in a glimpse his eyes become wet, and it was in that precise moment that I felt my eyes become wet, and then he hugged me, and I felt in his arms the weight of the wet arms of the whole family. We looked at each other again and I said “I was not expecting you” it was what I said with the clumsiness of what I was saying and feeling afraid of letting me go it did not matter what I was going to say, and yet I repeated “I was not expecting you” it was what I said once again and I felt the powerful strength of the family falling down on me like a heavy downpour while he was saying “we love you so much, we love you so much” and it was all that he said while he was embracing me once again [...] (NASSAR, 1989, p.11)

There is, in this DC, some additional clues that lead the reader to the perception of silence as a hole, an inaccessible hole, a well so deep it is impossible for someone in his never-ceasing fight for completeness to get to the bottom. Observe, for instance, the DC2a and DC2b:

DC2a – *It was my eldest brother who was at the door.* (NASSAR, 1989, p.11).

It is noticeable that one is before a proposition entirely placed in a past time, the memory time. The DNS, when opening the door sees who is knocking at, but he cannot perceive that one by name. On the contrary, the explanation he gives, *my eldest brother*, recovers the familiar genesis by a bond of affective belonging translated by the personal pronoun *mine*, on a time scale which, by moving forward, goes back to the beginning, or else, the before the beginning as the object *a*. As stated by (PECHEUX, 2008, p. 23.), the explanation given by the DNS brings out “[...] that statement in a network of implicit associative relations – paraphrases, implications, comments, allusions, and so on – that is, in heterogeneous series of statements, acting under different discursive systems, and with a varied mobile stability”.

This way, by affirming that it was *his elder brother*, the DNS retrieves a discourse of self-resistance, for he inserts not only one, but various discursive generations that produce a speech that refers to his discursive formation of belonging. The following sequences – *it was a piece of dried ground that was separating us, there was fright and wonder in that dust, but it was not a discovering, I even do not know what it was, and we did not say a single word* – reiterative of the discourse of resistance of that same self. It has to do with both the inter-discourse, “at the order of out of center, that is, that thing that is *outside* of what is being said, but it is mirrored in the significant chain, thus pointing out a *disorder* in the statement”, as Ernst (2009, p. 5) says, referring to the *weirdness* as a discourse strategy “that exposes the conflict in discourse constructions [...]”, that weirdness, whose clues appear on the discursive surface, as it is in “[...] there was fright and wonder in that dust, but it was not a discovering, I even know what it was [...]” (NASSAR, 1989, p.11).

At that highlighted DC, there is, again, a silence in which it is made an unsaid word up that recovers the unreachable – the lack, the indelible mark, lasting, of the human. There is an excess of signifiers of a plain silence, such as the dryness of the earth and its veil effect, an isolation curtain among multiple meanings of a same discourse, or else, the weirdness which is caused by a *return* that frightens, for it is similar to the unusual that, however, it is already known from before – the already there – already said, already lived, and that looks like getting back, or that frightens by the new that it brings on, or at least that it seems new without being it. It is a voice that speaks by the body’s gesture, it is the unconscious that takes the word and presents itself, it is itself that speaks and it speaks about itself and, by saying it, makes itself a subject, it gives and it makes sense.

DC2b – [...] till the moment he reached out the arms and silently closed his strong hands and at my shoulder and we looked at each other and in a precise moment our memories came out all of a sudden, and in a glimpse I saw his eyes become wet (NASSAR, 1989, p.11)

In this DC the DNS overcomes his own barriers through the other's eyes and, by doing that, it overflows. It is in that overflowing that his brother's eyes, in LA, make sense for him, the discursive – narrator- subject. *His eyes got wet*, says the DNS, beholding to cluster at his brother's wet face not only an image, but also many different images that substantiated on it and now they pour in, overflowing. They are afloat in the embrace that connects the two brothers, as much for the excess contained in the speech, reiterated and repeated use of the additive conjunction 'and' (...**and** he closed in silence...**and** we looked at each other...**and** in a precise moment...**and** I saw all of a sudden...), as examples.

In other words, when it comes to words that become images, the word could not only be the same while also bringing forth another meaningful image, as well as the image is never one image only. Resembling to an enclosed photograph in a frame from which the side leftovers had been discarded, such it has already been explained by Castillo (2015), every single image is also the other ones that it does not show, those (images) that sustain them and the following ones that guarantee them a semantic-timing continuity in a discursive context.

Therefore, there is not only one (possible) meaning in an image. It being manifold, it is also spare time; yet it can be an instant out of the time in which the very image is created, a piece of time that is apart from a fixed previous time at the time-space line of DNS himself, such as described in the remembrance discourse [...] *in a precise moment our memories overtook us* [...]. Thus, the image is unreal time kept back and retained in a given place in DNS's memory, but it is also time passing by, so far as, led by the exteriority that constitutes and questions it, it is also a time in a constant flux and flow.

The aforementioned passing of time is more evident when the pendulum-like movement is observed in the inculcated notations in DNS' speech by the use of pronouns, as it can be understood by the alternate use of *me* and *us*, perceptible at DC2. It is clearly noticeable the presence of a semantic space belonging to the DNS Andre and another one belonging to Pedro, the brother who had arrived bringing inside him a kind of remembrance that the one is only one by the bond with the others' one changed into one us.

Pedro's arrival puts in contrast the individual that had torn apart with the collective one, which derives from his single presence in the discursive context. That unexpected presence places at that present moment a feeling of belonging symbolically irrevocable, that is, the presence of his own voice as an affirmation of identity, linking it to the collective family voice, revealing itself manifold – *we love you, we love you*. Thus it is reaffirmed the permanence of the union between the one (DNS) and the others (the brother, Pedro, and the other members of the family), by the use of the verb to love, with full meaning, changed into an action that does not need a time/place definition, just because it has transcended the semantic markers, as it will be shown below.

In that reunion speech between the two brothers one can read three other speeches - the speech of the *lack*, underlying in the expression "I was not expecting you" and that surfaces from the presence of an unexpected visitor, meaning either surprise, or a wish to remain as a deprived being; the discourse of the *excess*, which is emphasised by the repetition of the appealing speech "we love you, we love you", and the *weirdness* discourse, which surfaces before the unexpected that happens to the DNS and in which he is engaged against his will, as if he had been put in a cage, a jail from where he could never escape once again: "*what I said with the misspelling of what I said and full of fear of letting me run away it did not mind anything what I would even say, and yet I repeated "I was not expecting you"*". In that sequence, three key-concepts can be pointed, - which are the lack, the excess and the weirdness-, that, as a condition for general concepts and not as technical devices (ERNST, 2009, p. 2) points out the analyst's task when he considers the discursive corpus. It can be made a discursive contextualization with the three expressions that are present at the discursive materiality analysis. The first one is the acknowledgement of *awkwardness*, of not being at will to live that discursive reality that suddenly his brother's presence made him feel (*what I said with the awkwardness of what I was saying*), especially while he was experiencing the fulfilling completeness of a fully enjoyed sex.. The second expression not only reaffirms the semantic value of the first one but it also re-feeds it slightly (*feeling afraid of letting me go, it did not matter what I would eventually say*), while the third one reinforces the semantic opacity in "*not expecting you*". Would that semantic opacity be an enigmatic reality that cannot be translated clearly because it is in a middle way, in an hiatus between the discursive materiality (of the intradiscourse), and the discursive memory (the interdiscourse), in a reaffirmation of surprise or of almost rejection to the unexpected presence that had obscured the desire almost therapeutic for a macerated body by desire?

3 A BODY IN DISCOURSE: MOVEMENT 1 – GETTING BACK TO THE BEGINNING

The introductory scene of Luís Fernando Carvalho, the film director of *Lavoura Arcaica's* (2001) production from the written literary language to the filmic literary language, introduces, for only a few seconds, a boy running, who will later be revealed to be Andre, the DNS in the Nassar's novel. The character runs flanked, on his right, by the hillside of a valley and, on his left, by a line of trees near a wired fence. From right to left, in the scene, the boy runs, open arms, a happy face and untidy hair, touched by wind.

Suddenly the eye of the camera expands. The boy is now only a few steps from the end of the way that is limited by the wired fence. The spectator is led, by the child's eyes, to the end of the valley. Down the valley, on the left, what the spectator glimpses is like a flash about a house fenced by green clumps, trees that in the distance look like shrubs.

Cut.

In the sequence, as foreground, the boy is seen backwards, still running, but going towards a frameless door, a hole in the wall, with the top part dome-shaped, which overlooks to an inside yard, translucent by the clear light picture of a day dressed in blue in perfect harmony with the golden sun. Then, all of a sudden, the running stops. The boy opens up his arms, bends his body and throws himself from the threshold of the door.

The director's human view goes beyond the camera displays, artificial eye, partaker of another eye, attentive and curious, the one of the spectator before what is suggested by the character's gesture. What or who was the child going to meet? Or whom did the child run from? And where did he throw himself on? Those are questions apparently as logical as the answers would be predictable. Did little Andre dive into the empty space looking for finding himself, or (finding) the Other one, maybe?

Time/instant passed by. Nothing of what had been presumed happened. Before the voyeuristic eye of the audience, the revelation opens up. A spontaneous childish laughter is heard. Along with it there is the sound of something heavy on a surface that muffles the sound of the fall. The character had flown to meet nothing less than a pack of straws – dry grass – just waiting to satiate the hunger of some cattle, or to pad the night of some stubborn night-hawk, that is what the camera, by the director's point of view, shows to the audience.

The transition has been done. The landing of the young and fast body on the soft and dry grass happens at the same time the character openly laughs, a kind of hymn to the freedom of falling down, getting up and moving forward.

4 A BODY IN DISCOURSE: FINAL MOVEMENT, THE USUFRUCT OF PLEASURE...

Lavoura Arcaica (2001) the movie itself, begins with the opening credits springing up on the picture of a platan tree leaf, its life already dried by the autumn climate. As it is taken in a foreground picture, the image of the leaf resembles a very old skin, of brown shades, where some well defined features can be seen, outstanding ribbings on an earthly made face. Here it is time, here it is the face, here it is the earth, from and to that earth, that face and that body were made for.

Moving forward. Time here is the memory time subscribed into practices such as Pêcheux (1999, p. 50) says [A time[that translates history into another language, the filmic one. This kind of language comes to the spectator through the character's childhood, regaining life by the image of a happy boy, running free, living a time of his own, with no fixed schedules. Later on, it is signaled by the gradual breakdown between a past time, a time in memory – symbolically recovered by the picture of the platan leaf that is already dry with no life in it – and another one, expanding in a present, enduring time. This (time) will be unraveled little by little, from the initial thrill encapsulated between walls, in the silent accomplice of the bedroom almost dreary, silent and drowsy partner of a sexual drive that takes the character from the abyss to the Paradise of the satisfied libido.

Time now is a different one. It is now the time of the picture – of the unsaid picture-word, although it is really present, making itself a discourse in movement, a body movement, the supporter of the characters' emotions of a verbal narrative translated into the filmic language.

Now, the scene chosen by Luis Fernando Carvalho to begin the LA narrative in the point of view of the filmic narrative brings back an ancient notion - that the orgasm taken to its peak leads the individual to feel such enjoyment that he would achieve the sensation of absolute and unspeakable pleasure, perhaps similar to a near death.

It is something akin that is suggested by the director's camera in the filmic transposition of Nassar's novel opening scene. The scenography that was designed by Carvalho is faithful to the novelist's proposition. The bedroom is nearly Franciscan. The floor is made of wood, the bed is simple, the bedroom's walls are bare. Apart from that, there is only the flying shadow of a curtain veils, laced cloth through which the light of the day seeps in and makes arabesque drawings on the wall. Besides the curtain, there is only a turned off lamp, hung from the roof by a support that resembles a wheel of a wagon, the whole picture looking more like a dark spider dangling in the air.

That is the cocoon-like bedroom where Andre is a physical presence, but he is still an absent presence to the spectator. To shelter in that bedroom is to run away from the social interaction that, in Nassar's narrative is represented by the character's family. It is in that discursive spot that the opening scene of the filmic narrative is established. In a half-light setting, the spectator glimpses an image that may suggest moving waves under the moonlight. The light surface alternating with the dark waving in synchronicity with the sound of a locomotive that is coming near.

As the outside sound increases, the camera moves forward, near the moving surface. Little by little, the spectator can notice that the coming and going of light and shadow is a blanket or a sheet, perhaps. The sound of the locomotive gets closer as it gets closer the eye of the camera to the moving structure.

Before the spectator's eyes, there is a male body that gets excited, in the eagerness of getting the most joy that "it can be seen as circulating "outside" the subject, in the Other one", as it is explained by Fink (1998, p.123). That body as described at the language filmic scene is, simultaneously, an object *of* desire and an object that *arouses* desire, as it is pointed out by the same author above.

It is important to note that the same author, Fink, points out the comparison between the Marxist concept of added value – the taxes, the profits that the capitalist takes for himself instead of sharing them with his employees – and the concept of object "a". "leftover made by the disruption of the hypothetical mother-child oneness due to the real nature of the desire (FINK, 1998, p. 82-83), which is revealed as the reason for the Other's desire, in a Lacanian perspective. By a psychoanalytical point of view, the capitalist would represent the Other One, whom the subject would work for and who would sacrifice himself for his own pleasure.

Therefore, at the scene as it is shown in the picture, there is a split subject, cleaved from that *leftover*, looking for his own oneness, maybe figuring out he has already got it by his own illusion of totality, as it is explained by Fink (1988, p.83):

By being clashed out that leftover, the divided subject, though having been separated from the Other one, it can support the oneness' illusion; by holding on to the object a, the subject is able to ignore his own rupture. [...] It is in the complex relationship between the subject with the object a [...] that the subject gets a ghostly relationship of completeness, fulfilling, satisfaction and well-being.

The ongoing knocks at the door, interrupts that *ghostly relationship of completeness, fulfilling, satisfaction and well-being*, that the DNS was searching for. The scene is interrupted. The body undoes a unity that had been achieved only for a few minutes – that one of the gesture becoming a word/discourse of the body, for – as Iannini (2016, p. 35) reminds us – *a body really expresses himself, only when something conks out*. At that very moment, when a hand knocks heavily and hurriedly on the cocoon-like bedroom door, what conks out – because it has started to decompose – is the fantasy of the fulfilling, of the empty hole, the house of a desire always incomplete, of the interstice where the object a dwells, between the Real, the Symbolic, and the Imaginary.

5 ... AND THERE COMES THE CONCLUSION – THE (DE)COMPOSITION OF FANTASY

Andre stands up. The camera unravels the illusion. The bed where the pleasure had been reached, was perhaps not the one the viewer expected, but instead, the wooden floor, the material that since ancient times has been used by some civilizations to devote to some deities, thus also symbolizing the House of God.

The DNS dresses the pants first, then he dresses the shirt and heads towards the door. When he opens it, he realizes he has been uncovered in his volunteered exile. At the other side of the threshold, a male character stares at him. It is Pedro, the brother. There is a moment of silence and immobility between the two brothers. Their eyes meet and become one. Andre breaks the silence. *I was not expecting you...* Pedro does not answer. *I was not expecting you...* Andre's voice repeats a second time what is almost like a mantra. Peter's answer is also reiterative of the already known familiar feeling that he says he is the translator and the owner, that one of the discursive identity that unites them: *We love you so much...* *We love you so much...* An embrace brings the two brothers closer, until the visitor definitely breaks the almost lethargic feeling of delight and enjoyment, which had kept Andre immersed in the fantasy of manipulating his relationship with object **a**, fulfilling the Other's desire. *Button up your shirt, Andre.*

Willing it or not, the assembling of the DNS to his familiar discursive formation is reaffirmed by that voice. The DNS Andre is submitted to the order of the ideology and of the unconscious, having been, once again, restructured, in Peter's imperative, coercive discourse, the brother, the structured memory of his speech, becomes what it has always been – a clashed, divided subject –, in an endless struggle with his own substance, the inside and the outside of his own body, the fantasy of enjoyment and utmost pleasure.

Therefore, when doing a discourse analysis that is manifested into two different languages, though both being complementary, the literary and the filmic language, like in *LA*, we have tried to demonstrate that the different ways of saying something or not saying it, in the perspective of the three key concepts already mentioned by Ernst-Pereira (2009), of lack, of weirdness and of excess - are essential devices to the interpretative practice, because the intention is not that of analyzing what was said or what was shown as a reference, but it is also to reveal the mechanism of representation itself, in the interaction of both languages as discursive materiality, carrier and creator of meanings that make evident the relevance of the existing intertexture between them.

REFERÊNCIAS

LAVOURA ARCAICA. Dir. Luís Fernando Carvalho. [Filme, baseado na obra homônima de Raduan Nassar]. 172 min. Colorido. NTSC. Dolby Digital 2.0 e 5.1. Distribuição: Europa Filmes, 2001.

CASTILLO, Alejandra. *Imagen, cuerpo*. Adroque - Buenos Aires, RA: La cebra, 2015.

ERNST, A. G. A falta, o excesso e o estranhamento na constituição/interpretação do *corpus* discursivo. In: SEMINÁRIO DE ESTUDOS EM ANÁLISE DO DISCURSO, 4., 2009, Porto Alegre, RS. *Anais...* Porto Alegre: UFRGS, 2009. Disponível em: <<http://anaisdosead.com.br/4SEAD/SIMPOSIOS/AracyErnstPereira.pdf>>. Acesso em 10 mai. 2016.

FINK, Bruce. *O sujeito laciano; entre a linguagem e o gozo*. Trad. de Maria de Lourdes Duarte Sette. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

IANNINI, Gilson. Prelúdio. In: *Revista Cult*, n. 211, p. 35, abr. 2016.

NASIO, J-D. *Meu corpo e suas imagens*. Trad. André Telles. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

NASSAR, Raduan. *Lavoura arcaica*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

PAGEAUX, Daniel-Henri. *Musas na encruzilhada*: ensaios de literatura comparada. In: MARINHO, Marcelo; SILVA, Denise Almeida; UMBACH, Rosani Ketcher (Org.). Frederico Westphalen/RS: URI; São Paulo, SP: Hucitec; Santa Maria, RS: UFSM, 2011. p. 109-127.

PÊCHEUX, Michel. *O discurso*: estrutura ou acontecimento. Trad. Eni P. Orlandi. Campinas, SP: Pontes, 2008.

_____. Papel da memória. In: ACHARD et al. *Papel da memória*. Trad. e Intr. de José Horta Nunes. Campinas, SP: Pontes, 1999. p. 49-56.

SOUSA, Celeste H. M. de R. *Literatura e imagologia*: uma interação produtiva. A contribuição comparatística da Universidade de Aachen. *Pandemonium*. São Paulo, n. 17, 2011. Disponível em: <<http://www.flch.usp.br/dlm/alemao/pandemoniumgermanicum>> Acesso em: 24 jul. 2016.

Recebido em 28/10/2016. Aceito em 14/12/2016

E AGORA, JOSÉ? A PONTUAÇÃO PELO VIÉS DAS NOÇÕES DE FALTA E EXCESSO

¿Y AHORA, JOSÉ?

LA PUNTUACIÓN POR BIAS DE LOS CONCEPTOS DE FALTA Y EXCESO

AND NOW JOSE?

THE PUNCTUATION BY THE VIES OF THE NOTIONS OF LACK AND EXCESS

Marilei Resmini Grantham*

Universidade Federal do Rio Grande

RESUMO: Este trabalho tem como ponto de partida os conceitos desenvolvidos e operacionalizados por Ernst (2009) no texto “A falta, o excesso e o estranhamento na constituição/interpretação do *corpus* discursivo”. Das três noções desenvolvidas por Ernst em seu trabalho, dedico atenção às de falta e excesso e proponho-me a examinar esses conceitos pelo viés da pontuação. Com tal propósito, escolho como *corpus* analítico o poema “José”, de Carlos Drummond de Andrade, e, nele, de modo especial, a formulação “E agora, José?”, constante em todo o poema. Meu objetivo é trabalhar as noções desenvolvidas por Ernst, evidenciando o funcionamento discursivo da pontuação e procurando ampliar minhas próprias reflexões.

PALAVRAS-CHAVE: Falta. Excesso. Pontuação.

RESUMEN: Este trabajo toma como punto de partida los conceptos desarrollados y puestos en práctica por Ernst (2009) en el texto “La falta, el exceso y el extrañamiento en la constitución y/o interpretación del *corpus* discursivo”. De los tres conceptos desarrollados por Ernst en su trabajo, dedico atención sobre la falta y el exceso, y me propongo a examinar estos conceptos por el sesgo de la puntuación. Con este fin, elijo como *corpus* de análisis el poema “José”, de Carlos Drummond de Andrade, y, en particular, la formulación “E agora, José?”, constante a lo largo del poema. Mi objetivo es trabajar las nociones desarrolladas por Ernst, destacando el funcionamiento discursivo de la puntuación y procurando ampliar mis propias reflexiones.

PALABRAS CLAVE: Falta. Exceso. Puntuación.

ABSTRACT: This work has as its starting point the concepts developed and operationalized by Ernst (2009) in the text “Lack, excess and strangeness in the constitution / interpretation of the discursive *corpus*”. Of the three notions developed by Ernst in her work, I pay attention to those of lack and excess, and I propose to examine these concepts through the bias of punctuation. With this purpose, I choose as an analytical *corpus* the poem “José”, by Carlos Drummond de Andrade, and, particularly, the formulation “And now, José?”, present throughout the poem. My goal is to work on the notions developed by Ernst, evidencing the discursive functioning of punctuation and seeking to expand my own reflections.

KEYWORDS: Lack. Excess. Punctuation.

*Professora Associada da Universidade Federal do Rio Grande (FURG), atuando no Curso de Letras e no Curso de Pós-Graduação Lato Sensu em Linguística e Ensino de Língua Portuguesa. Fez Mestrado e Doutorado na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Email: grantham@vetorial.net.

1 INTRODUÇÃO

Tomo como ponto de partida, neste trabalho, os conceitos operacionalizados por Ernst (2009) no texto “A falta, o excesso e o estranhamento na constituição/interpretação do *corpus* discursivo”, quando a autora, preocupando-se com os procedimentos descritivos e interpretativos que constituem o modo de trabalho da Análise do Discurso, delimita o que traduzem, para ela, esses conceitos.

Segundo Ernst (2009, p. 4), os conceitos de *falta*, *excesso* e *estranhamento* devem ser interpretados “[...] numa dupla dimensão: a do intradiscurso (materialidade discursiva) e a do interdiscurso (memória discursiva), uma vez que a AD trabalha com um objeto inscrito na relação da língua com a história”.

A reflexão de Ernst fundamenta-se na constatação de que, devido à natureza da Análise do Discurso, que não segue critérios empíricos ou positivistas, o analista de discurso depara-se com a dificuldade de constituir “[...] o recorte a ser operado no *corpus* empírico para constituir o *corpus* discursivo a partir do qual são organizados e aplicados os procedimentos descritivos e interpretativos” (ERNST, 2009, p. 1). Por isso, Ernst considera que essas três noções introduzem uma maneira peculiar de abordar o objeto discursivo e que, por isso, em uma pesquisa em AD, “[...] deverão estar sempre presentes como dispositivos operatórios explicitados e/ou substratos teóricos das práticas interpretativas” (ERNST, 2009, p. 1). Das três noções desenvolvidas pela autora, dedico atenção especial às de falta e excesso, propondo-me a examiná-las pelo viés da pontuação.

Entendo a pontuação como marcas visíveis, materializadas graficamente sob a forma de diferentes sinais – entre os quais a interrogação e as reticências. E em função disso é possível, sob o meu ponto de vista, articular o entendimento dos sinais de pontuação – como formas de existência material da ideologia – à teorização proposta pela autora.

Examino a pontuação a partir de um campo da linguagem em que se reconhece a contribuição da noção de discurso, em que se admite a materialidade da língua e da história. Esse pensamento está na base da distinção estabelecida por Orlandi entre ordem e organização da língua. Conforme afirma Orlandi (1996, p. 45), “[...] o lugar de observação é a ordem do discurso”; ou seja, o discurso é o lugar onde se observa a relação entre essas duas ordens: a da língua, tal como a enunciamos, e a do mundo para o homem, sob a forma da ordem institucional (social) tomada pela história.

Refletindo sobre a forma com que a pontuação é costumeiramente tratada nos estudos linguísticos, percebo que a abordagem é a da norma, da regra, da sistematicidade, ou, em outras palavras, a da organização da língua. Não é este meu ponto de vista, nem é da organização que me ocupo neste trabalho, quando me identifico com uma perspectiva discursiva. O que me interessa pensar, quando trabalho com a pontuação tomando o discurso como efeito de sentido entre interlocutores, é na ordem da língua, para considerar os movimentos de interpretação do sujeito, sua posição na determinação da história.

Na tentativa de articular essas questões com os conceitos desenvolvidos por Ernst, tomo como ponto de partida a formulação “E agora, José?”, constante no poema “José”, de Carlos Drummond de Andrade, autor que nasceu em Itabira do Mato Dentro, Minas Gerais, em 31 de outubro de 1902, e faleceu em 1987. Drummond era contista, cronista e foi considerado por muitos como o mais influente poeta brasileiro do século XX. Foi um autor do movimento cultural denominado de Modernismo, que, no Brasil, repercutiu fortemente sobre a cena artística e a sociedade na primeira metade do século XX, sobretudo no campo da literatura e das artes plásticas. Esse movimento foi desencadeado a partir da assimilação de tendências culturais e artísticas lançadas pelas vanguardas europeias no período que antecedeu a Primeira Guerra Mundial. Drummond fez parte da segunda geração desse movimento (1930-1945), época em que se ampliava a preocupação dos artistas com o destino do homem.

Neste contexto, o poema *José* data de 1942 e foi publicado no livro *José*, na coletânea *Poesias*. Nesse ano, o Brasil declarava guerra à Alemanha e à Itália. Era o ano também da atuação do Estado Novo no Brasil, do período da ditadura de Getúlio Vargas. Em Barbosa (1988, p. 58), lemos: “O poema que dá título ao livro sintetiza as preocupações básicas do poeta neste momento: a consciência do seu ser-no-mundo, o questionamento do sentido da existência humana”. Segundo Barbosa, o poeta, através da luta com as palavras, busca expressar sua relação conflitiva com o mundo, fruto da autonegação, da solidão. Essa luta culmina com a

necessidade de adoção de uma máscara: José. Nesta perspectiva, pode-se dizer que José é a metonímia do próprio autor e do povo brasileiro. Ele é a representação do sujeito que se vê em meio a um contexto social de repressão, autoritarismo, modernização industrial e desigualdades de privilégios, quando o país caminhava em uma direção em que até mesmo a criação estética parecia não ter mais espaço.

Tendo como referência considerações como essas é que tomamos para análise o poema “José”. Nosso percurso metodológico será constituído a partir do enunciado “E agora, José?”, o qual, marcado pela presença do ponto de interrogação, produz a pergunta que percorre todo o poema. Será o gesto analítico que nos permitirá desenvolver, do ponto de vista teórico, as noções de falta e excesso, operacionalizadas por Ernst. E que nos possibilitará articular tais conceitos às nossas próprias reflexões sobre pontuação.

2 PONTUAÇÃO: FALTA E EXCESSO

Lendo o poema *José*, constata-se inicialmente que a formulação “E agora, José?” dá início ao mesmo, numa espécie de provocação ao seu protagonista, convidando-o a pensar, a agir. No sexto verso, José é substituído por *você*, o que aponta a inclusão do interlocutor nesse chamamento. A formulação “E agora, José?” conclui a estrofe.

Examinando essa interrogação, gostaria de dizer, em um primeiro momento, que trato os sinais de pontuação como *sinais discursivos*. Ao adotar tal designação, assumo que esses sinais são marcas visíveis, materializadas graficamente sob a forma de pontuação e que, por isso, sinalizam, para o leitor, um lugar propício a movimentos de interpretação, a gestos de leitura. Dito de outra forma: os sinais discursivos, pelo não-verbal e pelo silêncio, pela ausência de palavras, significam. Por isso venho falando, quando se trata de pontuação, em texto *sinalizado*, em *sinalização*¹.

Retomo também uma reflexão em que afirmo que a interrogação marca um espaço de silêncio, pois há algo que não é dito ali – e, portanto, algo falta no intradiscorso – mas, paradoxalmente, aponta também um espaço de significação – pois introduz uma “injunção à resposta”, uma necessidade de responder. A esse tipo de silêncio denomino de *discurso de injunção*²: o sujeito abdica do direito de dizer e sinaliza-o pela interrogação, deixando ao interlocutor a obrigação de dizer, através de uma resposta.

É o que ocorre neste poema e nesta interrogação – “E agora, José?” – uma pergunta que Drummond lança procurando entender a existência naquelas condições de guerra e de autoritarismo, mas, ao mesmo tempo, marcando sua resistência em relação a tal realidade. Nessa pergunta ecoam questionamentos e angústias não só de Drummond, mas de toda uma sociedade aflita, oprimida, tensa. Tal pergunta, portanto, aponta *a falta de um dizer* – aponta uma falta no intradiscorso – mas não *a falta do que dizer*.

Apoio-me então em Pêcheux (1990), quando o autor afirma que a descrição de um enunciado ou de uma sequência coloca necessariamente em jogo o discurso-outro como espaço virtual de leitura desse enunciado ou dessa sequência. Isso se dá, de acordo com Pêcheux, através da detecção das interrogações, assim como dos lugares vazios, das elipses, das negações. A afirmação de Pêcheux dá suporte às considerações que teço ao relacionar a interrogação à noção de lacuna, que faz com que o sujeito-leitor, assujeitado ideologicamente, busque “completar” aquele enunciado formalmente incompleto.

Examinando minhas próprias reflexões, percebo que, no trabalho de Ernst – pelo viés da noção de falta – encontro espaço para ampliar teoricamente a ideia de lacuna. Destaco então o conceito de falta, operacionalizado por Ernst:

¹ Denominamos de *sinalizado* (conforme GRANTHAM, 2009, p. 16) ao texto que apresenta sinais de pontuação como interrogação e reticências, aos quais chamamos de *sinais discursivos*. A *sinalização*, nessa perspectiva, é um processo que se manifesta graficamente sob a forma de pontuação, marca a incompletude do discurso e aponta um espaço em que o dizer não está completo.

² A denominação *discurso de injunção* foi estabelecida em trabalho anterior (GRANTHAM, 2009, p. 81) para definir a interrogação, sinal de pontuação que, na nossa perspectiva, provoca a interpelação do outro, no momento em que introduz a necessidade de responder.

[...] estratégia discursiva que consiste: 1) na omissão de palavras, expressões e/ou orações, consentida inclusive pela gramática, que podem (ou não) ser resgatadas pelo sujeito-interlocutor; 2) na omissão de elementos interdiscursivos que são esperados, mas não ocorrem e podem (ou não) ser percebidos pelo sujeito-interlocutor. No primeiro caso, ela se constitui num lugar em que são criadas zonas de obscuridade e incompletude na cadeia significante com fins ideológicos determinados; no segundo, cria um vazio que visa, na maioria das vezes, encobrir pressupostos ideológicos ameaçadores. (ERNST, 2009, p. 4)

Na verdade, esse é o efeito produzido pela interrogação presente em “E agora, José?": omissão, incompletude, ausência. Esse é o funcionamento discursivo desta interrogação, que, em um nível intradiscursivo, e nos moldes como a venho considerando, pode ser pensada como uma *lacuna significante*.

Amplio agora minhas colocações, apoiando-me em Ernst, e afirmo que a interrogação aponta também uma falta intradiscursiva. Uma falta que produz uma elipse no nível do intradiscurso. Cito então, e novamente, Ernst:

A falta pode ocorrer, no nível intradiscursivo, através de diferentes processos de ordem sintática e lexical em que algo falha na estrutura gramatical. Alguns desses processos normalmente são interpretados, aos olhos da gramática tradicional, como formas de dizer vinculadas às intenções estéticas de quem as usa. Aqui elas têm um outro estatuto. Ligam-se às determinações históricas de quem as produz. Enquadram-se nesse caso: a elipse, concebida como uma “falta necessária” pela gramática (cf. Haroche, 1992), as reticências, o zeugma, certas omissões de determinantes, as nominalizações que apagam o agente, as passivas sintéticas ou analíticas também com o apagamento do agente, substituições lexicais cujo termo substituinte é genérico, etc. (ERNST, 2009, p. 4)

Nesta perspectiva, a presença da interrogação aponta, no nível do intradiscurso, para a sinalização de um espaço de silêncio, de elipse; aponta para uma falta, para algo que não é dito. Uma falta intradiscursiva que pertence ao sujeito do discurso. Falar em falta (ou em lacuna) não significa, no entanto, pensar em vazio, em ausência de significação. Pelo contrário, a falta é lugar de silêncio, de uma incompletude que pode ser objeto de uma reelaboração e de produção de sentidos que são construídos a partir de pistas presentes no próprio discurso e cruzados com outros sentidos. Esses outros sentidos estão presentes no interdiscurso, na memória discursiva.

Assim, por exemplo, lendo os versos da primeira estrofe do poema (*A festa acabou/ a luz apagou/ o povo sumiu /a noite esfriou*), é possível dizer que a falta aí sinalizada pela interrogação produz sentidos ligados ao pessimismo, à solidão, à ausência de alegria e à escuridão, causados pela situação de um país em época de guerra e ditadura. Esses sentidos poderão ou não ser produzidos pelos interlocutores do poema, bem como outros sentidos poderão surgir. É, pois, o processo da leitura, pelo preenchimento desse espaço sinalizado de lacuna, pelo trabalho sobre esse lugar que aponta uma falta, que permite ao sujeito-leitor recuperar, pelo viés do interdiscurso, algo que lhe permita preencher essa lacuna, essa falta.

Dessa forma, a leitura de uma interrogação não pode ser pensada como a simples recuperação de um vazio. Não se trata de transformar a falta em palavras, mas de operar com a incompletude, de reelaborar o discurso, a partir de uma posição-sujeito inscrita em uma determinada formação discursiva.

Tal constatação me conduz novamente a Ernst (2009, p.4), quando a autora afirma: “Já a falta, relacionada mais diretamente à ocultação de elementos do interdiscurso de uma dada formação discursiva que só poderão ser resgatados a partir do apelo aos exteriores da linguística, prova um contingenciamento discursivo”. Para a autora, isso se estabelece “[...]em função de determinadas condições de produção históricas e/ou enunciativas, referentes à relação do sujeito com o objeto de que fala, com a língua que fala e com o interlocutor com quem fala.”.

Nessa perspectiva, o leitor de uma interrogação não apreende simplesmente um sentido que está no texto – já que a pergunta não lhe oferece esse sentido – mas *produz, atribui* sentidos ao texto. Uma interrogação, nesta medida, mobiliza o dizer do outro; e este, pelo processo discursivo da leitura, ancora-se no interdiscurso.

Penso então mais uma vez nas perguntas presentes na primeira estrofe do poema: “E agora, José?”, “E agora, você?”. Tais questionamentos, sinalizados pela interrogação, são seguidos de outros versos (*você que é sem nome, / que zomba dos outros, / você que faz versos, / que ama, protesta?*), que funcionam como espaços de produção de sentidos que jogam o leitor para o interdiscurso. Os sentidos aí ocultos, conforme nos lembra Ernst, “só poderão ser resgatados pelo apelo aos exteriores da linguística”. É no interdiscurso que estão sentidos, por exemplo, que falam de um José que não é único, mas a representação de um povo que, em um país assolado pela repressão, é somente um anônimo, um sem nome, mas não um alienado nem indiferente aos acontecimentos sociais; um José que zomba dos outros, protesta; um José com sentimentos comuns, que ama, tem esperança, faz versos. Mas no interdiscurso estão também outros sentidos, pois aí joga o imaginário de determinada posição-sujeito, inscrita em uma dada formação discursiva, que recupera pelo interdiscurso saberes que lhe permitem produzir diferentes dizeres. Assim, diferentes sujeitos, inscritos em uma outra formação discursiva, poderiam produzir sentidos também distintos.

A interrogação, deste modo, atua, no nível intradiscursivo, como marca da falta, como elipse, como a sinalização de um lugar de significação que fica vago para o interlocutor. É um lugar – materialmente sinalizado e incompleto – que abre para o discurso-outro. Ao mesmo tempo, é também a materialização de um gesto através do qual o sujeito-autor associa o interlocutor ao seu espaço enunciativo: é a ele que cabe dar seqüência à enunciação, preenchendo esse espaço de falta intradiscursiva, em movimentos de interpretação, a partir de suas condições de produção e sob o efeito do interdiscurso, da memória discursiva.

Se a interrogação aponta uma falta, se produz uma elipse, a resposta, por outro lado – sendo o gesto de interpretação em que o sujeito, atribuindo sentido a esse sinal de pontuação, passa a atribuir sentido às suas próprias palavras – produz uma *incisa*. Essa incisa acontece pelo processo discursivo da leitura da interrogação, pertence ao interlocutor e a tudo que ele produz.

A noção de incisa, assim como a de elipse, é também tematizada por Haroche (1992, p.116), quando a autora lembra que, na reflexão gramatical, a incisa aparece como o *acréscimo contingente*. Sendo a elipse do domínio do silêncio, a incisa é evitada: os gramáticos instituíram a importância do silêncio e a rejeitaram, pois o dizer precisa exatamente da falta. Para Haroche, a incisa (assim como a elipse) representa uma possibilidade de ambiguidades que só o princípio da determinação pode descartar.

Considerar a incisa como possibilidade de ambiguidade é admitir que uma incisa tem relação direta com a incompletude do discurso e que, por isso, pode estar ligada a diferentes gestos de leitura. E é nesse sentido que relaciono a incisa à interrogação: acréscimo que vem pela leitura, que trabalha a falta intradiscursiva apontada pela interrogação e joga o interlocutor para o interdiscurso.

Detenho minha atenção agora em outra estrofe do poema de Drummond, a quinta, que transcrevo abaixo.

*Se você gritasse,
se você gemesse,
se você tocasse
a valsa vienense,
se você dormisse,
se você cansasse,
se você morresse...
Mas você não morre,
você é duro, José!*

Foco meu olhar inicialmente sobre o verso 7, concluído por reticências: “*se você morresse...*”. Reconheço aqui, do mesmo modo que constatei na interrogação, a sinalização de uma falta que revela uma incompletude e que sinaliza que naquele espaço “cabem” sentidos que não chegaram a ser expressos.

Em trabalho anterior afirmei que as reticências são uma falta necessária e conveniente, pois, ao não-dizer, dizem. E mais: ao não dizer, deixam espaço para o dizer do outro, dando lugar a gestos de interpretação. É desta forma que as reticências instauram, e

sinalizam, o silêncio do sujeito do discurso. A esse tipo de silêncio denomino de *discurso em suspensão*³: o sujeito-autor silencia, suspende seu discurso, e dá lugar ao dizer do outro.

Um silêncio de tal ordem – *discurso em suspensão* – significa por si mesmo, permanece como suspensão e significa. Seu preenchimento, nesta perspectiva, não significa a tradução do silêncio em palavras, mas a indicação, pelo sujeito-leitor, de sua compreensão do modo como aquela suspensão significa, isto é, de sua relação com a incompletude da linguagem e de sua ancoragem no interdiscurso. Os sentidos que o sujeito-autor não diz – dizendo – estão no interdiscurso; e as reticências mostram que cabe ao leitor compreender o modo como esses sentidos significam. A partir desse ponto de vista, tenho considerado as reticências – assim como a interrogação – como um espaço lacunar que coloca sentidos não evidentes, não expressos e não fechados pelo autor.

Faço referência aqui a Catach (1980, p. 4), quando a autora, referindo-se à pontuação, afirma: “[...] esses sinais são palavras sem palavras, verdadeiras histórias sem palavras”. Catach (1980, p. 17) diz ainda: “a informação que fornecem esses sinais são como uma presença-ausência”. Usando os termos da autora, diria então que a falta sinalizada pelas reticências expressa uma *presença-ausência*, na medida em que sinaliza que naquele espaço cabem sentidos que não chegaram a ser expressos. E, não dizendo, o sujeito significa.

Alio novamente minhas reflexões à noção de falta, de Ernst (2009, p.4). Retomo então sua afirmação: “[...] a falta pode ocorrer, no nível intradiscursivo, através de diferentes processos de ordem sintática e lexical em que algo falha na estrutura gramatical”. Segundo Ernst, as reticências enquadram-se nesse caso⁴.

A partir das colocações de Ernst, revisito minha concepção de reticências – por mim concebidas como espaço lacunar, como *discurso em suspensão* – para considerá-las também, no sentido em que Ernst toma esse conceito, como falta: as reticências apontam algo que falta no intradiscursivo, algo que não foi dito.

Como já referi anteriormente, Ernst considera também a elipse como uma manifestação da falta, no nível intradiscursivo. Ao falar em elipse, Ernst refere-se a Haroche (1992, p.116), para quem a elipse é uma “falta necessária”. Acrescento aqui uma outra afirmação de Haroche (1992, p. 117) sobre a elipse: “Enunciado formalmente incompleto, mas do qual a linguística pressupõe o caráter acabado do ponto de vista do sentido, a elipse é o ponto em que se encontram linguística e ideologia”. Uma elipse, nesta perspectiva, tem relação direta com a incompletude do discurso. Algo semelhante acontece com as reticências: são sinais de incompletude e, portanto, espaço de relação do sujeito com essa incompletude e com o silêncio.

Tal forma de pensar me conduz a Orlandi (1993), quando a autora ressalta que a incompletude é fundamental no dizer e é ela que produz a possibilidade do múltiplo. É justamente o silêncio, assim, que preside essa possibilidade.

A relação da elipse com a incompletude é também explorada por Indursky (1990). A autora admite a existência de duas modalidades de elipse, de natureza diversa: a elipse linguística e a elipse discursiva. A primeira relaciona-se a uma implicação através da qual omite-se uma referência recuperável através do contexto; a segunda relaciona-se a uma indeterminação, a qual promove uma lacuna que aponta para um funcionamento discursivo instaurado pelo encontro do linguístico com o não-linguístico. Assim, a elipse linguística estabelece a indeterminação ao nível do enunciado, e a elipse discursiva, sendo definitiva, instaura o modo de indeterminação ao nível do discurso. Afirma Indursky (1990, p. 35): “[...] o funcionamento dessas duas modalidades é radicalmente diverso, pois o modo da indeterminação confere ao falante a possibilidade de silenciar, de não se expor, desobrigando-se de assumir a responsabilidade pelo não-dito.”

³ Por *discurso em suspensão* entendemos (cf. GRANTHAM 2009, p. 83) o funcionamento de um silêncio que suspende o discurso, que passa a significar sem palavras. É esse o seu funcionamento; é esse fato – de significar sem palavras – que faz dele espaço de ação para o sujeito-leitor.

⁴ Também o zeugma, certas omissões de determinantes, as nominalizações que apagam o agente, as passivas sintéticas ou analíticas também com o apagamento do agente e as substituições lexicais cujo termo substituinte é genérico.

Penso ser possível dizer, então, que o conceito de falta, operacionalizado por Ernst, tem relação, no nível do intradiscurso, com a noção de eclipse linguística apresentada por Indursky. Reunindo minhas reflexões sobre as reticências às das duas autoras aqui referidas, diria então: no nível do intradiscurso, as reticências sinalizam a falta, e aqui valho-me da posição de Ernst; ainda no nível do intradiscurso, as reticências constituem uma *elipse linguística* – e aqui valho-me da posição de Indursky.

No entanto, afirmo também que as reticências representam uma lacuna necessária para que o dizer fique indeterminado, um espaço para a liberdade do sujeito, um modo de silenciamento que desobriga o sujeito-autor de se expor, uma possibilidade de não dizer (dizendo). Tal ausência – como ocorre com a interrogação – não constitui um *vazio de significado*, mas, ao contrário, expressa um silêncio que é constitutivo da própria linguagem e que significa por si mesmo. E, neste sentido, posso pensar que a falta funciona como uma flecha que aponta o interdiscurso, onde estão os sentidos que o sujeito não chega a dizer e que serão preenchidos pelo processo discursivo da leitura. Neste sentido, a leitura das reticências se constitui em um acréscimo que, por sua vez, também vem do interdiscurso. Ao empregar reticências, assim, o sujeito-autor suspende seu discurso e ancora seu dizer, sua significação, no interdiscurso. Ao fazê-lo, abre lugar para o dizer do outro.

Nesta perspectiva, as reticências – assim como a interrogação – levam à produção de uma incisa. O acréscimo que se acrescenta pela leitura representa um preenchimento, que pode ser a explicitação dos sentidos que já estão lá, sem palavras, produzidos pelo autor, ou a produção dos sentidos possíveis de ocuparem aquele espaço de incompletude discursiva materialmente sinalizada.

Tanto na interrogação quanto nas reticências, portanto, podemos falar em falta, se a pensarmos como silêncio e como incompletude, mesmo percebendo que essa incompletude é de natureza distinta. Nas reticências, temos uma incompletude que, ao materializar uma lacuna de silêncio, convida o leitor a preencher aquela lacuna por perceber que ali há um discurso em suspensão; o sujeito-autor, assim, ao empregar as reticências, parece “disfarçar” a incompletude de seu dizer: ele não diz, mas, de alguma forma (pelas reticências), diz. Já na interrogação temos uma incompletude que convida os leitores a preencherem aquela lacuna porque reclama por uma injunção àquele discurso sinalizado como incompleto.

Defendo a ideia de que são diferentes as propriedades discursivas desses sinais – as reticências são um *discurso em suspensão*, a interrogação é um *discurso de injunção* – mas penso que o processo de sua leitura é semelhante, pois, em ambos os casos, o leitor lida com a falta sinalizada no intradiscurso e acaba realizando preenchimentos da incompletude e do silêncio que esses sinais representam.

Examinando ainda os versos da quinta estrofe do poema, iniciados pela conjunção “se”, percebemos a construção de um grande período com a marca da possibilidade: *Se você gritasse, se você gemesse, se você tocasse a valsa vienense, se você dormisse, se você cansasse, se você morresse...*

A repetição dessa conjunção no início de tantos versos leva-nos à outra noção operacionalizada por Ernst – a de *excesso* – por ela assim definida:

[...] estratégia discursiva que se caracteriza por aquilo que está demasiadamente presente no discurso. Consiste: 1) no uso de incisas, considerado na gramática como um *acrécimo contingente* (cf. Haroche, 1992), de intensificadores ou na repetição de palavras ou expressões e orações. Tais usos, na perspectiva aqui adotada, constituem-se em “acrécimo necessário” ao sujeito que visa garantir a estabilização de determinados efeitos de sentido em vista da iminência (e perigo) de outros a esses se sobreporem; 2) na reiteração incessante de determinados saberes interdiscursivos que tomam formas diferentes no intradiscurso, mas mantêm os mesmos pressupostos ideológicos com vistas ao estabelecimento. Em suma, trata-se, nos dois casos, de buscar estabelecer provavelmente a relevância de saberes de uma determinada formação discursiva através da repetição. (ERNST, 2009, p. 4).

Assim, o que notamos aqui é a reiteração, no intradiscurso, de uma palavra que indica a possibilidade – a conjunção *se*: “*Se você gritasse, se você gemesse, se você tocasse a valsa vienense, se você dormisse, se você cansasse, se você morresse...*”. E essa sucessão de enunciados concluída com a oração adversativa: “*Mas você não morre*”.

Constatamos inicialmente um jogo entre formações discursivas distintas, oposição marcada pela conjunção “mas”, marca que traz, para este discurso, o discurso outro: José não grita, não geme, não toca a valsa vienense, não dorme, não se cansa, não morre.

De acordo com Orlandi (1990), a questão do “outro” como constitutivo do discurso relaciona-se, sob a influência da psicanálise, à questão do sujeito, materialmente ligado à da ideologia. A este respeito, afirma Orlandi: “[...] a relação com o ‘outro’ regula tudo, preenche tudo, explica tudo, tanto o sujeito como o sentido.” (ORLANDI, 1999, p. 38). Assim, constitutivamente, no sujeito, em seu discurso, há o outro. Há nesta afirmação a ideia de que o sujeito é determinado pela sua relação com a exterioridade, sendo um sujeito dividido. E é essa exterioridade que constitui, para a AD, as condições de produção do discurso.

Analisando o poema *José*, e a estrofe em pauta, constatamos então essa heterogeneidade, esse sujeito dividido entre desejos e impotência, ausências. Ressoa, nesse discurso, o discurso-outro: José deveria gritar, gemer, divertir-se, dormir, cansar-se, morrer.

A repetição, no nível intradiscursivo, acaba então produzindo uma reiteração de saberes interdiscursivos que põe em contraste formações discursivas distintas: a formação discursiva da resignação, da submissão (mais características da 1ª fase do Modernismo) e a formação discursiva da reação, da indignação, da vontade de transformar o mundo, diante da fragmentação causada pela guerra.

Mas não é essa a única repetição que encontramos em *José*. Há algo que está demasiadamente presente nesse discurso e que nos interessa sobremaneira: a pergunta sinalizada pela interrogação em “*E agora, José?*”.

Essa pergunta aparece nos versos 1, 6, 12, 27, 28 e 36. Neles, a interrogação vai dando suporte para o levantamento de questões que giram em torno de vários aspectos: a falta de coisas básicas (*está sem discurso, está sem carinho, já não pode beber, já não pode fumar, cuspir já não pode*); as ausências (*o dia não veio, o bonde não veio, o riso não veio, não veio a utopia*). A falta completa é expressa em “*e tudo acabou, e tudo fugiu, e tudo mofou*”, onde, pela repetição, no intradiscorso, da conjunção “e”, produz-se a figura de linguagem conhecida como polissíndeto. Estamos diante do excesso de que fala Ernst (2009, p. 4), quando afirma que este consiste “na reiteração incessante de determinados saberes interdiscursivos que tomam formas diferentes no intradiscorso e mantêm os mesmos pressupostos ideológicos com vistas ao estabelecimento”.

Notamos ainda que, em alguns versos, a pergunta modifica-se, como no 44: “*José, e agora?*”. Neste contexto, ela dá suporte para outras questões, como a impotência e o desejo esbarrando na ausência (*Com a chave na mão quer abrir a porta, não existe porta; quer morrer no mar, mas o mar secou; quer ir para Minas, Minas não há mais*). E a interrogação derradeira: “*José, para onde?*”, através da qual o poeta atesta a impossibilidade de José – e dos vários “jósés” – chegarem a algum lugar, naquelas condições de produção. Os sentidos, assim, vão na direção da incerteza, da ausência de horizonte, do pessimismo, da impotência, do ceticismo: do “beco sem saída”.

Temos então um excesso que se manifesta na quantidade de questionamentos, sinalizados pelas interrogações. Ao mesmo tempo, tais interrogações apontam, no intradiscorso, uma falta interdiscursiva.

Uma interrogação, nesta perspectiva, pode ser pensada como uma sinalização da falta de transparência da linguagem. Uma falta que, para a Análise do Discurso, não importa, já que ela trabalha exatamente com a não-transparência dos sentidos e da linguagem e com uma concepção de língua na qual intervém a historicidade e, através dela, o imaginário e a opacidade. A este respeito, afirma Leandro Ferreira (2000, p. 23): “uma língua, enfim, que não seja translúcida, mas cuja espessura e densidade façam resistência”. Essa noção de resistência, segundo Leandro Ferreira, indica um trabalho que se situa na margem entre a dominação que se faz da linguagem e a que ela estabelece. Uma polaridade que coloca a língua ora como serva, ora como ama do pensamento. Isto significa dizer que a língua é um sistema não-fechado e que deslizamentos de sentido são lugares de resistência, onde o impossível pode surgir. Reconhecer tal fato tem como repercussão admitir que uma interrogação pode ser espaço de resistência, de trabalho com a língua que, por ser atravessada pela historicidade, não é transparente.

Na verdade, conforme lembram Pêcheux e Gadet (1984), o que afeta e corrompe esse princípio da univocidade da língua não é nela localizável. E é a noção de equívoco que nos permite compreender isso: ponto em que o impossível (linguístico) chega a unir-se com a contradição (histórica), ponto em que a língua toca a história.

Para Pêcheux (1990), o equívoco aparece como fato estrutural implicado pela ordem do simbólico: a língua é exposta ao equívoco. Pêcheux (1990, p. 53) afirma então: “Toda descrição [...] está intrinsicamente exposta ao equívoco da língua: todo enunciado é intrinsicamente suscetível de tornar-se outro, diferente de si mesmo, se deslocar discursivamente de seu sentido para derivar para um outro”. Assim, para Pêcheux, todo enunciado ou toda sequência de enunciados é linguisticamente descritível como uma série de pontos de deriva possíveis, oferecendo lugar à interpretação. Desta forma, a irrupção do equívoco afeta o real da história.

Tudo isso aponta a possibilidade de que essa presença de interrogações – um excesso, seguindo os termos de Ernst – que representam a ligação entre a materialidade linguística e a história, pode funcionar discursivamente como um espaço de resistência, como lugar em que possa irromper o equívoco.

O real da língua, por sua vez, não está cosido às suas bordas como uma língua lógica: está atravessado por fissuras. O termo real da língua é oriundo da psicanálise, tem origem em Lacan e foi desenvolvido na linguística por Milner (1987), em “O amor da língua”. Para Milner, o real da língua pode ser definido como uma série de pontos do impossível, marcada pelo não-todo. O acesso ao não-todo, ao impossível, põe em evidência o fato de que existe pelo menos um lugar de onde se fala daquilo que não se pode falar: esse lugar é o inconsciente, ou o real da língua.

Orlandi (1999, p. 37), refletindo a esse respeito, vai dizer: “Se o real da língua não fosse sujeito à falha e o real da história não fosse passível de ruptura não haveria transformação, não haveria movimento possível, nem dos sujeitos nem dos sentidos”. Assim, é justamente porque a língua é sujeita ao equívoco e porque a ideologia é um ritual com falhas que o sujeito, ao significar, se significa. A incompletude, portanto, é a condição da linguagem: nem os sujeitos nem os sentidos, e, portanto, nem o discurso, já estão prontos e acabados. Eles estão sempre se fazendo, havendo um trabalho contínuo, um movimento constante do simbólico e da história. Nenhum discurso, portanto, está pronto, acabado.

Leandro Ferreira (2000) ressalta ainda que o real, que é da ordem da língua, se opõe à realidade, que é da ordem social, prática. O sintoma mais imediato do real, segundo a autora, é um ‘impossível’ inscrito igualmente na ordem da língua. Costuma-se dizer ‘as palavras faltam’, o que aproxima o sintoma da ideia de ausência, defeito, insuficiência, imperfeição. Lembrando que língua e história constituem dois caminhos para um trabalho em AD, a autora ressalta então que é por meio da noção de equívoco que é possível a língua (ou melhor, a língua e o impossível contido nela) encontrar a história (a contradição). Assim, afirma Leandro Ferreira (2000, p.26): “confirma-se o dito de que a AD está irremediavelmente presa entre o real da língua e o real da história”. Pode-se dizer, a partir daí, seguindo Leandro Ferreira, que é justamente a existência de um lugar singular, que admite a falta e a torna constitutiva da estrutura, que nos permite perceber no equívoco, e nos fatos que ele representa, o registro do simbólico que atravessa a língua e a consagra ao que lhe é próprio.

Podemos considerar então que essas várias interrogações – marca de excesso, nos termos de Ernst – são sintoma do real, do impossível contido na língua. Lugar em que a língua encontra a história e que só poderá ser trabalhado pelos sujeitos-leitores do poema, que – pelo entrecruzamento de inscrições na história e nas formações discursivas, pela assunção de posições-sujeito e sob efeito da memória discursiva – poderão reconstruir ou desconstruir os sentidos produzidos pelo sujeito-autor.

Todas essas reflexões permitem-nos pensar em uma concepção de língua, como afirma Leandro Ferreira (2000, p. 23): “[...] que não seja translúcida, mas cuja espessura e densidade façam resistência”. Tal noção de resistência, segundo a autora, indica um trabalho que se situa na margem entre a dominação que se faz da linguagem e a que ela estabelece. Trata-se da polaridade que coloca a língua ora como serva, ora como ama do pensamento. Uma língua que não é um sistema fechado, mas aberto ao impossível.

Reconhecer tal fato possibilita-nos admitir que o *corpus* com que estamos trabalhando – a poesia – pode ser – e é – espaço de resistência, de trabalho com a língua (com os sinais de pontuação), que, por ser atravessada pela historicidade, não é transparente.

É a leitura, nesta medida, que vai possibilitar o processo em que os sentidos poderão deslizar e que diferentes sujeitos-leitores, sob condições de produção distintas, assujeitados ideologicamente, identificados com uma formação discursiva e assumindo uma determinada posição-sujeito, poderão vir a ler diferentemente esse excesso criado pela repetição das interrogações e a falta por elas apontada.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este texto nasceu do imenso desejo de expressar a admiração e o reconhecimento pelo trabalho e pelas reflexões da pesquisadora e amiga Aracy Ernst. O trabalho foi guiado, na mesma proporção, por sentimentos de alegria e responsabilidade, afeto e compromisso. Mas, sobretudo, pela esperança de estar à altura da homenagem que ora prestamos à autora.

Acredito – e tenho convicção de que todos que participam dessa obra compartilham dessa ideia – que a melhor maneira de honrar o profícuo trabalho de Ernst é trazê-lo à tona, lembrá-lo, articulá-lo com nossas próprias reflexões. Por isso, procurei aqui trabalhar as noções de *falta* e *excesso* – tão bem articuladas e operacionalizadas por Ernst – relacionando-as a meu objeto de pesquisa: a pontuação.

Faço referência então às palavras de Ernst (2012) quando esta, a partir da leitura de um texto de Manoel de Barros, compara o trabalho do analista do discurso ao de “escovar” as palavras. “[...] procurar vestígios nas palavras; não de sentidos antigos e subterrâneos, remontando ao que presumivelmente se perdeu, mas de sentidos produzidos no batimento entre o que se mostra e o que se apaga, entre o que excede e o que falta [...] através do entrecruzamento entre descrição e interpretação.” (ERNST, 2012, p. 95).

Penso então em mim mesma, como analista de discurso, tentando “escovar” sinais de pontuação. Não palavras, mas interrogações, reticências... Seria possível “escová-los”? Tenho tentado...

Hoje, no entanto, as noções desenvolvidas por Ernst enriquecem meu estudo, minhas reflexões, ajudam-me nessa tarefa de busca pelos sentidos e possibilitam-me consolidar a ideia de que os sinais de pontuação são uma das muitas formas que o dizer e o não-dizer podem tomar. São formas – materiais, visíveis – que abrem para o dizer do outro. Espaços de falta e possibilidades de excesso.

Sigo, então, como analista de discurso, e espelhando-me em Ernst, o trabalho de “escovar” palavras, “escovar” sinais de pontuação. Sigo buscando respostas... Sigo procurando caminhos... Lidando com faltas e excessos... Doce e árdua tarefa.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Rita de Cássia. *Carlos Drummond de Andrade*: seleção de textos, notas, estudo biográfico, histórico e crítico. São Paulo, Nova Cultural, 1988.

CATACH, Nina. La punctuation. *Langue Française*, v. 45, p. 16-27, fev. 1980.

ERNST, A. G. A falta, o excesso e o estranhamento na constituição/interpretação do *corpus* discursivo. In: SEMINÁRIO DE ESTUDOS EM ANÁLISE DO DISCURSO, 4., 2009, Porto Alegre, RS. *Anais...* Porto Alegre: UFRGS, 2009. Disponível em: <<http://anaisdosead.com.br/4SEAD/SIMPOSIOS/AracyErnstPereira.pdf>>. Acesso em: 16 maio 2016.

ERNST, A. G. *Escovando palavras: movimentos possíveis de interpretação*. In: DI FANTI, M. da G.; BARBISAN, L. B. (Org.). *Enunciação e discurso: tramas de sentidos*. São Paulo: Contexto, 2012. p. 95-102.

GRANTHAM, M. *Da releitura à escritura: um estudo da leitura pelo viés da pontuação*. Campinas, Editora RG, 2009.

HAROCHE, C. *Fazer dizer, querer dizer*. São Paulo: Hucitec, 1992.

_____. A quantificação na análise do discurso: quantidade equivale a qualidade? *D.E.L.T.A.*, v. 6, n. 1, p.19-40, 1990.

LEANDRO FERREIRA, Maria Cristina. *Da ambiguidade ao equívoco: a resistência da língua nos limites da sintaxe e do discurso*. Porto Alegre: Ed. Universidade, UFRGS, 2000.

MILNER, Jean-Claude. *O amor da língua*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.

ORLANDI, E. *Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

_____. *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. 2. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1993.

_____. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. Campinas, São Paulo, 1999.

PÊCHEUX, M. Análise automática do discurso (AAD-69). In: GADET, F.; HAK, T. (Org.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Campinas, SP: Ed. Unicamp, 1990. p. 61-162.

_____. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. Campinas, SP: Pontes, 1990.

PÊCHEUX, Michel.; GADET, Françoise. *La Lengua de nunca acabar*. México: Fondo de Cultura Económica, 1984.

Recebido em 11/12/2016. Aceito em 24/01/2017.

O EXCESSO NO DISCURSO DE ÓDIO DOS *HATERS*

EL EXCESO EN EL DISCURSO DE ODIO DE LOS *HATERS*

THE EXCESS IN THE HATE DISCOURSE OF THE *HATERS*

Rebeca Recuero Rebs*

Universidade Católica de Pelotas

RESUMO: O artigo tem como objetivo identificar e compreender as marcas do excesso existentes no discurso de ódio dos *haters*. Utilizando a força de difusão da informação das redes sociais na internet, os *haters* se apropriam deste espaço para disseminar ideologias ligadas à violência com o intuito de gerar mais ódio. Entre as estratégias utilizadas por este grupo, está o excesso. Entretanto, é necessário entender o contexto histórico e social destes sujeitos e como o seu discurso significa nestes ambientes. Como *corpus*, parte-se da análise dos ataques à atriz Taís Araújo ocorridos no Facebook. Pelos resultados, percebem-se excessos em demonstrações de autoridade, em repetição de ideais e em palavras pejorativas. Estas marcas parecem intensificar, legitimar e ajudar na recirculação de uma ideologia de ódio que busca valores como a visibilidade, a popularidade (entre integrantes das redes e a mídia), a autoridade e a reputação (dentro do grupo de pertença do *hater*).

PALAVRAS-CHAVE: *Haters*. Discurso de Ódio. Excesso.

RESUMEN: El artículo tiene como meta identificar y comprender las marcas del exceso existente en el discurso de odio de los *haters*. Utilizando la fuerza de difusión de información de las redes sociales en internet, los *haters* se apropian de este espacio para diseminar ideologías ligadas a la violencia con la intención de generar más odio. Entre las estrategias utilizadas por este grupo, está el exceso. Entretanto, es necesario entender el contexto histórico y social de estos sujetos y lo que su discurso significa en estos ambientes. Como cuerpo, se inicia el análisis de los ataques sufridos por la actriz Taís Araújo en Facebook. En los resultados, son percibidos excesos en demostraciones de autoridad, en repetición de ideas y en palabras peyorativas. Estas marcas parecen intensificar, legitimar y ayudar a la “recirculación” de una ideología de odio que busca valores como la visibilidad, la popularidad (entre integrantes de las redes y los medios), la autoridad y la reputación (dentro del grupo de pertenencia de los *haters*).

PALABRAS-CLAVE: *Haters*. Discurso de Odio. Exceso.

ABSTRACT: The article aims to identify and comprehend the marks of the excess present in the hate discourse of the *haters*. By using the power of social media’s information diffusion on the internet, the *haters* appropriate of such spaces to disseminate ideologies related to violence, intending to generate more hate. Among the strategies utilized by this group, there is the excess. However, it is necessary to understand the subject’s social and historical contexts and the meanings of their discourse in these environments. As the *corpus*, we start off the analysis from the attacks towards the actress Taís Araújo occurred on Facebook. As shown by the results, the excess is perceived on authority demonstrations, on the repetition of ideals and onto the search of values

* Doutora e Mestre em Ciências da Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), Graduada em Jornalismo pela Universidade Católica de Pelotas (UCPel) e bolsista CAPES PNPd (Programa Nacional de Pós-Doutorado) pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da UCPel. E-mail: rebeca.recuero.rebs@gmail.com.

such as visibility, popularity (among participants of the networks and the media), authority and reputation (inside the hater's group of belonging).

KEYWORDS: *Haters*. Hate Discourse. Excess.

1 INTRODUÇÃO

Com as Tecnologias da Informação e da Comunicação (TICs), novos processos de sociabilidade passaram a ser visualizados e vivenciados em um espaço ausente da materialidade física, nomeado de Ciberespaço (GIBSON, 1983). Através dele, relacionamentos são estabelecidos, destruídos ou mesmo fortalecidos. Além disso, grupos sociais encontram um lugar – tecnicamente seguro pela não necessidade da identificação “real” do sujeito – para estabelecerem o processo comunicacional, trocando novos tipos de capital social que são preconizados nestes ambientes (RECUERO, 2009). Entre estes grupos encontram-se também comunidades “marginais” não aceitas socialmente pelos seus valores avessos às normais sociais, como os *haters*.

Nascidos (ou reconhecidos) nestes ambientes virtuais, os *haters* podem formar organizações com estratégias minuciosas com o principal objetivo de disseminar a sua ideologia¹ de ódio contra alguém ou mesmo contra grupos específicos. Na maior parte dos casos, estes sujeitos são considerados “fora-da-lei” e não parecem se importar com isso, pois ficam escondidos pelas máscaras dos *fakes* (perfis falsos). O seu discurso é repleto de violência explícita por meio das palavras que parecem gerar o efeito esperado justamente pelo seu excesso. Ou seja, as repetições, a quantidade de xingamentos, as ações coletivas programadas ou mesmo o alto teor de agressividade cíclica no discurso é o que traz o trauma ao sujeito a ser lesado.

Assim, a partir deste cenário, o presente trabalho tenta compreender como os excessos do discurso de ódio dos *haters* significam por meio da identificação de marcas presentes na fala destes sujeitos. Para isso, utiliza-se do caso de ataques racistas à atriz Taís Araújo, ocorridos no dia 31 de novembro de 2015, em uma fotografia da atriz postada um mês antes no site de redes sociais Facebook.

2 O EXCESSO E O DISCURSO DE ÓDIO

Ernst (2009, p.2) trata de três conceitos operacionais que funcionam como forma de reconhecimento de sequências discursivas capazes de “[...]criar o gesto de interpretação do analista frente aos seus propósitos”. Assim, numa tentativa de auxiliar pedagogicamente o trabalho do analista do discurso, a autora define as noções de falta, excesso e estranhamento (tendo em vista a constituição e a interpretação do *corpus* discursivo) como conceitos-chave para a execução da operação. No caso do presente trabalho, interessa-nos a noção de excesso (ainda que reconheçamos a ligação fundamental entre estes três conceitos).

Segundo a autora, o excesso pode ser compreendido como uma estratégia que funciona como forma de enfatizar certos pontos do discurso através do uso demasiado de palavras, expressões e seus sinônimos. Ou seja, há uma constante repetição de “ideias” na fala, capaz de fixar ou mesmo estabelecer os sentidos produzidos por estes elementos por meio de memórias.

Assim, numa dada conjuntura histórica frente a um dado acontecimento, aquilo que é dito demais, aquilo que é dito de menos e aquilo que parece não caber ser dito num dado discurso, constitui-se numa via possível, mesmo que preliminar e genérica, de identificação de elementos a partir dos quais poderão se desenvolver os procedimentos de análise do *corpus* (ERNST; MUTTI, 2011, p. 827).

O que é dito demais é o excesso. Segundo Ernst e Mutti (2011, p. 830), o excesso ainda consiste em “[...] buscar estabelecer provavelmente a relevância de saberes de uma determinada formação discursiva através da repetição”. Essa demasia, no entanto, pode ser pensada em diferentes perspectivas – relativo a atos de discurso como dizer, desdizer, declamar, repetir, enfatizar, etc. –

¹ Parte-se da ideia de Žižek de que “[...] ideologia pode designar qualquer coisa, desde uma atitude contemplativa que desconhece sua dependência em relação à realidade social, até um conjunto de crenças voltado para a ação; desde o meio essencial em que os indivíduos vivenciam suas relações com uma estrutura social até as ideias falsas que legitimam um poder político dominante” (ŽIŽEK, 1996, p. 07).

como, por exemplo, a violência em sua face de exagero no contexto contemporâneo (SILVA JUNIOR; BESSET, 2010). Ainda que não seja especificamente a perspectiva de “excesso” tratada por Ernst, ela se assemelha justamente pela característica de buscar fixar uma ideia através da “repetição” em diferentes sentidos, como a violência praticada no *bullying*, a violência oriunda do preconceito, etc. Para os autores Silva Júnior e Besset (2010), o excesso também pode ser compreendido como o “desmedido”, o “extremo” que caracterizam a atualidade (hipercapitalismo, hiperterrorismo, hiperpotência, assassinatos em série, compulsões e vícios, hiperviolência, etc.). Logo, é um excesso simbólico que é retratado por meio de movimentos ou ações inseridas em um determinado contexto histórico.

Partindo daí, é possível compreender que atos de violência podem ser carregados de excessos (tanto na questão discursiva, quanto em ações físicas). É o caso das formas de violência trabalhadas por Žižek (2014): a ideológica e a física. A física é a mais clara, pois os resultados são aparentes e imediatos (como agressões corporais de uma torcida a um sujeito do time oposto ou mesmo um ataque terrorista). A ideológica é simbólica, ou seja, na maior parte das vezes ocorre por meio da linguagem (como xingamentos homofóbicos a um sujeito) e nem sempre é clara, pois pode estar escondida pelo uso do humor. Estes tipos de violência, entretanto, são resultados do ódio e se caracterizam por serem e estarem em excesso em seu discurso. Em seu auge (seu extremo), implicariam no excesso de agressividade, no “desaparecimento” do odiado (seja uma coisa ou uma pessoa) por meio de sua aniquilação dos ambientes de convivência (GLUCKSMANN, 2007; LIICEANU, 2014).

Segundo Pickering (apud ALMEIDA, 2010, p. 103), agressividade física ou verbal “[...] é a manifestação da dor não pensada, não traduzida, que, algumas vezes, se transforma em ódio, precisando ser descarregada. A conduta agressiva é uma das formas através das quais essa dor pode ser descarregada”. Freud, inclusive, em sua obra “O mal-estar na civilização” (1930), trata o ódio como uma tendência à agressividade que aponta o sujeito a uma disposição pulsional capaz de perturbar o equilíbrio, sendo, justamente, o maior empecilho para o desenvolvimento da cultura. O ódio seria, então, essa relação entre o eu do sujeito e o mundo externo aos estímulos que introduz, sendo algo natural ao ser humano. Logo, é possível pensar que a violência é observada como consequência do ódio e, de certo modo, faz parte da essência humana (DADOUN, 1998)². Ou seja, sentimentos humanos considerados negativos, como a frustração, a decepção, a inveja e o rancor, estão associados à formação do ódio desenvolvida pelo causador desta dor, culminando na agressividade. Contudo, a vida em sociedade e a própria racionalidade ensinaram o ser humano a controlar essa “dor”. Há a busca por uma aceitação social que é regida pelo cumprimento de normas sociais que visam justamente manter a ordem e o bom andamento da sociedade. Sem agressividade e pelo ódio controlado, supostamente, evita-se a dor (ainda que socialmente).

Entretanto, existem momentos em que o ódio é e precisa ser extravasado e percebido (GLUCKSMANN, 2007). Nessa hora, o excesso se faz presente justamente com a finalidade de enfatizar a agressão (ainda que psicologicamente), capaz de gerar certo gozo pelo odiador, afinal, o gozo só emerge nesse excedente. Por isso, ele é constitutivamente um “excesso” (ŽIŽEK, 2006).

Silva Junior e Bersset (2010, p. 324) pensam na violência como um excesso pulsional e como gozo. Ou seja, ela, por vezes, é classificada como um exagero, um gozo que vai além da agressividade animal como função defensiva, mas como algo capaz de trazer prazer, fazer com que o odiador sintam-se bem por estar atingindo (seja humilhando, machucando ou aniquilando) o outro. Desse modo, a violência traria uma consequência de submissão do sujeito a um tipo de discurso que não pode ser contrariado.

Žižek (2014) ainda associa as manifestações e o excesso de ódio à não tolerância do diferente, ou seja, quando o discurso do outro não vai ao encontro dos valores preconizados pelos demais. Assim, o discurso proveniente dessa violência ideológica, ainda que pregue a tolerância universal, aponta uma tolerância subjetiva: ou o outro se enquadra às ideias do grupo (a fim de ser tolerado) ou ele é excluído, humilhado.

Essa violência, entretanto, pode ter a intenção (por parte do sujeito) de ficar cada vez mais clara ao outro (já que não é possível torná-la física por motivos como as regras sociais, punições, etc.). Assim, ela utiliza-se justamente do excesso para agravar seus sintomas e agir de forma aniquilante no odiado. É o caso do discurso de ódio dos *haters*.

² Dadoun, inclusive, utiliza o termo *homo violens* com a intenção de dar esta naturalidade à agressividade com a essência humana.

3 O DISCURSO NO CIBERESPAÇO E OS HATERS

Com os Sites de Redes Sociais (SRS)³, as formas de conversação foram transformadas (RECUERO, 2012), assim como o sentido do que é público ou privado. Boyd (2007) inclusive, afirma que os SRS são espaços de públicos mediados, ou seja, podem ser pensados como lugares públicos semelhantes aos shoppings, praças, onde as pessoas vão “passar”, encontrar amigos, falar de sua vida pessoal e, talvez, encontrar novas amizades. A grande diferença, no entanto, é justamente o fato de que as proporcionalidades das ações são imensamente maiores, visto que os participantes do processo são inúmeros. Assim, a autora aborda quatro diferenças que são determinantes para a diferenciação destes “lugares públicos” dos demais espaços concretos com a “mesma função” (sociabilidade) que são:

- (1) Replicabilidade – a informação é facilmente replicada, copiada e passada adiante. Logo, a capacidade de difusão de informação é enorme;
- (2) Persistência – a capacidade de permanência das informações publicadas nos SRS (nos espaços públicos mediados), ou seja, possibilitar a sua perenidade na internet;
- (3) Buscabilidade – as pessoas e as informações são facilmente “acháveis”;
- (4) Audiências Invisíveis – o público que acompanha a nossa vida virtual não é claro. Com isso, não sabemos exatamente quem está nos “seguindo”, nos “escutando”, prestando atenção no que escrevemos/falamos (como ocorre nos ambientes não mediados). Por isso, temos uma audiência invisível e que nem sempre faz parte do grupo de amigos (ainda mais com a opção de “marcar” amigos em postagens no Facebook, por exemplo).

Isso faz com que seja um verdadeiro desafio compreender o contexto no qual as postagens são apresentadas (BOYD, 2007). Ambientes físicos nos dão pistas importantes sobre o que é apropriado e não – por meio da socialização. Imaginemos um ambiente onde, ao mesmo tempo, existem amigos comemorando o aniversário da avó, outra amiga toma banho de sol na praia, outro amigo que está em um evento importantíssimo e um outro amigo que chora pela morte do cão. Tudo isso acontecendo ao mesmo tempo e no mesmo local. É como ocorre nos SRS. Por isso, é necessário pensar que não há contexto claro ou predeterminado nos SRS, dificultando, assim, a interpretação do texto e o modo como ele significa. Com isso, percebe-se que condições de produção específicas heterogêneas são aceitáveis, unicamente, nos SRS. Em nenhum outro lugar (shopping, ou na praia, por exemplo) poderíamos acompanhar e aceitar tantas situações com pessoas diferentes falando ao mesmo tempo em um mesmo local.

Recuero (2009) ainda evidencia uma série de fatores que contribuíram para constituir este universo de interações no formato que conhecemos hoje. O primeiro deles, assim como Boyd (2007), é a presença das audiências invisíveis, ou seja, ainda que tenhamos a consciência de que o que publicamos na rede é visível para os sujeitos que integram o nosso círculo social na internet, não temos a noção de quem e quantos realmente estão lendo ou compartilhando a informação publicada. Outro fator é a possibilidade de anonimato em detrimento da identificação. Significa que, ao invés de o sujeito se apresentar no universo virtual tal qual é reconhecido no mundo concreto, ele tem a opção de camuflar esta identidade ou mesmo criar uma nova identidade ou permanecer um anônimo (ainda que participante do processo interacional). O distanciamento físico contribui para o sucesso deste processo (RECUERO, 2009, p. 120).

Outro fator transformador na conversação nas redes sociais online é a priorização do texto verbal escrito. Ainda que seja possível utilizar diversas ferramentas oferecidas pelo site (como chamadas de vídeo, por exemplo), a linguagem predominante é a textual verbal escrita. Isso implicou no desenvolvimento de formas de apropriação dos signos da linguagem não-verbal com a finalidade de facilitar a comunicação (como exemplo, temos os *emoticons*)⁴.

³ Sites de redes sociais são ferramentas que possibilitam a visualização das redes sociais no universo virtual. Eles são constituídos por um perfil “público” ou página pessoal do usuário; permitem interações entre os seus interagentes e admitem a exposição da rede social dos seus usuários para os demais integrantes do site (BOYD; ELLISON, 2007).

⁴ Como “:)” (indicando um rosto feliz), “-_-” (indicando um olhar bravo ou decepcionado), “<3” (indicando um coração ou “apaixonado”), etc.

É importante perceber que o discurso nos SRS é construído mirando o desenvolvimento de valores sociais que passam a ser potencializados no ambiente virtual, como (1) a popularidade (capacidade do sujeito de ser reconhecido, ser “famoso”); (2) a visibilidade (capacidade das postagens do sujeito atingirem um grande número de indivíduos); (3) a reputação (a consideração que o outro tem diante de seu grupo social); e (4) a autoridade (o domínio ou competência que o sujeito adquire no seu grupo de pertença) (RECUERO, 2012). Logo, as interações que se dão através da conversação nos SRS buscam adquirir capital social⁵ por meio de recursos que corroborem com a criação e manutenção destes valores. As pessoas buscam o reconhecimento positivo por meio de uma boa reputação (que pode e é facilitada pela sua elaboração cuidadosa na internet). Ao mesmo tempo, querem ser conhecidas pelos seus discursos, ter autoridade em suas opiniões e, com isso, alcançar visibilidade.

Ainda que “facilitadores” do processo de comunicação, os SRS possibilitaram a visualização de uma violência simbólica não tão perceptível antes (que é e está presente no mundo concreto) e que hoje é visualizada com facilidade através do discurso na Rede. Isso significa que justamente pelas condições propiciadas por estes ambientes (como a possibilidade do anonimato, a ausência física do sujeito para as interações virtuais ou mesmo a falta de leis claras referentes a comportamentos na rede online) algumas pessoas se sentem livres para demonstrar diferentes formas de agressividade por meio do seu discurso de ódio. Essas formas, entretanto, nem sempre são vistas no mundo concreto, o que dá a impressão de que o universo virtual trouxe ou desenvolveu “mais violência”, quando nos parece que ele apenas potencializou e possibilitou a visualização deste ódio já presente (e/ou escondido) na sociedade, justamente por meio dos elementos característicos dos ambientes online já descritos anteriormente.

Segundo Žižek (2014), essa violência simbólica é percebida justamente por meio da linguagem e da gramática. Porém, ela não é facilmente entendida em sua essência justamente por não ser “física” (logo, alguns pensariam: “não houve violência, pois ninguém saiu ferido”). Assim, ela encontra formas de representação através dos discursos construídos pelos sujeitos. Normalmente, a violência simbólica é oriunda de interesses de classes dominantes que legitimam e impõem discursos para moldar comportamentos sociais (BOURDIEU, 1989). Com a internet, este discurso construído para disseminar a violência simbólica encontra novos territórios. É o caso dos *haters* nos SRS.

O termo *hater* (da palavra “ódio” em inglês) tem a sua origem da expressão popular da internet “*haters gonna hate*”. O sujeito que se enquadra neste grupo é conhecido popularmente como “o odiador”, “aquele que odeia”. Entretanto, mais do que isso, para ser um *hater* é preciso não apenas odiar algo ou alguém, mas também desenvolver ações violentas que se concretizam em ataques supostamente gratuitos a certas pessoas (que, na maior parte dos casos, não parecem ter feito mal nenhum ao odiador).

Eles não devem ser confundidos com os *trolls*, que se caracterizam por serem sujeitos que buscam desestabilizar discussões geradas em grupos sociais com a única finalidade de irritar seus participantes, de criar conflitos entre eles e, possivelmente, a ruptura de suas redes sociais. Para isso, os *trolls* tentam fazer com que o foco da discussão iniciada pelo grupo seja desviado e acabe trazendo agressões (sejam elas verbais ou físicas) entre os seus participantes. Isso significa que buscam anarquizar as redes (AMARAL; QUADROS, 2006). Entretanto, nem sempre os *trolls* visam disseminar o ódio e, sim, “sacanear” as pessoas (eles se utilizam, inclusive, do humor) (ZAGO, 2012, p. 50). É justamente neste quesito que os *haters* vão se diferenciar dos *trolls*. O *hater* sempre buscará construir um discurso de violência e agressividade capaz de atingir de forma destrutiva um sujeito ou um determinado grupo.

Como exemplo de *haters* nos SRS e objeto de análise do presente artigo, apresenta-se o episódio de racismo à atriz Tais Araújo ocorrido no SRS Facebook. No caso, Tais havia postado uma fotografia no final de outubro de 2015 em seu perfil no Facebook e, um tempo depois da postagem, iniciaram-se sucessivos comentários racistas de *haters* com o possível intuito de ofender a atriz. Os comentários não apresentavam justificativas e nem argumentos com a intenção de dialogar com a atriz ou demais integrantes da rede. Eles tinham o único objetivo de distribuir o ódio. Por isso, constroem um discurso de ódio que caracteriza os *haters*.

⁵ Partimos da definição de Recuero (2009) de que o capital social é o conjunto de recursos partilhados por um grupo social que pode ser usufruído pelo sujeito tanto coletivamente, quando individualmente. Ou seja, são valores sociais.



Figura 1: Recorte da análise – alguns dos comentários provenientes do ataque dos *haters* como reação à foto postada pela atriz Taís Araújo.

Fonte: Superrádio Ipiranga (ATRIZ..., 2015)

Através deste *corpus*, a proposta do artigo é identificar e compreender as marcas do excesso existentes no discurso de ódio dos *haters* através de uma análise dos discursos produzidos por estes odiadores.

4 MARCAS DO DISCURSO DE ÓDIO E SEUS EXCESSOS

Por vezes, o ódio percebido no discurso dos *haters* parece funcionar como uma forma de investimento capaz de silenciar o “sujeito alvo” pelas atuações excessivas e coletivas dos odiadores, impedindo o Outro na conquista do suposto “poder” ou “sucesso” e, conseqüentemente, com a capacidade de, até mesmo, transformá-lo no tirano da história. É o “*Che vuoi*” (“o que eles querem?”) tratado por Žižek (1990) que nunca é/está claro, provocando a fantasia como resultado para preencher o vazio da dúvida, da incerteza, capaz de confortar os odiadores e justificar o seu discurso excessivamente violento. Ou seja, ainda que a Rede não concorde com a posição deste grupo marginal, os *haters* trazem o discurso de ódio como forma de contextualizar o seu ódio, oferecendo as coordenadas para o desejo de aniquilação do outro. Há, então, a construção de uma fantasia que justifica a impossibilidade da sociedade, por exemplo, realizar a sua identidade plena justamente pela presença dos negros(as), que são a existência positiva do problema social para os odiadores. Com isso, marcas de excesso caracterizam o seu discurso de ódio, apontando para um suporte do efeito ideológico repleto de redundâncias, capaz de constituir uma rede ideológica de significantes que prende os odiadores ao sentido que acham que pensam/buscam passar em suas falas.

No discurso dos *haters* do caso analisado, é possível verificar elementos que caracterizam esses excessos, conforme proposto por Ernst (2009). A partir disso, elenca-se três marcas apresentadas no discurso que implicam nesse conceito operacional e, ainda, identificam o discurso desses odiadores. O primeiro deles é a **repetição de palavras pejorativas**.

Constantemente, no discurso dos *haters*, há o uso de palavras que estão associadas a xingamentos e, por mais que não tenham a mesma grafia, remetem ao mesmo sentido de desprezo ou indicam o possível desejo de causar humilhação do outro. O fato de a atriz ser negra é repugnado e exaltado negativamente no discurso dos odiadores. Palavras como “senzala” (fazendo associação com os escravos) ou mesmo a traficantes (quando atribuem o pó utilizado na maquiagem no rosto da atriz a drogas), indicam ofensas racistas associadas a grupos considerados inferiores intelectualmente por este grupo marginal.

Palavras com referências a animais como “gorila” ou mesmo a associação a eles (como “zoológico”) também são usadas como forma de atingir negativamente a atriz, pois são feitas comparações (cerca de dois comentários do total de 10 analisados) que apontam para seres irracionais.

As características físicas da atriz são ressaltadas com desprezo quando são associadas a produtos de limpeza da casa (especialmente quando os *haters* se referem ao cabelo da atriz). “Bombril”, “esponjaço” e “esfregão” são alguns deles, assim como pelos pubianos, apontando, novamente, à ideia de inferioridade (em especial associada ao homem/mulher branca), só que, neste caso, arregimentada à repulsa, ao nojo, como se não houvesse beleza no(a) negro(a) e, indiretamente, exaltando a superioridade do sujeito caucasiano.

Ainda que as ofensas utilizem palavras diferentes (ou contextos diferentes), o insulto é sempre centrado no racismo, na abominação aos(as) negros(as). Esse excesso não é um mero acaso. Ele permite uma memorização, uma repetição de ideais que visam uma assimilação (ou mesmo um choque social por meio dela). Por isso, há o discurso demasiado da exaltação do preconceito com a atriz (e que é dirigido, de forma totalitária a todos(as) os(as) negros(as)). Este posicionamento dos *haters* pode ser associado justamente a questões históricas preconceituosas, como a própria conduta do passado que traz o(a) negro(a) como sendo alguém inferior intelectualmente por suas características físicas. De certo modo, esse contexto enfatiza e “justifica” para os *haters* o processo constitutivo de seus discursos na Rede. Inclusive, ao ponto de negar suas próprias origens (como seres descendentes de negros(as)).

A segunda marca do discurso de ódio destes sujeitos está associada à primeira. É a **repetição de ideologias** (ou reprodução de discursos). Como visto, as frases proferidas pelos *haters* carregam a recorrência de discursos racistas, com a tentativa de estabelecer prováveis saberes provenientes de uma determinada formação discursiva (no caso, derivada do ódio dos *haters*). Assim, as palavras e seus sentidos são proferidas pelo *hater* que acredita reproduzir este discurso de ódio. É possível perceber, por exemplo, que há a “proposta” de um universalismo no discurso dos *haters* que é percebida nessa repetição de cunho racista. Esse universalismo é diretamente associado à reprodução de discurso de forma não consciente por meio de palavras, expressões, proposições. Quando alguém diz que a atriz é inferior por uma série de “motivos” associados unicamente às suas características físicas, ainda que pareçam ser xingamentos associados unicamente a ela em um primeiro momento, este alguém está impondo uma ideia de que todos os(as) outros(as) negros(as) são da mesma forma (visto que possuem as mesmas características físicas). Porém, isso não significa que a subjetividade dos sujeitos possa ser pensada sempre em coletivos totais (ainda que, neste caso, o objetivo seja esse, afinal, os *haters* partem de um ataque a uma pessoa, desqualificando-a por motivos “universais”, como o fato de ser negro(a). Logo, o universalismo nunca é pleno e, sim, uma proposta ideológica, conforme apontado por Žižek (1996). A repetição desta ideologia se dá no contexto de todas as sequências discursivas analisadas, afinal, todas elas remetem ao racismo.

Provavelmente, a escolha do ataque centrada em Taís Araújo se dê pelo fato de ela ser famosa, ou seja, justamente por ela ter um reconhecimento social e ter uma legião de fãs que acompanham o seu Facebook (logo, a “plateia” dos ataques dos *haters* é muito maior do que se o ataque fosse a outro(a) negro(a) sem a mesma visibilidade que a atriz).

Em certos momentos, o discurso de ódio aponta a não aceitação da atriz negra ao status que ocupa na emissora de TV, denunciando que o correto (ainda que de forma indireta) seria a “aniquilação” da atriz de sua posição na Rede Globo (tratado por Glucksmann em 2007 e por Liiceanu em 2014). Este sentido pode ser pensado no comentário “SALVE REDE GLOBO” que pode indicar (sem desconsiderar a possibilidade de outras leituras) justamente na necessidade de a emissora precisar ser “salva”, ou seja, há a percepção de um excesso perturbador no fato de uma atriz negra fazer parte do seu quadro de artistas, o que pode estar associado, ainda, a certa “desqualificação intelectual” julgada pelos odiadores. Assim, é por meio destes “acréscimos” recheados de

ódio que o sujeito (locutor) busca reproduzir discursos violentos, estabilizando determinados efeitos de sentido quando realiza essas repetições.

A terceira marca é um produto das duas anteriores. É a **repetição de demonstrações de autoridade** observadas no discurso dos *haters*. Como visto, há a demasia nos xingamentos que indicam buscar uma afirmação do pensamento do *hater*. Ou seja, apenas um comentário ofensivo não parece ser significativo no objetivo de “aniquilação” do outro. Por isso, o ataque é e está em excesso⁶, pois a quantidade aponta semelhança de opinião, partilha de um mesmo pensamento, o que dá força ao discurso de ódio (ainda que se saiba que foram “combinados” pelo grupo)⁷. Por meio da reprodução de saberes vinculados à mesma formação discursiva de cada *hater* no ataque, há a construção de uma autoridade do discurso. Com isso, a repetição reforça o pensamento e o legitima (assim como o número de pessoas diferentes que reforçam esse significado em suas postagens).

Do mesmo modo, o “curtir” o comentário do *hater*, implica em uma afirmação, em uma concordância com o pensamento depreciativo com relação à atriz, fornecendo, novamente, autoridade ao discurso pela sua demasia⁸.

Percebe-se que as curtidas variam entre 52 e 178. Por mais que o discurso pareça “reduzido” a cento e poucos curtidores dos comentários racistas, é possível pensar que o discurso de violência atinge um número muito maior de pessoas, pois chegou até diferentes jornais que ajudaram também a compartilhar a ideia do ódio difundida pelos *haters*, ainda que a mídia condenasse o feito⁹. Significa que há um número incontável de sujeitos que são a audiência invisível que absorve (com repulsa ou não) esse discurso do excesso do ódio ao próximo, caindo na importância de se levar a discussão ao patamar de veículos jornalísticos. Esse processo oferece uma repetição da força, ainda que negativa, pois dá legitimidade ao fato, à violência, o que gera autoridade no sentido do ódio aos *haters*.

O discurso de ódio desses sujeitos ainda parece ter o objetivo de ser replicado, difundindo a mensagem de violência com uma força não vista no mundo ausente da conexão com a internet. O intuito é chocar (ainda que necessária a humilhação e a repetição do excesso). Além disso, o conteúdo é facilmente achado (buscabilidade), ou seja, os xingamentos e os pensamentos destes odiadores são compartilhados (ainda que de forma crítica e com indignação pelos demais usuários da Rede), são “fotografados” (*printscreen*) e ficam na internet armazenados, caracterizando, ainda, a persistência de sua ideologia do ódio. Os *haters* parecem ter conhecimento destas capacidades oriundas da conexão em rede, e, conseqüentemente, usufruem com destreza destas características. Quando isso acontece, o objetivo desses odiadores é atingido.

Esses movimentos discursivos ou marcas de excesso caminham juntos, um está associado ao outro, sendo impossível estabelecer os limites de um ou de outro. Essas marcas são formas didáticas de tornar perceptível o excesso no discurso.

É importante ressaltar, ainda, que o ódio dos *haters* é descarregado por meio do discurso nos SRS e é possível pensar essa agressividade como uma possível manifestação de uma “dor não pensada” (como apontado anteriormente por Pickering, 2010). Isso significa que, mesmo que aparentemente sem causa (como é o pensado pela sociedade em relação a esse grupo marginal), a conduta agressiva em excesso desses sujeitos (quando extrapola os limites impostos pela sociedade) também aponta para um conjunto de elementos que irão promover ou desenvolver a sua existência historicamente. Ou seja, o ódio nunca será totalmente gratuito como se imagina no caso dos *haters*. Significa pensarmos o ódio como sendo um resultado de condições que são propostas na sua concepção (seja individual ou coletiva) e que dependerão da trajetória do sujeito, assim como de um contexto histórico e cultural. Logo, o ódio não surge ao acaso, ainda que não tenha um comprovante admissível para a sociedade. Denota

⁶ No caso analisado, foram selecionados apenas 10 comentários. Entretanto, na postagem original, o número foi bem maior.

⁷ É possível observar que os comentários aconteceram no mesmo período de tempo, o que poderia caracterizar uma ação organizada destes *haters*. A informação confirma esta suposição.

⁸ Ainda que se saiba que a ação “curtir” do Facebook possa ter inúmeros sentidos (como “li seu comentário”, “concordo com você”, “entendi o que você quis dizer”, etc.), o fato reside no valor de atribuição de certa autoridade ao discurso descrito no post, visto que ninguém irá curtir algo de que não gostou, supostamente.

⁹ O caso do ataque racista dos *haters* à atriz atingiu grandes veículos de comunicação, transformando-se em notícia, como o portal de notícias G1 (OPERAÇÃO..., 2016), a Veja.com (CINCO..., 2016b), a Folha de São Paulo (CINCO..., 2016a) e a Zero Hora (TRÊS..., 2016), incluindo a TV, como o programa Fantástico (ATRIZ..., 2016) da Rede Globo.

pensarmos que a história do sujeito atuará na sua formação enquanto “odiador”, pois favorecerá razões individuais ou coletivas para o desenvolvimento desse sentimento (ainda que não o justifique). A injustiça gera o ódio (ALMEIDA apud ALMEIDA, 2010, p. 21), por exemplo, assim como a situação para o seu acontecimento.

[...] É possível, indubitavelmente, criar condições que desumanizam o homem – tais como os campos de concentração, a tortura, a fome – porém, isto não significa que se tornem semelhantes aos animais; e nestas condições, não é o ódio ou a violência, mas a sua ausência conspícua que constitui o mais claro sinal de desumanização. O ódio não é de forma alguma uma reação automática à miséria e ao sofrimento como tais; ninguém reage com o sentimento de ódio a uma doença incurável ou a um terremoto ou a condições sociais que parecem imutáveis. Somente onde houver razão para suspeitar que as condições poderiam ser mudadas e não o são é que surgirá o ódio. Somente onde o nosso senso de justiça for ofendido é que reagiremos com ódio, e essa reação não refletirá de maneira alguma um dano pessoal, conforme demonstra toda a história da revolução, onde invariavelmente os membros das classes altas deflagravam e em seguida lideravam as rebeliões dos oprimidos e tiranizados (ARENDR, 1970, p. 39).

Portanto, a origem do ódio do *hater* também será formada por um conjunto de elementos que criará situações próprias e individuais para a sua formação. O ódio não surgiria completamente de forma aleatória (ou, “do nada”), mas teria inúmeras razões para o seu acontecimento, ainda que estas razões não sejam saudáveis ou mesmo aceitas pela maioria das pessoas. Assim, o espaço social pode ser pensado como um espaço de produção de realidade, o que significa que toda forma de ódio tem sua formação na própria sociedade, no contexto histórico vivenciado por quem odeia ao longo de sua existência. A diferença é que, no caso dos *haters*, esse ódio parece “organizado” por meio de ataques previamente pensados a determinados grupos/pessoas com o objetivo de difundir, replicar e promover a violência de seu discurso racista.

Assim, como tratado anteriormente, o ódio desses sujeitos pode ser pensado como resultado justamente de frustrações e insatisfações (sexuais ou de autopreservação, por exemplo) que, ainda que inconscientes, são descarregadas em seus discursos violentos, propiciando possíveis respostas a si de satisfação ou gozo pela humilhação do outro. Portanto, a repulsa ao objeto ou ao Outro (que, no caso, são os negros, representados por Taís Araújo) é visualizada pelo ódio intensificado ao ponto de ser agressivo, destrutivo em seu discurso de excessos na rede.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo teve a finalidade de entender como o excesso – a partir do conceito desenvolvido por Aracy Ernst (2009) – atua na construção de marcas existentes no discurso de ódio de grupos sociais como os *haters*. Baseado na conjuntura histórica dos sites de redes sociais e da própria constituição do sujeito odiador, o trabalho tratou do que foi dito em demasia – no caso, os xingamentos, a humilhação por meio de palavras utilizadas pelos *haters* à atriz Taís Araújo em um recorte de uma postagem sua no Facebook.

Percebeu-se que o que foi dito em demasia funciona como uma via possível de identificação de elementos capazes de formar um *corpus* para a análise deste discurso de ódio baseada no conceito de excesso. Com isso, há uma tendência no discurso violento dos *haters* que solicita a interpretação (ou indica o caminho para que ela seja feita). Logo, há o excesso que não apenas age na repetição de palavras pejorativas com o intuito de humilhar, mas, também, como legitimador de ideologias de ódio (racismo) e demonstrativos de autoridade desse grupo. Há, então, a intensificação e o desenvolvimento da recirculação da ideologia de ódio (que choca justamente por ser contra as tradicionais normas sociais de comportamento).

Ainda que seja óbvia a humilhação do outro nas postagens feitas pelos odiadores, o sentido e a força do discurso ultrapassam a mera ofensa. Ele busca a afirmação de uma ideologia que é contextualizada por um sujeito histórico, que age sob efeito do inconsciente (ainda que acredite ser consciente, dono do que diz), construindo uma “realidade” de violência que é justificada pelos seus propósitos para a destruição do outro.

Por meio desse discurso de violência baseado no excesso, o *hater* também busca valores preconizados nos ambientes dos SRS, como a visibilidade, a popularidade (entre integrantes das redes e a própria mídia), a autoridade e a reputação (ainda que apenas dentro do grupo de pertença do *hater*), afinal, eles reconhecem os comentários e os apoiam por meio das “curtidas” ou mesmo “respostas” que funcionam como reforço aos seus ideais.

Entretanto, é fundamental perceber que o uso do excesso traz efeitos silenciosos. Significa que onde há o dito em demasia pode haver a falta daquilo que não é dito. Assim, é possível pensar que esse excesso no discurso do *hater* pode ter o objetivo de, além de legitimar certas ideologias, também ocultar outros elementos que poderiam fazer parte do discurso (como outras características da atriz, o seu sucesso na profissão, sua capacidade, sua inteligência, sua beleza física, etc., ou mesmo outros acontecimentos paralelos, como os próprios defeitos físicos do *hater*). Logo, o excesso age como forma de “completar” um discurso incompleto, justamente com a possibilidade de eliminar qualquer outro sentido que poderia surgir ao outro que lê e interpreta o discurso. Seria, então, a presença da falta (ERNST, 2009) que é impedida pelo excesso com o objetivo de um deslocamento estratégico promovido pelo *hater*.

Do mesmo modo, outros elementos como o estranhamento (ERNST, 2009) estão presentes no discurso de ódio dos *haters*, implicando na quebra de ordens esperadas – como a associação de seres humanos a animais irracionais – ou seja, marcando uma desordem no enunciado. Entretanto, para essas análises do discurso de ódio, apropriando-se desses outros conceitos-chave, é necessário o desenvolvimento de novas pesquisas.

Ainda que se reconheça a capacidade redutora da aplicação do conceito de excesso nesse trabalho, parte-se do mesmo ponto de Ernst (2009): de que é possível por meio do caráter didático, revelar processos de desautomatização da interpretação do discurso dos *haters*, recaindo não apenas no entendimento de como esse ódio é propositalmente difundido pelo excesso nos SRS, como, também, na construção e popularização destes sujeitos em todo universo virtual.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M. da G. B. *A violência na sociedade contemporânea*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010.

AMARAL, A.; QUADROS, C. I. Agruras do blog: O jornalismo cor-de-rosa no ciberespaço?. *Revista Contracampo*, n. 14, p. 111-128, 2006.

ARENDT, H. *Sobre la violencia*. Madrid: Alianza editorial, 1970.

ATRIZ Taís Araújo e jogador de futebol Michel Bastos são vítimas de racismo. *Globo G1*, abr. 2016. Disponível em: <<http://g1.globo.com/fantastico/videos/t/edicoes/v/atriz-tais-araujo-e-jogador-de-futebol-michel-bastos-sao-vitimas-de-racismo/4594698/>>. Acesso em: 21 nov. 2016.

ATRIZ Taís Araújo é alvo de racismo nas redes sociais. *Rádio Piratininga*, nov. 2015. Disponível em: <<http://radiopiratininga.com.br/atriz-tais-araujo-e-alvo-de-racismo-nas-redes-sociais/>>. Acesso em: 22 jun. 2016.

BOYD, D. Why youth (heart) social network sites: The role of networked publics in teenage social life. *MacArthur foundation series on digital learning–Youth, identity, and digital media volume*, p. 119-142, 2007.

BOYD, D.; ELLISON, N. Social network sites: definition, history, and scholarship. *IEEE Engineering Management Review*, v. 3, n. 38, p. 16-31, 2010.

BOURDIEU, P. *O poder simbólico*. Lisboa: Difel, 1989.

CINCO suspeitos são detidos por ofensas racistas contra Taís Araújo. *Folha de São Paulo*, mar. 2016a. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2016/03/1750488-policia-tenta-prender-autores-de-mensagens-racistas-contratais-araujo.shtml>>. Acesso em: 26 out. 2016.

CINCO suspeitos são detidos por ataque racista a Taís Araújo. mar. 2016b. Da Redação. *Veja*, mar. 2016. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/entretenimento/cinco-suspeitos-sao-detidos-por-ataque-racista-a-tais-araujo/>>. Acesso em: 26 de out. 2016.

DADOUN, R. A violência. *Ensaio acerca do homo violens*. Tradução de P. Ferreira, C. Carvalho. Rio de Janeiro: Difel, 1998.

ERNST, A. G. A falta, o excesso e o estranhamento na constituição/interpretação do *corpus* discursivo. In: SEMINÁRIO DE ESTUDOS EM ANÁLISE DO DISCURSO, 4., 2009, Porto Alegre, RS. *Anais...* Porto Alegre: UFRGS, 2009. Disponível em: <<http://anaisdosead.com.br/4SEAD/SIMPOSIOS/AracyErnstPereira.pdf>>. Acesso em: 11 jun. 2016.

ERNST, A. G.; MUTTI, R. M. V. O analista de discurso em formação: apontamentos à prática analítica. *Educação & Realidade*, v. 36, n. 3, p. 817-833, 2011.

FLANZER, Sandra Niskier. Sobre o ódio. *Interações*, v. 90, n. 22, p. 215-229, 2006. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/pdf/354/35402210.pdf>>. Acesso em: 21 jul. 2016.

FREUD, S. *O mal-estar na civilização*. Rio de Janeiro: Edição Standard, 1930.

GIBSON, W. *Neuromancer*. São Paulo: Aleph, 1983.

GLUCKSMANN, Andre. *O discurso de ódio*. Editora Difel, 2007.

LIICEANU, G. *Do ódio*. Campinas: Vide Editorial, 2014.

OPERAÇÃO prende suspeitos de racismo na internet contra Taís Araújo. *G1 Rio*, mar. 2016. Disponível em: <<http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2016/03/policia-faz-operacao-para-prender-suspeitos-de-ataque-racista-contratais-araujo.html>>. Acesso em 31 out. 2016.

PICKERING, Viviane. Prisão violência: uma análise do aprisionamento do sujeito contemporâneo. In: ALMEIDA, Maria da Graça Blaya. (Org.). *A violência na sociedade contemporânea*. EDIPUCRS, 2010. p.99-110.

RECUERO, R. *Redes sociais na Internet*. Porto Alegre: Sulina, 2009.

_____. *A conversação em rede: comunicação mediada pelo computador e redes sociais na internet*. Porto Alegre: Sulina, 2012.

SILVA JÚNIOR, J. N.; BESSET, V. L. Violência e sintoma: o que a psicanálise tem a dizer?. *Fractal: Revista de Psicologia*, v. 22, n. 2, p. 323-336, 2010.

TRÊS acusados de racismo contra Taís Araújo são soltos no Rio de Janeiro. *Zero Hora* [Geral], mar. 2016. Disponível em: <<http://zh.clicrbs.com.br/rs/noticias/noticia/2016/03/tres-acusados-de-racismo-contr-tais-araujo-sao-soltos-no-rio-de-janeiro-5154923.html>>. Acesso em: 22 out. 2016.

ZAGO, G. Trolls e jornalismo no Twitter. *Estudos em jornalismo e mídia*, volume 9, n. 1, p. 150-163, 2012. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/23832>>. Acesso em: 16 ago. 2015.

ŽIŽEK, Slavoj. *Eles não sabem o que fazem*. O sublime objeto da ideologia. Rio de Janeiro: Zahar Editor, 1990.

_____. (Ed.). O espectro da ideologia. In: _____. *Um mapa da ideologia*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996. p.7-38.

_____. *Arriscar o impossível: conversas com Zizek*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

_____. *Violência*. Barcelona: Empúries, 2014.

Recebido em 22/09/2016. Aceito em 20/12/2016.

O EXCESSO, A FALTA E O ESTRANHAMENTO NO DISCURSO DE AUTORREGULAMENTAÇÃO DO CONAR

EXCESO, FALTA Y EXTRAÑAMIENTO EN EL DISCURSO DE AUTORREGULACION DE
CONAR

EXCESS, LACK AND STRANGENESS IN THE SELF-REGULATION DISCOURSE BY CONAR

Renata Silveira da Silva*

Universidade Federal do Pampa (Campus Jaguarão)

RESUMO: O Conselho de Autorregulamentação Publicitária (CONAR) lançou, em 2014, campanha publicitária que gerou reclamações. Dentre as materialidades do descontentamento está uma carta endereçada ao CONAR, assinada pelo Instituto de Defesa do Consumidor (IDEC) e trinta organizações. A carta pedia a suspensão da campanha, na qual o CONAR teria atribuído a si um poder excessivo de avaliar a ética na publicidade brasileira e ridicularizado lutas de grupos sociais. A partir desse acontecimento, a presente pesquisa propõe, com o referencial da Análise de Discurso oriunda de Michel Pêcheux, uma reflexão sobre o funcionamento do discurso de autorregulamentação publicitária. O *corpus* discursivo é constituído por sequências das propagandas audiovisuais “Palhaço” e “Feijoada” e por fragmentos da referida carta. O trabalho usa, como viés teórico-metodológico, os conceitos de *memória saturada* e *lacunar* (COURTINE, 1999) e os interliga aos procedimentos analíticos elaborados por Ernst (2009), concernentes ao *excesso*, à *falta* e ao *estranhamento*.

PALAVRAS-CHAVE: Discurso. Autoregulamentação publicitária. CONAR.

RESUMEN: El consejo de autorregulación publicitaria (CONAR) lanzó, en el 2014, una campaña publicitaria que generó reclamaciones. Entre las materialidades de la disconformidad se encuentra una carta dirigida a CONAR firmada por el Instituto de Defensa al Consumidor (IDEC) y treinta organizaciones. Dicha carta solicitaba la suspensión de la campaña en la que CONAR se habría atribuido un poder excesivo de evaluar la ética en la publicidad brasileña y ridiculizando luchas de grupos sociales. A partir de ese hecho, la presente investigación propone, con el referencial teórico del Análisis del Discurso oriundo de Michael Pêcheux, una reflexión sobre el funcionamiento del discurso de autorregulación publicitaria. El corpus discursivo está constituído por

* Professora de Linguística da Universidade Federal do Pampa, campus Jaguarão. Doutora em Letras pela Universidade Católica de Pelotas. E-mail: resilv@gmail.com.

secuencias de las propagandas audiovisuales “Palhaço” y “Feijoada”, y por fragmentos de la mencionada carta. El trabajo utiliza como vertiente teórico-metodológica los conceptos de *memoria saturada* y *lacunar* (COURTINE, 1999) y los interconecta a los procedimientos analíticos elaborados por Ernst (2009) referentes al exceso, a *la falta* y *al extrañamiento*.

PALABRAS CLAVE: Discurso. Autorregulación publicitaria. CONAR.

ABSTRACT: The Advertising Self-Regulation Council (Conselho de Autorregulamentação Publicitária - CONAR) released, in 2014, an advertising campaign which drew criticism. Amid the materiality that expressed this discontentment there was a letter addressed to CONAR, which was signed by the Consumer Protection Institute (Instituto de Defesa do Consumidor - IDEC) and thirty more organizations. This letter requested the campaign discontinuation in which CONAR had allegedly assigned itself an excessive power in evaluating ethics in Brazilian advertisement. Moreover, according to the letter, CONAR had also mocked social groups' struggles. Based on this event, this research proposes, based on Michel Pêcheux's Discourse Analysis theories, a reflection on how the advertising self-regulation works. The discursive *corpus* is composed by scenes from two audiovisual advertisements called “Clown” and “Bean Stew”, and by excerpts of the aforementioned letter. This paper uses, as a theoretical and methodological approach, the concepts of *saturated and gap memory* (COURTINE, 1999) and connects them to the analytical procedures proposed by Ernst (2009), concerning *excess*, *lack* and *strangeness*.

KEYWORDS: Discourse. Advertising self-regulation. CONAR.

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho analisa, com o referencial da Análise de Discurso iniciada por Michel Pêcheux, recortes de um processo discursivo instaurado por propagandas audiovisuais (2014) divulgadoras das ações do Conselho Nacional de Autorregulamentação Publicitária (CONAR). Essa instância, cuja missão é julgar reclamações e denúncias de quem avalia negativamente a publicidade e defender a liberdade de expressão comercial, foi acusada de divulgar suas ações através de propagandas desrespeitosas com as queixas que recebe.

O material analítico desta pesquisa é constituído pelas peças publicitárias “Palhaço” e “Feijoada” e por fragmentos da carta assinada pelo Instituto de Defesa do Consumidor (IDEC) e mais trinta organizações. A carta, endereçada ao CONAR, pediu a suspensão da campanha publicitária e é compreendida, nesta reflexão, como uma das materialidades responsáveis por instaurar a equívocidade no discurso de autorregulamentação publicitária.

Como percurso teórico-metodológico, a pesquisa primeiramente apresenta o *corpus* discursivo e as condições de produção imediatas e sócio-históricas. Nesse âmbito, ocorre um resgate da história do surgimento do Conselho e a exposição de princípios da autorregulamentação publicitária no Brasil: a busca pela liberdade de expressão comercial; o ideário de tratamento ético e benevolente; e a tentativa de gestão do esquecimento dos ressentimentos. Após, retoma os conceitos de memória saturada e lacunar explicitados por Courtine (1999), estabelecendo relações com os procedimentos analíticos elaborados por Ernst (2009): *excesso*, *falta* e *estranhamento*. Por fim, ocorre a interpretação discursiva das materialidades escolhidas.

2 DESENVOLVIMENTO

A Análise de Discurso oriunda de Michel Pêcheux reflete sobre o funcionamento dos processos discursivos a partir de uma rede conceitual que entrelaça discurso-língua-ideologia. Esclarecendo o exposto: a língua é a base dos discursos, que, por sua vez, são a manifestação de posições ideológicas de uma determinada formação social.

Para dessuperficializar a materialidade linguística, ou seja, passar da língua (intradiscurso) para a região dos discursos (interdiscurso), é preciso observar, conforme Orlandi (1999), as condições de produção imediatas (onde, como, quem, quando) e

as condições de produção amplas (elementos sociais e históricos que incidem nas significações do discurso). A tarefa de apresentação do *corpus* e a contextualização imediata e ampla do objeto de estudo é feita abaixo.

Em 2014, o CONAR lançou campanha publicitária que ironizava queixas curiosas e pedia confiança no Conselho para diferenciar as infundadas das pertinentes. Na propaganda audiovisual “Palhaço”, a chegada do palhaço Peteleco é comemorada, com aplausos e gritos, por crianças presentes em uma festa infantil. O palhaço entra na festa abanando para as crianças e, antes de dizer algo, um homem se aproxima e enuncia várias acusações a Peteleco:

Homem: - Peteleco, né?

Homem: - Você não tem vergonha de fazer apologia à violência, não?

Homem: - Peteleco!

Homem: - E esse cabelo azul? Claramente um recurso visual pra atrair as crianças!

Homem: - Sem falar nessa flor que esguicha água! Isso é desperdício, hein! Cadê sua consciência ambiental, meu amigo?

Homem – Francamente.

Peteleco e as crianças permanecem em silêncio durante e após as queixas. O reclamante se retira e um balão estoura. Então, o palhaço olha para o local do barulho e atrás do balão aparece a mensagem “Confie no CONAR”. A seguir, a imagem de Peteleco ouvindo as reclamações:



Imagem 1: Propaganda “Palhaço”

Fonte: CONAR “PALHAÇO” (2014)

Na peça audiovisual “Feijoada”, um casal, à mesa de restaurante, reclama ao garçom as combinações de prato feitas:

Homem: - Falou, querido!

Homem: - Desculpa, mas eu não entendi por que você separou o arroz do feijão. Por acaso, você é a favor da segregação?

Garçom: - Como é que é?

Mulher: - E a couve, que é o único alimento feminino do prato. Tem o arroz, o feijão, o torresminho. Isso é machismo, sabia?

Garçom: - Que isso, minha senhora. Eu...

Mulher: - Sem falar no paio, né, que obviamente é de uma conotação sexual de muito mau gosto.

Abaixo, a imagem do casal chamando o garçom:



Imagem 2: Propaganda “Feijoada”
Fonte: CONAR “FEIJOADA” (2014)

As peças audiovisuais são finalizadas com o aparecimento da frase “Confie no CONAR”:



Imagem 3: Confie no CONAR em “Palhaço”
Fonte: CONAR “PALHAÇO” (2014)



Imagem 4: Confie no CONAR em “Feijoada”
Fonte: CONAR “FEIJOADA” (2014)

Nas duas peças publicitárias, após o aparecimento dos dizeres “Confie no CONAR”, é feita a narração da seguinte assertiva: “O CONAR é responsável por regular a publicidade no Brasil e todos os dias recebe dezenas de reclamações, muitas são justas, outras nem tanto. Confie em quem entende, confie no CONAR”.

Com o lançamento da campanha publicitária, o discurso regulador do CONAR foi, intensamente, permeado pelo equívoco, pois críticas foram publicadas em blogs, sites de notícias, colunas jornalísticas. Dentre as expressões de deriva, destaca-se carta encaminhada ao Conselho pelo Instituto de Defesa do Consumidor, o IDEC, em abril de 2014. Nessa carta, trinta organizações pediram que a campanha fosse julgada pelo próprio CONAR, que teria atribuído a si um poder excessivo de avaliar a ética na publicidade brasileira e ridicularizado demandas de certos grupos sociais. Os seguintes trechos da carta exemplificam as queixas:

A campanha do CONAR, partindo de exemplos esdrúxulos, avoca para si a competência de dizer o que é ou não antiético em termos de publicidade. De quebra, infantiliza a população ao pressupor que a sociedade em geral não tem condições de discernir sobre eventuais abusos nas peças publicitárias.

[...] a campanha dissemina informações incorretas à população e ridiculariza determinadas demandas de grupos sociais. Não é isso que se espera de um Conselho de Ética. Espera-se que, ao invés de se incomodar com demandas da sociedade, o Conselho atue de forma ativa e atenta às demandas dos cidadãos, com eficiência e respeito (CARTA IDEC, 2014).

A carta e várias reclamações resultaram no julgamento da propaganda pelo próprio CONAR, em julho de 2014. Às acusações foram produzidas duas defesas separadas: uma do Conselho e outra da agência responsável pela campanha publicitária, a AlmapBBDO. Ambos negaram as acusações e o relator do processo foi um representante da sociedade civil no Conselho de Ética sem ligação com o campo publicitário, que expôs surpresa com as reclamações, discordância com a carta do IDEC e sugeriu o arquivamento da representação, atitude aceita por unanimidade.

Feita a familiarização com as condições de produção imediatas, passemos à caracterização das condições de produção sociais e históricas. Para tanto, são feitas breves menções à história do surgimento do CONAR e aos princípios da autorregulamentação publicitária brasileira.

Conforme informações disponibilizadas no site do Conselho, no final da década de 1970, surgiu proposta de criação de lei que censuraria as propagandas, apenas veiculadas se tivessem autorização prévia de um departamento do governo de controle da publicidade. Entretanto, era preciso evitar o cerceamento à liberdade de expressão em um país que lutava pela democracia, solapada pela ditadura militar iniciada em 1964. Como alternativa à censura, surgiu a ideia da autorregulamentação, baseada no modelo inglês. Representantes de agências publicitárias, anunciantes e veículos de comunicação trabalharam na redação do Código Brasileiro de Autorregulamentação Publicitária, reconhecido pelo governo em 1977 e aprovado em 1978 no 3º Congresso Brasileiro de Propaganda. Logo após, em 1980, surgiu o CONAR: organização não-governamental responsável por difundir o código.

O CONAR resulta de um movimento organizado contra a intervenção estatal na Publicidade e a continuidade do cerceamento em um momento político de retorno gradual do regime democrático. Com abordagem sociológica, Rocha (2004, p. 15) comenta que o CONAR foi responsável por articular “o movimento pela livre iniciativa” e o discurso pela liberdade de expressão comercial. Sendo a Publicidade uma das principais porta-vozes do capital, “a operação básica consistia em equiparar a democracia ao capitalismo, em uma sociedade recém-saída do autoritarismo”.

Rocha também permite atentar a outra regularidade do discurso de auto-regulamentação: a Publicidade humanizada. Entre os anos 1980 e 1990, surge uma “nova retórica do grande capital”, expressão adotada pela socióloga para se referir ao “discurso da publicidade”. Em vez de “status” e “tecnologia”, característicos da publicidade no período anterior, as palavras de ordem são “qualidade de vida” e “responsabilidade social”. O capitalismo abranda suas consequências sob a roupagem da benevolência. Para legitimar o capital e adaptar-se ao novo consumidor, o discurso publicitário prefere igualdade, dignidade e felicidade à hierarquia e à concorrência, típicas do capital. Este, via Publicidade, muda sua retórica para conciliar busca pelo lucro e bem-estar, seja individual ou coletivo.

O ideário de Publicidade humanizada é perceptível no discurso do CONAR, quando elenca, em seu site, os preceitos éticos dos anúncios publicitários, que devem ser honestos, verdadeiros, obedecer às leis brasileiras, evitar ênfase às diferenças sociais, respeitar o princípio da leal concorrência e a atividade publicitária.

No CONAR, há uma tentativa de satisfação veloz do consumidor cidadão por ter oportunidade de expressar sua reclamação, sem ter de recorrer aos demorados processos judiciais. O fato de as pessoas prejudicadas pelas propagandas poderem ter suas reivindicações atendidas por mecanismos alternativos ao sistema judiciário só contribui com a imagem de bem-estar social, típica da nova retórica do capital.

Com o intuito de compreender os mecanismos que o CONAR usa para construir o imaginário de benevolência, é possível articular o discurso de autorregulamentação com a temática complexa dos ressentimentos e democracia, pois o Conselho, por meio de suas práticas e discursos, gere publicamente a formação de ressentimentos, ou melhor, atua na recusa e no esquecimento desse afeto.

O ressentimento, segundo a psicanalista Maria Rita Kehl (2011, p. 13), é uma mágoa que perdura, é um “excesso de memória”: “ressentir-se significa atribuir ao outro a responsabilidade pelo que nos faz sofrer. Um outro a quem delegamos, em um momento anterior, o poder de decidir por nós, de modo a poder culpá-lo do que venha a fracassar”. Esse afeto interessa não só à clínica, mas também à política porque é típico “[...] dos impasses gerados nas democracias liberais modernas, que acenam para os indivíduos com a promessa de uma igualdade social que não se cumpre, pelo menos nos termos em que foi simbolicamente antecipada.” (KEHL, 2011, p. 22).

À semelhança de Kehl, o historiador Pierre Ansart (2004) também pensa a intersecção ressentimentos e democracia. O estudioso afirma que os defensores da democracia indicam que essa formação política permite trocar a violência e os enfrentamentos repletos de ódios por tolerâncias, diálogos e contraponto de opiniões. Os indivíduos deixariam de ruminar suas mágoas e sairiam da posição de vítimas para a de sujeitos participantes do contexto político que vivenciam¹.

O CONAR, desde sua fundação, atrela o ideal democrático à Publicidade para manter a independência do setor em relação ao Estado e ao aparelho jurídico. Nesse âmbito, zela pelo princípio de igualdade de direito de expressão, pois dá voz a quem identifica dissabores nas estratégias publicitárias e oportuniza defesa dos acusados. Caso a denúncia seja procedente, pode recomendar a alteração ou a suspensão da propaganda. Sendo assim, o reclamante é interpelado a significar o Conselho como a organização que lhe permite sair da posição de vitimado para a de sujeito ativo nas dinâmicas publicitárias. Simultaneamente, a Publicidade, por intermédio do CONAR, é significada como um setor que autorreconhece seus equívocos, por isso, pode corrigir as estratégias mercantis opressoras. Constrói-se o imaginário que o CONAR, embora gerido por atores do campo privado, realiza um importante trabalho em prol da esfera pública. O imaginário de Publicidade democrática, interligado à negociação do confronto

¹ Em contraponto, Ansart alerta que não devemos nos enganar com a erradicação do ódio prometida pela democracia, pois Freud já alertara sobre a impossibilidade de desaparecimento da agressividade. O ódio, assim como o desejo, é estruturante para a subjetividade. Dada a utopia do término de hostilidades, ainda é preciso indagar, na visão de Ansart, se a democracia favorece ou desfavorece a formação dos ressentimentos.

do “sujeito-reclamante-vitimado” *versus* “sujeito-anunciante-opressor” são mecanismos de negação à formação de ressentimentos no discurso de autorregulamentação.

As considerações de Lipovetsky (2007, p. 158) subsidiam a articulação proposta. O sociólogo comenta que “prometendo o paraíso dos gozos do ter, a mercadoria não cessa, na realidade, de orquestrar as frustrações, carências e decepções da maioria”. Portanto, a Publicidade é uma face do capital que, sob o invólucro da responsabilidade, do respeito, tenta intervir nas formações subjetivas dos consumidores para que os desencantos do consumo não se sobreponham aos desejos de consumo. A partir desses preceitos, podemos considerar que o discurso de autorregulamentação oportuniza existência material à memória dos ressentimentos e, assim, tenta dissipá-los. A política do esquecimento é relevante porque o excesso de memória de hostilidades, a formação exacerbada de prejudicados da Publicidade poderia levar a intervenções estatais que minariam a permanência da autorregulamentação.

Pelas condições de produção expostas, percebe-se que a liberdade de expressão comercial, a roupagem de tratamento ético e a política de esquecimento dos ressentimentos são elementos que constituem os saberes da memória do CONAR. Convém explicitar que o interdiscurso, segundo Courtine (1999, p. 18), é “[...] a exterioridade do enunciável para o sujeito enunciativo na formação dos enunciados ‘preconstruídos’, de que sua enunciação apropria-se”. Mas não basta identificar alguns saberes que constituem a exterioridade a partir da qual o CONAR enuncia, é preciso ir além e observar a memória produzindo efeitos de consistência ou de inconsistência nos dizeres do Conselho. Tais ponderações sobre a exterioridade interferindo na linearidade provém das reflexões de Courtine (1999, p. 22), que, na tentativa de compreender o modo como o interdiscurso interfere na constituição dos enunciados, identifica dois funcionamentos: a) memória cheia, saturada, interligada ao interdiscurso como “preenchimento, produtor de um efeito de consistência no interior do formulável”; b) memória lacunar ou com falhas, atrelada ao interdiscurso como “oco, vazio, deslocamento, cuja intervenção ocasiona um efeito de inconsistência (ruptura, descontinuidade, divisão) na cadeia do reformulável”.

A partir do exposto, cabe indagar: como perceber na materialidade linguística, no intradiscurso, o discurso regulado por uma memória saturada ou por uma memória lacunar? Os conceitos de *falta*, *excesso* e *estranhamento*, propostos por Ernst (2009), nos oferecem um aporte a essa percepção.

A autora apresenta esses três elementos como princípios gerais que podem orientar o trabalho de descrição e interpretação, de vinculação do texto à sua exterioridade. Nas palavras da pesquisadora: são uma “tentativa de produzir alguns pontos de referência que possam sustentar uma análise cujo fundamento seja exatamente a relação entre elementos presentes e organizados textualmente e elementos da memória discursiva [...]” (ERNST, 2012, p. 97-8).

A *falta* pode ser identificada, por exemplo, na “[...] omissão de palavras, expressões e/ou orações”; daí resultam sentidos diferentes caso os elementos faltantes estivessem presentes (ERNST, 2012, p. 98). Também pode ser identificada pela “omissão de elementos interdiscursivos”, que são esperados em função da memória determinante do dizer, mas não estão no intradiscurso. Já o *excesso* é “uma estratégia discursiva que se caracteriza por aquilo que está demasiadamente presente no discurso”. É perceptível, no intradiscurso, dentre outras marcas linguísticas, pelas incisivas que tentam assegurar uma estabilidade semântica. No plano do interdiscurso, revela-se através da repetição de saberes. Sobre o *estranhamento*, Ernst (2012, p. 99) afirma “[...] que expõe o conflito entre posições e consiste na apresentação de elementos intradiscursivos – palavras, expressões e/ou orações – e interdiscursivos, da ordem do ex-cêntrico, isto é, daquilo que se situa “fora” do que está sendo dito, mas que incide na cadeia significante, marcando uma “desordem” no enunciado”.

Nas análises das propagandas, serão utilizados o *excesso* e o *estranhamento* como estratégias discursivas propícias à compreensão do modo como a exterioridade interfere nos dizeres do CONAR. A *falta* será analisada com o mesmo intuito, mas mobilizada na

observação de recortes da carta-denúncia produzida contra as peças publicitárias. Abaixo, segue o exercício analítico à luz do arcabouço até então constituído.

Nas propagandas, temos o *estranhamento* manifestando o confronto de dois posicionamentos: o palhaço e o garçom representam as agências produtoras de propagandas; o homem, na festa infantil, e os clientes, no restaurante, representam os grupos que percebem incongruências nas peças publicitárias. Mediando essa relação está o CONAR, presentificado pelo aparecimento da frase “Confie no CONAR”, seguida da narração, com voz grave masculina, finalizadora das propagandas. O palhaço, ao ouvir as reclamações, permanece em silêncio e fica visivelmente entristecido; o garçom se surpreende e tenta dar explicações, mas sua voz é interdita pelas contínuas críticas do casal. As ausências de voz, expressões faciais de tristeza e de hesitação são indícios de uma perplexidade do garçom e do palhaço por conta do exagero das reclamações. Estas foram excessivas porque os reclamantes interpretaram ações corriqueiras, usuais como responsáveis por difundir problemas sociais: violência, descaso ambiental, estereótipos de gênero, segregação, por exemplo. As queixas, em demasia, silenciaram quem oferecia um serviço (servir um almoço/animar uma festa), impossibilitando a liberdade de expressão comercial.

Tal como propõe Ernst, o *estranhamento* aclara o embate de posições e se manifesta por alguma “desordem” na linearidade. Nas propagandas em estudo, a inadequação e a imprevisibilidade não parecem estar apenas em elementos linguísticos, mas também nas hesitações e silêncios produzidos por personagens que, em uma situação comercial, teriam de falar para oferecer seus serviços. O silêncio expõe o distanciamento da posição defensora da liberdade de expressão comercial (anunciantes) face às reclamações exageradas da posição defensora da expressão comercial respeitosa (denunciantes). Ainda sobre o silêncio, vale dizer que funciona como uma recusa, por parte do CONAR, de saberes oriundos de regiões do interdiscurso e que não poderiam ganhar existência material em determinadas circunstâncias enunciativas: venda de entretenimento em festa infantil e venda de pratos de cardápio em um restaurante. Tais saberes – provenientes de variados discursos, inclusive representativos de lutas sociais, são elementos pré-construídos, evidentes, mas considerados, pelo Conselho, “‘fora’ do que está sendo dito” (ERNST, 2012, p. 99), ou seja, descabidos, inadequados no discurso dos reclamantes.

Vale lembrar que o tratamento respeitoso às reclamações de diferentes grupos sociais - consumidores, agências publicitárias, autoridades, integrantes do Conselho - é um dos princípios a partir dos quais o CONAR enuncia. Entretanto, a referida organização, por intermédio da propaganda, ressignifica esse saber da memória, tal como expõe a narração que encerra as propagandas: “[O CONAR] todos os dias recebe dezenas de reclamações, muitas são justas, outras nem tanto”. A propaganda revela o CONAR como uma organização que, em um gesto respeitoso, dá voz a todos os tipos de denunciante, mas deles diverge quando as queixas tolhem a liberdade de expressão comercial.

As reações dos personagens garçom e palhaço funcionam como uma estratégia de interpelação ideológica à percepção do insólito, do absurdo, da incongruência, do exagero das reclamações encaminhadas ao Conselho. Simultaneamente, o posicionamento face ao discurso censor do outro legítima, dá força ao princípio da liberdade de expressão comercial, logo, também funciona como uma estratégia à percepção da unidade, da pertinência, da homogeneidade do discurso do Conselho. O silêncio (*estranhamento*) contribui com o efeito de consistência do discurso de autorregulamentação, parecendo determinado por uma memória saturada, cheia.

Além do silêncio e das hesitações, há elementos intradiscursivos, que conferem ao discurso de autorregulamentação uma aparência de homogeneidade e parecem também determinados por uma exterioridade repleta de saberes estabelecidos (memória saturada). Na análise da assertiva que finaliza as peças publicitárias, “O CONAR é responsável por regular a publicidade no Brasil e todos os dias recebe dezenas de reclamações, muitas são justas, outras nem tanto. Confie em quem entende, confie no CONAR”, é possível perceber que a expressão “O CONAR é responsável por regular a Publicidade no Brasil” caracteriza-se enunciativamente pela ausência de referência ao enunciador, pois a terceira pessoa está no lugar da primeira. Além disso, a escolha verbal traz o

sentido de atemporalidade; o pré-construído de que o CONAR regula a Publicidade retorna através de uma linearidade que independe da situação comunicativa. Dessa forma, constrói-se o seguinte efeito de sentido: é sempre verdade que o CONAR regula nossa Publicidade.

O distanciamento enunciativo na relação do CONAR com o interlocutor, materializado pelas escolhas de pessoa e de tempo, é um elemento intradiscursivo que faz retornar da memória saturada o sentido de autonomia, que, por sua vez, tem uma relação parafrástica com o sentido de autorregulamentação.

Nas duas propagandas, enquanto o narrador diz “O CONAR é responsável por regular a publicidade no Brasil e todos os dias recebe dezenas de reclamações, muitas são justas, outras nem tanto”, aparece o enunciado “Confie no CONAR”, pendurado em uma árvore, em “Palhaço”, escrito com giz em um quadro-negro, em “Feijoadá”. Ao final da narração de “nem tanto”, a imagem fica turva, o enunciado “Confie no CONAR” desaparece e o narrador profere a sequência “Confie em quem entende. Confie no CONAR”.

O enunciado “Confie no CONAR”, dantes escrito, após falado, aparece duas vezes formando uma sequência parafrástica. O verbo confiar, três vezes reforçado, remete a dois funcionamentos. Por um lado, podemos associar ao estranhamento, pois é curioso o CONAR pedir reiteradamente confiança, tendo em vista sua legitimidade, construída historicamente. Há aí um elemento imprevisível, uma “desordem”, pois o Conselho, criado para realizar a função de tribunal alternativo, não teria razões para pedir confiança, algo evidente, já posto, basilar para sua fundação e continuidade. Ernst, sobre o estranhamento, afirma que nessa estratégia discursiva pode ocorrer o efeito de pré-construído, isto é, algo já pensado, independente, mas que retorna no enunciado, causando ou não uma ruptura. No corpus em estudo, um pré-construído do discurso de autorregulamentação aparece na linearidade, mas não provoca uma quebra na estrutura do dizer. O inusitado é ser posto em circulação, tão enfaticamente. Fazer retornar da memória o saber da confiança indicia o embate com discursos contestatórios ao CONAR e que não partem do mesmo pré-construído. A linearidade em foco, quando associada ao estranhamento, revela o discurso do CONAR determinado por uma memória lacunar, que deixa falhas e não espraia saberes conforme desejado. Por outro lado, a reiteração no pedido de confiança pode ser pensada como uma estratégia discursiva da ordem do *excesso*. O pedido repetido de confiança em “quem entende” destaca, reforça, enfatiza o Conselho como uma organização sábia e capacitada a julgar se as reclamações são pertinentes e infundadas. O CONAR, por também ser denunciante e “falar em nome de” muitos atores do espaço publicitário, tem legitimidade para identificar a publicidade enganosa ou abusiva e, por isso, é possível a seguinte leitura: “deixem vocês que o CONAR não só julgue reclamações, mas também encaminhe reclamações. Façam mais silêncio!” Há, sob outras formas materiais, um repetido movimento de interpelação à autonomia do CONAR. A memória, como diz Courtine (2006), é lugar de poder e é da tradição, do passado que o CONAR faz retornar pré-construídos que conferem uma aparência de homogeneidade a esse dizer incisivo.

O silêncio no discurso de autorregulamentação, materializado nas propagandas publicitárias, em um momento, representa o controle da liberdade de expressão comercial, é o indício de censura contra a Publicidade, logo, contra o CONAR. Em outro momento, o silêncio é solicitado pelo próprio CONAR, que pede aos reclamantes ponderação e cautela com as queixas. Aí o equívoco se instaura, pois o Conselho usa o silêncio para expressar sua recusa contra a censura da liberdade de expressão comercial, mas pede silêncio, interdita a voz do outro, o reclamante.

Retomando Ernst (2012, p. 99), o *excesso* é “[...] um ‘acréscimo necessário’ ao sujeito que visa garantir a estabilização de determinados efeitos de sentido em vista da iminência (e perigo) de outros a esses se sobreporem”. Dessa forma, o pedido excessivo de confiança, endereçado aos potenciais denunciadores, parece indiciar o perigo de interferências externas, as quais significam um empecilho à autorregulamentação. A não-confiança no CONAR pode levar o reclamante a buscar amparo em outros setores, externos à Publicidade, como o Sistema Nacional de Defesa do Consumidor. Inclusive, vale lembrar, que uma das

queixas às propagandas “Palhaço” e “Feijoada”, manifesta na carta assinada pelo IDEC e organizações, foi o fato de o CONAR se apresentar como o único órgão controlador dos abusos da Publicidade brasileira e não reconhecer que sua atuação é restrita.

Outro ponto a destacar é que o Conselho se vale do *excesso* tanto para estabilizar seu discurso, como para desestabilizar o discurso do outro, pois as falas do casal, na propaganda “Feijoada”, e as reclamações do homem, na propaganda “Palhaço”, são significadas como excessivas, curiosas, danosas, exageradas, estapafúrdias. Ernst (2012), quanto ao *excesso*, comenta que é um mecanismo que, através da repetição, indica a relevância de saberes de uma posição ideológica. Nas propagandas em análise, percebe-se um funcionamento diferenciado, pois estabelecer o *excesso* no discurso do sujeito com posição divergente, destacando os saberes falhos de um posicionamento, é uma forma de mostrar o equívoco alheio.

À luz da Análise de Discurso pecheuxiana, o discurso é produzido por sujeitos que buscam incessantemente uma homogeneidade semântica, uma estabilidade. Por isso, foi realizado um trabalho analítico de observar os recursos, nas propagandas audiovisuais, que contribuem para o efeito de consistência no discurso do CONAR. A linha teórica de referência também considera que a heterogeneidade, o equívoco, a ruptura sempre são possíveis de se instaurar na língua, independente do quanto o sujeito recorra a mecanismos de controle, de domesticação de seus enunciados. Sendo assim, é preciso atentar à emergência da heterogeneidade na repetição, ao modo como o pêndulo entre heterogeneidade e homogeneidade se marca em um regime enunciativo com aparência de doutrina, como é o caso do discurso regulador do CONAR.

O CONAR, via mecanismo de antecipação², imagina seus destinatários com opiniões consolidadas sobre a necessidade de respeito aos grupos historicamente estigmatizados e produz uma inversão ou mesmo um rompimento, pois indicia, pelo silêncio e hesitações, que a luta pela igualdade de respeito, de consideração adquire feições exageradas e cômicas. Há ironia indicando que as pessoas conquistaram a liberdade de expressão, mas ainda são adeptas da censura e do controle. Indicando o *excesso*, o que está em demasia no discurso do outro, o CONAR faz retornar da memória sua sabedoria e legitimidade para ser o defensor supremo da liberdade de expressão. Vale destacar ainda, sobre o excesso, que os embates discursivos referentes à segregação, ao feminismo, à defesa ambiental, à violência, ao apelo sexual, por exemplo, são significados como um excesso interdiscursivo. A propaganda, por sua constituição verbal e imagética, proíbe a materialização, nas reclamações, de determinados discursos tão frequentes nas discussões contemporâneas.

O CONAR atua na recusa à formação do ressentimento, pois, em um movimento democrático, permite a expressão pública de hostilidades, atua na recusa à ruminação das mágoas e dá expressão aos possíveis vitimados. Entretanto, as propagandas mobilizaram a memória da falta de consideração, de respeito com os excluídos, cuja liberdade de expressão teria sido controlada por quem seria um oponente do controle linguístico.

Na carta assinada pelo IDEC e mais trinta organizações, é expressa indignação pelo fato de as propagandas terem omitido que a Publicidade não é regulada apenas pelo CONAR, mas também pelo Código de Defesa do Consumidor. O CONAR teria atribuído a si um poder demasiado de regulação da Publicidade brasileira, pois o Conselho é uma associação civil formada por empresários e representantes de agências de publicidade que pode recomendar alterações ou retiradas de campanhas que estão circulando, mas apenas o Sistema Nacional de Defesa do Consumidor pode penalizar. No que tange às propagandas “Palhaço” e “Feijoada”, a carta opera uma desconstrução do sentido de autonomia propalado pelo discurso de autorregulamentação; também opera uma desconstrução quanto ao princípio do tratamento ético na publicidade e respeito às demandas dos grupos estigmatizados. Além disso, a carta representa a falha na política de gestão de ressentimentos. Os elementos integrantes da exterioridade a partir da qual

² Funcionam em toda a situação comunicativa formações imaginárias, por exemplo: imagem que o falante tem do ouvinte; imagem que o ouvinte tem do falante; imagem que o falante tem de si; imagem que o ouvinte tem de si; imagem que falante e ouvinte têm do assunto. Pode-se considerar também o “mecanismo de antecipação”, por exemplo: a imagem que o falante supõe que o ouvinte tem do falante.

o CONAR enuncia, por causa da recepção da propaganda, são transformados em inconsistentes e equívocos, sendo, portanto, transformados em indícios de uma memória esburacada, falhada.

Dito de outra forma, a carta atribui à propaganda o sentido de indício material de uma memória lacunar, na qual faltam saberes sobre o respeito às demandas sociais, sobre a capacidade da população de julgar a publicidade abusiva, sobre o poder restrito do CONAR. Os assinantes da carta legitimam seu discurso outorgando ao discurso do CONAR a *falta*. Essa estratégia discursiva, segundo Ernst (2012, p. 98), pode ocorrer “na omissão de elementos interdiscursivos- pertencentes a essa memória- que, embora esperados em função das condições de produção situacionais e históricas em jogo, não ocorrem nessa linearidade”. É por intermédio da *falta* que a carta opera uma ressignificação do imaginário de consistência do discurso do CONAR pré-determinado por uma memória aparentemente constituída de saberes completos e bem articulados.

A tentativa de promover o esquecimento de mágoas, desacordos, insatisfações via diálogo democrático falhou porque a carta mostra que a campanha mobilizou a memória da discriminação, do preconceito, da censura, do controle linguístico. O CONAR tenta evitar a vitimização em seu regime enunciativo atento à questão sensível, mas gerou desgostos. A confiança não se estabeleceu, posto que os assinantes da carta afirmam que a campanha publicitária “infantiliza a população ao pressupor que a sociedade em geral não tem condições de discernir sobre eventuais abusos nas peças publicitárias” e ainda “dissemina informações incorretas à população e ridiculariza demandas de grupos sociais.”. As formas verbais “infantiliza” e “ridiculariza”, como ações imputadas pelos reclamantes ao CONAR, sinalizam o equívoco da relação de cumplicidade e comprometimento expressa na fórmula “Confie em quem entende. Confie no CONAR”.

3 CONCLUSÃO

No trabalho realizado, o excesso e o estranhamento foram indícios do discurso de autorregulamentação determinado por uma memória saturada e prestaram-se à tentativa do CONAR de assegurar estabilidade semântica. Mas o estranhamento também sinalizou que o discurso de autorregulamentação publicitária falhou em seu ritual de interpelação ideológica, pois não difundiu com mais afinco o imaginário de confiança, preceito patente.

Quanto ao excesso, só é autorizado, quando repete saberes da posição ideológica assumida pelo CONAR. Dito de outra forma, o *excesso*, indício de uma memória saturada, só pode ocorrer no discurso do CONAR. Dissipá-lo no discurso dos consumidores, seja significando-o como estapafúrdio, seja pela oportunidade de expressão de queixas e resolução veloz de confrontos, é colocar sob controle a formação de uma memória saturada de dissabores com a Publicidade. Essa memória repleta de hostilidades reforçaria a vitimização e arriscaria a autorregulamentação.

Entretanto, os mecanismos de homogeneização discursiva mostraram-se falhos. A incompletude, inerente ao discurso, veio à tona e a *falta* de saberes, esperados na posição a que o CONAR se filia, foram o cerne da crítica exposta na carta assinada pelo IDEC e diversas organizações.

Percebeu-se que a *falta*, o *excesso* e o *estranhamento*, procedimentos analíticos originalmente constituídos para ajudar o analista de discurso na remissão do texto à exterioridade, são também um consistente aporte à compreensão do modo como o interdiscurso interfere no intradiscurso e como este ressignifica, movimenta aquele. Dito de outra forma, o *excesso*, a *falta* e o *estranhamento* sinalizam a linearidade ora determinada por uma memória saturada, ora determinada por uma memória lacunar e também são mecanismos, no intradiscurso, que operam a desconstrução do discurso-outro, por intermédio do deslocamento de saberes aparentemente bem alocados no interdiscurso.

REFERÊNCIAS

ANSART, P. História e memória dos ressentimentos. In: NAXARA, M.; BRESCIANI, S. *Memória e (res)sentimento: indagações sobre uma questão sensível*. Campinas: Unicamp, 2004. p. 15-34.

CARTA IDEC Nº 108/ 2014/ COEX. Disponível em: < <http://www.idec.org.br/ckfinder/userfiles/files/conar.pdf>>. Acesso em: 20 jan. 2016.

CONAR “FEIJOADA” 30” - ON LINE – 13.01. 2014. Disponível em: < <http://www.conar.org.br>>. Acesso em: 20 jan. 2016.

CONAR “PALHAÇO” 30” - ON LINE – 13.01. 2014. Disponível em: < <http://www.conar.org.br>>. Acesso em: 20 jan. 2016.

CONSELHO NACIONAL DE AUTORREGULAMENTAÇÃO PUBLICITÁRIA-CONAR. Disponível em: < <http://www.conar.org.br/>>. Acesso em: 20 jan. 2016.

COURTINE, J.J. O chapéu de Clémentis. In: INDURSKY, F.; LEANDRO-FERREIRA, M.C. *Os múltiplos territórios da Análise do Discurso*. Porto Alegre: Sagra Luzzato, 1999. p. 15-22.

_____. *Metamorfoses do discurso político: derivas da fala pública*. São Carlos, Claraluz, 2006.

ERNST, A. “Escovando” palavras: movimentos possíveis de interpretação. In: DI FANTI, M. da Glória; BARBISAN, L. B. *Enunciação e discurso*. São Paulo, Contexto: 2012. p. 95 -102.

_____. A falta, o excesso e o estranhamento na constituição/interpretação do *corpus* discursivo. In: SEMINÁRIO DE ESTUDOS EM ANÁLISE DO DISCURSO, 4., 2009, Porto Alegre, RS. *Anais...* Porto Alegre: UFRGS, 2009. Disponível em: <<http://anaisdosead.com.br/4SEAD/SIMPOSIOS/AracyErnstPereira.pdf>>. Acesso em: 2 fev. 2016.

KEHL, M.R. *Ressentimento*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011.

LIPOVETSKY, G. *A felicidade paradoxal: ensaio sobre a sociedade do hiperconsumo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

ORLANDI, E. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes, 1999.

ROCHA, M. E. M. A nova retórica do grande capital: a publicidade brasileira entre o neoliberalismo e a democratização. *Revista Comunicação, Mídia e Consumo*, v. 1, n. 2, p. 50-76, 2004.

Recebido em 30/10/2016. Aceito em 20/12/2016.

L'EXCES, LE MANQUE ET LA DEFAMILIARISATION DANS LE DISCOURS D'AUTOREGLEMENTATION DU CONAR¹

EXCESO, FALTA Y EXTRAÑAMIENTO EN EL DISCURSO DE AUTORREGULACION DEL
CONAR

EXCESS, LACK AND ESTRANGEMENT IN THE SELF-REGULATION DISCOURSE BY CONAR

Renata Silveira da Silva*

Universidade Federal do Pampa (Campus Jaguarão)

RÉSUMÉ: Le Conseil d'Autoréglementation Publicitaire (CONAR) a lancé, en 2014, une campagne publicitaire qui a provoqué des réclamations. Parmi les matérialités du décontentement il y a une lettre adressée au CONAR, signée par l'Institut de Protection du Consommateur (IDEC) et trente autres organisations. La lettre demandait la suspension de la campagne, dans laquelle le CONAR se serait attribué un pouvoir excessif d'évaluer l'éthique dans la publicité brésilienne et aurait ridiculisé les luttes de quelques groupes sociaux. A partir de cet événement, cette recherche propose une réflexion, avec le référentiel de l'Analyse du Discours issu de Michel Pêcheux, à propos du fonctionnement du discours d'autoréglementation publicitaire. Le corpus discursif est constitué par des séquences des publicités audiovisuelles « Clown » et « Feijoada » et par des fragments de la lettre référée. Le travail emploie en ligne théorico-méthodologique les concepts de *mémoire saturée* et *lacunaire* (COURTINE, 1999) et les lie aux procédures analytiques élaborées par Ernst (2009), concernant l'*excès*, le *manque* et la *défamiliarisation*.

MOTS-CLÉS : Discours. Autoréglementation publicitaire. CONAR.

RESUMO: O Conselho de Autorregulamentação Publicitária (CONAR) lançou, em 2014, campanha publicitária que gerou reclamações. Dentre as materialidades do descontentamento está uma carta endereçada ao CONAR, assinada pelo Instituto de Defesa do Consumidor (IDEC) e trinta organizações. A carta pedia a suspensão da campanha, na qual o CONAR teria atribuído a si um poder excessivo de avaliar a ética na publicidade brasileira e ridicularizado lutas de grupos sociais. A partir desse acontecimento, a presente pesquisa propõe, com o referencial da Análise de Discurso oriunda de Michel Pêcheux, uma reflexão sobre o funcionamento do discurso de autorregulamentação publicitária. O corpus discursivo é constituído por seqüências das propagandas audiovisuais "Palhaço" e Feijoada" e por fragmentos da referida carta. O trabalho usa, como viés teórico-metodológico, os conceitos de *memória saturada* e *lacunar* (COURTINE, 1999) e os interliga aos procedimentos analíticos elaborados por Ernst (2009), concernentes ao *excesso*, à *falta* e ao *estranhamento*.

PALAVRAS-CHAVE: Discurso. Autoregulamentação publicitária. CONAR.

¹ Traduction en français par Luísa Zanini Vargas, licencié en Lettres Portugais/Français par l'Universidade Federal de Pelotas (UFPEL). Master en cours à l'Universidade Federal Fluminense (UFF) en Littératures Francophones. E-mail : luisazaninivargas@gmail.com

* Professeur de Linguistique de l'Universidade Federal do Pampa, campus Jaguarão. PhD em Lettres par l'Universidade Católica de Pelotas. E-mail : resilv@gmail.com.

RESUMEN: El consejo de autorregulación publicitaria (CONAR) lanzó, en el 2014, una campaña publicitaria que generó reclamaciones. Entre las materialidades de la disconformidad se encuentra una carta dirigida a CONAR firmada por el Instituto de Defensa al Consumidor (IDEC) y treinta organizaciones. Dicha carta solicitaba la suspensión de la campaña en la que CONAR se habría atribuido un poder excesivo de evaluar la ética en la publicidad brasileña y ridiculizando luchas de grupos sociales. A partir de ese hecho, la presente investigación propone, con el referencial teórico del Análisis del Discurso oriundo de Michael Pêcheux, una reflexión sobre el funcionamiento del discurso de autorregulación publicitaria. El corpus discursivo está constituido por secuencias de las propagandas audiovisuales “Palhaço” y “Feijoada”, y por fragmentos de la mencionada carta. El trabajo utiliza como vertiente teórico-metodológica los conceptos de *memoria saturada* y *lacunar* (COURTINE, 1999) y los interconecta a los procedimientos analíticos elaborados por Ernst (2009) referentes al exceso, a *la falta* y a *la extrañamiento*.

PALABRAS CLAVE: Discurso. Autorregulación publicitaria. CONAR.

ABSTRACT: The Advertising Self-Regulation Council (Conselho de Autorregulamentação Publicitária - CONAR) released, in 2014, an advertising campaign which drew criticism. Amid the materiality that expressed this discontentment there was a letter addressed to CONAR, which was signed by the Consumer Protection Institute (Instituto de Defesa do Consumidor - IDEC) and thirty more organizations. This letter requested the campaign discontinuation in which CONAR had allegedly assigned itself an excessive power in evaluating ethics in Brazilian advertisement. Moreover, according to the letter, CONAR had also mocked social groups' struggles. Based on this event, this research proposes, based on Michel Pêcheux's Discourse Analysis theories, a reflection on how the advertising self-regulation works. The discursive *corpus* is composed by scenes from two audiovisual advertisements called “Clown” and “Bean Stew”, and by excerpts of the aforementioned letter. This paper uses, as a theoretical and methodological approach, the concepts of *saturated and gap memory* (COURTINE, 1999) and connects them to the analytical procedures proposed by Ernst (2009), concerning *excess*, *lack* and *estrangement*.

KEYWORDS: Discourse. Advertising self-regulation. CONAR.

1 INTRODUCTION

Ce travail analyse, avec le référentiel de l'Analyse du Discours, entamée par Michel Pêcheux, des extraits d'un processus discursif instauré par des publicités audiovisuelles (2014) diffuseuses des actions du Conseil National d'Autoréglementation Publicitaire (CONAR). Cette instance, dont la mission est de juger des réclamations et des dénonciations de qui évalue négativement la publicité et de défendre la liberté d'expression commerciale, a été accusée de diffuser ses actions à travers des publicités sans respect pour les plaintes qu'il reçoit.

Le matériel analytique de cette recherche est constitué par les oeuvres publicitaires « Clown » et « Feijoada » et par des fragments de la lettre signée par l'Institut de Protection au Consommateur (IDEC) et plus de trente autres organisations. La lettre, adressée au CONAR, a demandé la suspension de la campagne publicitaire et est comprise, dans cette réflexion, comme une des matérialités responsables d'instaurer l'équivocité dans le discours d'autoréglementation publicitaire.

En ce qui concerne le parcours théorique-méthodologique, la recherche présente, tout d'abord, le *corpus* discursif et les conditions de production immédiates et socio-historiques. Dans ce sens, il arrive une récupération de l'histoire de la naissance du Conseil, suivie de l'exposition de principes de l'autoréglementation publicitaire au Brésil: la recherche de la liberté d'expression commerciale; l'idéaire de traitement éthique et bienveillant; et la tentative de gestion de l'oubli des ressentiments. Après, on reprend les concepts de mémoire saturée et lacunaire explicités par Courtine (1999), fixant des rapports avec les procédures analytiques élaborées par Ernst (2009): *excès*, *manque* et *défamiliarisation*. Finalement, on passe à l'interprétation discursive des matérialités choisies.

2 DEVELOPPEMENT

L'Analyse du Discours issue du travail de Michel Pêcheux tient compte du fonctionnement des processus discursifs à partir d'un réseau conceptuel qui entremêle discours-langue-idéologie.

Pour mettre en lumière ce qui est exposé: la langue est la base des discours qui, à leur tour, sont la manifestation de positions idéologiques d'une formation sociale déterminée. Pour désuperficialiser la matérialité linguistique, c'est-à-dire, passer de la langue (intradiscours) à la région des discours (interdiscours), il est nécessaire d'observer, selon Orlandi (1999), les conditions de production immédiates (où, comment, qui, quand) et les conditions de production larges (des éléments sociaux et historiques qui portent sur les significations du discours). La tâche de présentation du corpus et la contextualisation immédiate et large de l'objet d'étude est faite ci-dessous.

En 2014, le CONAR a lancé une campagne publicitaire qui traitait avec de l'ironie des plaintes un peu bizarres et demandait de la confiance du public au Conseil pour séparer les pertinentes de celles sans fondement. Dans la publicité audiovisuelle « Clown », l'arrivée du clown Peteleco est célébrée avec des applaudissements et des cris par des enfants dans une fête. Le clown entre dans la fête en saluant les enfants avec des gestes et, avant de dire quoi que ce soit, un homme s'approche et lui fait plusieurs accusations:

Homme: - Peteleco, n'est-ce pas?

Homme: - N'avez-vous pas honte de faire apologie à la violence?

Homme: - Peteleco!

Homme: - Et ces cheveux bleus? Nettement une ressource visuelle pour attirer les enfants!

Homme: - Et cette fleur qui lance de l'eau, n'en parlons pas! Quel gaspillage d'eau! Où se trouve donc votre conscience environnementale mon ami?

Homme – Franchement.²

Peteleco et les enfants demeurent en silence tout au long et après les plaintes. Le plaignant sort et un ballon éclate. Alors, le clown regarde l'endroit d'où est venu le bruit et derrière le ballon éclaté s'affiche le message: «Faites confiance au CONAR». Ci-dessous l'image de Peteleco qui écoute les plaintes:



Imagem 1: Pub « Clown »

Source: CONAR « CLOWN » (2014)

Dans l'oeuvre audiovisuelle « *Feijoadá* », un couple, à table dans un restaurant font une plainte au serveur par rapport à la disposition des mets dans l'assiette:

² Homem: - Peteleco, né?| Homem: - Você não tem vergonha de fazer apologia à violência, não?| Homem: - Peteleco!| Homem: - E esse cabelo azul? Claramente um recurso visual pra atrair as crianças!| Homem: - Sem falar nessa flor que esguicha água! Isso é desperdício, hein! Cadê sua consciência ambiental, meu amigo?| Homem – Franchement. [Notre traduction]

Homme: - S'il vous plaît, Monsieur!

Homme: - Excusez-moi, mais je n'ai pas compris pourquoi vous avez séparé le riz et les haricots. Est-ce que vous êtes en faveur de la ségrégation, par hasard?

Garçon: - Pardon?

Femme: - Et le chou³ qui est le seul aliment féminin dans l'assiette. Il y a le riz, le haricot, le rillon. C'est du sexisme, vous savez?

Garçon: - Mais non Madame. Je...

Femme: - Et le saucisson alors, il y a là visiblement une connotation sexuelle de très mauvais goût.⁴

Ci-dessous, l'image du couple qui appelle le serveur:



Image 2: Pub « Feijoada »

Source: CONAR « FEIJOADA » (2014)

Les pièces audiovisuelles terminent avec la phrase «Faites confiance au CONAR»:



Image 3: Faites confiance au CONAR em « Clown »

Source: CONAR « CLOWN » (2014)

³ En portugais, le chou "a couve", est un mot féminin. Note du traducteur.

⁴ Homem: - Falou, querido!|Homem: - Desculpa, mas eu não entendi por que você separou o arroz do feijão. Por acaso, você é a favor da segregação?|Garçon: - Como é que é?|Mulher: - E a couve, que é o único alimento feminino do prato. Tem o arroz, o feijão, o torresminho. Isso é machismo, sabia?|Garçon: - Que isso, minha senhora. Eu...|Mulher: - Sem falar no paio, né, que obviamente é de uma conotação sexual de muito mau gosto. [Notre traduction]



Image 4: Faites confiance au CONAR en « *Feijoada* »

Source: CONAR « *FEIJOADA* » (2014)

Dans les deux pièces publicitaires, après l'apparition de la phrase « Faites confiance au CONAR », on entend la narration de l'assertion : « Le CONAR est responsable pour la réglementation de la publicité au Brésil et il reçoit tous les jours des dizaines de plaintes, plusieurs d'entre elles sont justes, mais d'autres pas tellement. Faites confiance en qui comprend par expérience, faites confiance au CONAR »⁵.

Lors de la sortie de la campagne publicitaire, le discours de réglementation du CONAR a été parsemé par le malentendu, car des critiques ont été publiées dans des blogs, des sites de nouvelles, des articles de journaux. Parmi les expressions d'écart, on met l'accent sur la lettre envoyée au Conseil par l'Institut de Protection du Consommateur, l'IDEC, en avril, 2014. Dans cette lettre, trente organisations ont demandé un jugement de la campagne par le CONAR, qui se serait attribué un surplus de pouvoir en évaluant l'éthique dans la publicité brésilienne et aurait ridiculisé les demandes de quelques groupes sociaux. Les extraits suivants de la lettre sont en exemple des plaintes :

La campagne du CONAR, en partant d'exemples étranges, rappelle à soi la compétence de dire ce qui est ou n'est pas éthique en termes de publicité. En plus, infantilise la population quand il présuppose que la société en général n'a pas de conditions de discerner à propos d'éventuels abus dans les pièces publicitaires.

[...] la campagne diffuse des informations incorrectes à la population et ridiculise quelques demandes de groupes sociaux. Ce n'est pas ce qu'on attend d'un Conseil d'Éthique. On attend que le Conseil agisse de manière active et vigilante concernant les demandes des citoyens, avec efficacité et respect au lieu de s'embêter avec des demandes de la société.⁶

La lettre et les plusieurs réclamations ont mené au jugement de la publicité par le CONAR, en juillet, 2014. Aux accusations deux défenses séparées ont été produites : une du Conseil et l'autre de l'agence responsable pour la campagne publicitaire, l'AlmapBBDO. Tous les deux ont nié les accusations et le rapporteur du procès était un représentant de la société civile dans le Conseil d'Éthique sans rapport avec le champ publicitaire, qui s'est montré surpris avec les réclamations, n'était pas d'accord avec la lettre de l'IDEC et a suggéré d'archiver la représentation, acte accepté par unanimité.

⁵ O CONAR é responsável por regular a publicidade no Brasil e todos os dias recebe dezenas de reclamações, muitas são justas, outras nem tanto. Confie em quem entende, confie no CONAR [Notre traduction]

⁶ A campanha do CONAR, partindo de exemplos esdrúxulos, avoca para si a competência de dizer o que é ou não antiético em termos de publicidade. De quebra, infantiliza a população ao pressupor que a sociedade em geral não tem condições de discernir sobre eventuais abusos nas peças publicitárias. [...] a campanha dissemina informações incorretas à população e ridiculariza determinadas demandas de grupos sociais. Não é isso que se espera de um Conselho de Ética. Espera-se que, ao invés de se incomodar com demandas da sociedade, o Conselho atue de forma ativa e atenta às demandas dos cidadãos, com eficiência e respeito (CARTA IDEC, 2014) [Notre traduction].

Fini la description des conditions de production immédiates, on passe à la caractérisation des conditions de production sociales et historiques. Pour ceci, on fait de brèves mentions à l'histoire du surgissement du CONAR et aux principes de l'autoréglementation publicitaire au Brésil.

Selon des informations disponibles sur le site du Conseil, à la fin des années 1970, une loi de censure des publicités a été suggérée, elles ne seraient véhiculées que sous entente préalable d'un département du gouvernement de contrôle de la publicité. Néanmoins, il fallait éviter les restrictions à la liberté d'expression dans un pays qui luttait pour la démocratie, minée par la dictature militaire qui a commencé en 1964. En choix alternatif à la censure, surgit l'idée de l'autoréglementation, basée sur le modèle anglais. Des représentants d'agences publicitaires, annonceurs et moyens de communication ont travaillé sur la rédaction du Code Brésilien d'Autoréglementation Publicitaire, reconnu par le gouvernement en 1977 et approuvé en 1978 lors du 3^e Congrès Brésilien de Publicité. Juste après, en 1980, on a créé le CONAR : organisation non-gouvernementale responsable pour la diffusion du code.

Le CONAR est le résultat d'un mouvement organisé contre l'intervention de l'Etat sur la Publicité et contre le maintien des limitations pendant ce moment politique de retour progressif au régime démocratique. Avec une approche sociologique, Rocha (2004, p. 15) dit que le CONAR a été responsable pour articuler « le mouvement par la libre entreprise »⁷ et le discours en faveur de la liberté d'expression commerciale. Vu que la Publicité est une des principales porte-paroles du capital, « l'opération de base consistait en assimiler la démocratie au capitalisme, dans une société qui venait de sortir de l'autoritarisme »⁸.

Rocha nous permet aussi de relever l'autre irrégularité du discours d'autoréglementation : la Publicité humanisée. Entre les années 1980 et 1990, on voit surgir une « nouvelle rhétorique du grand capital », expression adoptée par la sociologue pour faire référence au « discours de la publicité ». Au lieu de « statut » et « technologie », caractéristiques de la publicité de la période précédente, les mots-clés sont « qualité de vie » et « responsabilité sociale ». Le capitalisme adouci ses conséquences sous un masque de bienveillance. Pour légitimer le capital et s'adapter au nouveau consommateur, le discours publicitaire préfère l'égalité, la dignité et le bonheur à l'hierarchie et à la concurrence, typiques du capital. Celui-ci, à travers la Publicité, change la rhétorique.

L'idéaire de Publicité humanisée est perceptible dans le discours du CONAR quand il énumère, sur son site, les préceptes éthiques des annonces publicitaires qui doivent être honnêtes, vrais, obéir aux lois brésiliennes, éviter l'accent sur les différences sociales, respecter le principe de la concurrence loyale et l'activité publicitaire.

Au CONAR, il y a une tentative de satisfaire plus rapidement le citoyen consommateur à travers l'opportunité d'exprimer des réclamations, sans avoir besoin d'attendre les procédures judiciaires. Comme les gens préjudiqués par les publicités peuvent avoir leurs revendications satisfaites par des mécanismes hors système judiciaire, cela ne fait que contribuer à l'image de bien-être social, typique de la nouvelle rhétorique du capital. Dans le but de comprendre les dispositifs que le CONAR emploie pour construire l'imaginaire de bienveillance, il est possible d'articuler le discours d'autoréglementation avec la thématique complexe des ressentiments et de la démocratie, car le Conseil, à travers ses pratiques et discours, gère publiquement la formation des ressentiments, ou plus exactement, agit sur la refuse et l'oubli de ce type d'affection. Le ressentiment, selon la psychanalyste Maria Rita Kkehl (2011, p. 13), est une peine qui perdure, c'est une « excès de mémoire » : « être ressenti veut dire attribuer à l'autre la responsabilité de ce qui nous fait souffrir. Un autre à qui nous déléguons, dans un moment précédent, le pouvoir de prendre une décision à notre place, de façon à pouvoir le culpabiliser de ce qu'il vient à échouer »⁹. Cette affection n'intéresse pas qu'à la clinique, la politique y porte intérêt aussi parce que c'est typique « [...] des impasses gérés dans les démocraties libérales modernes, qui saluent les individus avec la promesse d'une égalité sociale qui ne s'accomplit pas, au moins pas dans les termes dans lesquels elle a été symboliquement anticipée. »¹⁰

⁷ “[...] o movimento pela livre iniciativa” [Notre traduction].

⁸ “[...] a operação básica consistia em equiparar a democracia ao capitalismo, em uma sociedade recém-saída do autoritarismo” [Notre traduction].

⁹ “[...] ressentir-se significa atribuir ao outro a responsabilidade pelo que nos faz sofrer. Um outro a quem delegamos, em um momento anterior, o poder de decidir por nós, de modo a poder culpá-lo do que venha a fracassar” [Notre traduction].

¹⁰ “[...] dos impasses gerados nas democracias liberais modernas, que acenam para os indivíduos com a promessa de uma igualdade social que não se cumpre, pelo menos nos termos em que foi simbolicamente antecipada” (KEHL, 2011, p. 22) [Notre traduction].

A la ressemblance de Kehl, l'historien Pierre Ansart (2004) pense aussi à l'intersection ressentiments et démocratie. Le chercheur affirme que les défenseurs de la démocratie indiquent que cette formation politique permet de changer la violence et les affrontements pleins de haine pour des tolérances, des dialogues et des contrepoints d'opinions. Les individus cesseraient de ruminer leurs peines et sortiraient de la position de victimes pour celle de sujets participants du contexte politique où ils vivent¹¹.

Le CONAR, depuis sa fondation, lie l'idéal démocratique à la Publicité pour maintenir l'indépendance du secteur par rapport à l'Etat et à la machine juridique. Dans ce sens, il veille au principe d'égalité de droit d'expression, car il donne voix à qui identifie des ennuis dans les stratégies publicitaires et donne lieu à la défense des accusés. Au cas où la plainte soit fondée, il peut recommander l'altération ou la suspension de la publicité. Ainsi, le réclamant est interpellé à signifier le Conseil comme l'organisation qui lui permet de sortir de la situation de victimisé à celle de sujet actif dans les dynamiques publicitaires. Simultanément, la Publicité, par entremise du CONAR, est signifiée comme un secteur qui reconnaît ses erreurs et par conséquent peut corriger les stratégies mercantiles oppressives. On construit l'imaginaire du CONAR comme un organe qui accomplit un travail important en faveur de la sphère publique, en dépit de sa gestion par des acteurs du champ privé. L'imaginaire de Publicité démocratique, lié à la négociation de la confrontation du « sujet-réclameur-victimisé » *versus* « sujet-annonceur-oppresseur » sont des mécanismes de négation à la formation des ressentiments dans le discours d'autoréglementation.

Les considérations de Lipovetsky (2007, p. 158) subventionnent l'articulation proposée. Le sociologue dit que « en promettant le paradis des jouissances du avoir, la marchandise ne cesse, en réalité, d'orchestrer les frustrations, les manques et les déceptions de la plupart »¹². Donc, la Publicité est une face du capital qui, sous le déguisement de la responsabilité, du respect, essaie d'intervenir sur les formations subjectives des consommateurs pour que les désenchantements de la consommation se superposent aux désirs de consommation. A partir de ces préceptes, on peut considérer que le discours d'autoréglementation donne de l'existence matérielle à la mémoire des ressentiments et, ainsi, essaie de les dissiper. La politique de l'oubli est pertinente parce que l'excès de mémoire d'hostilités, la formation exagérée d'affectés de la Publicité pourrait mener à des interventions de l'Etat qui saperaient la permanence de l'autoréglementation.

A partir des conditions de production exposées, on aperçoit que la liberté d'expression commerciale, le déguisement en traitement éthique et la politique de l'oubli des ressentiments sont des éléments qui constituent les savoirs de la mémoire du CONAR. Il convient d'explicitier que l'interdiscours, selon Courtine (1999, p. 18), est « [...] l'extériorité de l'énonçable pour le sujet énonciateur dans la formation des énoncés 'préconstruits', de quoi son énonciation s'approprie »¹³. Mais il ne suffit pas d'identifier quelques savoirs qui constituent l'extériorité à partir de laquelle le CONAR énonce, il est nécessaire d'aller au-delà et d'observer la mémoire qui produit des effets de consistance ou d'inconsistance dans les paroles du Conseil. Ces pondérations à propos de l'extériorité qui interfère sur la linéarité proviennent des réflexions de Courtine (1999, p. 22), qui, dans la tentative de comprendre comment l'interdiscours interfère dans la constitution des énoncés, identifie deux fonctionnements : a) la mémoire pleine, saturée, interliée à l'interdiscours comme le « remplissage, producteur d'un effet de conscience à l'intérieur du formulable » ; b) mémoire lacunaire ou avec failles, liée à l'interdiscours comme le « creux, le vide, le déplacement, dont l'intervention gère un effet d'inconsistance (rupture, discontinuité, division) dans la chaîne du reformulable ».

A partir de ceci, on se demande : comment apercevoir dans la matérialité linguistique, dans l'intradiscours, le discours régulé par une mémoire saturée ou par une mémoire lacunaire ? Les concepts de *manque*, *excès* et *défamiliarsation*, proposés par Ernst (2009), nous offrent un apport à cette perception.

¹¹ Par ailleurs, Ansart averti qu'on ne doit pas se tromper avec l'éradication de la haine promise par la démocratie, car Freud avait déjà averti sur l'impossibilité de disparition de l'agressivité. La haine, tout comme le désir, structure la subjectivité. L'utopie de la fin des hostilités fait qu'on s'interroge, dans la vision d'Ansart, si la démocratie favorise ou défavorise la formation des ressentiments.

¹² “[...] prometendo o paraíso dos gozos do ter, a mercadoria não cessa, na realidade, de orquestrar as frustrações, carências e decepções da maioria” [Notre traduction].

¹³ “[...] a exterioridade do enunciável para o sujeito enunciadador na formação dos enunciados 'preconstruídos', de que sua enunciação apropria-se” [Notre traduction].

L'auteur présente ces trois éléments comme des principes générales qui peuvent orienter le travail de description et d'interprétation, de liaison du texte à son extériorité. Dans les mots du chercheur : ils sont une « tentative de produire quelques points de référence qui puissent soutenir une analyse dont le fondement soit exactement le rapport entre des éléments présents et organisés textuellement et des éléments de la mémoire discursive [...] »¹⁴.

Le *manque* peut être identifié, par exemple, dans « l'omission de mots, d'expressions et/ou de propositions » ; de là résultent de différents sens au cas où les éléments manquants soient présents (ERNST, 2012, p. 98). Il peut être identifié aussi par « l'omission d'éléments interdiscursifs », qui sont attendus en fonction de la mémoire déterminante du dire, mais qui ne sont pas dans l'intradiscours. Cependant l'*excès* est « une stratégie discursive qui se caractérise par ce qui est trop présent dans le discours ». Il est perceptible, dans l'intradiscours, parmi d'autres marques linguistiques, par les incisives qui tentent d'assurer une stabilité sémantique. Dans le plan de l'intradiscours il se révèle à travers la répétition des savoirs. A propos de la défamiliarisation, Ernst (2012, p. 99) affirme

[...]qu'il expose le conflit entre positions et consiste à la présentation d'éléments intradiscursifs – des mots, des expressions et/ou des propositions – et interdiscursifs, de l'ordre de l'ex-centrique, c'est-à-dire, de ce qui se situe « en dehors » de ce qui est dit, mais qui incide dans la chaîne signifiante, ce qui marque un « désordre » dans l'énoncé.¹⁵

Dans les analyses des publicités, l'*excès* et la *défamiliarisation* seront employés comme stratégies discursives propices à la compréhension de la manière comment l'extériorité interfère dans les paroles du CONAR. Le *manque* sera analysé dans le même but, pourtant mobilisé dans l'observation des extraits de la lettre-dénonciation produite contre les pièces publicitaires. Ci-dessous on observe l'exercice analytique à partir des théories jusqu'ici rassemblées.

Dans les publicités on a la défamiliarisation qui manifeste la confrontation entre deux positions : le clown et le serveur représentent les agences de publicité ; l'homme, dans la fête d'enfants et les clients, dans le restaurant, représentent les groupes qui voient des incongruences dans les pièces publicitaires. En médiateur de cette relation se trouve le CONAR, présentifié par l'apparition de la phrase « Faites confiance au CONAR », suivie de la narration par une voix grave masculine, qui ferme les publicités. Le clown, lorsqu'il entend les réclamations, demeure en silence et devient visiblement triste ; le serveur est surpris et essaie de donner des explications, mais sa voix est interdite par les critiques ininterrompues du couple. Les absences de voix, expressions faciales de tristesse et d'hésitation sont des indices d'une perplexité du serveur et du clown face à l'exagération des plaintes. Celles-ci ont été excessives parce que les sujets plaignants ont interprété des actions ordinaires, banales comme les responsables pour la diffusion de problèmes sociaux : la violence, les négligences environnementales, les stéréotypes de genre, la ségrégation raciale, par exemple. Les plaintes, en excès, ont tué qui offrait un service (servir un déjeuner/animer une fête), ce qui a rendu impossible la liberté d'expression commerciale.

Comme le propose Ernst, la défamiliarisation éclaircie le confrontation de positions et se manifeste par quelque « désordre » dans la linéarité. Dans les publicités ci étudiées, l'inadéquation, l'imprévisibilité ne semblent pas être que dans des éléments linguistique, mais aussi dans les hésitations et silences produits par des personnages qui, dans une situation commerciale, devraient parler pour offrir leurs services. Le silence expose la distanciation dans la position défenseur de l'expression commerciale (annonceurs) face aux plaintes exagérées de la position défenseur de l'expression commerciale respectueuse (dénonceurs). Encore sur le silence, il vaut dire qu'il marche comme une refuse, de la part du CONAR, des savoirs issus de régions de l'interdiscours et qui ne pourraient pas gagner d'existence matérielle en des circonstances énonciatives déterminées : vente de divertissement dans une fête d'enfants et vente de plats du menu d'un restaurant. Ces savoirs – provenant de discours divers, y compris des discours représentatifs de

¹⁴ “[...] tentativa de produzir alguns pontos de referência que possam sustentar uma análise cujo fundamento seja exatamente a relação entre elementos presentes e organizados textualmente e elementos da memória discursiva [...]” (ERNST, 2012, p. 97-8) [Notre traduction].

¹⁵ “[...] que expõe o conflito entre posições e consiste na apresentação de elementos intradiscursivos – palavras, expressões e/ou orações – e interdiscursivos, da ordem do ex-cêntrico, isto é, daquilo que se situa ‘fora’ do que está sendo dito, mas que incide na cadeia signifiante, marcando uma ‘desordem’ no enunciado” [Notre traduction].

luttons sociales – sont des éléments pré-construits, évidents, mais considérés par le Conseil « 'en dehors' de ce qui est dit » (ERNST, 2012, p. 99), donc, déplacés, inappropriés dans le discours des plaignants.

Faut-il rappeler que le traitement respectueux aux plaintes de différents groupes sociaux – consommateurs, agences publicitaires, autorités, intégrants du Conseil – est un des principes à partir desquels le CONAR énonce. Toutefois, l'organisation référée, par le moyen de la publicité, resignifie ce savoir de la mémoire, de même qu'il expose la narration qui clôture les publicités : « [Le CONAR] tous les jours reçoit des dizaines de plaintes, plusieurs sont justes, d'autres pas tellement ». La publicité révèle le CONAR comme une organisation qui, dans un geste respectueux, donne voix à tous les types de dénonces, mais diverge d'eux quand les plaintes minent la liberté d'expression commerciale.

Les réactions des personnages serveur et clown fonctionnent comme une stratégie d'interpellation idéologique à la perception de l'insolite, de l'absurde, de l'incongruence, de l'exagération dans les plaintes transmises au Conseil. Simultanément, le positionnement face au discours blâmeur de l'autre légitime, donne des forces au principe de la liberté d'expression commerciale, donc, il fonctionne aussi comme une stratégie à la perception de l'unité, de la pertinence, de l'homogénéité du discours du Conseil. Le silence (défamiliarisation) contribue avec l'effet de consistance du discours d'autoréglementation, et semble déterminé par une mémoire saturée, pleine.

En plus du silence et des hésitations, il y a des éléments intradiscursifs qui confèrent au discours d'autoréglementation une apparence d'homogénéité et qui semblent déterminés aussi par une extériorité pleine de savoirs établis (mémoire saturée). Dans l'analyse de l'affirmation qui clôture les pièces publicitaires, « Le CONAR est responsable pour réglementer la publicité au Brésil et tous les jours il reçoit des dizaines de réclamations, plusieurs sont justes, d'autres pas tellement. Faites confiance en qui comprend par expérience, faites confiance au CONAR », on voit que l'expression « Le CONAR est responsable pour réglementer la Publicité au Brésil » se caractérise énonciativement par l'absence de référence à l'énonceur, car la troisième personne est à la place de la première. En outre, le choix verbal apporte le sens d'atemporalité ; le pré-construit que le CONAR réglemente la Publicité revient à travers une linéarité qui indépend de la situation communicative. Ainsi, on construit cet effet de sens: il est toujours vrai que le CONAR réglemente notre Publicité.

La distanciation énonciative dans le rapport du CONAR avec l'interlocuteur, matérialisé par les choix de personne et de temps, est un élément intradiscursif qui fait revenir de la mémoire saturée le sens de l'autonomie, qui, à son tour, a une relation paraphrastique avec le sens d'autoréglementation.

Dans les deux publicités, pendant que le narrateur dit « Le CONAR est responsable pour réglementer la publicité au Brésil et tous les jours il reçoit des dizaines de réclamations, plusieurs sont justes, d'autres pas tellement », apparaît l'énoncé « Faites confiance au CONAR » accroché à un arbre en « Clown », écrit en craie sur un tableau en « *Feijoada* ». A la fin de la narration de « pas tellement » l'image devient floue, l'énoncé « Faites confiance au CONAR » disparaît et le narrateur déclare la séquence « Faites confiance en qui comprend par expérience, faites confiance au CONAR ».

L'énoncé « Faites confiance au CONAR », d'abord écrit et puis parlé, apparaît deux fois, ce qui forme une séquence paraphrastique. Le mot confiance, renforcé trois fois, remet à deux fonctionnements. D'un côté, on peut l'associer à la défamiliarisation, car il est curieux que le CONAR demande à maintes reprises de la confiance, vu qu'il s'agit d'un organisme de légitimité construite historiquement. Il y a là un élément imprévu, un « désordre », car le Conseil, créé pour prendre le poste de tribunal alternatif, n'aurait aucune raison pour demander qu'on lui fasse confiance, chose évidente, donnée, base de sa fondation et maintien. Ernst, à propos de la défamiliarisation, affirme que dans cette stratégie discursive un effet de pré-construit peut avoir lieu, c'est-à-dire, quelque chose pensée auparavant, indépendante, mais qui revient à l'énoncé, ce qui cause ou pas une rupture. Dans le corpus en analyse, un pré-construit du discours d'autoréglementation apparaît dans la linéarité, mais ne provoque pas une rupture dans la structure du dire. L'inusité est d'être mis en circulation avec tant d'insistance. Faire revenir à la mémoire le savoir de la confiance signale le conflit avec des discours contestataires au CONAR et qui ne partent pas du même pré-construit. La linéarité en question, quand associée à la défamiliarisation, dévoile le discours du CONAR déterminé par une mémoire lacunaire, ce qui laisse des failles et n'étend pas les savoirs selon ce qui est désiré.

D'autre part, la répétition de la demande de confiance peut être pensée comme une stratégie discursive de l'ordre de l'excès. La demande réitérée de faire confiance à « qui comprend » souligne, met un accent, une emphase du Conseil étant une organisation sage et capable à juger si les plaintes sont pertinentes ou infondées. Le CONAR, puisqu'il est aussi un dénonciateur et qu'il « parle au nom de » plusieurs acteurs de l'espace publicitaire, a la légitimité pour identifier la publicité trompeuse ou abusive et, pour cette raison, on peut faire la suivante lecture : « laissez le CONAR non seulement juger les plaintes, mais aussi les transmettre. Faites du silence !! ». Il y a, sous d'autres formes matérielles, un mouvement répétitif d'interpellation à l'autonomie du CONAR. La mémoire, comme le dit Courtine (2006), est le lieu de pouvoir et c'est de la tradition, du passé que le CONAR fait revenir des pré-construits qui confèrent une apparence d'homogénéité à ce dire incisif.

Le silence dans le discours d'autoréglementation, matérialisé dans les publicités, à un certain moment, représente le contrôle de la liberté d'expression commerciale, c'est l'indice de censure contre la Publicité, donc, contre le CONAR. Puis, à un autre moment, le silence est sollicité par le CONAR même, qui demande aux plaignants de la pondération et de la prudence avec les plaintes. Là s'instaure l'équivoque, car le Conseil emploie le silence pour exprimer sa refus contre la censure de la liberté d'expression commerciale, mais demande silence, interdit la voix de l'autre, du plaignant.

Reprenant Ernst (2012, p. 99), l'excès est « un 'ajout nécessaire' au sujet qui vise garantir la stabilisation de certains effets de sens en vue de l'imminence (et danger) d'autres qu'à ceux-ci se superposent ». Ainsi, la demande excessive de confiance, adressée aux potentiels dénonciateurs, semble inculper le danger d'interférences externes, qui se présentent comme un obstacle à l'autoréglementation. La non-confiance du CONAR peut mener le plaignant à chercher un soutien dans d'autres secteurs, en dehors de la Publicité, comme le Système National de Protection du Consommateur. D'ailleurs, rappelons-nous qu'une des plaintes faites aux publicités « Clown » et « *Feijoada* », exprimée dans la lettre signée par l'IDEC et d'autres organisations, a été le fait que le CONAR se présente comme le seul organe qui contrôle les abus de la Publicité brésilienne et ne reconnaisse pas que son action est restreinte.

Un autre point à souligner est que le Conseil profite l'excès pour stabiliser son discours aussi bien que pour déstabiliser celui d'autrui, car les paroles du couple, dans la publicité « *Feijoada* » et les plaintes de l'homme dans la publicité « Clown » sont signifiées en tant qu'excessives, curieuses, dommageuses, exagérées, extravagantes. Ernst (2012), par rapport à l'excès, affirme qu'il s'agit d'un mécanisme qui indique, à travers la répétition, l'intérêt des savoirs d'une position idéologique. Dans les publicités ci-analysées, on aperçoit une opération différenciée, car établir l'excès dans le discours du sujet qui a une position divergente, détachant les savoirs ratés d'un positionnement est une façon de montrer l'erreur d'autrui.

A la lumière de l'Analyse du Discours pecheuxienne, le discours est produit par des sujets qui cherchent sans cesse une homogénéité sémantique, une stabilité. Par conséquent, un travail analytique d'observer les ressources a été réalisé dans les publicités audiovisuelles, qui contribuent avec l'effet de consistance dans le discours du CONAR. La ligne théorique de référence considère aussi que l'hétérogénéité, l'équivoque, la rupture sont toujours capables d'être engagés dans la langue, indépendamment de ce que le sujet fasse appel à des mécanismes de contrôle, de domestication de ses énoncés. Ceci dit, il faut faire attention à l'émergence de l'hétérogénéité dans la répétition, à la façon dont la pendule entre hétéro et homogénéité est marquée dans un régime énonciatif à l'air de doctrine, comme c'est le cas du discours réglementeur du CONAR.

Le CONAR, à travers un mécanisme d'anticipation¹⁶, imagine ses destinataires ayant des opinions consolidées à propos du besoin de respect envers les groupes historiquement stigmatisés et produit une inversion, une rupture même, car il montre, avec des silences et hésitations, que la lutte pour l'égalité de respect, de considération acquiert une allure exagérée et comique. Il y a de l'ironie indiquant que les gens ont conquis la liberté d'expression, mais sont toujours adeptes de la censure et du contrôle. Indiquant l'excès, ce qui est en trop dans le discours de l'autre, le CONAR fait revenir à la mémoire sa sagesse et légitimité pour être le défenseur suprême de la liberté d'expression. On peut souligner encore, à propos de l'excès, que les chocs théoriques au sujet de la ségrégation, du féminisme, du développement durable, de la violence, de l'appel sexuel, par exemple, sont signifiés comme un

¹⁶ Fonctionnent dans toute situation communicative des formations imaginaires, par exemple: l'image qu'a le parleur de son écouteur; l'image qu'a l'écouteur de son parleur; l'image qu'a le parleur de soi; l'image qu'a l'écouteur de soi; l'image qu'ont le parleur et l'écouteur du sujet. On peut considérer aussi le « mécanisme d'anticipation », par exemple: l'image que le parleur suppose que l'écouteur a du parleur.

excès interdiscursif. La publicité, par sa constitution verbale et imagétique, défend la matérialisation, dans les plaintes, de certains discours si fréquents dans les discussions contemporaines.

Le CONAR agit dans la refuse à la formation de la rancune, car, dans un mouvement démocratique, il permet l'expression publique d'hostilités, il agit dans la refuse à la ruminantion des peines et donne expression aux possibles victimes. Cependant, les publicités ont mobilisé la mémoire du manque de considération, de respect envers les exclus, dont la liberté d'expression aurait été contrôlée par qui serait un adversaire du contrôle linguistique.

Dans la lettre signée par l'IDEC et plus de trente organisations, on exprime l'indignation pour le fait que les publicités ont omis que la Publicité n'est pas réglementée que par le CONAR, mais aussi par le Code de Protection du Consommateur. Le CONAR se serait attribué un pouvoir excessif de réglementation de la Publicité brésilienne, car le Conseil est une association civile formée par des entrepreneurs et représentants d'agences de publicité qui peut recommander des altérations ou suppressions de campagnes en circulation, mais qu'il n'y a que le Système National de Protection du Consommateur qui peut les pénaliser. En ce qui concerne les publicités « Clown » et « *Feijoada* », la lettre opère une déconstruction du sens d'autonomie promu par le discours d'autoréglementation ; elle opère aussi une déconstruction quant au principe de traitement éthique dans la publicité et de respect des demandes des groupes stigmatisés. En outre, la lettre représente l'échec dans la politique de gestion des ressentiments. Les éléments qui intègrent l'extériorité à partir de laquelle le CONAR énonce, à cause de la réception de la publicité, sont transformés en inconscients et équivoques, étant transformés, ainsi, en indices d'une mémoire à trous, lacunaire.

On reformule : la lettre attribue à la publicité le sens d'indice matériel d'une mémoire lacunaire, dans laquelle il manque des savoirs au sujet du respect aux demandes sociales, au sujet de la capacité de la population de juger la publicité abusive, au sujet du pouvoir restreint du CONAR. Les signataires de la lettre légitiment leur discours en octroyant au discours du CONAR le *manque*. Cette stratégie discursive, selon Ernst (2012, p. 98), peut avoir lieu « dans l'omission d'éléments interdiscursifs – appartenants à cette mémoire – qui, même s'ils sont attendus en fonction des conditions de production situationnelles et historiques en jeu, n'ont pas lieu dans cette linéarité »¹⁷. Et c'est par l'entremise du *manque* que la lettre opère une ressignification de l'imaginaire de consistance du discours du CONAR pré-déterminé par une mémoire apparemment constituée de savoirs complets et bien articulés.

La tentative de promouvoir l'oubli des peines, différends et mécontentements par la voie du dialogue démocratique a échoué parce que la lettre montre que la campagne a mobilisé la mémoire de la discrimination, du préjugé, de la censure, du contrôle linguistique. Le CONAR essaie d'éviter la vitimisation dans son régime énonciatif attentif à la question sensible, mais a géré des dégoûts. La confiance ne s'est pas établie, vu que les signataires de la lettre affirment que la campagne publicitaire « infantilise la population quand il présuppose que la société en général n'a pas de conditions de discerner à propos d'éventuels abus dans les pièces publicitaires » et encore qu'elle « diffuse des informations incorrectes à la population et ridiculise quelques demandes de groupes sociaux ». Les formes verbales « infantilise » et « ridiculise » comme actions imputées par les plaignants au CONAR signalent l'équivoque de la relation de complicité et engagement exprimée dans la formule « Faites confiance en qui comprend par expérience. Faites confiance au CONAR ».

3 CONCLUSION

Dans ce travail, l'excès et la défamiliarisation ont été les indices du discours d'autoréglementation déterminé par une mémoire saturée et se sont prêtés à la tentative du CONAR d'assurer de la stabilité sémantique. Mais la défamiliarisation a fait signe aussi que le discours d'autoréglementation publicitaire a échoué dans son rituel d'interpellation idéologique, car il n'a pas diffusé plus acharnement l'imaginaire de confiance, le precept évident.

Quant à l'excès, il n'est autorisé que quand il répète des savoirs de la position idéologique soutenue par le CONAR. Ou plutôt, l'excès, indice d'une mémoire saturée, ne peut avoir lieu que dans le discours du CONAR. Le dissiper dans le discours des

¹⁷ “[...] na omissão de elementos interdiscursivos - pertencentes a essa memória- que, embora esperados em função das condições de produção situacionais e históricas em jogo, não ocorrem nessa linearidade” [Notre traduction]

consommateurs, soit le signifiant d'extravagant, soit par l'opportunité d'expression des plaintes et résolution rapide des chocs, c'est mettre sous contrôle la formation d'une mémoire saturée d'ennuis avec la Publicité. Cette mémoire pleine d'hostilités renforcerait la vitimisation et mettrait en risque l'autoréglementation.

Toutefois, les mécanismes d'homogénéisation discursive ont échoué. L'incomplétude, inhérente au discours, a émergé et le *manque* de savoirs, attendus dans la position à laquelle le CONAR s'affilie, ont été le cerne de la critique exposée dans la lettre signée par l'IDEC et plusieurs organisations.

On a compris que le manque, l'excès et la défamiliarisation, procédures analytiques originellement constituées pour aider l'analyste du discours dans la rémission du texte à l'extériorité, sont aussi un consistant apport à la compréhension de la manière comme l'interdiscours interfère sur l'intradiscours et comment celui-ci ressignifie, mouvemente celui-là. C'est-à-dire, l'excès, le *manque* et la *défamiliarisation* signalent la linéarité tantôt déterminée par une mémoire saturée, tantôt déterminée par une mémoire lacunaire et ce sont aussi des mécanismes, dans l'intradiscours, qui opèrent la déconstruction du discours-autre, par entremise du déplacement de savoirs apparemment bien placés dans l'interdiscours.

REFERENCES

ANSART, P. História e memória dos ressentimentos. In: NAXARA, M.; BRESCIANI, S. *Memória e (res)sentimento: indagações sobre uma questão sensível*. Campinas: Unicamp, 2004. p. 15-34.

CARTA IDEC N° 108/ 2014/ COEX. Disponível em: < <http://www.idec.org.br/ckfinder/userfiles/files/conar.pdf>>. Acesso em: 20 jan. 2016.

CONAR "FEIJOADA" 30" - ON LINE – 13.01. 2014. Disponível em: < <http://www.conar.org.br>>. Acesso em: 20 jan. 2016.

CONAR "PALHAÇO" 30" - ON LINE – 13.01. 2014. Disponível em: < <http://www.conar.org.br>>. Acesso em: 20 jan. 2016.

CONSELHO NACIONAL DE AUTORREGULAMENTAÇÃO PUBLICITÁRIA-CONAR. Disponível em: < <http://www.conar.org.br/>>. Acesso em: 20 jan. 2016.

COURTINE, J.J. O chapéu de Clémentis. In: INDURSKY, F.; LEANDRO-FERREIRA, M.C. *Os múltiplos territórios da Análise do Discurso*. Porto Alegre: Sagra Luzzato, 1999. p. 15-22.

_____. *Metamorfoses do discurso político: derivas da fala pública*. São Carlos, Claraluz, 2006.

ERNST, A. "Escovando" palavras: movimentos possíveis de interpretação. In: DI FANTI, M. da Glória; BARBISAN, L. B. *Enunciação e discurso*. São Paulo, Contexto: 2012. p. 95 -102.

_____. A falta, o excesso e o estranhamento na constituição/interpretação do *corpus* discursivo. In: SEMINÁRIO DE ESTUDOS EM ANÁLISE DO DISCURSO, 4., 2009, Porto Alegre, RS. *Anais...* Porto Alegre: UFRGS, 2009. Disponível em: <<http://anaisdosead.com.br/4SEAD/SIMPOSIOS/AracyErnstPereira.pdf>>. Acesso em: 2 fev. 2016.

KEHL, M.R. *Ressentimento*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011.

LIPOVETSKY, G. *A felicidade paradoxal: ensaio sobre a sociedade do hiperconsumo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

ORLANDI, E. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes, 1999.

ROCHA, M. E. M. A nova retórica do grande capital: a publicidade brasileira entre o neoliberalismo e a democratização. *Revista Comunicação, Mídia e Consumo*, v. 1, n. 2, p. 50-76, 2004.

Recebido em 30/10/2016. Aceito em 20/12/2016.

OS EFEITOS DA FALTA, DO EXCESSO E DO ESTRANHAMENTO NOS DISCURSOS SOBRE A LÍNGUA PORTUGUESA

LOS EFECTOS DE LA FALTA, DEL EXCESO Y DEL EXTRAÑAMIENTO EN LOS DISCURSOS
SOBRE LA LENGUA PORTUGUESA

THE EFFECTS OF THE LACK, EXCESS AND STRANGENESS IN THE DISCOURSES ABOUT THE
PORTUGUESE LANGUAGE

Rosely Diniz da Silva Machado*
Universidade Federal do Rio Grande

RESUMO: Nesta pesquisa, ancorada nos estudos do Discurso de linha francesa, propomos analisar como os alunos da licenciatura em Letras, da Universidade Federal do Rio Grande (FURG), mobilizam seus discursos sobre a Língua Portuguesa. O *corpus* foi recolhido num período de nove anos, sempre no primeiro dia de aula dos acadêmicos, quando os mesmos foram convidados a escrever sobre o motivo de terem escolhido cursar Letras. Através desse tema, a questão ideológica, as relações de força e os efeitos de sentido presentes nesses dizeres serão observados acionando três conceitos-chave estudados por Ernst (2011): a falta, o excesso e o estranhamento. Assim, a partir das marcas deixadas nos discursos desses universitários e das suas identificações com determinadas formações discursivas, serão mobilizados gestos de interpretação que nos permitirão analisar os modos de dizer e não-dizer sobre/na língua, enfim, como são produzidos os efeitos de sentidos nesses discursos específicos.

PALAVRAS-CHAVE: Língua. Discurso. Falta. Excesso. Estranhamento.

RESUMEN: En esta pesquisa, anclada en los estudios del Análisis del Discurso de línea francesa, proponemos analizar de que forma los alumnos de Licenciatura de Letras, de la 'Universidade Federal do Rio Grande' (FURG), movilizan sus discursos acerca de la Lengua Portuguesa. El corpus fue recopilado en un periodo de nueve años, siempre en el primer día de clase de los académicos, cuando se les pidió escribir por qué eligieron para asistir a Letras. Por medio de este tema, la cuestión ideológica, las relaciones de fuerza y los efectos de sentido presentes en esos dichos, serán observados accionando tres conceptos clave estudiados por Ernst (2011): la falta, el exceso y extrañamiento. De ese modo, a partir de las marcas dejadas en los discursos de los universitarios y de sus identificaciones con determinadas formaciones discursivas, serán movilizadas gestos de interpretación que nos permitirán analizar las maneras de decir y no decir acerca de/en la lengua, o sea, como son producidos los efectos de sentidos en esos discursos específicos.

PALABRAS CLAVE: Lengua. Discurso. Falta. Exceso. Extrañamiento.

* Doutora em Teorias do Texto e do Discurso, pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Atualmente, é professora da Universidade Federal do Rio Grande (FURG). E-mail: roselymachado@furg.br

ABSTRACT: In this research based on the studies of the Discourse Analysis, we propose to analyze how students from a Language and Literature Course of Universidade Federal do Rio Grande (FURG) move their discourses over the Portuguese language. The *corpus* has been collected for nine years, always on the first day of class, when they were invited to write about why they chose to study Language and Literature in the University. Through this theme, the ideological issue, the power relations, and the senses effect present therein are observed by triggering three key concepts studied by Ernst (2011): the lack, the excess and the strangeness. Therefore, from the marks left in the discourses of those university students as well as from their identifications with certain discourse formations, gestures of interpretation are mobilized. Such will allow us to analyze the ways of saying and not-saying about/in the language and, ultimately, how the sense effects in those specific discourses are produced.

KEYWORDS: Language. Discourse. Lack. Excess. Estrangement.

1 INTRODUÇÃO

Nos discursos dos alunos de Letras da FURG, interessa analisarmos o modo como se relacionam com a sua língua materna. Com base no aporte teórico da Análise de Discurso de linha francesa (AD), destacando a importante contribuição do estudo de Ernst (2011) sobre as noções discursivas de falta, excesso e estranhamento, nosso olhar estará voltado para os efeitos de sentido produzidos nos dizeres desses acadêmicos no início da sua formação docente. Trata-se de um gesto de interpretação sobre um *corpus*¹ donde os saberes manifestados por esses sujeitos (re)velam o que pensam sobre a sua língua, quando convidados a expor suas expectativas em relação ao curso em que ingressaram.

Desse modo, os dizeres sobre a língua nos colocam diante da seguinte pergunta: se há alguém e um lugar que legitima o que é saber a língua materna, quem e qual seria?

Enfim, é na relação da materialidade da língua com a da história que analisaremos como se manifesta a questão ideológica, como se apresentam os efeitos da falta, do excesso e do estranhamento nas diferentes formulações produzidas, a fim de melhor compreendermos como funciona a ideologia na constituição dos sentidos e dos sujeitos nesta pesquisa.

O que se diz acerca de como percebem sua língua, sobretudo como a *dominam*, será analisado enquanto discurso produzido a partir de determinada Formação Discursiva² (FD), conforme Pêcheux (1975). Nessa perspectiva, a relação entre língua e discurso se faz por recobrimentos, fronteiras, pois, segundo Pêcheux (1983), ela (língua) não existe na forma de um bloco homogêneo de regras organizado à maneira de uma máquina lógica. Através da análise discursiva de alguns dos exemplos que aqui serão expostos, buscaremos ancorar a reflexão teórica apresentada.

2 PROCESSO DISCURSIVO DE IDENTIFICAÇÃO, FALTA, EXCESSO E ESTRANHAMENTO

Nos discursos que constituem esta pesquisa longitudinal, é possível observar o jogo de espelho por meio do qual se (re)vela uma identificação com os saberes sobre a língua, legitimando uma “matriz” identificatória do que se entende por “saber a Língua Portuguesa”. A suposta garantia disso estaria no modo como dominamos a nossa língua, ou melhor, as regras que a sistematizam. Tal crença nos leva à noção de identidade, pois, ao responderem às questões³ feitas, os acadêmicos procuram estabelecer, demarcar, através de uma zona fronteira, aquilo que é capaz de delimitar quem sabe a língua e quem não sabe.

¹ É importante dizer que, por se tratar de um *corpus* extenso (coletado por mim, no período de 2006 a 2014), aqui será exposto apenas um recorte de seqüências discursivas.

² A noção de Formação discursiva aqui é entendida com base em Pêcheux (1975) para quem as palavras, expressões, proposições vão receber seu sentido da FD na qual são produzidas, ou seja, o dizer do sujeito é determinado segundo aquilo que pode e deve ser dito e também daquilo que não se quer dizer. Segundo Pêcheux, isso pode ser aplicado ao ponto específico da materialidade do discurso e do sentido. Assim, a FD representa o lugar de constituição do sentido e de identificação do sujeito; nela o sujeito adquire identidade e o sentido adquire unidade, especificidade, limites que o configuram e o distinguem de outros.

³ Refiro-me aqui às perguntas sobre o que os alunos esperam aprender no curso de Letras e por que escolheram tal Licenciatura.

O jogo do espelho aqui mencionado refere-se à constituição e à afirmação de uma identidade para o sujeito aluno/acadêmico, através de sua relação com a língua, e isso ocorre através do outro, ou seja, há um jogo de projeções que se instaura via imaginário, convocado a partir da atribuição e do reconhecimento de que português é difícil porque suas regras são assim. Isso tem sido um modo de pensar que é (re)produzido por muitas escolas e por muitos professores para os quais a noção teórica de língua e a de gramática mesclam-se e se (con)fundem.

Discursivamente, o processo de identificação é entendido neste trabalho, conforme Orlandi (1988), para quem a identidade não se reduz ao processo de individuação (identificação), já que este é apenas parte dela. Ao processo de identificação soma-se a construção/perpetuação de uma identidade para a língua. Portanto, sua identidade enquanto aluno, falante nativo, é afirmada através do discurso do outro (escola, professor, entre outros), e aí o jogo do espelho se estabelece à medida em que há um enquadramento do discurso do outro, por meio da identificação com determinada FD, de acordo com o que se considera especificamente saber a língua. Assim, a atuação do efeito imaginário, enfim, a ideologia aí se manifesta, ainda que ignorada pelos sujeitos que desta pesquisa participam.

Ao encontro dessa reflexão, trazemos a afirmação de Lacan (1986, p. 96) que é relevante ao discorrer sobre a idealização do eu através do jogo de imagens, pois o autor afirma, com base em Freud, que a coincidência da imagem com o objeto real a reforça, lhe dá corpo, encarnação, desencadeando com isso comportamentos que guiarão o sujeito para o seu objeto, através da imagem.

Relacionamos esse processo de idealização ao que ocorre com a interpretação dos acadêmicos desta pesquisa, pois, ao imaginarem a transparência da língua e, conseqüentemente, da escrita, creem e identificam aquilo que é para eles saber Português. Eis, portanto, os saberes sobre a língua (domínio maior ou menor das regras/ortografia) que foram mobilizados nas sequências⁴ discursivas (Sd) aqui expostas:

Sd1- Em específico da Língua Portuguesa meu objetivo é falar e escrever corretamente, porque sou uma pessoa que gosto muito de conversar e por diversas vezes me sinto “bloqueada” por não saber a maneira correta de falar, e termino por disvirtuar o assunto, pois acho horrível não falar direito, não por fazer feio na frente dos outros, mas por ser extremamente vergonhoso não saber a nossa língua.

Sd2- Espero me encontrar nesse curso, espero me apaixonar por letras, com relação à Língua Portuguesa, quero aprender a escrever melhor, quero aprender e entender coisas que na escola, me foram ensinadas superficialmente, quero aprender a gostar da Língua Portuguesa.

Sd3- Eu espero do curso de Letras, sinceramente, aprender a escrever corretamente, superar minhas dificuldades em gramática e pontuação.

Sd4- Tenho uma grande expectativa sobre meu curso, quero escrever, falar perfeitamente. Portanto esta sou eu isso é o que eu penso.

Sd5- Espero no decorrer destes quatro anos, aprender gramática, aprender a escrever corretamente, e aprender a passar esse conhecimento adiante.

Sd6- Quero aprender mais sobre a Língua portuguesa. Espero aprender a escrever, falar e interpretar de maneira correta.

Sd7- A opção pelo curso de Português se dá em razão das metas que pretendo atingir no tocante ao campo profissional, mais precisamente para tentar adquirir conhecimento mais apurado da língua, a fim de prestar concursos.

Sd8- Por ter um diploma da universidade, poderei participar de concursos. Espero aprender a gostar de escrever, pois isto não é o meu forte.

Sd9- Espero aproveitar o máximo do curso de Letras e me preparar melhor para concursos que possam vir.

É através da identificação com esses saberes sobre a língua, muitos deles reproduzidos na/pela escola, por meio, não só, das práticas de ensino, que ocorre o funcionamento do imaginário, uma antecipação, que se instaura como um modo de o sujeito relacionar-se com a realidade.

⁴As transcrições estão expostas na íntegra, preservando a escrita dos textos originais.

Considerando, em AD, que as formações imaginárias⁵ estão ligadas às formações ideológicas e que a relação do sujeito com a realidade se dá via simbólico, linguagem, temos, a partir do jogo de imagens, as representações construídas pelos sujeitos. Isso significa que a constituição do imaginário se dá na materialização dos processos histórico-sociais no discurso, através do sujeito, que mediado por esse imaginário irá, então, construir sua identidade através da sua identificação com o que ele entende por língua, ou seja, ao falar da/na língua, ele legitima sua identidade enquanto sujeito do dizer que, ao mesmo tempo em que usa a língua, afirma não saber usá-la.

Nessa linha condutora de reflexão, é possível acionarmos, com base nas Sd selecionadas, a noção de excesso e estranhamento, segundo Ernst (2011), para quem tais conceitos são interpretados numa dupla dimensão do intradiscorso (materialidade discursiva) e a do interdiscorso (memória discursiva). Desse modo, com vistas a refletir sobre as Sd aqui expostas, destacamos a noção do excesso entendida por Ernst (2011, p. 828-829) como sendo:

[...] uma estratégia discursiva caracterizada por aquilo que está demasiadamente presente no discurso, podendo ser representada no discurso através do uso de incisões, de intensificadores ou na repetição de palavras ou expressões e orações. Tais usos, na perspectiva aqui adotada, constituem-se em acréscimo necessário ao sujeito que visa garantir a estabilização de determinados efeitos de sentido em vista da iminência (e perigo) de outros a esses se sobreponem; 2) na reiteração incessante de determinados saberes interdiscursivos que tomam formas diferentes no intradiscorso, mas mantêm os mesmos pressupostos ideológicos. Em suma, trata-se, nos dois casos, de buscar estabelecer provavelmente a relevância de saberes de uma determinada formação discursiva através da repetição.

Nas Sd expostas, é possível apontarmos a presença do *excesso*, via repetição, como modo de intensificar o que está sendo dito, ao mesmo tempo em que visa a garantir a estabilização do dizer, ou seja, para que o sentido pretendido no nível da formulação (intradiscorso), ao dizer sobre a língua, seja mantido. Então, para os saberes advindos de uma FD sobre ensino de Língua Portuguesa, os alunos, ao mencionarem o objetivo de estarem cursando Letras, mobilizam a posição-sujeito daqueles que não sabem usar a língua de maneira correta e com essa posição se identificam enquanto sujeitos.

(Sd1) ... **falar e escrever corretamente**; por não saber a **maneira correta de falar**; (Sd2) ... **quero aprender a escrever melhor, quero aprender...; quero aprender a...**;

(Sd3) ... **aprender a escrever corretamente**;

(Sd4) ... **quero escrever, falar perfeitamente**;

(Sd5) ... **aprender a escrever corretamente, e aprender a passar...**;

(Sd6) ... **aprender a escrever, falar e interpretar de maneira correta**.

É desse modo que a relação existente entre sujeito, língua e identidade pode ser demonstrada nos efeitos de sentido desses discursos, acionando a noção de excesso, o que aciona a determinação ideológica e histórica que constitui o sujeito e seu dizer. Nessa relação entre língua e sujeito via identidade, está implicado um processo oscilante, inquieto, portanto, distante de uma suposta estaticidade ou homogeneidade do dizer, pretendida pelos sujeitos ao fazerem uso do excesso, via repetição dos verbos *querer, esperar, falar, escrever*; do adjetivo *correta* e do advérbio *corretamente*, como se fosse possível dar garantia de que o sentido pudesse ser um, mas, em AD, no entrelace ideologia-sujeito-discurso, a identificação com um ou outro sentido, em sua evidência, consiste, sobretudo, no efeito ideológico.

Esse movimento de produzir sentidos ganha visibilidade através do espelho, (escrita), cuja imagem refletida faz crer que é possível aprisioná-los (os sentidos) e é nessa tentativa de aprisionamento de uma língua perfeita que essa suposta relação entre *falar certo* e *falar errado* se legitima enquanto imaginário social. Inclusas, nessa construção imaginária, estão tanto a escrita quanto a leitura,

⁵ É importante lembrar que ao termo imaginário se junta a noção de formações imaginárias elaborada por Pêcheux (1997), e é através delas que os lugares são representados nos processos discursivos de A em relação a B. Com base no que precede, a identidade pode ser entendida enquanto construção simbólica e imaginária, pois ela é da ordem da constituição tanto do sujeito quanto do discurso. Por conseguinte, manifestam-se na formulação do dizer movimentos identificatórios entre o eu e o outro, os quais resultam de ações subjetivas inconscientes do sujeito.

pois, conforme afirma Orlandi (1988, p. 101), não é só quem escreve que produz sentido, mas também aquele que lê; tudo isso envolve as condições de produção, cuja especificidade está em serem determinadas sócio historicamente: “Quando lemos estamos produzindo sentidos, reproduzindo-os ou transformando-os”.

Na relação do sujeito com a FD que o domina, com as formações ideológicas que se cruzam no espaço simbólico, através do interdiscurso, as marcas do excesso que o sujeito deixa em seu discurso carregam inevitavelmente o social, o ideológico e o histórico da posição ocupada por esse sujeito no mundo, buscando, conforme Ernst (2011) estabelecer provavelmente a relevância de saberes de uma determinada formação discursiva, através da repetição, do excesso. Relembrando o princípio básico de que, em AD, não há discurso sem sujeito, tampouco sujeito sem ideologia, pode-se entender o movimento oscilante do sujeito no espaço discursivo, pois o mesmo oscila entre sua incompletude e o seu desejo de ser completo. É justamente isso que promove o dinamismo nessa relação entre identidade e alteridade nos discursos em análise.

À noção de excesso alia-se a noção da falta que Ernst (2011, p. 829) concebe como outra estratégia discursiva que pode ser acionada por meio de:

[...] omissão de palavras, expressões e/ou orações, consentida (ou não) pela gramática, que provocam determinados efeitos de sentido, diferentes daqueles que ocorreriam, caso esses elementos se fizessem presentes na linearidade significante; 2) na omissão de elementos interdiscursivos que, embora esperados em função do espaço discursivo, das formações discursivas e das condições de produção em jogo, não incidem nessa linearidade. No primeiro caso, ela se constitui num lugar em que são criadas zonas de obscuridade e incompletude na cadeia significante com fins ideológicos determinados; no segundo, cria um vazio que visa, na maioria das vezes, encobrir pressupostos ideológicos ameaçadores.

Nas Sd em questão, a falta pode ser encontrada no uso do advérbio de negação, da conjunção adversativa *mas*, na Sd1, e no processo de comparação, através do uso dos advérbios *mais e melhor* (Sd 8 e Sd9), pois, no nível intradiscursivo, entendemos que há um dizer que ressoa, trazendo ao leitor o efeito de sentido daquilo que é do seu conhecimento, do seu saber, e, por trás dos efeitos de sentido produzidos pela escolha dos termos, resgata-se o que está em nosso imaginário, ou melhor, aquilo que em nosso imaginário vem a ser a Língua Portuguesa, sobretudo, quais os papéis e lugares a ela atribuídos. Esses saberes retornam e, através do efeito de memória, podemos dizer que o diferente na língua é representado pela fala/escrita errada, é isso que marca a diferença. Basta atentarmos para as relações estabelecidas, como nos mostra o uso genérico do termo *outros* na Sd1: **não por fazer feio na frente dos outros, mas por ser extremamente vergonhoso não saber a nossa língua**. Desse modo, entrelaçam-se os dizeres expostos, cujos efeitos de sentido, no nível do interdiscurso, delineiam o jogo de espelho, aquilo que é ou não permitido ver ou mostrar ao outro. Ao negar, o que se pretende encobrir ressoa como efeito de sentido produzido referente ao aspecto ruim atrelado ao não domínio do uso da língua de modo correto, ou seja, bonito é *saber falar correto na frente dos outros*. Além disso, ajuda a passar em concursos, conforme dizem Sd7, Sd8 e Sd9.

Com base nessa reflexão teórica, pensar a língua através da lógica dicotômica do certo e do errado, uma língua pura, higienizada, nada mais é do que a atuação de um efeito ideológico, o qual produz a ilusão de haver sentidos transparentes, assim como a ilusão de haver uma língua cristalina, suficientemente capaz de refletir, sem deixar dúvidas, a (in)competência de quem a utilizou, seja na escrita, seja na oralidade.

Há, pois, uma identificação do sujeito com os saberes de uma determinada Formação Discursiva sobre Ensino de Língua Portuguesa em que seu discurso se inscreve e de onde ele mobiliza duas posições-sujeito de quem sabe e não sabe a língua e produz sentidos sobre o certo e o errado, os quais para ele parecem ser evidentes, mas não são. Portanto, se há uma dimensão imaginária que permeia o olhar dos sujeitos sobre o discurso que produzem, tais análises nos permitem mostrar que estamos diante de um olhar para a língua que beira a interdição daquilo que pode marcar o indivíduo como passível de ser exposto ao constrangimento, ou melhor, à vergonha de não saber dizer direito, *corretamente* as palavras, conforme nos mostra o exemplo abaixo:

Sd10⁶: Já fiz um curso de Espanhol, em uma escola de idiomas, e já gostava muito dessa língua. Hoje, estudante-universitário- do curso de Letras, espero, no futuro, me dedicar ao Espanhol. De que forma não sei, porém, já sei sim, que na área de língua portuguesa **não** vou atuar. OBS.: Por favor **não repara os meus erros ortográficos**. Com certeza, muitos deles já deveriam deixar de existir no meu vocabulário. Obrigado!

Ao passar da organização à ordem, ou melhor, da forma empírica à forma linguístico-histórica, podemos notar que a construção do sentido, presente nesse discurso, produz seus efeitos, resignificando a partir da ordem da língua e da ordem da história, que juntas constituem a ordem do discurso em análise. Isso é possível observar, ao recorrermos à categoria da memória discursiva, a qual nos permite acionar a conjuntura histórico-social, colocando em movimento enunciados pré-construídos, ou seja, as formulações enunciadas anteriormente; e essa categoria de análise possibilita a reconstituição dos enunciados que não podem ou não devem ser ditos no discurso, ou seja, uma justificativa para atuar na área de ensino de língua requer não cometer *erros ortográficos*. A presença do pré-construído, nesta análise, ocorre via negação, cujo funcionamento convoca a presença do discurso-outro, no interior desse discurso, e o uso do termo *OBS* também demonstra isso, um já-dito que é acionado na forma um pedido de desculpa por achar que não domina a língua materna.

Assim, o discurso-outro irrompe como forma de chamar atenção para o fato de que atuar, na área de ensino de língua portuguesa, requer do profissional o domínio da grafia correta das palavras. Desse modo, podemos perceber, ainda, que a modalidade negativa (*não vou atuar; não repara*) conforme Indursky (1997), transforma o discurso do outro em seu contrário e, como tal, o incorpora como não-dito. Nesse discurso, o que deve ser dito está centrado na desvantagem de não falar e não escrever corretamente.

As construções presentes, nos discursos em análise, são oriundas do interdiscurso, e o sujeito-autor que é interpelado ideologicamente produz seu discurso a partir de uma posição-sujeito afetada por uma Formação Discursiva, embora esse mesmo sujeito acredite ser de sua livre vontade as escolhas linguísticas presentes na materialidade de seu discurso, que ilusoriamente por ele são controladas.

Consideramos que tais atribuições dadas à língua e, conseqüentemente, a quem a utiliza, mencionadas nos discursos em análise, sempre estiveram presentes no dizer das pessoas, senão de todas, pelo menos no de sua maioria; é o senso-comum, o sempre já-lá, aquilo que faz emergir da organização à ordem do discurso um saber que permanece também na memória coletiva: “A memória coletiva seria especificada por uma dimensão intersubjetiva e, sobretudo, grupal, através de palavras, e do duplo sentido dos efeitos discursivos” (PÊCHEUX; FUCHS, 1981, p. 51).

Portanto, é via memória discursiva que podemos resgatar esse já-dito presente no imaginário dos sujeitos sobre o que está estabelecido previamente, ideologicamente para o uso da norma culta e a norma não culta da Língua Portuguesa. Discursivamente, as posições-sujeito mobilizadas, para dizer sobre o domínio maior ou menor da língua, quem sabe e quem não sabe falar e escrever certo, produzem um efeito da relevância de se dominar a norma culta, ao mesmo tempo em que denomina o aprendizado dessa mesma língua como algo relacionado ao universo do *misterioso, do poder*, um *enigma* a ser decifrado; é o que nos mostra o uso das aspas no exemplo abaixo:

Sd11- Acho a Língua Portuguesa difícil, mas ao mesmo tempo fascinante, adoro decifrar os “enigmas” que a língua possui.

À guisa da reflexão teórica sobre o estranhamento entendido por Ernst (2011) como uma estratégia discursiva que expõe o conflito entre formações discursivas e consiste na apresentação de elementos intradiscursivos – palavras, expressões e/ou orações – e interdiscursivos, da ordem do excêntrico, marcando uma desordem no enunciado, temos o uso das aspas, na Sd11, o que nos permite interpretar a marca da negociação do sujeito com o outro, circunscrevendo a alteridade através de possíveis efeitos de sentido mobilizados pelo termo *enigma*, ao que parece significar uma forma de potencializar o efeito negativo produzido, já que a

⁶ Nesta Sd10, assim como em outras aqui expostas, há muito mais a analisar, contudo, aqui não será possível expandir para além do espaço delimitado ao artigo.

ideia de dificuldade de dominar a língua materna mobiliza o sentido *estigmatizado* de que há lugares, falares e papéis socialmente e (pre)tensamente estabelecidos para os usuários de uma língua difícil e complexa.

Com esses saberes há uma identificação dos sujeitos dessa pesquisa, já que podemos relacionar tal dificuldade à decifração dos enigmas/regras gramaticais e grafia das palavras, a serem (des)vendados, para demonstrar que se domina ou não a Língua Portuguesa. Assim, num entrelace do efeito daquilo que falta e daquilo que ressoa como estranhamente familiar, o sujeito busca um modo de marcar a presença desse discurso outro na construção da identidade discursiva para a língua e para o sujeito, ou seja, mobiliza-se um jogo com a presença do outro para construir uma imagem de si no discurso.

3 CONCLUSÃO

Ao iniciarmos a escrita deste artigo, indagamos: se há alguém e um lugar que legitima o que é saber a língua materna, quem e qual seria? De tudo que precede, discursivamente, entendemos que o processo da identificação nos permitiu refletir sobre isso, ou seja, para caracterizar a dicotomia do saber e não saber a língua, do certo e do errado, os sujeitos desta pesquisa acionaram algo que ultrapassa a língua, pois tal crença identitária se constitui num conjunto de saberes/dizeres produzidos e reproduzidos em sociedade, conforme nos mostraram as sequências discursivas dos sujeitos dessa pesquisa, os quais, ao mesmo tempo em que mobilizaram discursivamente a repetição, produziram deslocamentos, promovendo com isso o efeito da falta, do excesso e do estranhamento, passíveis de interpretação.

Isso dialoga com o que afirma Ernst (2008, p.214), em outro estudo proposto:

[...] um dos aspectos mais importantes da construção de nossas identidades sociais é exatamente a forma como nos posicionamos, ou melhor, como somos posicionados frente aos discursos construídos no espaço escolar, pois são fundamentais para se compreenderem os processos que determinam a assunção de determinados papéis, uma vez que a escola busca definir não somente o que se deve e o que não se deve fazer, mas também o que se deve ser e o que não se deve ser.

Dessa forma, ao buscar apreender uma identidade para dizer sobre a/na língua, o que se observa é um efeito de sentido que (re)produz, ao longo de nove anos, a incessante busca por garantir a homogeneidade e a pureza da língua materna, estas representadas tanto na fala quanto na escrita. Então, muito embora as palavras de professores, de alunos, enfim, do povo estejam fatigadas de informar, repetir, reproduzir significações sobre a onipotência da língua, destinando, no imaginário social, um lugar subalterno para aqueles que não a dominam (inclui-se aí “tomar, tirar a palavra, obrigar a dizer, saber dizer, fazer calar, silenciar”), ainda assim produzem sentidos que merecem e necessitam ser analisados, enquanto processos de significação.

Retomando Pêcheux (1975), podemos intervir na ilusão de transparência (efeito de literalidade), através da noção de materialidade, pensando, então, a língua como um sistema, não de formas abstratas, mas material, ou seja, espaço de manifestação das relações de força e de sentidos que refletem os confrontos de natureza ideológica. É o que nesta pesquisa intencionamos demonstrar, por meio das marcas discursivas, significadas a partir dos pressupostos da teoria da AD, sobretudo, acionando, ainda que de modo sucinto, os conceitos teórico-metodológicos, propostos por Ernst (2011), que muito contribuíram enquanto estratégia para compreendermos o (pre)tenso efeito de completude nos dizeres aqui analisados que, embora naturalizados, precisam ser refletidos, debatidos, sobretudo combatidos, quando, não raro, a partir desses discursos, temos a (re)produção do preconceito para com aquele que da língua faz uso.

Para finalizar, trazemos as palavras de Paulo Freire (2009, p.96) sobre ensino e comprometimento:

[...] não é possível exercer a atividade do magistério como se nada ocorresse conosco. Como impossível seria sairnos na chuva expostos totalmente a ela, sem defesas, e não nos molhar. Não posso ser professor sem me pôr diante dos alunos, sem revelar com facilidade ou relutância minha maneira de ser, de pensar politicamente. Não posso escapar à apreciação dos alunos. E a maneira como eles me percebem tem

importância capital para meu desempenho. Daí, então, que uma de minhas preocupações centrais deva ser a de procurar a aproximação cada vez maior entre o que digo e o que faço, entre o que pareço ser e o que realmente estou sendo.

REFERÊNCIAS

ERNST, Aracy. (Re)inventando contos de fadas. Um estudo sobre o fenômeno da exclusão. 2008. In: ERNST-PEREIRA A.; MUTTI, R. V. (Org.). *Práticas discursivas*. Pelotas: Educat, 2008. p. 213-228.

_____; MUTTI, Regina Maria Varini. O analista de discurso em formação: apontamentos à prática analítica. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 36, p. 817-833, set.-dez. 2011.

FREIRE P. *Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 2009.

LACAN, J. *O Seminário: Livro I: os escritos técnicos de Freud, 1953-1954* [Trad. De Betty Milan]. Rio de Janeiro: Zahar, 1986.

ORLANDI, E.P. *Discurso e leitura*. Campinas, São Paulo: Cortez, 1988.

PÊCHEUX, M.; FUCHS, Catherine. A propósito da análise automática do discurso: atualizações e perspectivas. In: GADET & HAK, T (Org.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Campinas: UNICAMP, 1981. p.163-252.

PÊCHEUX, M. *O discurso: estrutura ou acontecimento?* Campinas: Pontes: São Paulo, 1997.

Recebido em 14/12/2016. Aceito em 22/12/2016.

AS CONDIÇÕES DO PENSAMENTO DIANTE DA ACELERAÇÃO E DA DILUIÇÃO DOS LIMITES NO MUNDO CONTEMPORÂNEO¹

LAS CONDICIONES DEL PENSAMIENTO FRENTE A LA ACELERACIÓN Y LA DILUCIÓN DE
LOS LÍMITES EN EL MUNDO CONTEMPORÁNEO

CONDITIONS OF THOUGHT FACING THE ACCELERATION AND DILUTION OF THE LIMITS
IN THE CONTEMPORARY WORLD

Claudine Haroche*

Centre National de Recherche Scientifique

Tradução do ensaio

Les conditions de la pensée face à l'accélération et la dilution des limites dans le monde contemporain por **Isabella Mozzillo****

RESUMO: Nesta reflexão, buscamos compreender de que modo o pensamento, mais especificamente, a integridade científica, sofre interferências do mundo contemporâneo, caracterizado pela efemeridade das informações, rapidez na produção científica e diluição dos limites. Tematizamos o plágio e as condições para sua ocorrência: uma sociedade que privilegia o produtivismo

¹ Este texto inclui certas passagens de "*Ignorer la recherche, effacer l'auteur*" *Le plagiat de la recherche scientifique* (sob a direção de G.Guglielmi, G.Koubi) L.G.D., 2012.

* Doutora em Sociologia pela Universidade de Paris VII. Diretora de pesquisas no *Centre National de Recherche Scientifique* (Centro Nacional de Pesquisa Científica - CNRS).

** *Sobre a tradutora*: Isabella Mozzillo é Doutora em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (2002). Professora do Centro de Letras e Comunicação, da Universidade Federal de Pelotas. E-mail: isbellamozzillo@gmail.com.

(WATERS, 2004); mudanças na produção de trabalhos universitários (SCHNEIDER, 1985); questões relativas à economia de mercado (ADORNO; HORKHEIMER, 1974); e o aspecto tecnológico. Também trazemos à tona as contínuas mudanças da sociedade atual e suas consequências nos modos de subjetivação (BERGSON, 2003). Estes são afetados pela mobilidade constante dos meios de comunicação, que alteram a percepção de si e da realidade. Decorre do virtual uma espécie de distinto generalizado. Além disso, se propagam atividades automáticas e mecânicas, as quais não requerem saberes aprofundados (BALANDIER, 2006). O pensar demorado ocorre em um ritmo permeado por desvios, digressões, pausas, sem resultados constantes. Entretanto, o pensar encontra no imediatismo e na velocidade barreiras para se efetivar. Daí decorre uma competência técnica, sem mentalização. A ignorância sobre o pensamento e o conhecimento leva ao desaparecimento do autor. Precisamos repensar as noções de si, propriedade de si, autor e autoridade. As formas atuais de apropriação do conhecimento, velozes, em contraponto com o ritmo lento do pensar, colocam em evidência a necessidade de respeitar o tempo, a originalidade, o pensamento de si e do outro.

PALAVRAS-CHAVE: Plágio. Pensamento contemporâneo. Científico.

RESUMEN: En esta reflexión, buscamos comprender de qué modo el pensamiento, más específicamente, la integridad científica, sufre interferencias del mundo contemporáneo, caracterizado por la efimeridad de las informaciones, rapidez en la producción científica y dilución de los límites. Tematizamos el plagio y las condiciones para su ocurrencia: una sociedad que privilegia el productivismo (WATERS, 2004); mudanzas en la producción de trabajos universitarios (SCHNEIDER, 1985); cuestiones relativas a la economía de mercado (ADORNO; HORKHEIMER, 1974); y el aspecto tecnológico. También traemos a la luz las continuas mudanzas de la sociedad actual y sus impactos en los modos de subjetivación (BERGSON, 2003). Estos son afectados por la movilidad constante de los medios de comunicación, que alteran la percepción del sí y de la realidad. Resulta del virtual una especie de distinto generalizado. Además, se propagan actividades automáticas y mecánicas, las cuales no requieren conocimiento profundo (BALANDIER, 2006). El pensar demorado ocurre en un ritmo permeado por desvíos, digresiones, pausas, sin resultados constantes. Sin embargo, el pensar encuentra en el imediatismo, en la velocidad, barreras para efectivarse. De ahí deriva una competencia técnica, sin mentalización. La ignorancia sobre el pensamiento y el conocimiento lleva al desaparecimiento del autor. Precisamos repensar las nociones del sí, propiedad del sí, autor y autoridad. Las formas actuales de apropiación del conocimiento, veloces, en contrapunto con el ritmo lento del pensar, ponen en evidencia la necesidad de respetar el tiempo, la originalidad, el pensamiento del sí y del otro.

PALABRAS CLAVE: Plagio. Pensamiento contemporáneo. Científico.

ABSTRACT: In this study, our objective is to understand how thought, or, more specifically, scientific integrity, is interfered by the contemporary world, which is characterized by the ephemerality of information, by the quickness in the scientific production, and by the dilution of limits. We discuss plagiarism and the conditions to its occurrence: a productivism-driven society (WATERS, 2004); changes in the production of academic works (SCHNEIDER, 1985); questions related to the market economy (ADORNO, HORKHEIMER, 1974); and questions related to technology. We also discuss the continuous instability of the present society and its impact over forms of subjectivation (BERGSON, 2003). They are affected by the constant mobility of the means of communication, which alter the perception of oneself and the perception of reality. A kind of generalized distinction arises from the virtual; and automatic and mechanical activities are spread, which do not require deep knowledge (BALANDIER, 2006). Thinking occurs in a rhythm that is affected by deviations, digressions, pauses, without any constant results. However, thinking finds in immediatism and speed barriers to be put in motion. From this process, a technical competence emerges without mentalization. Ignorance over thought and knowledge leads to the disappearance of the author. We need to rethink the notions of the self, propriety over the self, author, and authority. The current ways of knowledge appropriation are fast and show the need to respect time, originality, one's self thought and thought on the other.

KEYWORDS: Plagiarism. Contemporary thought. Scientific.

1 INTRODUÇÃO

A integridade científica requer uma concepção do sujeito, uma representação específica do eu e do outro, o conhecimento e o pensamento dentro de um determinado tipo de sociedade. Será que a aceleração contínua e a diluição dos limites podem preservar a liberdade de consciência, o compromisso, a paixão pelo conhecimento, a integridade científica? Quando o valor contemporâneo

dominante consiste em ganhar a qualquer custo, ao invés de experimentar o prazer que trazem a compreensão, o conhecimento e a atualização de fatos inéditos e originais? Quando o valor dominante significa fazer dinheiro e, para isso, submeter-se à demanda cada vez mais premente de produzir, de publicar e, ao mesmo tempo, de inovar com a exigência de uma produtividade rentável em curto prazo?

Tentamos aqui discernir os elementos atuantes no questionamento da integridade científica: a falta de duração, a aceleração crescente e a diluição dos limites podem levar ao plágio deliberado, bem como ao involuntário.

2 AS FONTES CONTEMPORÂNEAS DE PLÁGIO

Lindsay Waters observou há uma década uma crise geral no exercício do julgar, que ele atribui à pressão à qual o mercado submete o trabalho do pensar: ao incentivarem e privilegiarem o automático, o repetitivo, as formas contemporâneas de mercado desenvolvem um saber instável, efêmero, não cumulativo. Waters destaca a natureza do saber universitário, que exige, em vez disso, a leitura, a apropriação, a transmissão, salientando o papel decisivo do tempo, da duração, da demora e da pausa para poder pensar, elaborar o conhecimento, ao contrário da instantaneidade da informação. Ele insiste no fato de que “o papel do saber é apreciado em termos de profundidade, de duração, não em termos de extensão, de superfície”. O autor analisa, então, o papel da produtividade nas sociedades contemporâneas, afirmando que, atualmente, “o que importa é o produto”. Constata que “[...] o aumento das exigências em matéria de produtividade vem acompanhado de uma proibição aparente em termos de inovação intelectual”, o que ele atribui ao sistema neoliberal, projetado para suprimir tudo o que não for imediatamente útil ou rentável aos olhos da sociedade (WATERS, 2004).

Pensar requer liberdade: a exigência de produtividade tende a lhe ser contrária, na medida em que limita a própria liberdade de pensamento. Como tratar e conceber a propriedade intelectual, a capacidade de pensar do indivíduo? Michel Schneider (1986, p. 34) resumiu a questão altamente complexa do plágio:

Falo de plágio, dando ao termo, por vezes, a definição estrita de um processo de escrita desonesto e, outras vezes, a extensão para toda uma série de perguntas sobre o tema do pensamento e da escrita: quem pensa o que se pensa numa relação a dois? Quem fala quando alguém diz? Quem escreve, o autor ou o outro?

Schneider ressalta que o plágio tem uma história; ele não existiu desde sempre: “é na transição da antiguidade clássica para os tempos modernos que a acusação de plágio vai se constituindo gradualmente”. Até então, apenas existia a cópia, “a invenção era ignorada”. Schneider lembra que é nos anos de 1810 a 1830 que “se passa do “plágio” em sentido amplo, como prática generalizada, (comunidade dos temas, obrigação das formas, legado da tradição) para o plágio em sentido estrito (roubo de um texto). Ele observa que se trata de “um dos principais elementos da tradição humanista”. O “autor” não precisa “se distinguir”, mas aceitar que toda língua é emprestada e que toda forma é recebida através da aprendizagem e da apropriação. Em 1985, Schneider nota a existência de uma “degradação nos processos e nos procedimentos implementados particularmente nos trabalhos universitários”, observando, assim, a maneira em que “[...] a modéstia dos grandes letrados de ontem” se opõe “[...] à amoralidade que caracteriza atualmente o uso das citações ou das referências nas ciências humanas” (SCHNEIDER, 1985).

O que é que contribui para tornar indistinto e generalizado o plágio? Causas relacionadas com a economia de mercado, o que chamamos desde Adorno e Horkheimer de mercantilização cultural (ADORNO; HORKHEIMER, 1974); também razões de ordem tecnológica, como os fluxos contínuos de informações - muitas vezes indissociáveis das formas do mercado contemporâneo: a ilimitação temporal na própria relação com o outro.

3 PENSAR O EU E A ESTABILIDADE EM UMA SOCIEDADE FLUIDA

A noção de ilimitação – a ausência de limites - é usada para descrever nossas sociedades, caracterizadas pela fluidez, pela *liquidez* (BAUMAN, 2005): ela conduz a apoiar com força tanto a questão do outro como a do eu, tanto a questão do pensamento como a de sua apropriação com vistas a ignorar o autor. A alteridade pressupõe, com efeito, um limite, uma fronteira entre o eu e o não eu.

Ora, esse limite é questionável no mundo contemporâneo. A ilimitação impede a percepção do outro, induzindo novas condições de formação, de estruturação e de desestruturação do eu e do outro e, como consequência, de suas próprias possibilidades de interação. Pode-se pensar na atualidade, diante dos fluxos constantes, a propriedade de si, dentro da questão do eu e do movimento? Como fazê-lo?

Bergson (2003) observa que o movimento e a mudança são permanentes. Ele especifica suas condições, seus efeitos e sua natureza: a realidade está em movimento e não há nenhuma demarcação clara nos diferentes estados. O autor infere que “a bem da verdade, não há jamais imobilidade verdadeira, se a entendemos como a falta de movimento. O movimento é a própria realidade e o que chamamos de imobilidade é um certo estado de coisas”. Bergson ressalta que “a mudança é contínua em nós e contínua também nas coisas”. O que chamamos de “eu” e o que chamamos de “coisa” têm valor, são tomados e encontram sua razão de ser, sua funcionalidade em uma “mudança ininterrupta”. A imobilidade é, contudo, condição e forma de apreensão do real, da sua inteligência. Bergson o explica de duas maneiras: a imobilidade é condição da ação, intencional e, por outro lado, são necessários pontos “fixos”, marcadores, enquadramentos, alguma forma de estabilidade, de regularidade para ancorar o pensamento e a existência no mundo, o real. O autor trata, em seguida, da questão dos estados e de seus modos de percepção e de funcionamento. A percepção da mudança não é contínua, requer paradas, supõe estados ainda que sejam mais psíquica do que física e fisiologicamente reais. “A verdade é que mudamos constantemente e que o próprio estado é já uma mudança” (BERGSON, 2003, p. 175). O conceito de propriedade de si em permanente movimento é pensável quando lembramos, com Bergson, que a propriedade é um estado mais ou menos temporário, mais ou menos durável, mais ou menos cristalizado.

Bergson salienta o encadeamento, a não delimitação, a continuidade dos estados do eu, o que o conduz à ideia de duração. Ele descreve nossa existência psicológica, que exige e termina em uma “massa fluida”, em “uma zona em movimento” subjacente à propriedade de si. A delimitação é necessária para a própria possibilidade de representação, de conceptualização, de pensamento. O conhecimento apenas é possível se for apreendido como um estado, como uma representação da realidade, como um encadeamento de estados: a mudança contínua, a fluidez previne, força, às vezes até proíbe o exercício do conhecimento. Bergson formula, assim, perguntas cujo desafio civilizacional é considerável, quando, ao abordar a questão da capacidade de sensibilidade para o outro e do outro, toca, dessa forma, na propriedade de si e no papel do sujeito no exercício do pensamento, além de tocar nos modos contemporâneos de subjetivação.

4 O DESENVOLVIMENTO DE UMA COMPETÊNCIA TÉCNICA DESPROVIDA DE MENTALIZAÇÃO

O movimento de agora em diante impõe a velocidade, a instantaneidade, o imediatismo; ele impede a eventualidade da hesitação, da dúvida; ele afasta os desvios e as digressões, a ponto de dificultar a elaboração da percepção, da reflexão. Chega-se ao desenvolvimento de uma competência técnica do indivíduo, que pode ser totalmente desprovida de mentalização. O fenômeno da “vida mutilada”, que Adorno descreve na década de 1950, aumentou significativamente, confrontado agora a fluxos sensoriais e informacionais ininterruptos; as capacidades psíquicas e a mentalização estariam reduzidas, até mesmo destruídas. O indivíduo seria continuamente incitado a questionar a capacidade de discernimento, de escolha, de reflexão, a capacidade psíquica de atividade. Isso o levaria, em última análise, a alguma forma de passividade, à submissão ou, até mesmo, a um apagamento de si. A sociedade contemporânea de mercado desvaloriza a singularidade individual, a criatividade, a imaginação, a pessoa em cada um. Ela dificulta ou, até mesmo, impede o pensamento e a subjetividade na medida em que proíbe a capacidade psíquica, a qual requer o tempo necessário para a reflexão, para a relação consigo mesmo e, em consequência, para a consciência de si.

Alguns estudiosos contemporâneos, incluindo Gitlin, estão focados no funcionamento dos meios de comunicação e em seus efeitos psíquicos. O autor discerne dois elementos essenciais em sua evolução: os próprios efeitos do capitalismo, seus fluxos intrínsecos, - a mobilidade, a agitação, a circulação, bem como o surgimento de condições fisiológicas e psicológicas específicas, que desenvolvem uma cultura dos sentidos, das sensações, através da estimulação (GITLIN, 2003). As dificuldades de perceber devem-se à sensação contínua, à falta de limites, de pontos de referência sólidos e duráveis: estamos envolvidos em um fluxo contínuo no nível da percepção e descontínuo no nível psíquico, o que causa, então, o transitório, o efêmero e, assim, o indistinto. A mídia permite realmente ver, ouvir sem interrupção, no imediatismo, sem comprometimento psíquico.

5 A FALTA DE LIMITE, O AUTOMATISMO DAS ATIVIDADES, A SENSÇÃO CONTÍNUA: SÃO AS CONDIÇÕES DA EXTENSÃO DO PLÁGIO?

O que pode acontecer? Que tipos de problemas ocorrem quando a percepção e a reflexão são substituídas pela sensação ilimitada? Será que a imersão em imagens e sons, o prazer da sensação, a individualização nos fizeram menos sociáveis? Menos civilizados, como diria Balandier? Através das telas, a mídia permitiria experimentar uma extensão de si mesma, e - este é o ponto fundamental - um prolongamento exterior a si mesma. Tocamos aqui nos trabalhos de Winnicott, no que ele designou como área intermediária entre o eu e o não eu. A experiência, o fato de experimentar, graças à estimulação, à excitação, à constância da sensação, privada gradualmente de sentido, viria em primeiro lugar, confrontando-nos, em consequência, a novas experiências de vida e de pensamento, de bem-estar e de mal-estar também. Estamos diante de uma enorme transformação das formas da percepção. As sociedades contemporâneas se tornaram sociedades sem fronteiras exteriores, *sem limites interiores*, sociedades fluidas, sociedades “líquidas”. Podemos, ainda, nos fluxos sensoriais e informacionais contínuos, onipresentes, perceber estados distintos, definidos? Podemos observá-los, descrevê-los, qualificá-los? Tendemos a sentir apenas impressões - difusas, indistintas, efêmeras, voláteis - e, ao mesmo tempo, uma sensação de mudança contínua.

Presos em um movimento constante, participamos de ações das quais parte do intencional, do desejado, do projetado seria reduzida ou seria até impossível devido à aceleração das mudanças. A extensão e a natureza incessante desses fluxos atrapalham mais ainda, apagam as fronteiras entre objetos materiais reais e objetos imateriais virtuais, atingindo profundamente os limites do eu. O movimento contínuo produz uma diminuição da consciência, uma exteriorização da esfera interior, concomitantes com uma fragmentação do eu e com uma espacialização da consciência: a relação com o tempo parece se apagar, a relação com o espaço ilimitado, mas virtual, vai acompanhada de um sentimento de empobrecimento interior e da extensão ilimitada da sensorialidade. Algumas grandes obras estão se focando atualmente nas turbulências psicológicas e psíquicas induzidas pela flexibilidade e pela fluidez no mundo contemporâneo.

Balandier é talvez um dos que tenha ido mais longe ao examinar as consequências desses efeitos. Ele discerne nessas questões radicais não uma reformulação, um deslocamento, mas uma grande virada, mais que nada um apagamento, um desaparecimento das categorias. Ele lembra, na verdade, que, se a mobilidade é uma dimensão intrínseca aos meios de comunicação, “pela sua proliferação e expansão de seu campo, os efeitos da realidade tendem a se tornar a realidade inteira, em um estado de indistinção crescente”. O autor observa que a ascensão do virtual, ao contribuir para o estabelecimento de um indistinto generalizado, leva a questionar as categorias com as quais percebemos e pensamos o mundo, a realidade. Enfatiza os efeitos psíquicos sobre o indivíduo suscetível de atingir, de vacilar, de pôr em perigo a própria noção do eu. “O mundo das imagens [...], o mundo das máquinas informáticas, gerador de criações virtuais e de substitutos virtuais reais da realidade se completam”, ele escreve. “Seus efeitos se somam e se reforçam, eles apagam as evidências antigas, produzem um universo da percepção e da interpretação continuamente em movimento instável” (BALANDIER, 2006). Balandier insiste ainda no caráter automático e mecânico dessas atividades, que não exigem um conhecimento aprofundado e consciente por parte dos indivíduos.

Podemos perceber, pensar no movimento contínuo e no ilimitado, na instantaneidade e no imediatismo? Devemos deixar um outro espaço para a corporeidade, para o movimento, para a mobilidade, para a mudança no processo de pensamento, para outras formas de pensamento? Nesse sentido, Simmel abriu uma reflexão particularmente esclarecedora para o contemporâneo: a atualização que ele fez do papel das interações levou-o, na virada do século XIX para o XX, a passar imperceptivelmente de uma representação com tendência à fixidez, à estabilidade do mundo, para uma representação menos clara, mais difusa dos laços sociais entre os indivíduos, o que o conduziu a uma percepção menos delimitada, menos delimitável das separações entre funcionamentos subjetivos, individuais e sociais (SIMMEL, 1998). Simmel assinala, assim, uma espécie de instabilidade permanente dos estados: centra-se nos processos subjacentes às formas, nos movimentos incessantes de vai e vem, na mobilidade permanente desses processos, na interação, que originam as formas sociais e psicológicas, a construção, a formação e o funcionamento do indivíduo, bem como dos sistemas institucionais.

6 PRODUZIR DE FORMA CONTÍNUA, SER PRIVADO DA CAPACIDADE DE PENSAR: A MERCANTILIZAÇÃO DA INTERIORIDADE

O trabalho de pensar pressupõe uma alternância no ritmo: é um trabalho que vem acompanhado de tempos mortos, de momentos desnecessários no imediato, de momentos de flutuações, de pausas, de digressões, que alimentam um trabalho invisível que ocorre no tempo e que implica uma parte inavaliável. Pensar não é ser obrigado a produzir de forma contínua. Ora, estamos agora diante de uma política e de uma cultura da avaliação que, inscritas nas formas de mercado desprovido de limites, comprometem-se ambas a rentabilizar o entretenimento, o trabalho, o pensamento e, além disso, o conjunto das atividades individuais. Uma profunda ignorância do pensamento e do conhecimento, da própria ideia de encontrar significado para o conhecimento resulta inevitavelmente no apagamento do autor. É preciso questionar o surgimento de condições em que o sujeito não pode se estruturar na medida em que ele não consegue mais pensar.

Assim, a avaliação contínua dos pesquisadores tende a privar o indivíduo da liberdade interior de pensamento. A avaliação parece ter, sobretudo, aumentado a comparação permanente com os outros: apenas essa comparação garantiria a qualidade científica de um trabalho, de uma ideia, parecendo reduzir o que é científico ao que é conhecido e comparável (MILLER; MILNER, 2005).

Desse modo, a avaliação está, sem dúvida, nas origens distantes da intercambialidade e, mais recentemente, nas das formas intensificadas de concorrência, reforçada também pelo medo do risco nas sociedades ultraliberais, regidas pelas exigências de lucro financeiro. A questão do conhecimento através das tecnologias contemporâneas deveria nos convidar a retornar à leitura de Winnicott, que, por meio da criatividade, nos leva a pensar sobre a concepção do eu, do outro, das formas de apropriação do conhecimento, a nos perguntarmos se existem outras concepções do eu e, por conseguinte, do outro; a examinar formas de conhecimento entre o eu e o não eu; em outras palavras, a reconhecer e a respeitar o tempo do trabalho, do pensamento, de si e do outro, sua originalidade, sua especificidade, seu próprio ritmo. A propriedade de si requer a possibilidade de um ritmo próprio ao sujeito. Ora, é precisamente o que as sociedades neoliberais deixam de lado e tendem a suprimir com a aceleração, com a ausência de tempo.

O período contemporâneo, no qual de agora em diante o movimento é contínuo, sem limites e sem fronteiras, vira a sociedade e o mundo do avesso. O próprio indivíduo considera de forma aguda a questão dos estados e da propriedade de si. O que acontece com o sujeito quando grandes mudanças antropológicas afetam em profundidade a relação que o indivíduo tem hoje com o espaço, mas também com o tempo, com os outros? Winnicott parece-nos, então, fornecer uma pista apaixonante: sua argumentação é esclarecedora para o mundo contemporâneo, opaco e desprovido de mediações. Ele atualiza o papel crucial dos objetos transicionais, que desempenham o papel de mediação na estruturação da subjetividade. Na verdade, ele coloca que “é com base no jogo que se constrói toda a existência experiencial do homem. Nós experimentamos a vida na área dos fenômenos transicionais, no entrelaçado excitante da subjetividade e da observação objetiva, bem como na zona intermediária, localizada entre a realidade interior do indivíduo e a realidade compartilhada do mundo, que é exterior” (WINNICOTT, 1975). Não somos levados a repensar a noção de si? E a da propriedade de si? A de autor e a de autoridade? É o que precisamente aponta Waters ao discernir no termo “autoridade” dois elementos, que diferem em profundidade: o impulso, o pensamento, o julgamento, a posição, o compromisso do autor e a parte de autoritarismo - congelada, presa - devido ao componente mecânico, irreversível, acabado de imprimir, do que é publicado.

Há no pensamento, um pouco de liberdade de pensar e de palavra, que resiste à formatação material. [...] Há um conflito que as pessoas profundamente inteligentes sempre experimentarão entre o autoritarismo do escrito e a autoridade que procuramos ao tomarmos a palavra e ao publicarmos (WATERS, 2004).

REFERÊNCIAS

- ADORNO, T.; HORKHEIMER, M. La production industrielle des biens culturels. Raison et mystification des masses. In: _____. *La dialectique de la raison*. Paris: Gallimard, 1974.
- BALANDIER, G. *Le pouvoir sur scène*. Paris: Fayard, 2006.
- BAUMAN, Z. *Liquid life*. Oxford: Oxford University Press, 2005.
- BERGSON, H. La perception du changement. In: _____. *La pensée et le mouvant. L'évolution créatrice*. Paris. PUF, 2003.
- GITLIN, T. *Media unlimited*. How the torrent of images and sounds overwhelms our lives. New York: A Metropolitan Owl Books, 2003.
- MILLER, J.A.; MILNER, J.C. *Voulez vous être évalué ?* Paris: Grasset, 2005.
- SCHNEIDER, M. *Voleurs de mots*. Paris: Gallimard, 1985.
- SIMMEL, G. *La fidélité*. Essai de socio-psychologie. La parure et autres essais. Paris: Ed. Maison des Sciences de l'homme, 1998.
- WATERS, L. *Enemies of promise: publishing, perishing and the Eclipse of scholarship*. Chicago: University of Chicago Press, 2004.

Recebido em 25/07/2017. Aceito em 25/09/2017.

ENTREVISTA | ENTREVISTA | INTERVIEW



NAS TRILHAS DO DISCURSO COM ARACY ERNST: O FUNCIONAMENTO DE TRÊS CONCEITOS-CHAVE*

Professora titular e pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Universidade Católica de Pelotas (UCPel), Mestre e Doutora em Linguística Aplicada pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) e PhD pela Université Paris III – Sorbonne Nouvelle, autora de artigos e organizadora de livros, **Aracy Graça Ernst** tem experiência em estudos sobre discurso proverbial, discurso de contos de fadas, discurso sobre corpo e subjetividade e a relação entre ideologia e inconsciente. Dentre os projetos de pesquisa desenvolvidos, destacamos o projeto “Produção da leitura em diferentes materialidades discursivas”, que busca compreender o funcionamento da língua materializada sob formas diversas, tais como a palavra, a imagem e o gesto, entendendo o discurso como uma produção de sujeitos atravessados pela história via inconsciente.

* **Sobre a entrevistada:** a Professora Doutora Aracy Ernst, é membro e coordenadora do Laboratório de Estudos em Análise do Discurso (LEAD), da Universidade Católica de Pelotas (UCPel), fundado em 2012, após o interesse de alunos em problematizar e aprofundar questões relacionadas à ideologia e ao inconsciente, conceitos que se entrelaçam com a língua constituindo o discurso, na perspectiva de Michel Pêcheux. Congregando pesquisadores de diferentes instituições, o LEAD tem como projeto integrador a produção da leitura em diferentes materialidades.

Sobre as entrevistadoras: Luciane Botelho Martins é doutoranda do PPGL da UCPel, membro do LEAD/UCPel e atua como professora de anos iniciais na rede pública de Rio Grande/RS e como professora substituta na UFPel. E-mail: lucianebmk@hotmail.com. Ana Paula Vieira de Andrade Assumpção é doutoranda do PPGL da UCPel, membro do LEAD/UCPel e atua como professora de Ensino Médio na rede pública estadual em Rio Grande/RS. E-mail: professora_anapaula@yahoo.com.br.

Além disso, Ernst, ao considerar, sob o prisma da Análise de Discurso pècheuxtiana, a língua como materialidade discursiva incompleta e sujeita ao equívoco, oferece-nos o brilhante texto **A falta, o excesso e o estranhamento na constituição/interpretação do corpus discursivo** (2009), que articula três conceitos-chave referidos como dispositivos que visam a contribuir na formulação dos processos analíticos do *corpus* discursivo.

Ana Paula & Luciane: Embora a perspectiva teórica desenvolvida em sua dissertação fosse formalista, sua pesquisa já apontava para uma inquietação em relação às “condições linguísticas e extralinguísticas” (1980) como variáveis que interferem no processo de leitura. Seria esse um indício de que mais tarde você se identificaria com uma teoria materialista do discurso?

Aracy Ernst: Provavelmente sim ... o que posso assegurar é que, desde aquela época, o social, para mim, convivia de alguma forma com o linguístico. O trabalho que desenvolvi no final da década de setenta e início da década de oitenta, minha dissertação de mestrado, partia de uma preocupação com a alfabetização das classes sociais menos favorecidas sócio-economicamente. Sua motivação e desenvolvimento deram-se a partir de um elemento exterior, fora do âmbito linguístico, o que talvez já prenunciasse minha adesão posterior à Análise de Discurso de filiação pècheuxtiana. Acreditava, como ainda acredito... as pesquisas nos mostram isto há anos... que os índices de evasão e repetência escolar encontram-se intrinsecamente ligados à condição sócio-econômica dos alunos. Porém, na ingenuidade de pesquisadora iniciante, achava que se o processo de aprendizagem se baseasse no vocabulário próprio dessas classes sociais, ou seja, controlando as palavras sobre as quais incidiria o processo ensino-aprendizagem e, conseqüentemente, os sentidos, e a metodologia empregada partisse do mais simples para chegar ao mais complexo em termos da relação fonológico grafêmica, o problema estaria resolvido, ou seja, a perspectiva assumida era sociolinguística de base estruturalista, não que tais aspectos não sejam necessários, mas não são suficientes. Deparei-me com variáveis difíceis de controlar, como, por exemplo, o envolvimento com o trabalho pedagógico pelo professor, que independia de técnicas ou modelos “linguísticos” de aprendizagem, os problemas derivados da situação familiar dos alunos, entre outros. Naquela época, preocupava-me o fato de que os mesmos procedimentos metodológicos, baseados em pressupostos comuns aos grupos experimentais da pesquisa, tivessem dado certo em algumas turmas e noutras não, também o fato de que em certos aspectos avaliativos algumas turmas do grupo de controle tivessem obtido até melhores resultados do que as experimentais, enfim, dei-me conta, às duras penas, da impossibilidade do domínio total dos aspectos envolvidos numa pesquisa que trata da linguagem, mesmo tendo... imaginariamente... controlado “variáveis” (sexo, idade, resultados de testes psicológicos, situação econômica dos alunos e geográfica das escolas, etc.). E eu tinha de legitimar meus resultados e matematizá-los em gráficos e tabelas. Meu receio, na época, era que os resultados não validassem a hipótese inicial, pois alguns dados não correspondiam ao esperado. Porém, o tratamento estatístico deu conta, e eu consegui “provar” o que pretendia. Mais tarde, a Análise de Discurso me daria uma visão mais clara e crítica dessa situação, fazendo-me compreender que a exterioridade de que tratava não era constitutiva dos sujeitos nem da linguagem e que a questão social, importante para mim, encontrava-se apartada do linguístico. Mesmo sendo o léxico, utilizado no processo, da realidade da criança, a questão do sentido não estava posta. Partia do pressuposto de que a palavra era transparente e que se relacionava diretamente com a realidade social do aprendiz. Pensando hoje sobre minhas preocupações do passado e minha inconformidade com determinados resultados, percebo que isso se devia a minha inscrição no *modus operandi* da ciência linguística positivista-empirista. Teria eu esperado da ciência linguística a salvação de um problema social que ela não teria condições de solucionar? Tremeram as minhas certezas e deparei-me com o imponderável, com o impossível de controle, com a ilusão da possibilidade de apreensão da totalidade e com o fato de o linguístico não ser suficiente para resolver uma questão social (ingenuidade minha ter pensado que isso poderia acontecer!). Deparei-me com um real que escapava à ordem do calculável que a visão formalista, até então, não me deixara ver. Isso fui entender, quando ingressei na AD. Acredito que a reflexão sobre seus pressupostos acerca da subjetividade, da linguagem e da ideologia responderam as minhas inquietações, mas... também criaram outras.

Ana Paula & Luciane: Ao acompanhar sua trajetória acadêmica, observamos que o eixo norteador de suas pesquisas sempre foi a leitura. Como foi dito antes, na dissertação você utilizou como suporte teórico metodológico uma abordagem estruturalista e na tese uma abordagem materialista do discurso. Gostaríamos que você nos contasse como se deu a passagem de uma teoria para outra, uma vez que o estruturalismo exclui o sujeito e trata a língua, como estrutura formal,

padronizada, enquanto a Análise de Discurso se constitui como um campo tenso marcado pela contradição. E por que sua escolha pela Análise de Discurso de filiação pècheuxtiana?

Aracy Ernst: Não foi escolha! Os saberes dessa disciplina me capturaram de tal forma que hoje não concebo mais os estudos sobre língua e linguagem sem referência ao sujeito, ao sentido e à ideologia. Mas a mudança não foi feita sem luta interna. Imaginem! Uma formalista que trabalhava exclusivamente com o linguístico, tomada pelo “amor da língua”, renegar seus pressupostos e “partir pra outra!” Isso não se dá sem conflito. Sempre conto aos meus alunos que a minha relação com a AD inicialmente foi de rejeição, principalmente porque a noção de interpelação ideológica deslocava-me do narcisismo em que me encontrava para um não lugar, ou melhor, para o lugar do Outro. A questão ontológica que me infligia era “afinal, quem sou eu se apenas reproduzo o que outros já disseram?” Obviamente, não dei a devida importância ao anexo “Só há causa daquilo que falha” da obra “Semântica e discurso. Uma crítica à afirmação do óbvio” de Pêcheux, tendo em vista que, nos idos 1990, a maioria dos estudos nessa área tinham como escopo mostrar a submissão do sujeito à ordem da ideologia. Gradativamente, os pressupostos da teoria foram se impondo e da inicial rejeição passei à aceitação; entretanto, a questão ontológica continuava a me perseguir. E isso não foi ruim; ao contrário, me conduziu ao conceito de “desejo”, via psicanálise, e à elaboração do conceito de humor, na perspectiva discursiva, a partir do conceito de polissemia de Orlandi. Situei-me assim numa direção inversa a de outros trabalhos na área que priorizavam a submissão do sujeito à ordem estabelecida, com ênfase, portanto, na interpelação ideológica. Ouso dizer que a minha tese de doutorado pode ser considerada um dos trabalhos pioneiros por tentar articular alguns princípios psicanalíticos com princípios materialistas, esses últimos, como todos sabem, constituindo-se na base teórica prima e fundamental para os estudos dos processos discursivos. Basicamente, o estudo mostrou como se dá, na materialidade discursiva, o jogo entre censura e desejo em enunciados proverbiais e em suas alterações. Retomando à pergunta que me foi colocada, gostaria de dizer que a ruptura que se operou entre o formalismo e o materialismo expressa-se na mudança da concepção de leitura. Nos meus estudos iniciais, na época da pesquisa do mestrado, referia-me estritamente à apreensão do significado através da palavra, embora a sintaxe tivesse o seu lugar, pois engendraram-se artificialmente frases consideradas mais simples do ponto de vista formal, nas quais eram inseridos os itens lexicais mais frequentes – esqueci-me de mencionar esse fato anteriormente – numa acepção de leitura que se reduzia ao conhecimento dos elementos lexicais, de sua estrutura fonológica e da simplicidade sintática. Nessa pesquisa, o caminho didático era: apresentação de uma frase sintaticamente simples em que estivesse presente um determinado item lexical com frequência significativa no *corpus* empírico e trabalho com os elementos da estrutura fonológica (sílabas e fonemas). Ou seja, a leitura constituía-se num processo mecânico de decifração das unidades linguísticas. Posteriormente, através de minha filiação à AD, a questão da leitura tomou novo rumo, pois, nessa abordagem, tem lugar o sujeito, o sentido e a história, exatamente o que o formalismo denega. Trata-se obviamente do que o corte saussureano, na constituição da ciência linguística, abdicou. A leitura ou interpretação pressupõe obviamente o linguístico, mas o ultrapassa na medida em que o interesse centraliza-se nos sentidos, sentidos criados historicamente, sentidos definidos pelas condições de produção, sentidos ligados à memória discursiva, sejam eles legitimados ou não. Gosto muito de definir o processo discursivo de leitura como trabalho com os sentidos: primeiramente, porque o termo relaciona-se diretamente ao materialismo histórico, que o considera fundamentalmente fato social – ele é entendido como aquilo que constitui a essência humana –; depois, porque envolve ação do sujeito. O sujeito não se encontra, portanto, inerte diante do texto, ele realiza gestos de leitura, produz sentidos, mesmo os indesejáveis, porque ele tem uma história e uma memória que atuam nesse processo, permitindo-lhe uma interpretação singular e uma tomada de posição. Isso lhe é possível devido ao princípio da contradição que rege toda e qualquer formação discursiva. Sendo assim, pensar a leitura como tomada de posição pelo sujeito implica necessariamente considerar que a formação discursiva não é homogênea, que ela traz em si sentidos que se confrontam e que demandam, por parte do sujeito, a assunção de uma posição.

Ana Paula & Luciane: Em 2005, ao publicar o texto *Corpo, Discurso e Subjetividade*, você foi uma das primeiras (se não a pioneira) a tomar o corpo como objeto de análise. O que fez você pensar o corpo como materialidade discursiva?

Aracy Ernst: O texto a que vocês se referem diz respeito ao projeto de pesquisa “Corpos discursivos no espaço escolar”, cujo objetivo era descrever e interpretar diferentes práticas discursivas no espaço escolar. Acho realmente que fui se não a primeira, pelo menos uma das primeiras, a trazer a questão do corpo e também de gênero para o âmbito da Análise de Discurso, o que não considero mérito algum. Isso se deve, não poderia deixar de dizer, aos diálogos que tive com minha amiga e colega do Programa de Pós-Graduação em Letras da UCPel, Susana Funck, especialista na área de gênero. Esse contato foi vital para despertar o interesse por questões discursivas relativas ao corpo e à sexualidade. Através desses diálogos, pudemos perceber possíveis articulações entre a Análise de Discurso e os Estudos de Gênero, o que me ensinou desenvolver trabalhos sobre tais relações. Nesse momento inicial

da reflexão, eu observava o discurso sobre o corpo e não o corpo como discurso. Não houve uma razão ou fato específico a que pudesse atribuir a mudança de perspectiva. Acredito que as leituras feitas na área dos Estudos de Gênero e da Psicanálise, as relações possíveis entre esses estudos e a Análise de Discurso, as observações mais apuradas e atentas dos corpos, possibilitaram-me esse olhar. Ver o corpo enquanto materialidade significativa foi, portanto, algo subsequente que começou a ser pensado a partir da minha participação – acho que no VI SEAD, em 2013 –, como coordenadora, junto com Maria do Rosário Gregolin, do Simpósio sobre corpo e discurso em que apresentei muito resumidamente a primeira versão do texto “Corpo, imagem e sentido: uma leitura dos processos discursivos e descontinuidades nas redes sociais” – a ser publicado, acredito ainda neste ano, em parceria com Janaína Brum. Esse foi o início da reflexão sobre o estatuto simbólico do corpo, sobre sua materialidade significativa e histórica, aí considerada também a inter-relação entre memória e linguagem. O mote da reflexão foi o quadro de Eugène Delacroix, “La liberté guidant le peuple” e o cartaz de Elsa Riemer da 2ª Marcha das Vadias, realizado em Maringá, no Paraná. Foi um trabalho que me deu muita satisfação, porque expôs concretamente que, assim como qualquer linguagem, o corpo também é equívoco, heterogêneo e lacunar, devido a sua natureza simbólica e imaginária.

Ana Paula & Luciane: O estudo de outras materialidades (entre elas, o corpo) possibilitou a aproximação das questões de gênero ao campo do discurso. Sabendo que o berço da Análise de Discurso foi de um contexto político-social marcado como lugar de resistência, como você vê a relação gênero-discurso?

Aracy Ernst: Bem, a relação gênero-discurso, sob o meu ponto de vista, é bastante próxima porque ambas as áreas do conhecimento têm preocupações análogas referentes à compreensão da realidade social em suas continuidades e descontinuidades históricas e possuem, além de uma perspectiva teórica, uma política. Primeiramente, destaco o fato de as duas disciplinas, Estudos de Gênero e Análise de Discurso, produzirem uma crítica crucial à produção do conhecimento científico dominante, propondo novas alternativas, dentre elas, a consideração à subjetividade. Nasceram as duas, no cerne de um engajamento político: a primeira, da militância do movimento feminista, a segunda, da adesão de Pêcheux, seu fundador, às ideias de Althusser, fato que definiu sua construção teórico-política com base no marxismo e gerou uma crítica severa às duas formas de exploração das ciências pelo idealismo, o realismo metafísico e o empirismo lógico. Podemos chamá-las de áreas de resistência, tendo ambas origem no posicionamento político de esquerda. Os estudos em Análise de Discurso surgiram no contexto político conturbado do final dos anos sessenta em que a esquerda encontrava-se em crise devido à dissipação do sonho da internacional comunista. Isso, de alguma forma, impulsiona os questionamentos de base da Análise de Discurso, formulada por Michel Pêcheux, na configuração dessa disciplina. Gadet (1997) a caracteriza como uma crítica ideológica apoiada numa arma científica. Trata-se de uma proposta de intervenção política e teórica porque, assumindo os postulados do materialismo histórico, opõe-se à política positivista e se contrapõe ao formalismo linguístico, inserindo nos estudos linguísticos a exterioridade, ou seja, sujeito, sentido e história, elementos que haviam sido denegados anteriormente. Já os estudos de gênero surgiram especificamente como recusa à hegemonia masculina que produziu a exclusão do feminino, portanto, de um outro também negado e recalcado historicamente. Esses estudos têm como preocupação a questão do poder das instituições e das práticas discursivas e seus efeitos em sociedade num trabalho político que provoca a desnaturalização dos pressupostos androcêntricos. Inclusive, tem-se, nesses estudos, incursões especificamente materialistas que colocam fundamentalmente o capitalismo e o patriarcado como criadores e gestores do sistema de opressão da mulher, insistindo na necessidade do conhecimento das condições materiais de um dado momento histórico para a compreensão da produção social de gênero, aí implicados fatores políticos e econômicos. Tomam criticamente a definição de ideologia de Althusser, uma vez que o gênero não é contemplado por ele, mas assumem o caráter imaginário da relação dos indivíduos – homens e mulheres – com suas condições de produção reais de existência. Nessa perspectiva, as categorias de feminilidade e masculinidade são vistas como construções históricas. Tal assunção teórica dentro dos Estudos de Gênero obviamente facilita o diálogo com a Análise de Discurso em vista dos pressupostos marxistas, dos princípios gerais comuns, como a crítica aos paradigmas tradicionais sobre o conhecimento e a realidade, baseados na bipolarização lógica que necessariamente provoca uma simplificação desastrosa dos fenômenos sociais, a tomada de posição contra a hegemonia, os trabalhos acadêmicos que problematizam as relações sociais e produzem análises considerando o sujeito, entre tantos outros fatores.

Ana Paula & Luciane: Ao longo das últimas décadas, a AD vem ganhando espaço no Brasil com trabalhos realizados por pesquisadores vinculados às instituições de diversos pontos do país, diferentemente do que ocorreu na França, onde a AD continua atraindo adeptos, mas por um viés que lhe imprime uma outra face, com o linguístico se sobrepondo à

exterioridade. Pensando como contexto situacional o Brasil atual, marcado por conflitos ideológicos acirrados que levam a contradições e equívocos, o que sobra e o que falta na teoria do discurso hoje? Como você vê a AD desenvolvida hoje no Brasil?

Aracy Ernst: Acho que o primeiro ponto a destacar é que toda e qualquer ciência sofre, ao longo do tempo, “correções de rota”, alinhamentos, retificações. Às vezes, de forma mais radical, outras de forma menos radical. Não há área do conhecimento que tenha resposta para tudo. Não há a possibilidade de apreensão da totalidade do objeto do conhecimento nem onipotência de qualquer ciência. O próprio Pêcheux, em sua trajetória teórica, reparou, sem receio, aspectos importantes de seu dispositivo teórico. Cito, como exemplo, o anexo “Só há causa daquilo que falha ou o inverno político francês: Início de uma retificação”, presente na obra “Semântica e Discurso: Uma crítica à afirmação do óbvio”, em que ele faz um retorno crítico à questão do sujeito. Até então, o sujeito era muito bem assujeitado à ideologia dominante, não havendo lugar para a falha, para o desejo. O enunciado que aí se encontra, *a ideologia não é um ritual sem falhas*, representa uma mudança teórica no campo da AD com consequências cruciais para a compreensão do sentido e do sujeito. O que interessa não é mais (ou, pelo menos, não só) o que interpela inexoravelmente o sujeito, mas aquilo que obstaculiza a sua submissão, aquilo que, de alguma forma, resiste à ideologia dominante. Portanto, há pontos em que o ritual vacila, como por exemplo no caso dos lapsos. Também em *Remontémonos*, temos um texto de retificação em que o autor faz intervir novamente a possibilidade da resistência a partir do postulado marxista de contradição. Enfim, são exemplos de “correção de rota” de que falei anteriormente. No entanto, penso que, no momento, não necessitamos de correção de rota das questões teóricas que fundamentam essa área do conhecimento, mas sim de aprofundamento de questões que o próprio Pêcheux levantou, dentre elas, aquelas relacionadas à Psicanálise, mais especificamente à relação entre as noções de inconsciente e ideologia, objetivo primordial do Laboratório de Estudos da Análise de Discurso – LEAD – do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Católica de Pelotas. É uma das tentativas, dentre tantas outras, de um grupo de trabalho que procura compreender melhor questões ligadas à subjetividade, considerando os pressupostos da AD e da Psicanálise. Muitos outros grupos de estudo em todo o Brasil, filiados à AD, aprofundam questões teóricas e metodológicas, desenvolvem suas pesquisas, participam de congressos como o SEAD e o SEDISC, enfim, mostram o envolvimento e a pujança dessa área do conhecimento. Isso é extremamente benéfico! Ainda mais face à atual conjuntura político-econômica de nosso país! Os danos causados pelo governo recente à nação brasileira, tendo gerado um acúmulo de crises – econômica, política, ética, moral, etc. – e a exacerbação dos conflitos ideológicos na sociedade, via de regra, materializados em discursos marcadamente dualísticos e violentos, suscitam desafios interpretativos que, julgo, a Análise de Discurso pode ajudar a compreender através de seus mecanismos teóricos e metodológicos. Na verdade, os estudiosos têm aí “um prato cheio” para suas pesquisas!

Ana Paula & Luciane: Além de suas contribuições nos estudos sobre corpo e gênero, você também desenvolve a questão do funcionamento do inconsciente, tanto em seus trabalhos quanto no grupo de estudos do LEAD, o qual você coordena. Ao pensarmos sobre o sujeito contemporâneo que, como trata Žižek (2006), precisa obter a máxima satisfação possível, isto é, um sujeito que tem a permissão de gozar, quais seriam as contribuições de seus trabalhos e do LEAD no que concerne às especificidades de um sujeito que, ao ser constituído pela linguagem, é duplamente afetado pela ideologia (assujeitado) e pelo inconsciente (do desejo)?

Aracy Ernst: Realmente, temos lido muito e refletido sobre os postulados da psicanálise lacaniana e suas possíveis relações com a Análise de Discurso, e Žižek tem sido um dos autores mais discutidos pelas articulações que faz entre materialismo histórico e psicanálise. O interesse por ele deu-se a partir de seus dois textos na obra “Um mapa da ideologia”: “Como Marx inventou o sintoma?” e “O espectro da ideologia”; além desses: “Como ler Lacan”, “Arriscar o impossível”, “O sublime objeto da ideologia”, “O deserto do real”... Mas lemos também textos de Bethania Mariani, de Lauro Baldini e outros. Acho que as contribuições dadas aparecem nas dissertações, teses de doutorado, trabalhos de pós-doutorado, artigos, enfim, nas produções do LEAD. Elas dizem respeito basicamente à questão do sujeito na contemporaneidade. Há alguns conceitos trabalhados por Žižek, trazidos da filosofia de Hegel e de Marx e da psicanálise lacaniana que interessam à Análise de Discurso, principalmente os pertinentes ao sujeito vazio e objeto dividido (relacionado ao conceito de *objeto pequeno a* em Lacan), ao real, ao antagonismo (relacionado ao conceito de contradição em Hegel), à transgressão inerente, à ideologia, entre outros. Entretanto, o conceito de gozo teve, para nós, um interesse particular pelas articulações relativas aos fenômenos políticos e sociais marcados pela violência seja no nazismo, no fascismo, no racismo, etc., o que tem nos servido de reflexão em vários trabalhos. É bom saber que o conceito de gozo, em termos

psicanalíticos, não é sinônimo de prazer. De acordo com Žižek, ele é desestabilizador, traumático, excessivo e atua em diversos níveis da política. Para ele, toda política está na dependência de algum nível de economia do gozo, o que ele bem explica na obra “Arriscar o impossível”. Essas questões nos interessam porque vemos conceitos psicanalíticos serem utilizados para explicar fatos sociais e políticos, mas também porque é uma forma de assumirmos a nossa responsabilidade ética e também política em face da *violência do capitalismo liberal e de sua naturalização/anonimização obscena que subjuga milhões de pessoas*, faço aqui minhas as palavras de Žižek.

Ana Paula & Luciane: No IV SEAD (Seminário Nacional de Análise do Discurso), realizado em 2009, você apresentou o texto *A falta, o excesso e o estranhamento na constituição/interpretação do corpus discursivo*. A partir dos desdobramentos e aplicações desses conceitos, você acha que estão surgindo nuances até então não pensadas? Estariam os conceitos (falta, excesso e estranhamento) ganhando um *status* diferente do que você contemplou? Em outras palavras, como você avalia os trabalhos que vêm sendo desenvolvidos com base nos seus conceitos?

Aracy Ernst: Bem, os que conheço têm me dado muita satisfação! É bom saber que esses princípios estão sendo úteis! Vejo alguns desdobramentos que ampliam aspectos que eu mesma gostaria de tê-los realizado, seja através de reflexão teórica, articulando-os com pressupostos da psicanálise, seja através de estudo de outras materialidades, como a imagética. Quevedo (2012) fez isso com muita propriedade em sua dissertação de mestrado. Mas não só ele. Há vários outros nomes que poderia citar que contribuíram não só para a aplicação desses conceitos teórico-analíticos como também para o seu desenvolvimento, tais como, Vinhas, Martins, Brum, Assumpção, Braga, Gonçalves, entre tantos outros. Não acho que lhes tenham sido dado um estatuto diferente daquele de origem, mas souberam, com propriedade, adequação e criatividade, fazer uso deles.

Ana Paula & Luciane: Ao tematizar os conceitos de falta, excesso e estranhamento, você conclui que estes podem “constituir pontos de encontro da linguística com a ideologia e o sujeito” (p. 5). A partir dos três conceitos, fale-nos um pouco mais sobre esses pontos de encontro entre linguística, ideologia e sujeito.

Aracy Ernst: Esses três conceitos mantêm-se fiéis à epistemologia original da Análise de Discurso que congrega, como todos sabemos, materialismo histórico, linguística, teoria do discurso e o atravessamento dessas áreas pela psicanálise. Parece-me que as explicações dadas e os exemplos apresentados no artigo são suficientes para relacionar a materialidade linguística com a memória do dizer. Fazendo, no entanto, uma autocrítica, acho que andaram bem no que diz respeito à relação entre linguística e ideologia, mas foi lacunar no que diz respeito ao sujeito e à psicanálise. Na realidade, esses conceitos não estão contemplados. As noções de falta e excesso de sentidos deveriam ter sido consideradas em relação ao sujeito desejante, e isso não foi feito. Vemos, nas definições apresentadas desses conceitos, uma articulação, acredito que bem feita, entre o nível da formulação e o nível do enunciado, mas o sujeito praticamente encontra-se ausente, e a pressuposição que percorre a reflexão é a de um sujeito assujeitado. Trazer o sujeito desejante para o âmbito desse estudo é o próximo desafio para mim.

Ana Paula & Luciane: Ao longo de sua trajetória acadêmica, você desenvolveu estudos e apontou contribuições importantes sobre o discurso proverbial, o corpo e a subjetividade, além da relação ideologia - inconsciente. Futuramente, você pretende retomar algum desses estudos ou investir em um tema novo?

Aracy Ernst: Todos os trabalhos que realizei até este momento procuraram atender a uma demanda pessoal derivada de minha inconformidade com determinados padrões vigentes numa sociedade que, de uma forma ou outra, aprisionam e violentam o sujeito. Algo que eu apenas intuitivamente sentia tomou corpo através dos estudos da Análise de Discurso e dos textos que, a partir daí, li e produzi. Para mim, fazer Análise de Discurso é fazer ética e política, reconhecendo a responsabilidade de mostrar a interpelação sofrida pelo sujeito e a naturalização obscena de determinados princípios, cujo regime de (in)visibilidades deve ser exposto, mas também de evidenciar a resistência do sujeito, que insiste, apesar do poder das forças coercitivas, em se rebelar; isso de forma a demonstrar a ligação inextrincável entre linguagem e ideologia. Esse foi o fio que costurou as minhas reflexões passadas e que deverá permanecer nas do presente. Atualmente, continuo interessada em temas que envolvam corpo e discurso e também humor político, aí implicada a relação ideologia e inconsciente. São temas instigantes, cuja intermitência nos meus estudos representam uma pulsação sempre presente que me faz revisitar o que fiz no passado com vistas ao fazer do futuro.

REFERÊNCIAS

GADET, Françoise. Prefácio. In: GADET, Françoise; HAK, Tony. (Org.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. 3. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997. p. 7-10

ŽIŽEK, Slavoj. *Arriscar o impossível: conversas com Žižek*. Trad. Vera Ribeiro. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

Recebido em 01/04/2017. Aceito em 01/04/2017.